



**MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
CENTRO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO PROFESSOR MARIANO DA SILVA NETO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO (PPGEd)
CAMPUS UNIVERSITÁRIO MINISTRO PETRÔNIO PORTELLA
CURSO DE DOUTORADO EM EDUCAÇÃO**

VANESSA NUNES DOS SANTOS

**FORMAÇÃO DOCENTE EM SOCIOPOÉTICA COMO METODOLOGIA
SENSÍVEL E INOVADORA NA CONVIVÊNCIA ESCOLAR**

**TERESINA-PIAUÍ
2021**

VANESSA NUNES DOS SANTOS

**FORMAÇÃO DOCENTE EM SOCIOPOÉTICA COMO METODOLOGIA
SENSÍVEL E INOVADORA NA CONVIVÊNCIA ESCOLAR**

Tese de doutorado apresentada à banca examinadora do Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGE) da Universidade Federal do Piauí (UFPI), como parte dos requisitos para obtenção do título de Doutora em Educação.

Linha de Pesquisa: Formação Docente e Prática Educativa

Orientadora: Profa. Dra. Shara Jane Holanda Costa Adad

FICHA CATALOGRÁFICA
Universidade Federal do Piauí
Biblioteca Setorial do Centro de Ciências da Educação
Serviço de Processos Técnicos

S237f Santos, Vanessa Nunes dos
Formação docente em Sociopoética como metodologia sensível e inovadora na convivência escolar / Vanessa Nunes dos Santos. -- 2021.
332 f. : il.

Tese (Doutorado) – Universidade Federal do Piauí, Centro de Ciências da Educação, Programa de Pós-Graduação em Educação, Teresina, 2021.

“Orientadora: Dr^a. Shara Jane Holanda Costa Adad.”

1. Formação Docente. 2. Convivência Escolar. 3. Sociopoética. 4. Metodologia Sensível. I. Adad, Shara Jane Holanda Costa.
II. Título.

CDD 370.71

VANESSA NUNES DOS SANTOS

**FORMAÇÃO DOCENTE EM SOCIOPOÉTICA COMO METODOLOGIA
SENSÍVEL E INOVADORA NA CONVIVÊNCIA ESCOLAR**

Tese de Doutorado apresentada à banca examinadora do Programa de Pós-graduação em Educação (PPGED), da Universidade Federal do Piauí, como requisito para a obtenção do título de Doutora em Educação.

Linha de Pesquisa: Formação Docente e Prática Educativa

Aprovada em 28 de maio de 2021.

BANCA EXAMINADORA



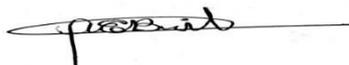
Profa. Dra. Shara Jane Holanda Costa Adad (Orientadora)
Universidade Federal do Piauí – PPGED/UFPI



Profa. Dra. Cláudia Mara de Melo Tavares
1ª Examinadora Externa – UFF



Profa. Dra. Rebeca de Alcântara e Silva Meijer
2ª Examinadora Externa – UNILAB



Profa. Dra. Antônio Edna Brito
1º Examinadora Interna – UFPI



Profa. Dra. **Josânia Lima Portela**
2º Examinadora Interna – UFPI



Dedico,

A Deus, por ser meu refúgio e fortaleza, protegendo-me em meus caminhos. Aos meus pais, Vicente e Hilma. Ao meu irmão Márcio. À minha querida Lara. Dedico a vocês mais esta vitória em minha vida, de valor inestimável. Agradeço por todo amor e carinho doados a mim, durante todos os dias da minha existência, ensinando-me a acreditar em meus sonhos e confiá-los a Deus, pois tudo diante dele é fácil e possível. Gratidão por me amarem incondicionalmente e por tornarem meu sorriso mais feliz. Eu amo vocês!

AGRADECIMENTOS

Agradecer é sempre um momento de escolher palavras capazes de expressar a imensa importância das pessoas que fazem parte de nossas vidas, que nos complementam e estão sempre prontas para nos dar força e apoio em todos os instantes, sejam eles, bons ou ruins. E sendo as palavras uma fonte infinita de significados em constante mutação, agradecer torna-se um trabalho minucioso para decifrar e criar palavras que fortaleçam e descrevam nossas ligações com as pessoas que perpassam os caminhos de nossas vidas. Portanto, faço uso das palavras para expressar meus cantos de amor e alegria a todos/as que me incentivaram a aprender novos cantos e alçar voo para alcançar esta vitória. Gratidão!

Agradeço primeiramente a **Deus** por ser meu amigo fiel, sendo fonte de inspiração e vida, abençoando-me pelos caminhos que escolhi trilhar para escrever minha história, sempre apoiando e incentivando minhas escolhas, caminhando de mãos dadas para que eu não caísse ao tropeçar nas pedras pelo caminho.

Ao meu **pai, Vicente**, e à minha **mãe, Hilma**, anjos da guarda de imensa luz e sabedoria, que me ensinaram e guiaram pelos trajetos da vida, e com os quais aprendi a ser resiliente, lutando sempre por meus sonhos, por mais difíceis que parecessem, pois são os sonhos que nos movem e nos levam a semear a vida, colhendo flores e sentindo seus perfumes. Muita obrigada, por tanto amor, carinho e zelo, sem os quais a vida não seria possível, com os quais meus sonhos não teriam florescido. Eu amo vocês!

Ao meu **irmão, Márcio**, que sempre foi um guerreiro, sendo escudo e fortaleza, ajudando-me a ultrapassar as batalhas da vida, defendendo-me de todos os perigos. Muito obrigada por me amar com tanto carinho e dedicação, ensinando-me a vencer os obstáculos, renascendo das cinzas, como uma eterna Fênix, que precisa de seu guia para se fortalecer. Grata por tanto amor, pois eu sou porque você existe em mim.

À minha pequena **Lara**, presente de Deus, que se fez menina para trazer luz e brilho a minha vida, enchendo-me de amor com o seu sorriso e olhar resplandecentes. Criação divina que alegra e adoça meus dias, fazendo-me verdadeiramente feliz. A titia ama você!

À **minha orientadora passarinha, Shara Jane**, com quem aprendi a arte de pesquisar e viver em bando. Minha querida ave dos devires, que me inspira a fazer do corpo um campo fluido de desejos, cantos e afecções. Quero agradecê-la, professora Shara Jane, por sua dedicação e amizade neste rizoma de afetos, em que me permitiu ser sua aprendiz, guiando-me pelo universo das invenções, ajudando-me a desaprender para encontrar a beleza nas partilhas sociopoéticas, que muito contribuíram para a potencialização do meu ser-pesquisadora. Muito

obrigada por ter me permitido tornar-me borboleta, encontrando minhas tão sonhadas asas, para que hoje pudesse alçar voos ao seu lado e brincar nas flores de seu jardim.

À Mayara Danyelle, cofacilitadora Bromélia, a quem devo muitos agradecimentos por ter aceitado andar comigo pelos caminhos tortuosos do pesquisar em meio à pandemia, ajudando-me a escrever esta história, com seu olhar sensível e sorriso solto, acolhendo-me em meio às lágrimas e incertezas do pesquisar. Muito obrigada pelo incessável apoio ao segurar minhas mãos e não deixar que eu me perdesse de meus sonhos. Desejo que nunca cesse esta magia de seus afetos, os quais me encheram o coração de esperança.

Às amigas Letícia Carolina, Thaysa, Krícia e Dilma, meu grupo de apoio, preenchido pelo amor e companheirismo destas respectivamente nomeadas feiticeira, fada, sereia e anjo, que foram alicerce para meus escritos, dando-me força, apoio e estando sempre presentes. Minhas confidentes e amigas de sonhos, dividimos nossas partilhas recíprocas de um amor fraterno, florido e brilhante, do qual colhemos hoje nossos tão sonhados frutos artesanais de um convívio repleto de fidelidade.

Às amigas Camila e Telma, artesãs de sonhos, sábias tecedeiras de romances, minhas girassóis brilhantes, que como tecedeiras, foram restaurando meu sorriso, inspirando-me a sonhar, olhando para o brilho radiante do sol. Foram amigas de jornada e me ensinaram que ninguém é feliz sozinho. Tenho a honra de querê-las para sempre ao meu lado.

Aos amigos e às amigas da 12ª turma de Doutorado (PPGED/UFPI), em especial, Caio Veloso, Claudia Alves, Telma, Camila e Letícia Carolina, pela amizade e por serem semeadores de sonhos com os quais aprendi a nunca perder a esperança. Muito obrigada pelas partilhas, risos e estímulos estando sempre presentes, compartilhando e aplaudindo minhas vitórias e conquistas. Vocês fizeram parte e contribuíram com essa história.

Aos amigos e familiares, em especial, aos meus avós, **Francisco Nunes e Zenóbia Feitosa** (*in memoriam*), por estarem sempre presente, compartilhando junto a mim momentos de grandes alegrias, repletos de emoções. Por me garantirem uma vida repleta de carinho e atenção, acolhendo-me em todos os momentos e vivendo cada um deles ao meu lado. Obrigada a todos vocês por me fazerem infinitamente feliz.

Às professoras Cláudia Mara de Melo Tavares, Rebeca de Alcântara e Silva Meijer, Antônia Edna Brito e Josânia Lima Portela, por terem atendido gentilmente ao meu pedido para participarem da minha banca de defesa do Doutorado, partilhando saberes através do olhar e da escuta sensível, contribuindo sabiamente para o enriquecimento desta pesquisa, ampliando meus sentidos e trazendo novas possibilidades. Gratidão!

Ao Programa de Pós-Graduação em Educação e à Universidade Federal do Piauí,

pelo suporte e incentivo intelectual, afetivo e social durante minha caminhada acadêmica, proporcionando meu crescimento profissional através do tripé ensino, pesquisa e extensão, que me trouxe conhecimentos essenciais para a vida. Muito obrigada pelo acolhimento caloroso, conferindo-me o título de Doutora em Educação.

Ao corpo docente do PPGEd/UFPI, em especial ao **Prof. Dr. PhD. Francis Musa Boakari** pelo carinho e incentivos necessários para o maior desenvolvimento de minhas práticas educativas, acompanhando-me com carinho nesse caminhar. E às colaboradoras do **PPGED, Mirvênia, Ana Luisa e Lalyne**, pela atenção e colaboração nos momentos de dúvidas.

À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), que desempenha papel fundamental na expansão e na consolidação da pós-graduação *stricto sensu* (Mestrado e Doutorado) em todo o território brasileiro, por me confiar a difícil tarefa de produzir uma pesquisa em educação voltada para a construção de mudanças sociais e o avanço do conhecimento que atenda às demandas exigidas na contemporaneidade. Obrigada por me atribuir incentivos e recursos financeiros para que esta pesquisa pudesse ser realmente concretizada.

Aos/Às copesquisadores/as, docentes incríveis, que atenderam ao meu convite em meio ao caos pandêmico, para reinventarem suas práticas através das trocas de afetos. Muito obrigada pela disponibilidade e confiança para realização desta pesquisa, pelos momentos ricos em partilha e produção de afetos e conhecimentos.

A todos os funcionários, gestores, famílias e comunidade da Escola Pública Municipal Presidente Castelo Branco, no Povoado Buriti do Castelo, Município de São Félix do Piauí-PI/BR, por me acolherem com tanto amor e carinho, abrindo as portas do território da pesquisa, possibilitando encontros afetuosos de saberes e experiências.

À Secretária de Educação e Cultura do Município de São Félix do Piauí-PI/BR, especialmente na pessoa da **Giurmaura Oliveira de Moura**, por autorizar a pesquisa e prestar informações preciosas, demonstrando compromisso ético com esta pesquisa.

A todas e todos que não foram citados, mas que possuem valores essenciais para minha trajetória de vida, meus sinceros agradecimentos.

“Sonhe com o que você quiser. Vá para onde você queira ir. Seja o que você quer ser, porque você possui apenas uma vida e nela só temos uma chance de fazer aquilo que queremos. Tenha felicidade bastante para fazê-la doce. Dificuldades para fazê-la forte. Tristeza para fazê-la humana. E Esperança para fazê-la feliz”.

Clarice Lispector

SANTOS, Vanessa Nunes dos. **FORMAÇÃO DOCENTE EM SOCIOPOÉTICA COMO METODOLOGIA SENSÍVEL E INOVADORA NA CONVIVÊNCIA ESCOLAR**. Tese (Doutorado em Educação). 332 f. Programa de Pós-Graduação em Educação, Centro de Ciências da Educação, Universidade Federal do Piauí, 2021.

RESUMO

Esta tese trata de como a formação docente em Sociopoética como metodologia sensível e inovadora pode romper com os modelos cartesianos de formação, ao afetar os/as professores/as a pensar, problematizar e potencializar outros modos de convivência nas escolas, tendo em vista as microviolências presentes neste espaço educativo no contemporâneo. Esta pesquisa justifica-se especialmente porque a sociopoética, juntamente com as práticas educativas pautadas nos princípios de pesquisar, ensinar e aprender coletivamente com o corpo todo, com a valorização das culturas de grupos silenciados e de resistências, com o uso de dispositivos artísticos, com responsabilidade ética, política, noética e espiritual estabelece uma diferença primordial nos processos educativos, pois descondiciona a percepção arraigada e constrói modos de pensar distantes dos habituais modos de existir naturalizados e reproduzidos em nosso fazer pedagógico, especialmente os (pré)conceitos arraigados sobre o outro, o diferente. Assim, teve por objetivo geral compreender as contribuições da formação docente em Sociopoética enquanto metodologia sensível e inovadora para a problematização e potencialização de outros modos de convivência nas escolas no contemporâneo de professores/as de crianças e adolescentes da Rede Pública Municipal de São Félix do Piauí- PI/BR. Especificamente, buscou **1.** Descrever como os/as professores/as de crianças e adolescentes da Rede Pública Municipal de São Félix do Piauí-PI/BR sensibilizam-se ou deixam-se afetar pelos problemas que envolvem a convivência na escola, no contemporâneo, no contexto da formação em sociopoética; **2.** Identificar os conceitos mobilizados pelos afetos (confetos) e pelas experiências educativas de professores/as de crianças e adolescentes da Rede Pública Municipal de São Félix do Piauí-PI/BR acerca de problemas que envolvem a convivência na escola no contemporâneo; **3.** Analisar que outros modos de pensar a convivência na escola são potencializados pelos conceitos mobilizados pelos afetos e pelas experiências educativas criadas pelos/as professores/as no contexto da formação em Sociopoética e **4.** Favorecer aos/as professores/as de crianças e adolescentes, da Rede Pública Municipal de São Félix do Piauí-PI/BR, a autoanálise de suas práticas e experiências educativas acerca da convivência escolar no contemporâneo. Sendo uma pesquisa qualitativa com o uso da abordagem “Sociopoética”, utilizada para criação de problemas, confetos e devires do Percurso (pesquisa + curso) com dispositivos filosóficos e artísticos, como método de produção de dados. Esta Tese de doutorado corrobora na perspectiva da descolonização do pensamento, da democratização e da inovação, ao dar passagem à criação de conhecimentos coletivos, que perpassam as experiências e problematizações educativas mobilizadas com professores/as de crianças e adolescentes no contemporâneo. O grupo-pesquisador foi formado por mim e 6 professores/as do 6º ao 9º ano do Ensino Fundamental. A produção dos dados foi realizada com duas técnicas: as Cabaças e seu desdobramento na árvore das cabaças na Formação em Sociopoética na relação com a convivência na escola; e a segunda, os Objetos Geradores e a Mandala da formação em Sociopoética na relação com a convivência na escola. Esta pesquisa trouxe como resultado a produção de confetos heterogêneos e desterritorializados que, transversalizados, problematizaram e potencializaram a formação em sociopoética, pensando em outras formas de educar para a convivência escolar, que foram cartografadas em quatro dimensões do pensamento do grupo-pesquisador: **1.** Formação em sociopoética na relação com a convivência na escola exige sensibilidade para a aceitação do novo; **2.** Formação em sociopoética na relação com a convivência na escola exige parcerias para transcriar a escola; **3.** Formação em

sociopoética na relação com a convivência na escola exige a aceitação do novo a partir da família e 4. Formação em sociopoética na relação com a convivência na escola exige aceitação do novo para descolonizar a educação. Essas dimensões apresentam-se em confetos (conceitos mobilizados pelos afetos), tais como: Formação em Sociopoética-cabaça-desafio-mistura, Formação em Sociopoética-árvore-das-cabaças, Formação em sociopoética-cabaça-coragem, Convivência-cabaça-vitória, Convivência na escola-Força-Botõezinhos, Convivência na escola-árvore-diversidade-de-cada-um, entre outros. Os confetos mobilizaram as problemáticas em torno da formação docente e envolvem as lacunas do processo formativo e os saberes da experiência, que precisam ser construídos para que se possa aprender a conviver com as diversidades/diferenças, os preconceitos, as violências, os problemas com as famílias, com a comunidade, com os gestores e demais funcionários, questões essas, que não se aprendem na academia e que atravessam a educação no contemporâneo. São narrativas que expressam amor pelas práticas educativas e surgem como esperança para uma educação para a convivência escolar.

Palavras-chave: Formação Docente. Sociopoética. Metodologia. Inovadora. Sensível. Convivência escolar.

SANTOS, Vanessa Nunes dos. **TEACHER EDUCATION IN SOCIOPOETHICS AS A SENSITIVE AND INNOVATIVE METHODOLOGY IN SCHOOL COEXISTENCE.** Thesis (Doctorate in Education). 332 f. Graduate Program in Education, Education Science Center, Federal University of Piauí, 2021.

ABSTRACT

This thesis deals with how teacher training in Sociopoetics, as a sensitive and innovative methodology, can break with Cartesian training models, by affecting teachers to think, problematize and enhance other modes of coexistence in schools, having in view of the microviolence present in this educational space in the contemporary. This research is especially justified because sociopoetics, together with educational practices based on the principles of researching, teaching and learning collectively with the whole body, with the appreciation of the cultures of silenced groups and resistance, with the use of artistic devices, with ethical, political, noetic and spiritual responsibility establishes a primary difference in educational processes, as it deconditions entrenched perception and builds ways of thinking far from the usual ways of existing naturalized and reproduced in our pedagogical practice, especially the (pre)concepts ingrained about the other, the different. Thus, the general objective was to understand the contributions of teacher training in Sociopoetics, as a sensitive and innovative methodology, for the problematization and potentialization of other modes of coexistence in schools in the contemporary of teachers of children and adolescents in the Municipal Public Network of São Félix do Piauí - PI/BR. Specifically, it sought to **1.** Describe how teachers of children and teenagers in the Municipal Public Network of São Félix do Piauí-PI/BR sensitize or let themselves be affected by the problems that involve living at school, in the contemporary, in the context of training in sociopoetics; **2.** Identify the concepts mobilized by the affections (confections) and the educational experiences of teachers of children and adolescents from the Municipal Public Network of São Félix do Piauí-PI/BR about problems that involve living in contemporary schools; **3.** Analyze what other ways of thinking about coexistence at school are enhanced by the concepts mobilized by the affections and educational experiences created by the teachers in the context of training in Sociopoetics and **4.** Favoring the teachers of children and adolescents, from the Municipal Public Network of São Félix do Piauí-PI/BR, the self-analysis of their educational practices and experiences about contemporary school life. As a qualitative research using the "Sociopoetic" approach, used to create problems, confections and becomings of the Research (research + course) with philosophical and artistic devices, as a method of data production. This doctoral thesis corroborates the perspective of decolonization of thought, democratization and innovation, by giving way to the creation of collective knowledge, which permeate the educational experiences and problematizations mobilized with contemporary teachers of children and adolescents. The research group was formed by me and 6 teachers, from the 6th to the 9th grade of Elementary School. The production of data was carried out with two techniques: the gourds and its unfolding in the gourd tree in the Formation in Sociopoetics in relation to living at school; and the second, the Generating Objects and the Mandala of training in Sociopoetics in relation to coexistence at school. This research resulted in the production of heterogeneous and deterritorialized confections, which, when transversalized, problematized and enhanced training in sociopoetics, thinking of other ways of educating for school life, which were mapped into four dimensions of the researcher-group's thinking: **1.** Training in sociopoetics in relation to living at school requires sensitivity to accept the new; **2.** Formation in sociopoetics in relation to coexistence at school requires partnerships to transcribe the school; **3.** Training in sociopoetics in relation to living in school requires acceptance of the new from the family and **4.** Training in sociopoetics in relation to living in

school requires acceptance of the new to decolonize education. These dimensions are presented in confections (concepts mobilized by affections), such as: Training in Sociopoetics-gourd-challenge-mixture, Training in Sociopoetics-Cabaça-tree, Training in sociopoetics-gourd courage, Coexistence-gourd-victory, Coexistence at the school-Force-little buttons, Coexistence at the school-tree-diversity-of-each-one, among others. The confections mobilized the issues surrounding teacher training and involve gaps in the training process and knowledge of experience, which need to be built so that one can learn to live with diversities/differences, prejudices, violence, problems with families, with the community, with managers and other employees, issues that are not learned in the academy and that cross education in the contemporary. These are narratives that express love for educational practices and emerge as hope for an education for school coexistence.

Keywords: Teacher Education. Sociopoetics. Methodology. Innovative. Sensitive. School coexistence.

SANTOS, Vanessa Nunes dos. **LA FORMACIÓN DEL PROFESORADO EN SOCIOPOÉTICA COMO METODOLOGÍA SENSIBLE E INNOVADORA EN LA CONVIVENCIA ESCOLAR.** Tesis (Doctorado en Educación). 332 f. Programa de Posgrado en Educación, Centro de Ciencias de la Educación, Universidad Federal de Piauí, 2021.

RESUMEN

Esta tesis aborda cómo la formación del profesorado en Sociopoética, como metodología sensible e innovadora, puede romper con los modelos formativos cartesianos, al incitar a los profesores a pensar, problematizar y potenciar otros modos de convivencia en las escuelas, teniendo en cuenta la microviolencia presente en este ámbito educativo. espacio en lo contemporáneo. Esta investigación está especialmente justificada porque la sociopoética, junto con las prácticas educativas basadas en los principios de investigar, enseñar y aprender colectivamente con todo el cuerpo, con la valoración de las culturas de los grupos silenciados y de resistencia, con el uso de dispositivos artísticos, con la ética La responsabilidad política, noética y espiritual establece una diferencia primordial en los procesos educativos, ya que descondiciona la percepción arraigada y construye formas de pensar alejadas de las formas habituales de existir naturalizadas y reproducidas en nuestra práctica pedagógica, especialmente los (pre) conceptos arraigados sobre el otro Lo diferente. Así, el objetivo general fue comprender los aportes de la formación docente en Sociopoética, como una metodología sensible e innovadora, para la problematización y potencialización de otros modos de convivencia en las escuelas en la actualidad de los docentes de niños y adolescentes en la Red Pública Municipal de São Félix do Piauí - PI / BR. Específicamente, buscó **1.** Describir cómo los maestros de niños y adolescentes de la Red Pública Municipal de São Félix do Piauí-PI / BR sensibilizan o se dejan afectar por los problemas que implican vivir en la escuela, en lo contemporáneo, en el contexto. de formación en sociopoética; **2.** Identificar los conceptos movilizados por los afectos (confecciones) y las experiencias educativas de los maestros de niños y adolescentes de la Red Pública Municipal de São Félix do Piauí-PI / BR sobre problemas que implican vivir en escuelas contemporáneas; **3.** Analizar qué otras formas de pensar la convivencia en la escuela se potencian con los conceptos movilizados por los afectos y experiencias educativas creadas por los docentes en el contexto de la formación en Sociopoética y **4.** Favorecer a los docentes de niños y adolescentes, desde el Público Municipal Red de São Félix do Piauí-PI / BR, el autoanálisis de sus prácticas educativas y experiencias sobre la vida escolar contemporánea. Como investigación cualitativa utilizando el enfoque "Sociopoético", utilizado para crear problemas, confecciones y devenires de la Investigación (investigación + curso) con dispositivos filosóficos y artísticos, como método de producción de datos. Esta tesis doctoral corrobora la perspectiva de descolonización del pensamiento, democratización e innovación, al dar paso a la creación de saberes colectivos, que permean las experiencias educativas y problematizaciones movilizadas con docentes contemporáneos de niños y adolescentes. El grupo de investigación lo formamos yo y 6 profesores, de 6º a 9º de primaria. La producción de datos se realizó con dos técnicas: las calabazas y su desdoblamiento en la calabaza en la Formación en Sociopoética en relación a la convivencia escolar; y el segundo, los Objetos Generadores y el Mandala de formación en Sociopoética en relación a la convivencia escolar. Esta investigación resultó en la producción de confecciones heterogéneas y desterritorializadas, que al transversalizarse, problematizaron y potenciaron la formación en sociopoética, pensando en otras formas de educar para la vida escolar, las cuales fueron mapeadas en cuatro dimensiones del pensamiento del grupo investigador: **1.** Formación en sociopoética en relación a vivir en la escuela se requiere sensibilidad para aceptar lo nuevo; **2.** La formación en sociopoética en relación a la convivencia en la escuela requiere alianzas para

transcribir la escuela; **3.** La formación en sociopoética en relación con la vida en la escuela requiere la aceptación de lo nuevo de la familia y **4.** La formación en sociopoética en relación con la vida en la escuela requiere la aceptación de lo nuevo para descolonizar la educación. Estas dimensiones se presentan en confecciones (conceptos movilizados por los afectos), tales como: Formación en Sociopoética-calabaza-desafío-mezcla, Formación en Sociopoética-Cabaça-árbol, Formación en sociopoética-calabaza-valentía, Convivencia-calabaza-victoria, Convivencia en la escuela-Fuerza-pequeños botones, Convivencia en la escuela-árbol-diversidad-de-cada-uno, entre otros. Las confecciones movilizaron los temas de la formación docente e involucran vacíos en el proceso de formación y conocimiento de la experiencia, que es necesario construir para que se aprenda a vivir con diversidades / diferencias, prejuicios, violencia, problemas con las familias, con la comunidad, con directivos y demás colaboradores, temas que no se aprenden en la academia y que se cruzan en la educación contemporánea. Son narrativas que expresan el amor por las prácticas educativas y emergen como esperanza para una educación para la convivencia escolar.

Palabras clave: Formación del profesorado. Sociopoética. Metodología. Innovador. Sensitivo. Convivencia escolar.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 -	Formação Docente em Sociopoética: uma Pedagogia Movente.....	45
Figura 2 -	A Sociopoética emaranhando cabaças.....	83
Figura 3 -	Relaxamento do Círculo de Cultura Sociopoético (Grupo 1).....	100
Figura 4 -	Atividades corporais no Círculo de Cultura Sociopoético (Grupo 2).....	100
Figura 5 -	Imagens aéreas do Povoado Buriti do Castelo, Município de São Félix do Piauí-PI/BR.....	104
Figura 6 -	Praça do Povoado Buriti do Castelo-PI.....	105
Figura 7 -	Igreja Católica Nossa Senhora de Fátima.....	105
Figura 8 -	Pátio da Escola Pública Municipal Presidente Castelo Branco.....	110
Figura 9 -	Sala de aula vazia durante a pandemia da COVID-19.....	110
Figura 10 -	Preparo do beiju na Casa de Farinha.....	111
Figura 11 -	Raspagem da mandioca na Casa de Farinha.....	111
Figura 12 -	Grupo-pesquisador e a caixa de Afecções.....	114
Figura 13 -	Fachada da Escola Pública Municipal Presidente Castelo Branco.....	118
Figura 14 -	Bolsas com os kits de proteção individual contra a COVID-19.....	119
Figura 15 -	Bolsas com os kits de proteção individual contra a COVID-19.....	119
Figura 16 -	Entrega dos kits de proteção individual, material de leitura e anotação.....	120
Figura 17 -	Café da manhã com os/as copesquisadores/as.....	120
Figura 18 -	Roda de Conversa para negociação da pesquisa.....	121
Figura 19 -	Roda de Conversa para negociação da pesquisa.....	121
Figura 20 -	Exercícios corporais em plano baixo pelos espaços da escola.....	124
Figura 21 -	Alongamentos corporais – Preparando o corpo para a imersão na pesquisa.....	124
Figura 22 -	Alongamentos corporais – Preparando o corpo para a imersão na pesquisa.....	124
Figura 23 -	Relaxamento corporal para a negociação da pesquisa.....	126
Figura 24 -	Construção das Caixas de Afecções.....	128
Figura 25 -	Produção plástica do perfil do/a copesquisador/a.....	137
Figura 26 -	Produção plástica do perfil do/a copesquisador/a.....	138
Figura 27 -	Produção plástica do perfil do/a copesquisador/a.....	139
Figura 28 -	Produção plástica do perfil do/a copesquisador/a.....	140
Figura 29 -	Produção plástica do perfil do/a copesquisador/a.....	141
Figura 30 -	Produção plástica do perfil do/a copesquisador/a.....	141

Figura 31 - Dispositivos artísticos das Oficinas de Produção dos Dados.....	142
Figura 32 - Dispositivos artísticos das Oficinas de Produção dos Dados.....	142
Figura 33 - Leitura e escolha das palavras nos Diários de Itinerância.....	146
Figura 34 - Leitura e escolha das palavras nos Diários de Itinerância.....	147
Figura 35 - Leitura e escolha das palavras nos Diários de Itinerância.....	147
Figura 36 - Leitura e escolha das palavras nos Diários de Itinerância.....	147
Figura 37 - Leitura e escolha das palavras nos Diários de Itinerância.....	148
Figura 38 - Relaxamento da Técnica das Cabaças da Formação em Sociopoética na relação com a convivência na escola.....	150
Figura 39 - Técnica da Cabaça da Formação em Sociopoética na relação com a convivência na escola.....	152
Figura 40 - Técnica da Cabaça da Formação em Sociopoética na relação com a convivência na escola.....	152
Figura 41 - Formação em Sociopoética Cabaça-Desafio na relação com a Convivência na escola.....	152
Figura 42 - Formação em Sociopoética Cabaça-Conhecimento na relação com a Convivência na escola.....	153
Figura 43 - Formação em Sociopoética Cabaça-Coragem na relação com a convivência na escola.....	153
Figura 44 - Formação em Sociopoética Cabaça-Determinação na relação com a Convivência nas escolas.....	154
Figura 45 - Formação em Sociopoética Cabaça-Vitória na relação com a Convivência na escola.....	154
Figura 46 - Materiais e produção da Árvore das Cabaças.....	155
Figura 47 - Materiais e produção da Árvore das Cabaças.....	155
Figura 48 - Árvore das Cabaças da Formação em Sociopoética na Relação com a Convivência na Escola.....	156
Figura 49 - Mandala da Formação em Sociopoética na relação com a convivência na escola.....	159
Figura 50 - Viagem imaginária dos objetos geradores da Formação em Sociopoética na relação com a Convivência na escola.....	161
Figura 51 - As sensações dos objetos geradores da Formação em Sociopoética na relação com a Convivência na Escola.....	162
Figura 52 - As sensações dos objetos geradores da Formação em Sociopoética na relação com a Convivência na Escola.....	162
Figura 53 - As sensações dos objetos geradores da Formação em Sociopoética na relação com a Convivência na Escola.....	162
Figura 54 - As sensações dos objetos geradores da Formação em Sociopoética na relação com a Convivência na Escola.....	162

Figura 55-	As sensações dos objetos geradores da Formação em Sociopoética na relação com a Convivência na Escola.....	162
Figura 56 -	As sensações dos objetos geradores da Formação em Sociopoética na relação com a Convivência na Escola.....	162
Figura 57 -	Ciranda emaranhando as linhas para a criação da mandala da Formação em Sociopoética na relação com a convivência na escola.....	163
Figura 58 -	Ciranda emaranhando as linhas para a criação da mandala da Formação em Sociopoética na relação com a convivência na escola.....	163
Figura 59 -	Objetos geradores da Formação em Sociopoética na relação com a convivência na escola.....	166
Figura 60 -	Objetos geradores da Formação em Sociopoética na relação com a convivência na escola.....	166
Figura 61 -	Objetos geradores da Formação em Sociopoética na relação com a convivência na escola.....	166
Figura 62 -	Objetos geradores da Formação em Sociopoética na relação com a convivência na escola.....	166
Figura 63 -	Objetos geradores da Formação em Sociopoética na relação com a convivência na escola.....	166
Figura 64 -	Objetos geradores da Formação em Sociopoética na relação com a convivência na escola.....	166
Figura 65 -	Construção do Mapa Conceitual sobre os Cinco Princípios da Sociopoética.....	179
Figura 66 -	Os Cinco Princípios da Formação em Sociopoética na relação com a convivência na escola.....	182
Figura 67 -	Finalização do percurso com a Ciranda da Convivência na Escola.....	188
Figura 68 -	Emaranhado das linhas na Mandala Circopoética.....	187
Figura 69 -	Mandala-Circopoética-VEJA.....	197
Figura 70 -	Ser sociopoeta: um ato de amor e de coragem.....	259

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 -	Perfil etário e formativo dos/as professores/as da pesquisa.....	132
Quadro 2 -	Exposição da escolha em ser professor/a.....	132
Quadro 3 -	Relatos sobre a Formação Docente em relação à Convivência na escola.....	133
Quadro 4 -	Expectativas em torno da Formação em Sociopoética na relação com a Convivência na escola.....	135
Quadro 5 -	Os cinco princípios da formação em Sociopoética na relação com a convivência na escola.....	180
Quadro 6 -	Avaliação do Pcurso (Pesquisa + curso) “Formação docente em sociopoética como metodologia sensível e inovadora na convivência escolar e formação de multiplicadores do método na escola” realizada pelos/as copesquisadores/as.....	185
Quadro 7 -	Identificação das categorias nos relatos orais de cada copesquisador/a.....	193
Quadro 8 -	Compilação das ideias em torno de uma mesma categoria.....	193
Quadro 9 -	Cruzamento de ideias dentro de uma mesma categoria.....	194

LISTA DE SIGLAS

CAPES	Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
ECA	Estatuto da Criança e do Adolescente
ENEM	Exame Nacional do Ensino Médio
LDB	Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional nº 9.394/96
NEPEGECI	Núcleo de Estudos e Pesquisas em Educação, Gênero e Cidadania
NUCA	Núcleo de Participação e Desenvolvimento de Adolescentes
NUPECSO	Núcleo de Estudos e Pesquisas em Educação e Ciências Sociais
OBJUVE	Observatório de Juventudes, Cultura de Paz e Violências na escola
OMS	Organização Mundial de Saúde
PPP	Projeto Político Pedagógico
PPGE	Programa de Pós-Graduação em Educação
UFPI	Universidade Federal do Piauí
UESPI	Universidade Estadual do Piauí
UNICEF	Fundo das Nações Unidas para a Infância

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO: “É PRECISO SE PERDER PRA PODER SE ENCONTRAR”	23
	Trajeto 1 – Ressignificando saberes a cada descoberta.....	24
	Trajeto 2 – Encontrando-me nas Memórias tecidas pelos caminhos percorridos.....	28
	Trajeto 3 – Caminhos da Pesquisa sociopoética: tecidos da arte de inventar afetos.....	37
2	FORMAÇÃO DOCENTE: SABERES E PRÁTICAS EDUCATIVAS MOVENTES	45
2.1	Formação docente: desafios e possibilidades de mover-se pelo labirinto da escola	46
2.2	Desafios contemporâneos na Educação: problematizando as violências e potencializando outros modos de educar para a convivência	60
3	TRAJETOS METODOLÓGICOS: A SOCIOPOÉTICA EMARANHANDO CABAÇAS	83
3.1	No meio do caminho havia a Sociopoética: minhas afecções entre suas encruzilhadas	85
3.2	Percurso metodológico: o que é a Sociopoética?	87
3.3	Os cinco princípios da Sociopoética: como ensinar e aprender na pesquisa em Educação	92
3.4	Cartografando o território da Pesquisa: primeiros passos para a negociação	98
3.4.1	O povoado Buriti do Castelo: meu lugar de travessias e atravessamentos	104
4	NEGOCIANDO OS TRAJETOS DO PESCOURSO (PESQUISA + CURSO): “FORMAÇÃO DOCENTE EM SOCIOPOÉTICA COMO METODOLOGIA SENSÍVEL E INOVADORA NA CONVIVÊNCIA ESCOLAR E FORMAÇÃO DE MULTIPLICADORES DO MÉTODO NA ESCOLA”	114
4.1	As pegadas no chão da Formação em Sociopoética: negociação da Pesquisa, a formação do grupo-pesquisador e a caixa de afecções	115
4.2	Perfil dos/as copesquisadores/as produzido na negociação da pesquisa	130
5	PESCOURSO (PESQUISA + CURSO) DE FORMAÇÃO EM SOCIOPOÉTICA NA RELAÇÃO COM A CONVIVÊNCIA NA ESCOLA: A POÉTICA DO GRUPO-PESQUISADOR	142
5.1	Caminhos na Cabaça da Formação em Sociopoética na relação com a convivência na escola: oficina de produção de dados	143
5.2	A árvore da Formação em Sociopoética na relação com a Convivência na Escola	155

5.3	Objetos geradores e a Mandala da formação em Sociopoética na relação com a convivência na escola: produção de dados.....	157
5.4	A Sociopoética e os cinco princípios como Potência Inventiva nas Escolas.....	168
6	LINHAS QUE SE CRUZAM: CARTOGRAFIAS POÉTICAS DO GRUPO-PESQUISADOR.....	187
7	FORMAÇÃO EM SOCIOPOÉTICA NA RELAÇÃO COM A CONVIVÊNCIA NA ESCOLA EXIGE SENSIBILIDADE PARA A ACEITAÇÃO DO NOVO.....	197
8	FORMAÇÃO EM SOCIOPOÉTICA NA RELAÇÃO COM A CONVIVÊNCIA NA ESCOLA EXIGE PARCERIAS PARA TRANSCRIR A ESCOLA.....	223
9	FORMAÇÃO EM SOCIOPOÉTICA NA RELAÇÃO COM A CONVIVÊNCIA NA ESCOLA EXIGE A ACEITAÇÃO DO NOVO A PARTIR DA FAMÍLIA.....	242
10	FORMAÇÃO EM SOCIOPOÉTICA NA RELAÇÃO COM A CONVIVÊNCIA NA ESCOLA EXIGE ACEITAÇÃO DO NOVO PARA DESCOLONIZAR A EDUCAÇÃO.....	259
	INCONCLUSÕES: deixando a ciranda aberta para novas invenções.....	276
	REFERÊNCIAS.....	292
	APÊNDICES.....	306
	APÊNDICE A – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE).....	307
	APÊNDICE B – Formulário de inscrição no Percurso (pesquisa + curso).....	311
	ANEXOS.....	319
	ANEXO A – Autorização Institucional.....	320
	ANEXO B – Termo de Aquiescência.....	321
	ANEXO C – Comprovante de envio do projeto.....	322
	ANEXO D – Parecer Consubstanciado do CEP.....	323

1 INTRODUÇÃO: “É PRECISO SE PERDER PRA PODER SE ENCONTRAR”

*“Há um tempo em que é preciso
abandonar as roupas usadas
Que já tem a forma do nosso corpo
E esquecer os nossos caminhos que
nos levam sempre aos mesmos lugares
É o tempo da travessia
E se não ousarmos fazê-la
Teremos ficado para sempre
À margem de nós mesmos.”*

(Tempo de Travessia – Fernando Pessoa).

Início estes escritos, convidando-o/a para uma travessia pelos meus caminhos do pesquisar, fazer, inventar e reinventar a educação, adentrando em meus caminhos do meio, esse lugar em que muitas vezes me perdi, tentando me encontrar, pois como destacam Deleuze e Parnet (1998, p. 38): “O que conta em um caminho, o que conta em uma linha é sempre o meio e não o início nem o fim. Sempre se está no meio do caminho, no meio de alguma coisa”. E por encontrar-me no entrelugares, foi que ao longo de minha trajetória formativa fui buscando atravessar territórios de saberes e lugares que, muitas vezes, não imaginava adentar. Construindo, assim, uma pesquisa que faz parte de mim, encarnada, que se confunde com minha própria existência.

Destaco que trago esses caminhos em primeira pessoa a fim de evidenciar meus passos, que perpassam o campo dos meus desejos, trazendo na escrita meus pensamentos. Em alguns momentos, faço uso do “nós”, para destacar a construção coletiva do conhecimento (a)firmada pela Sociopoética no diálogo entre a imaginação, a desterritorialização dos pensamentos e a instituição do grupo-pesquisador¹. Assim, este trabalho entrelaça pensamentos pessoais e coletivos, na busca por significados e novos trajetos pelas encruzilhadas da formação docente para a convivência escolar.

¹ Segundo Gauthier (2012, p. 78): “Grupo-pesquisador o hífen é importante, porque não se trata de um grupo que pesquisa, mas de um ser coletivo, que se institui no início da pesquisa como grupo-sujeito do seu devir”.

Trajetos 1 – Resignificando saberes a cada descoberta

O que me levou a pesquisar a formação docente em Sociopoética e a criação de metodologias sensíveis e inovadoras para a convivência escolar? Trago nessa seção minhas memórias, refazendo caminhos, cartografando afetos, lugares, experiências e emoções que perpassaram meu corpo em formação, trazendo as implicações para esta pesquisa. Acredito que nenhuma pesquisa surge do acaso, mas que nasce a partir das nossas próprias travessias, nas quais aprendemos e desaprendemos em um movimento constante de pesquisar, atendendo às necessidades de mudanças e ajustes pelo caminho.

Deste modo, essa pesquisa nasce do meu desejo de ir além dos discursos e teorias especializadas sobre formação docente, objetivando privilegiar o discurso dos/as próprios/as professores/as do Ensino Fundamental da escola pública, construindo essa temática a partir dos seus pensamentos, entendendo os desafios e perspectivas impostos por um modelo de educação reprodutivista, que muitas vezes paralisa suas práticas educativas, distanciando-os dos afetos ou mesmo produzindo microviolências na convivência escolar.

Destaco que a educação escolar no contemporâneo é um desafio, na medida em que acolhe, em seu interior, microssistemas sociais com demandas diversificadas, em um espaço de convivência repleto de diferenças. Identifica-se que no Brasil a escola passa por mudanças, com o aumento das dificuldades cotidianas, que vêm sendo expressas no exterior do ambiente escolar, como as desigualdades, exclusão social e institucional, desemprego, a crise financeira, conflitos éticos, raciais e de valores. É nesse sentido que nasce a crença do senso comum de que a solução para todos esses problemas sociais se encontra no ambiente escolar. No entanto, a escola tornou-se um dos lugares mais propícios às violências.

Vivenciar uma escola em meio à grande quantidade de informações atuais só aumenta a necessidade de repensar-se o processo de formação docente, através da sensibilidade, criatividade e inovação no trabalho pedagógico entre discentes e docentes. A educação pode, assim, projetar-se como uma atmosfera positiva de produção e trocas de conhecimentos. Para isso, os/as professores/as precisam rever suas metodologias, de forma a mediar as aprendizagens pelos sentidos da sensibilidade, pois a educação escolar, a cada dia, torna-se complexa, na medida em que acolhe em seu interior microssistemas sociais com demandas diversificadas, em um espaço de convivência plural, repleto de diferenças.

Precisamos olhar, sentir e problematizar a educação em suas dimensões intercomunicantes, que está na encruzilhada de uma dinâmica social multifacetada, que precisa voltar-se para acolher as diversidades/diferenças para a construção de uma educação afetiva,

que ajude as escolas a recuperarem sua função, que é de formar cidadãos, despertar consciências críticas, produzir novos conceitos em meio às tradições hegemônicas de sua cultura.

Não pretendo com esse trabalho encontrar soluções para as violências nas escolas, ou qualquer outro problema ligado à convivência, mas entendo que ao pensar com os/as professores/as, criticamente, sua formação docente, desde o fazer pedagógico até as práticas educativas, a convivência entre docentes e discentes, estaremos ao mesmo tempo experimentando, problematizando e intervindo sobre o contexto escolar, pois a escola é feita a partir dessas relações, uma vez que as práticas não são escolares, elas são dos sujeitos da escola. Por isso, é por onde vamos trilhar esses escritos.

Chamo a atenção para a crítica sobre o ambiente escolar para que possamos libertar pensamentos e refletir mudanças. Não quero apontar culpados, mas sim, ver, tocar, ouvir, falar modos diferentes de pensar essa educação através de uma formação docente em sociopoética, que assume aqui um sentido peculiar, de movimentar a escola para ações interventivas efetivas, não mais aceitando o que está naturalizado, dado, fixo, mas descolonizando e revitalizando os sentidos e práticas da/na convivência escolar, tendo em vista que as violências permeiam as relações sociais e afetam diretamente o espaço escolar. Por isso, pensar na formação docente apresenta-se como fundamental para construir uma visão crítica e interventiva, que proponha alternativas para superarmos as violências, que são naturalizadas e disseminadas com frequência no dia a dia de escolas.

Ressalto a importância de uma docência-pesquisa, que segundo Corazza (2013), possibilita criar uma nova sensibilidade para lidar com as problemáticas contemporâneas. A educação pode ser definida como laboratório de produção de saberes que precisam perpassar as experiências de criação, através da invenção coletiva de modos de educar e aprender que não são fixos e nem se esgotam, pois são do campo das múltiplas possibilidades. No entanto, destaco que ainda temos um longo caminho a trilhar para que ocorra a quebra das velhas estruturas maçantes de ensino conteudista e mecânico:

Porém, nada disso acontecerá se a educação que fizermos for feita do mesmo jeito que nos educaram; se for uma educação igual àquela que todos fazem, fincada na tradição, na opinião ou no dogma; se for uma educação que achamos que dominamos, que temos certeza que sabemos fazer, que é só seguir as diretrizes X ou Y, o livro didático, a voz da experiência, ou aquilo que a faculdade nos ensinou. Em outras palavras, definitivamente, hoje, educar, por meio de certezas e de verdades verdadeiramente verdadeiras, não pode mais ser considerado educar. (CORAZZA, 2013, p. 98).

Assim, os desafios e perspectivas voltam-se para a necessidade de engajamento crítico e programas de aperfeiçoamento da práxis educativa, pois precisamos destacar que uma das

maiores ameaças à formação docente e à convivência nas escolas públicas do futuro é o desenvolvimento crescente de uma educação reprodutivista de ideologias instrumentalistas e discriminatórias, que enfatizam uma abordagem técnica, longe das reais necessidades da sala de aula. O pragmatismo da vida escolar precisa ser substituído pela invenção para que haja a quebra dessa padronização dos conhecimentos e da consequente desvalorização do trabalho de professores/as. (ESCUDERO; TRILLO, 2017).

Evidencia-se que o clima político e ideológico em nosso país atualmente não é favorável ao desenvolvimento de uma educação transformadora. Também não é comum haver uma preocupação com a formação docente para um educar para a convivência, tendo em vista as relações intersubjetivas na escola, relações em que professores/as exercitem sua sensibilidade de pensar sobre o que as crianças e os/as adolescentes pensam, sobre nossas relações afetivas nos espaços da escola: a sala de aula, o pátio, o lugar do lanche, o recreio, os espaços da diretoria. Questiono, então, como conviver na escola tendo em vista tantas violências?

Observo, revisitando as literaturas especializadas, que muitos são os trabalhos que procuram perceber o espaço escolar como sendo invadido pelo processo de violência social ocorrido no seu exterior. O que nos leva a refletir sobre uma cultura educacional capaz de ultrapassar esse modelo Ocidental de Educação voltado para a permanência de velhas estruturas preconceituosas e excludentes, constituídas nas instituições sociais, como o Estado, a escola, as Igrejas e a Família, que causam a imposição de uma educação de supremacia branca, patriarcal, heterossexual, que implica na opressão baseada em princípios de classe, etnia/raça, sexo/gênero, eliminando o que se difere do padrão.

Esses fenômenos alarmantes comprometem o ensino e reforçam o sofrimento de indígenas, negros, mulheres, crianças e adolescentes, LGBTQI+, pessoas com deficiência, que, como evidenciam os estudos, são os grupos mais atingidos pelas violências nas escolas (ABROMOVAY, 2018; VEIGA-NETO, 2011; MISKOLCI, 2012). A sexualidade, o racismo, a homofobia, os preconceitos e as discriminações sociais não são debatidos nem reconhecidos na maioria dos cursos de formação docente inicial e continuada, e como consequência dos projetos escolares. Mesmo sendo uma exigência assegurada pela adoção dos estudos transversais e interdisciplinares na educação básica, presente na Constituição Federal (BRASIL, 1988), nos Parâmetros Curriculares Nacionais (BRASIL, 1997), na Base Nacional Comum Curricular (BRASIL, 2017), nas Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Básica (BRASIL, 2013) e na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional – LDB nº 9.394 (BRASIL, 1996), que apontam a importância da reformulação de currículos, da educação infantil ao ensino superior, abarcando as diversidades sociais. Para Moreira e Candau:

A escola sempre teve dificuldade em lidar com a pluralidade e a diferença. Tende a silenciá-las e neutralizá-las. Sente-se mais confortável com a homogeneização e padronização. No entanto, abrir espaços para a diversidade, a diferença e para o cruzamento de culturas constitui o grande desafio que está chamada a enfrentar. (MOREIRA; CANDAU, 2003, p. 161).

Desta forma, construir uma educação para a convivência nos espaços escolares da Educação Básica remete-nos a pensar sobre a construção de uma cultura educacional que reflita sobre o sistema educativo brasileiro, que possui marcas profundas de violação dos direitos das diversidades/diferenças, dando prioridade aos conhecimentos dos povos marginalizados, sobre os quais as escolas e os currículos se calaram durante séculos de história da educação brasileira (SANTOS, 2010). Acredito na importância do desenvolvimento de projetos transversais, através de metodologias sensíveis, como a Sociopoética, que nos levem a refletir sobre a importância do respeito e da empatia pelas diferenças, promovendo lugares de fala e escuta para docentes e discentes em suas diversidades de classe, gênero, sexual, étnica, regional, social, individual e grupal, quebrando processos de dominação, que, historicamente, alimentam as desigualdades.

Assim, questiono-me acerca dos motivos que fazem com que eu tenha acompanhado, durante minha vida acadêmica, a educação para a convivência escolar, especificamente sobre as violências que ocorrem nesse espaço com crianças e adolescentes. O que me leva, hoje, a querer investigar as práticas e experiências educativas de educadores/as, seus processos formativos a partir da sociopoética para criar metodologias sensíveis e inovadoras para a convivência escolar? Penso nos processos de criação sensíveis e inovadores como resistências, como micropolítica – potência de vida que possibilita aos docentes outros modos de conviver e educar crianças e adolescentes. Para tanto, levo em consideração as potencialidades criadoras, as afirmações da vida em meio às violências que nos circundam e nos constituem, na contemporaneidade. Para Foucault (1995), é na atualidade que se encontram as forças que agem contra a história como uma verdade instituída, que respondem pela novidade, que fazem a diferença e que irrompem contra saberes instituídos.

Deste modo, para compor a justificativa desse tema, trago minhas próprias experiências enquanto discente e docente, trazendo minhas inquietações pessoais como bússola, pois a pesquisa está implicada na minha vida pessoal, atravessando minhas lembranças de uma escola autoritária e uma Universidade com lacunas na sua formação. Portanto, a escolha por esse tema de pesquisa está ligada ao que vivi, ouvi, senti e experienciei. Sendo o significado do que me toca, inspira, que me acontece e que às vezes treme, vibra e me faz pensar, convertendo esses

escritos em novos cantos (LARROSA, 2016).

Trajetos 2 – Encontrando-me nas Memórias tecidas pelos caminhos percorridos

Pensando a educação como um conjunto de acontecimentos, trago os passos que me levaram a pesquisar essa temática, narrando minha história de vida.

Comecei a estudar no início da década de 1990, como bolsista em uma escola particular no bairro Mocambinho, na cidade de Teresina-Piauí. Nessa escola, éramos acolhidos em longas filas ao sol para honrar a bandeira e cantar o Hino Nacional, depois rezávamos, sendo o disciplinamento dos corpos fator decisivo para manter o controle e a vigilância. Nessas filas, já sentíamos desde cedo as marcas do preconceito, pois se você apresentava algum tipo de estereótipo fora dos padrões tidos como ideais, ninguém colocava as mãos sobre seus ombros. Tornando-se motivo de chacota.

Aqui destaco o caráter homogeneizador e disciplinador da escola, apontado por Foucault (2014), segundo o qual a escola funcionaria como um dispositivo de controle e de docilização dos corpos e das subjetividades infantis e juvenis. Por isso, elucida-se que a escola, entre outras instituições, foi fundamental para a manutenção das desigualdades. Como demonstra esse autor:

O corpo humano entra numa maquinaria de poder que o esquadriha, o desarticula e o recompõe. Uma “anatomia política”, que é também igualmente uma “mecânica do poder”, está nascendo; ela define como se pode ter domínio sobre o corpo dos outros, não simplesmente para que se façam o que quer, mas para que operem como se quer, com as técnicas, segundo a rapidez e a eficácia que se determina. A disciplina fabrica assim corpos submissos e exercitados, corpos “dóceis”. (FOUCAULT, 2014, p. 135).

Falar de disciplinamento faz-me recordar que nesse momento das filas, gerava-se um conflito, às vezes silencioso, às vezes declarado. Ligado muitas vezes à criação da figura do anormal, do desviado, que atrapalha a dinâmica do espaço escolar. Aqui destaco o conceito de anormais, seguindo o pensamento de Veiga-Neto (2011, p. 105): “[...] os sindrômicos, deficientes, monstros e psicopatas (em todas as suas tipologias), os surdos, os cegos, os aleijados, os rebeldes, os pouco inteligentes, os estranhos, os GLS, os ‘outros’, os miseráveis, o refugio enfim”. Dessa forma, desde muito cedo fui aprendendo que a escola era lugar de silenciamento, pois enquanto vítima de violências, não podia expressar minha voz, uma vez que tinha medo de sofrer as retaliações dos agressores, o que me levava apenas a aceitar.

Outro momento difícil na escola, que perpassa minhas lembranças, era o horário do recreio, que para muitos seria de libertação, para mim e para tantos outros tidos como

“anormais” na escola, tornava-se exaustivo, pois meus colegas de classe riam dos meus cabelos, dos meus materiais escolares, dos meus traços negroides. Eu tinha todos os tipos de apelidos, passava pelas mais variadas formas de gozações, era encurralada nos corredores, onde me batiam; sentia, nessa época, uma repulsa pela escola, que se convertia em fortes dores de cabeça que nenhum médico solucionava.

Essa escola foi devastadora em vários sentidos. Por ser bolsista, muitas vezes era constrangida, sendo chamada à frente da sala como inadimplente, tendo que comparecer na direção, pois sem o pagamento da mensalidade não se poderia assistir às aulas. Por ser muito tímida e retraída, muitas vezes nem tinha coragem para falar que era bolsista, voltando para a sala apenas com a intervenção do meu irmão mais velho. Fiquei nesse espaço por longos 8 anos, até ser convidada a retirar-me da escola, pois ali, não se permitiria mais a presença de bolsistas.

Depois dessa primeira experiência fui matriculada em uma outra escola, no mesmo bairro, que aceitou minha bolsa de estudos. Essa escola era considerada lugar de balbúrdia por muitos, lembro que chorava muito, pois tinha medo do que viria pela frente. No entanto, foi nesse ambiente de “balbúrdia” que me apaixonei pela escola e pelas possibilidades que podemos vivenciar nesse espaço. Nesse novo ambiente, o respeito, as normas, os conteúdos eram construídos junto com os estudantes e suas famílias, em reuniões bimestrais; aqui passei por feiras de ciências, feira de inglês, festivais de música, arte e cultura; tínhamos acesso a rodas de conversa e palestras sobre temas variados, que passavam pela experiência de ser criança e adolescente. Nesse novo lugar não tinham filas, nem Hino, aprendia-se através das vivências coletivas, unindo espaço escolar e comunidade. Não se formava pensando no vestibular, era uma escola viva, repleta de desafios. Fiquei nessa escola da antiga 6ª até a 8ª série do Ensino Fundamental.

Depois desse período, já no Ensino Médio, meus pais decidiram novamente me mudar de escola, pois para eles, eu precisava estar em um ambiente que me preparasse para o vestibular. E a nova escola reacendeu os problemas da infância, e voltei a viver as questões do *bullying* na minha pele e na de amigos/as próximos/as, o que me desestabilizava e causava tristeza.

Passados os anos escolares, deu-se início aos trajetos acadêmicos. Prestei vestibular e fui aprovada, no ano de 2004, para o curso de Licenciatura em Pedagogia, pela Universidade Estadual do Piauí (UESPI), onde constituí-me como pesquisadora da temática das violências, ao integrar o Núcleo de Estudos e Pesquisas em Educação e Ciências Sociais (NUPECSO), em 2005, já no segundo ano de curso. A cada texto trabalhado no núcleo, uma nova perspectiva, um novo olhar mais aguçado, mais curioso.

Foi durante minha formação no curso de Pedagogia que percebi que as questões em torno dos problemas de convivência nas escolas, em especial as violências, sejam elas físicas ou simbólicas, explícitas ou encobertas, haviam ocupado espaços cada vez mais amplos no meu corpo, com lembranças de um ambiente escolar marcado por autoritarismo e desrespeito, pois essas práticas fizeram-se presentes em meus pensamentos, fortalecendo o desejo de analisar o pensamento de crianças e adolescentes sobre o que nos leva a viver em um ambiente violento, desigual e preconceituoso. Percebi, assim, que as violências nas escolas eram uma temática que faria parte do meu caminho como pesquisadora por muito tempo, pois a proximidade com o tema me proporcionou certa intimidade para conseguir interpretá-lo.

Em meio a esse contexto, é importante frisar que no curso de Licenciatura em Pedagogia da UESPI existiam somente as disciplinas de Educação e Movimentos Sociais, Fundamentos Antropológicos da Educação e a Sociologia da Educação como componentes curriculares que tratavam das questões sociais de forma mais aprofundada, trazendo temas relacionados às violências de gênero, sexualidade, raça e etnia. Deste modo, por meio desses componentes curriculares, da participação no NUPECSO, bem como na iniciação científica, tive a oportunidade de conhecer propostas de discussão sobre as diversidades/diferenças, compreendendo a escola como um espaço possível para a problematização de tais questões, e para a conseqüente potencialização de outros modos de educar, atravessados pelos discursos dos próprios sujeitos da escola, desnaturalizando os preconceitos e construindo relações sociais através da escuta e do diálogo.

De 2006 a 2009, fui contemplada com bolsas do Programa de Bolsa de Iniciação Científica PIBIC/UESPI no período de 2006/2007 e PIBIC/CNPq durante os anos de 2008/2009, sob a orientação do Prof. Dr. José da Cruz Bispo de Miranda, que me possibilitaram participar de projetos de pesquisa que me ensinaram a investigar tendo como parâmetro o estudo das dificuldades vivenciadas por crianças, adolescentes e docentes nas escolas da periferia de Teresina-PI. Desde aquela época, incomodava-me as precárias condições de trabalho dos docentes, pois esse formato de educação cartesiana, tecnicista, eurocêntrica em que se baseia a educação básica, não dá conta dos problemas da escola, o que me impulsionava a investigar a descolonização do saber, das experiências e dos saberes docentes que atravessava a vida de alunos/as e professores/as. Como bolsista, fazia visitas às escolas, acompanhava o desenvolvimento escolar das crianças e adolescentes do 5º ao 9º ano do Ensino Fundamental em instituições localizadas nas várias zonas da cidade. Ainda no decorrer desse processo de formação inicial, participei de eventos científicos, momentos em que foi possível realizar trocas de saberes com outros estudantes e docentes em relação ao tema em questão, constituindo-se

em tempos de amadurecimento a cada apresentação.

No ano de 2007, fui aprovada no Programa Seriado de Ingresso na Universidade (PSIU) da Universidade Federal do Piauí (UFPI), para o curso de Licenciatura em História. Uma das coisas que mais me chamavam a atenção nessa graduação era que parecia que tudo o que havia aprendido até então, em torno da História do Brasil e do Mundo, era “mentira”. A passagem por esse lugar de formação permitiu-me desaprender em torno das falas e teorias normalizadas que a escola havia me ensinado, para dar lugar a outras falas, outros saberes. Aprendi a escutar os invisibilizados da História, a rememorar minhas emoções e sensações, a ser míope e reaprender a enxergar, pois esse olhar acostumado com fatos precisava ir além, abrindo-se para outros sentidos, novas interpretações, novos olhares mais aguçados e curiosos. Naquele lugar de aprendizagem, mesmo aprendendo uma nova História, a fragilidade do currículo era um fator importante, pois as temáticas relacionadas às diversidades/diferenças eram ofertadas comumente em componentes curriculares de caráter optativo.

Nesse percurso, tornei-me então pesquisadora das violências, aprendiz de historiadora e educadora social, trazendo as discussões apreendidas para a construção do meu estudo monográfico nos anos de 2007 a 2009. Mergulhar no universo de um tema transversal à educação, como as violências, fez-me refletir, em especial, sobre a "Violência simbólica no espaço escolar, nas escolas da rede pública, zona leste, sudeste e norte de Teresina-Piauí"; e ao longo do tempo, fui tomada por curiosidades e anseios, ao iniciar o aprofundamento no tema citado e esboçar meus primeiros achados, buscando respostas aos vários questionamentos que me afligiam e me instigavam, pondo-me em movimento. Meu foco no período de escrita do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) da graduação em Pedagogia era pesquisar crianças e o corpo docente sobre as violências em escolas consideradas como as mais violentas da cidade.

Conheci, nessa mesma época, o pelotão escolar e o trabalho da polícia em escolas da região do grande Dirceu, que apresentavam altos índices de violência. O medo e temor por parte de todos que compunham o ambiente escolar era constante, já que uma das escolas pesquisadas era considerada rota de fuga de delinquentes juvenis; portanto, tiroteios e a venda de drogas não tinham hora para acontecer.

Aqui é importante destacar que no ano de 2008, em meio às pesquisas, assumi a função de professora de História e Geografia do Programa Mais Educação, do Ministério da Educação, que ampliava a carga horária das escolas estaduais e municipais com acompanhamento pedagógico nas diversas áreas de ensino. Foi como educadora de adolescentes do 7º ao 9º ano do Ensino Fundamental, que senti na pele as experiências de vida que ultrapassam os conteúdos escolares e que precisavam ser discutidas, problematizadas e vivenciadas de modo aproximado

e efetivo. Lembro-me que em uma de minhas turmas tinham 3 estudantes grávidas, em outra havia alguns alunos que iam para a escola apenas para vender drogas. Deparava-me, assim, com depredações, xingamentos, violências das mais diversas, agora como educadora, que se desdobrava para finalizar duas graduações e ajudar aqueles estudantes a acreditarem na educação.

E o que aprendi com esses estudantes? Aprendi que era necessário e urgente problematizar as questões sociais no espaço escolar. Foi então que além da História e Geografia trazidas nas páginas dos livros didáticos, fui reinventando a escola e minhas salas de aula com documentários, filmes, rodas de conversa, palestras educativas sobre temas ligados à sexualidade, ao respeito, à violência contra a mulher dentre outros que iam sendo reivindicados nos debates e discussões em sala de aula. Fui vendo no olhar daqueles estudantes sem perspectivas de uma continuidade nos estudos, uma esperança de aprender a partir de suas próprias vivências.

Assim, promover as aprendizagens dos educandos é envolvê-los, organizar seus processos de pensamento, explorando todas as dimensões do corpo e oportunidades de aprendizagens, fazer e refazer percursos criando procedimentos através de situações e elementos que lhes são próprios do dia a dia. Portanto, é função fundamental de professores/as considerar como ponto de partida para sua prática educativa os conhecimentos que os educandos trazem como bagagem, a história de vida, advindos das mais variadas experiências sociais, afetivas e cognitivas a que estão expostos, utilizando os conhecimentos prévios como referências vivas dos conteúdos trabalhados em sala de aula, estabelecendo estratégias didáticas para promover o desenvolvimento e a aprendizagem.

Aprendi que era preciso ressignificar a educação escolar para a participação dos discentes, pois eles/elas tendem a afastar-se de práticas educativas impositivas e desconectadas de suas vivências. Os conteúdos, as normas, o disciplinamento e as burocracias das escolas afastam os discentes de um exercício de participação nos processos de construção pedagógica e social das escolas. Para Dayrell (2007), os distanciamentos dos/as alunos/as das escolhas e planejamentos escolares, dentro dessa lógica hierárquica e de centralização do poder nos docentes, faz com que a escola mantenha-se distante dos desejos estudantis, o que provoca as violências, devido ao descompasso de pensamentos e ações da escola, que tenta impor um padrão que não tem conexão com as culturas, necessidades e identidades juvenis, o que gera um clima de tensão entre todos os sujeitos da escola.

Vivemos em um momento de construção de aprendizagens, em que a escola deve ter interesse pelos conhecimentos extraescolares que os estudantes injetam na instituição, sendo de

vital importância que o campo educacional amplie seu leque de possibilidades através da escuta ativa de estudantes sobre seus contextos reais. Segundo Carrano (2011), um dos grandes desafios da educação na contemporaneidade está na escuta de si e do outro, reconhecendo as experiências oriundas das mais diversas redes de comunicação, tais como: *internet*, grupos religiosos, grupos culturais juvenis em espaços-tempos educativos. Promovendo processos de aprendizagens que possibilitem selecionar conteúdos significativos frente ao vasto campo de informações, advindos das mídias digitais e das relações sociais, assumindo uma educação que vá além dos currículos escolares.

Nesse sentido, em 2009, finalizo o curso de Pedagogia com um TCC que demonstrou que “toda ação pedagógica é objetivamente uma violência simbólica enquanto imposição, por um poder arbitrário de um arbitrário cultural” (BOURDIEU, 1989, p. 20). Observei, como resultado dessa pesquisa, que o estilo de formação adotado pelo sistema de ensino carrega fortes contornos culturais da classe dominante, em que a educação segue moldes gerados por um único grupo, que impõe uma concepção de educação que se perpetua e monopoliza toda a estrutura educacional, reproduzindo assim as mesmas relações de força existentes nos âmbitos extraescolares, importando o sistema de ensino dominante para assegurar o monopólio da violência simbólica legitimada pela sociedade. Como dizem Bourdieu e Passeron:

A ação pedagógica é objetivamente uma violência simbólica, num segundo sentido, na medida em que a delimitação objetivamente implicada no fato de impor e de inculcar certas significações, convencionadas, pela seleção e a exclusão que lhe é correlativa, como dignas de ser reproduzidas por uma ação pedagógica, re-produz (no duplo sentido do termo) a seleção arbitrária que um grupo ou uma classe opera objetivamente em e por seu arbitrário cultural. (BOURDIEU; PASSERON, 1992, p. 22).

Agora Pedagoga, em 2009, inicio minha experiência como professora da Educação Infantil. Convivendo diariamente com crianças pequenas, fiz minha primeira travessia às avessas: troquei as velhas roupas normalizadas pela academia para aprender com o corpo todo, pois para educar as crianças não existe um modelo pronto, ou único. Aqui foi quando, em meu caminho, percebi que às vezes precisamos seguir trajetórias inversas, trocar de percurso para ensinar e aprender, pois na educação infantil, além da vida, dos conteúdos, as crianças expressam-se com abraço apertado, beijo e olhares curiosos, que às vezes riem, às vezes choram. Foi com as crianças que relembrei a arte e a potência criadora.

Então, adentrei na Especialização em Educação e Proteção Social pela UESPI (2009.2/2011.1), sob a coordenação da Profa. Dra. Shara Jane Holanda Costa Adad. Nesse novo lugar de formação surge a relação entre a arte, a educação e a sensibilidade presentes em todo

o curso, através do uso da abordagem sociopoética. O currículo dessa especialização provocava-me a desenvolver uma nova forma de pesquisar, com mais sensibilidade, um olhar mais atento, uma escuta sensível. Foi nessa formação que percebi a importância de pesquisar em grupo, de ver o corpo como fonte de conhecimento.

Ao final desse processo formativo, já havia me tornado educadora desde 2007, passando do ensino público ao privado, como profissional da educação básica. Foi na escola, enquanto professora, como educadora de crianças e adolescentes, que decidi que precisava de mais. O início da carreira é acompanhado por uma fase crítica, uma vez que nossa formação inicial universitária não dá conta da experiência prática, e, assim, precisamos enfrentar situações difíceis, tais como: as famílias, as turmas lotadas, a carga horária de trabalho excessiva, as teorias que não trazem respostas. Aqui me encontro com fantasmas antigos: a convivência nas escolas precisa ser questionada, analisada, descrita. Decidi então pleitear uma vaga na seleção de mestrado em Educação do Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGE/UFPI), no ano de 2011.

Posteriormente, no ano de 2012, já aprovada, embarquei no Mestrado em Educação na Universidade Federal do Piauí como bolsista da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES/Demanda Social). Na caminhada, surge no segundo semestre do curso a Profa. Dra. Shara Jane Holanda Costa Adad como minha orientadora do mestrado e, com ela, inseri-me no Observatório de Juventudes, Cultura de Paz e Violências na escola (OBJUVE), no Núcleo de Estudos e Pesquisas “Educação, Gênero e Cidadania” (NEPEGECI), e aproxime-me efetivamente da Sociopoética. Como pássaro que ressoa um canto novo, eis que surge uma nova linguagem para meus pensamentos. A participação nesses espaços de pesquisa e o aprofundamento sobre a abordagem sociopoética trouxeram potência de vida, pois extrapolavam meus conhecimentos, causando estranhamentos próprios ao não saber. E ao contrário do que eu imaginava, isso me potencializava, colocava-me em movimento e novos conhecimentos me atravessaram.

A sociopoética surge então em meu caminho como uma abordagem de pesquisa, de ensinar e aprender com fins de produção de conhecimento coletivo, que não se preocupa com os conceitos que já estão dados, demasiadamente naturalizamos, mas com a produção de novos conceitos, outras maneiras de problematizar a vida, os problemas. Adentrei a pesquisa poiética, palavra etimologicamente originário do grego *poiesis*, que significa criação, traz à tona as raízes de nossos pensamentos; já o termo sócio significa coletivo. Sociopoética, portanto, é a criação de conhecimento coletivo, pois é feita em grupo.

Cursar a disciplina de sociopoética, participando de um percurso (pesquisa + curso)

formativo naquele método, e ser orientada pela Profa. Dra. Shara Jane Adad proporcionaram-me, parafraseando Fernando Pessoa, “trocar as roupas usadas” definitivamente, pois no meu caminho não cabia mais esse fazer pesquisa de forma cartesiana, como comumente aprende-se na academia, visto que a Sociopoética possibilitava-me descobrir os problemas a partir do que mobilizava os grupos sociais, que, no meu caso, no mestrado em educação eram os 11 jovens copesquisadores do Centro Estadual de Educação Profissional “Prefeito João Mendes Olímpio de Melo” (PREMEN-NORTE), em Teresina-PI. A partir dessa abordagem foi possível promover naquele grupo a criação de novos problemas, novas formas de problematizar a vida, favorecendo a criação de confetos (conceitos + afetos) e conceitos desterritorializados, contextualizados no afeto e na razão, na imaginação e interação do grupo-pesquisador sobre as violências na relação com a convivência na escola.

Aqui preciso abrir um parêntese para expressar a importância do NEPEGECEI, do OBJUVE, da Sociopoética e da minha orientadora, a Profa. Dra. Shara Jane Adad. Nossas leituras, debates, discussões, participações em eventos possibilitaram-me perceber novas questões em torno da educação, trazendo nuances e perspectivas diversas sobre o pesquisar. Era ensinada diariamente a viver em bando, a produzir conhecimento em grupo, envolvendo todos os sentidos, através de experiências artísticas e corporais, que potencializavam novos saberes.

Identifiquei-me com a Sociopoética por ser uma abordagem de pesquisa capaz de transformar o ensino e as aprendizagens em saberes da experiência, pois se aprende a Sociopoética fazendo, a partir da análise sensível, inovadora e crítica da realidade na qual se deseja debruçar. Com essa abordagem, desvela-se o inconsciente de classe, de grupo, de gênero, de cultura e subcultura, de faixa etária, que atravessa as pessoas e os grupos. Por isso, tornou-se minha maneira de vivenciar a educação, acreditando nas possibilidades que os dispositivos da Sociopoética nos permitem experimentar, construindo assim, um imenso laboratório de invenção e criação, proporcionado por conhecimentos transversais.

Desde 2014, passei a atuar no ensino superior, como professora formadora na Universidade Aberta do Brasil (UAB), através do Núcleo de Educação a Distância (NEAD) da UESPI. Minha segunda passagem no ensino superior deu-se em 2015, no âmbito da UFPI, agora como professora substituta dos cursos de Pedagogia e História, de 2015 a 2017. Foi um momento ímpar para retomar minha pesquisa, principalmente por ministrar as disciplinas finais desses cursos, que me possibilitavam estar na Universidade e nas escolas ao mesmo tempo, acompanhando os estágios supervisionados, observando as práticas dos discentes em formação inicial. Com essa experiência, fui rememorando minhas aspirações.

Voltar às escolas com os discentes abriu-me perspectivas, pois a cada nova experiência, percebia os velhos problemas da escola sendo, mais uma vez, negligenciados nas teorias acadêmicas e nas discussões da escola. É preciso entender que preparar para os sistemas nacionais de avaliações em todos os níveis de ensino não deve ser função única da escola, esse espaço de conhecimento precisa aprender com alegria na convivência, tornando-se potência criativa, que desenvolva a sensibilidade ética e estética em nossa capacidade transformadora. A escola deve ser extensão do espaço da rua, em sentido amplo, como difusão, conexão, inclusão e ligação de ideias.

Esse retorno da pesquisa à escola, agora com a formação docente, desenvolvendo uma nova sensibilidade para afectos e perceptos, é uma forma de confrontar as teorias, ampliando os conhecimentos ali construídos, através da abordagem sociopoética. Possibilitando aos docentes a apropriação da Sociopoética, tornando-os multiplicadores de saberes produzidos de outros modos, que possibilita a escuta, o diálogo e a solução criativa aos problemas da convivência no contemporâneo.

As experiências profissionais e as trajetórias investigativas durante, especialmente, a graduação e o mestrado, foram traçando as linhas de interesse deste novo escrito, que se torna real com a chegada ao Doutorado em Educação, pelo Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGED/UFPI), em 2019, como bolsista da CAPES, e que justificam a vontade de pesquisar hoje a Formação Docente em Sociopoética e a construção de metodologias sensíveis e inovadoras para a problematização e potencialização de outros modos de convivência nas escolas no contemporâneo de professores/as de crianças e adolescentes da Rede Pública, tendo em vista as microviolências presentes nesse espaço educativo, na perspectiva da criação de experiências capazes de trazer à tona as questões da diversidade/diferença presentes no contexto escolar.

Desse modo, a ausência de temas transversais nos currículos de formação docente resume aqui as justificativas dessa pesquisa, pois enquanto pesquisadora da violência e convivência escolar, passei a compreender a necessidade urgente da Formação Docente para o desenvolvimento de práticas educativas inclusivas, que perpassem os afetos, as metodologias sensíveis construídas em currículos que abranjam as necessidades das diversidades de sujeitos no ambiente escolar. Dessa maneira, compreendemos que uma parte importante da competência da atuação dos/as professores/as nos espaços escolares e extraescolares tem estreita ligação com o processo de sua formação profissional, dos saberes adquiridos e também das experiências vivenciadas nos espaços escolares com os educandos e demais profissionais.

Trajeto 3 – Caminhos da Pesquisa sociopoética: tecidos da arte de inventar afetos

Promover uma pesquisa/formação também se justifica especialmente porque a sociopoética, com as práticas educativas pautadas nos princípios de pesquisar, ensinar e aprender coletivamente, com o corpo todo, com a valorização das culturas de grupos silenciados e de resistências, com dispositivos artísticos, com responsabilidade ética, política, noética e espiritual, estabelece uma diferença primordial nos processos educativos, pois descondiciona a percepção arraigada e constrói modos de pensar longe dos habituais modos de existir naturalizados e reproduzidos em nosso fazer pedagógico, especialmente os (pre)conceitos arraigados sobre o outro, o diferente.

Todas essas memórias, trajetos, lugares e experiências de vida possibilitaram-me observar as dificuldades e desafios acerca da formação docente, além de perceber a necessidade de aprofundamento das questões que os docentes produzem durante seu percurso profissional. Desse modo, em sintonia com todo esse cenário descrito, apresento como tese a formação em Sociopoética, como abordagem sensível e inovadora, que pode afetar os/as professores/as da Rede Pública Municipal de São Félix do Piauí-PI/BR, levando-os a pensar, problematizar e potencializar outros modos de convivência nas escolas, tendo em vista as violências presentes nesse espaço educativo.

Uma possibilidade que não é uma receita pronta nem um modelo a ser seguido, mas a produção de “verdades” provisórias, uma inspiração que possa ajudar professores e professoras das escolas públicas a (re)pensarem o convívio nos espaços da escola e as formas de realizar suas práticas educativas, pondo em movimento uma educação atenta ao seu tempo, à contemporaneidade. Uma educação sensível, inovadora, que provoque a (des)colonização do pensamento através de outras maneiras de ver, sentir, tocar, ouvir, degustar, ou seja, vivenciar as inter-relações na convivência escolar, ao inventar novas perguntas, outros conceitos que envolvem os afetos, intervindo para conhecer a realidade.

A proposta metodológica desta pesquisa segue as trilhas das pesquisas qualitativas, pois possibilita a compreensão mais detalhada dos significados, bem como das características essenciais dos locais e/ou sujeitos pesquisados, possibilitando uma riqueza de dados sobre o universo escolar. A pesquisa qualitativa, segundo Minayo (2014, p. 21-22) “trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis”.

Portanto, meu objeto de estudo trata-se de uma pesquisa-formação qualitativa com a abordagem Sociopoética, como método e técnica de produção de dados, de modo a problematizar a convivência escolar de crianças e adolescentes, destacando a descolonização de seus conceitos prévios, naturalizados, acerca das violências, formação docente e convivência escolar, possibilitando inclusive uma autoanálise de suas implicações no processo educativo – autoformação que potencialize construir uma educação que ligue a cultura escolar à arte do fazer cotidiano, valorizando os saberes experienciais e a potência da invenção de si e de outros mundos possíveis. Dando passagem também à formação continuada de docentes da Educação Básica, na expectativa de que esses sujeitos possam reelaborar em si, outra forma de conduzir suas ações educativas, como por exemplo, serem capazes de olhar com amor para as mais variadas situações e circunstâncias que se apresentam no dia a dia da sala de aula, uma nova forma de professores/as olharem e verem as crianças e adolescentes do seu convívio na escola.

Nessa direção, o meu problema de investigação é: Como a formação em Sociopoética, enquanto metodologia sensível e inovadora, pode contribuir para a problematização e a potencialização de outros modos de convivência nas escolas, propiciadas por meio da criação de conceitos mobilizados pelos afetos e pela autoanálise das práticas e experiências educativas de professores/as de crianças e adolescentes da Rede Pública Municipal de São Félix do Piauí-PI/BR?

Essa problemática elucida que o papel docente é fundamental na construção de práticas educativas para a convivência escolar e o acolhimento das diferenças. Assim, torna-se fundamental o desenvolvimento de atividades formativas na área da convivência escolar. Esse escopo amplia as ações das pesquisas anteriores, pois os lugares que habito hoje, e que me habitam, também se ampliaram. Em meio a esse problema de pesquisa, outras questões foram essenciais para dar subsídio aos objetivos operacionais desse estudo, tais como: **1.** Como a formação em Sociopoética, enquanto metodologia sensível e inovadora, pode sensibilizar os/as professores/as de crianças e adolescentes da Rede Pública Municipal de São Félix do Piauí-PI/BR a pensar, problematizar e potencializar outros modos de convivência nas escolas? **2.** Como os/as professores/as de crianças e adolescentes da Rede Pública Municipal de São Félix do Piauí-PI/BR sensibilizam-se ou deixam-se afetar pelos problemas que envolvem a convivência na escola no contexto da formação em sociopoética? **3.** Que conceitos mobilizados pelos afetos (confetos) e pelas experiências são criados pelos/as professores/as de crianças e adolescentes da Rede Pública Municipal de São Félix do Piauí-PI/BR, na formação em sociopoética, acerca de problemas da convivência na escola? **4.** Que outros modos de pensar a convivência na escola são potencializados pelos conceitos mobilizados pelos afetos e pelas

experiências educativas criadas pelos/as professores/as no contexto da formação em Sociopoética? **5.** Até que ponto a formação docente em sociopoética favorece a professores/as de crianças e adolescentes da Rede Pública Municipal de São Félix do Piauí-PI/BR a autoanálise das suas práticas e experiências educativas acerca da convivência escolar?

Para Freire (2003), essa formação seria uma forma de prática humanizadora, que visa ao sujeito histórico e social e que contribui para uma atuação mais adequada, mais amorosa e respeitosa. Isso também quer dizer que a prática educativa, como uma intervenção necessária, cria situações para que os sujeitos da educação possam interagir, ampliando suas capacidades de criar por si mesmos seus conceitos permeados de afetos, dando consistência aos problemas que os mobilizam cotidianamente, ampliando sua capacidade de atuar, de aprender, de se comunicar consigo, com o outro e com o mundo.

Nesse contexto, a perspectiva desta pesquisa é pensar a escola como lugar de criação, sendo necessário aprender a conviver (DELORS, 1999), num processo constante de invenção de si e dos outros no cotidiano de práticas educativas que atravessam as experiências plurais, que é capaz de sensibilizar e inovar o ensino e as aprendizagens, através de metodologias que inspirem e estimulem, principalmente os/as docentes a acolherem os/as discentes em suas diferenças, através de outros modos de educar e de viver.

Dessa forma, delineei como objetivo geral dessa investigação: compreender as contribuições da formação docente em Sociopoética, enquanto metodologia sensível e inovadora, para a problematização e potencialização de outros modos de convivência nas escolas no contemporâneo de professores(as) de crianças e adolescentes da Rede Pública Municipal de São Félix do Piauí - PI/BR. Para conseguir concretizar tal objetivo, delimitei os seguintes objetivos específicos, que buscam: **1.** Descrever como os/as professores/as de crianças e adolescentes da Rede Pública Municipal de São Félix do Piauí-PI/BR sensibilizam-se ou deixam-se afetar pelos problemas que envolvem a convivência na escola, no contemporâneo, no contexto da formação em sociopoética; **2.** Identificar os conceitos mobilizados pelos afetos (confetos) e pelas experiências educativas de professores/as de crianças e adolescentes da Rede Pública Municipal de São Félix do Piauí-PI/BR acerca de problemas que envolvem a convivência na escola no contemporâneo; **3.** Analisar que outros modos de pensar a convivência na escola são potencializados pelos conceitos mobilizados pelos afetos e pelas experiências educativas criadas pelos/as professores/as no contexto da formação em Sociopoética e **4.** Favorecer aos/as professores/as de crianças e adolescentes da Rede Pública Municipal de São Félix do Piauí-PI/BR a autoanálise das suas práticas e experiências educativas acerca da convivência escolar no contemporâneo.

E como pensar uma formação nessa direção? A proposta desta pesquisa é fazer uso da abordagem Sociopoética numa formação docente, de modo a proporcionar aos/as docentes da Rede Pública Municipal de São Félix-PI/BR aproximação com essa metodologia sensível e inovadora, na qual, como já foi dito, aprende-se a fazer fazendo, tornando possível o pensar, o problematizar e o potencializar de outros modos de convivência nas escolas. Propor uma formação em sociopoética para transformar, transver e transcriar a educação, atravessada pela construção coletiva do conhecimento, especialmente com o uso da arte como disparador de zonas adormecidas do corpo, intervindo para conhecer a realidade com vivências em oficinas sobre temas geradores de interesse de seus discentes. É como plantar sementes de vivências e sentidos, que brotaram em forma de árvores frutíferas, criando condições para que professores/as transformem a educação em um encontro altruísta, um rizoma de emoções que possibilitam o sentir-pensar, intervenção necessária para o conhecer aproximado dos espaços e sujeitos da educação, seus problemas e modos de atuar nos conflitos, inventando saberes e aprendizagens, outros modos de conviver na escola.

Desse modo, esta pesquisa constitui-se de significativa relevância, por analisar as contribuições da formação em Sociopoética, enquanto metodologia sensível e inovadora, para a problematização e potencialização de outros modos de convivência nas escolas no contemporâneo, sendo realizada com 6 professores/as de crianças e adolescentes do 6º ao 9º ano do Ensino Fundamental, com idades entre 21 e 45 anos, da Escola Pública Municipal Presidente Castelo Branco, localizada na Rua Luís Mora, S/N, no Povoado Buriti do Castelo, Escola da Rede Municipal de Ensino de São Félix do Piauí-PI/BR. Esses profissionais, que compõem o grupo-pesquisador, já haviam participado anteriormente de uma Jornada Pedagógica, que será posteriormente descrita com maiores detalhes, realizada pela Secretaria de Educação e Cultura, nos dias 1, 2 e 3 de agosto de 2019, ministrada por mim, juntamente com minha orientadora, a Profa. Dra. Shara Jane Holanda Costa Adad e as professoras Thaysa Tâmara Maciel dos Santos e Profa. Ms. Mayara Danyelle Rodrigues de Oliveira, integrantes do NEPEGECI e OBJUVE.

Nessa jornada, tivemos três temáticas em destaque, sendo a primeira a “Educação para os afetos contra a violência”; a segunda “O que há de afrodescendente em mim?”, e, por fim, a terceira temática, que foi “Alegria na escola: onde está? Não sei, vamos encontrar?”. Na jornada, trabalhamos a partir de rodas de conversas, mesas redondas e oficinas sociopoéticas com dispositivos artísticos. O tema gerador escolhido para o Círculo de Cultura sociopoético pelos/as professores/as foi a “Educação para os afetos e a Afrodescendência”.

A escolha pela temática estava dentro dos objetivos do Selo Unicef, que é uma iniciativa

do Fundo das Nações Unidas para a Infância (UNICEF) para estimular e reconhecer avanços reais e positivos na promoção, realização e garantia dos direitos de crianças e adolescentes em municípios do Semiárido e da Amazônia Legal brasileira, que se preocupassem com a implementação de ações que ajudassem o município a cumprir a Conversão sobre os Direitos da Criança, que no Brasil é refletida no Estatuto da Criança e do Adolescentes – ECA (BRASIL, 1990). No caso, a ação escolhida foi essa Jornada Pedagógica, a fim de estimular os docentes a desenvolverem projetos pedagógicos e sociais de acolhimento às diferenças, no caso, em especial contra as Violências nas escolas, tendo como destaque o combate ao Racismo.

Segundo informações prestadas em entrevista informal com a Sra. Giumaura Oliveira de Moura, Secretária de Educação e Cultura do Município de São Félix do Piauí-PI/BR, as escolas da localidade vêm, nos últimos anos, desenvolvendo uma pedagogia de projetos, ligada aos quatro principais objetivos do Selo UNICEF, que se trata: (1) Alcançar crianças e adolescentes excluídos das políticas públicas; (2) Melhorar a qualidade das políticas públicas já existentes para crianças e adolescentes; (3) Prevenir e enfrentar as formas extremas de violência contra crianças e adolescentes e (4) Promover a participação da comunidade, especialmente de adolescentes.²

De acordo com a Sra. Giumaura Moura, essas escolas vêm promovendo um projeto-piloto intitulado Núcleo de Participação e Desenvolvimento de Adolescentes (NUCA), no qual trabalham com adolescentes de 12 a 18 anos de idade, promovendo ações sugeridas pelo UNICEF, que promovem o desenvolvimento de campanhas de inclusão social, envolvendo temáticas como o “Combate ao Abuso e à Exploração Sexual de crianças e adolescentes, Violências nas escolas, Empoderamento Feminino, Luta e Combate contra o Racismo. O projeto é desenvolvido através da Secretaria de Educação e Cultura do Município de São Félix do Piauí-PI, junto às escolas, à comunidade, às famílias, às crianças e aos adolescentes, promovendo palestras, produção de vídeos, debates que mobilizam a comunidade em torno de temas transversais à educação e necessários para a convivência.

Assim, em 2020, as escolas da Rede Municipal de São Félix do Piauí-PI/BR tornam-se objeto dessa Tese, devido ao entusiasmo apontado nas falas dos/as professores/as durante a Jornada Pedagógica vivenciada com sociopoetas, que os motivou a desejar conhecer melhor e aproximar-se dessa abordagem, através de cursos de extensão que promovessem uma qualificação na área, abrindo espaços para a criação de novas metodologias para a sala de aula.

Nesse sentido, a perspectiva dessa pesquisa é, portanto, pensar uma formação docente

² Dados do site do Selo UNICEF <https://www.selounicef.org.br/sobre>

em sociopoética como um processo de invenção/criação no cotidiano da vida e das práticas escolares, por onde atravessam as experiências metodológicas, principalmente a de docentes, sujeitos que embora também sofram violações nas condições de trabalho, constituem as sementes, em terreno fértil para criação de outros modos de educar; através de intervenções sociopoéticas no pesquisar, ensinar e aprender coletivamente na produção e socialização dos conhecimentos coletivos produzidos na comunidade, favorecendo o desenvolvimento, na escola, de práticas educativas inclusivas no sentido amplo do termo.

Assim, para a compreensão de como aconteceu esta travessia da pesquisa, apresento a seguir a síntese descritiva de cada uma das seções que compõem a Tese, a saber:

Na seção 1, **Introdução: “É preciso se perder pra poder se encontrar”**, delinee os três trajetos percorridos para o esboço dessa pesquisa de formação docente em sociopoética como metodologia sensível e inovadora para a convivência escolar.

Na seção 2, **Formação docente: saberes e práticas educativas moventes**, subsidiada por autores tais como: Brandão (2007), Tardif (2014), Dias (2012), Freire (1996, 2014, 2016), Giesta (2001), Larrosa, (2016), Miskolci (2012), Abramovay (2006), Mosé (2014), entre outros, discuto primeiramente as possíveis relações entre formação docente e as práticas educativas como forma de produção de novos saberes através da intervenção dialógica e das experiências, de modo a apresentar uma discussão teórica que permeia as concepções da formação e práticas educativas, no que concerne à convivência nas escolas. E, por fim, apresento uma investigação sobre os desafios contemporâneos da Educação escolar brasileira, problematizando as violências e potencializando outros modos de convivência nas escolas, direcionando as reflexões para o âmbito das práticas educativas entre docentes e discentes, levando-os a pensar o ensino e a pesquisa na formação cidadã, despertando a consciência crítica, produzindo conhecimentos plurais e tomando conhecimento da ligação necessária entre a cultura escolar e a cultura juvenil.

Em **Trajetos metodológicos: a sociopoética emaranhando cabaças**, seção 3, destaco a importância da Sociopoética e seus cinco princípios, apresentando-a como abordagem filosófica de pesquisa, que permite a criação do conhecimento coletivo com a formação do grupo-pesquisador e o uso da arte como dispositivo que potencializa os corpos, dando abertura para que os docentes possam construir uma prática educativa capaz de modificar seu fazer, transformando realidades educativas estáticas numa educação em movimento. Em seguida, descrevo os primeiros contatos com o território da pesquisa para a negociação.

Na seção 4, **Negociando os trajetos do Percurso (pesquisa + curso): “Formação docente em sociopoética como metodologia sensível e inovadora na convivência escolar e**

formação de multiplicadores do método na escola”, discorro sobre o processo de negociação da pesquisa, os procedimentos para a formação do grupo-pesquisador e o planejamentos de nossas ações, apresentando as primeiras experiências vivenciadas, trazendo como destaque os dados para identificação dos sujeitos da pesquisa (copesquisadores) para a construção do perfil dos participantes, bem como a análise do território, contribuindo para a composição dos dispositivos planejados e escolhidos para o desenvolvimento da capacitação docente através do **Pescurso (Pesquisa + Curso)**. Sendo importante destacar o uso do Diário de Itinerância, que contribuiu para registrar a trajetória da investigação.

Em **Pescurso (Pesquisa + Curso) de formação em sociopoética na relação com a convivência na escola: a poética do grupo-pesquisador**, seção 5, discorro sobre o processo de criação das técnicas da pesquisa, descrevendo o **Pescurso** e apresentando as oficinas de produção de dados, com as técnicas “As cabaças e A árvore da Formação em Sociopoética na relação com a Convivência na Escola” e “Objetos geradores e a Mandala da formação em Sociopoética na relação com a convivência na escola”, com a participação de 6 copesquisadores, docentes do 6º ao 9º ano do Ensino Fundamental. Nas oficinas realizamos atividades artísticas, práticas corporais e relaxamentos para as produções dos dados coletivamente.

Na seção 6, **Linhas que se cruzam: cartografias poéticas do grupo-pesquisador**, descrevo os procedimentos de análise dos dados essenciais ao método sociopoético, assim como exponho como se deu a análise classificatória dos relatos orais produzidos durante as oficinas, levantando as principais categorias do pensamento do grupo-pesquisador.

Nas seções 7, **Formação em Sociopoética na relação com a Convivência na escola exige sensibilidade para a aceitação do novo**; 8, **Formação em sociopoética na relação com a convivência na escola exige parcerias para transcriar a escola**; 9, **Formação em Sociopoética na relação com a convivência na escola exige a aceitação do novo a partir da família** e 10, **Formação em Sociopoética na relação com a Convivência na escola exige aceitação do novo para descolonizar a educação** apresento os estudos transversais dos dados produzidos pelo grupo-pesquisador, colocando em evidência as problemáticas levantadas, bem como os principais confetos criados no momento da análise classificatória. Nesse momento, coloco os dados em diálogo com teóricos cujas obras referenciam essa pesquisa. Apresentando os resultados da pesquisa, bem como algumas ponderações e considerações sobre eles, observando pontos essenciais para a transformação da educação através dos destaques na dimensão **Formação em sociopoética na relação com a convivência na escola**, enfatizados pelo grupo-pesquisador. Na busca por compreender as respostas dos/as docentes em relação aos

outros modos de pensar a convivência na escola, que foram potencializados pelos confetos e pela descrição de suas experiências educativas, abordadas durante as oficinas de formação em sociopoética. Trazendo também a autoanálise das suas práticas e experiências educativas acerca da convivência escolar no contemporâneo, discutindo, a partir das falas do grupo-pesquisador, alguns aspectos relevantes para as motivações, as conexões e realizações de práticas educativas humanizadoras dentro e fora da escola. Assim, nesse movimento de criação de novas metodologias sensíveis e inovadoras para ensinar e aprender na escola, educadores/as participantes da pesquisa elencaram mudanças capazes de proporcionar aberturas epistemológicas, evidenciando a necessidade do fomento e incentivo de outros modos de convivência na escola, ensinados a partir da aceitação do novo, da sensibilidade, do amor, da alegria, das parcerias, do acolhimento das famílias, de novas formas avaliativas e da coragem para descolonizar a educação; através de um ensino para a inclusão das diversidades e diferenças, protagonizado por todos os sujeitos de dentro e fora da escola.

Por fim, na seção **Inconclusões: deixando a ciranda aberta para novas invenções**, apresento alguns dos achados e resultados da pesquisa, abrindo a ciranda a novas reflexões sobre a importância da formação docente em sociopoética na relação com a convivência na escola, deixando esses trajetos aberto a novas investigações.

Assim, delineei os motivos que me fizeram pesquisadora da convivência na escola, descrevendo os trajetos dessa pesquisa desde a pergunta problematizadora, passando pelo uso da abordagem sociopoética como metodologia, destacando os objetivos gerais e específicos desse trabalho, além, é claro, das justificativas pessoal, acadêmica e profissional. Nessas primeiras linhas do trajeto dessa pesquisa, discorro sobre assuntos fundamentais, que se entrelaçam, tais como: formação docente, violências e convivência nas escolas, metodologias sensíveis e inovadoras, problematização e potencialização da educação e outros modos de educar no contemporâneo. Apresento também a metodologia Sociopoética que foi pensada e aplicada, alicerçando a produção e análise dos dados. Finalmente, descrevi a organização dos capítulos. Na próxima seção, discorro sobre a formação docente, pensando seus desafios e possibilidades, e, posteriormente, apresento os desafios contemporâneos da educação escolar brasileira, problematizando as violências e potencializando outros modos de convivência nas escolas.

2 FORMAÇÃO DOCENTE: SABERES E PRÁTICAS EDUCATIVAS MOVENTES

Figura 1 - Formação Docente em Sociopoética: uma Pedagogia Movente



Fonte: Arquivo Pessoal da Pesquisadora (2020).

“Me movo como educador, porque, primeiro, me movo como gente”

(Paulo Freire)

Nessa seção, apresentamos o levantamento teórico inicial sobre os principais pontos de destaque desta discussão, focando nas questões relacionadas à formação docente, buscando as pistas para a implementação de uma prática educativa voltada para a convivência escolar, através do uso de metodologias sensíveis e inovadoras para a construção de novos conhecimentos. Entendemos, assim, que essa discussão é fundamental para a compreensão desse estudo, uma vez que o foco da pesquisa em questão encontra-se nos saberes docentes necessários para as práticas educativas a partir das experiências, por isso, consideramos importante discorrer sobre as possibilidades de mover-se para a transformação da educação.

Prosseguindo essa construção, temos a identificação, no tópico dois, dos desafios contemporâneos para a problematização das violências como forma de amenizar as situações de conflito, potencializando a convivência afetiva.

2.1 Formação docente: desafios e possibilidades de mover-se pelo labirinto da escola

Falar em formação docente, tanto inicial como continuada, nos últimos anos, vem sendo uma preocupação constante para a educação, pois juntamente com a escola, ela vem apresentando e ganhando novos contornos para atender às transformações aceleradas da sociedade. No Brasil, os processos formativos são levados a refletir e problematizar a escola de forma que possam sentir, olhar, escutar e pensar a educação considerando as singularidades das situações de ensino presentes na dinâmica cultural, social e econômica do país.

A escola, historicamente, tem mantido modelos hegemônicos e conservadores na execução de seu trabalho, estabelecendo um sistema cartesiano de ensino ligado à reprodução de conteúdo, dentro de um sistema de vigilância, punições e recompensas, que acaba por moldar o que se pode ensinar e aprender, limitando as oportunidades de criar outros modos de educar. Uma condição para o aperfeiçoamento da educação escolarizada pode estar na compreensão de que a formação continuada se dá pela ação de mover-se, reinventando formas de ensinar e aprender. Assim, é importante que professores/as passem a considerar as questões da prática educativa como formas de buscar soluções aos problemas do cotidiano, despertando neles/as uma responsabilidade por uma constante autoformação.

Como sabemos, ao longo do tempo a profissão docente vem tornando-se cada vez mais complexa, conectada aos contextos social, econômico, político e cultural, que, por sinal, vêm sendo transformados vertiginosamente pelo processo de desenvolvimento tecnológico e científico numa escala global. Desse modo, as mudanças sociais acabaram por trazer à tona a necessidade de refletirmos sobre as diversidades e diferenças na educação, através do desenvolvimento de atitudes, de capacidades, modos de ser e existir que levem em consideração o respeito, reconhecendo e valorizando as diversidades pessoal, cultural e social dos estudantes, destacando as questões da equidade, tão importantes para a garantia efetiva dos direitos de todos/as a uma educação pública de qualidade. Outro fator importante, a ser pontuado na ação pedagógica na atualidade, é o estabelecimento de relações e alianças com as famílias e com a comunidade em que as escolas estão inseridas, fazendo surgir sinergias sociais e comunitárias, tecendo novas tramas através do diálogo entre todas as instituições educativas.

Para Formosinho (2009), é na interação dos professores com as crianças, os

adolescentes, as famílias e as comunidades que acontecem os principais momentos de aprendizagens, que são fundamentais à profissão docente. É no confronto com as situações reais do cotidiano, com os problemas das diversidades e diferenças, que podemos aprender outra forma de ver o mundo, o que contribui para aprendizagens significativas aos saberes com/entre os/as estudantes e consigo próprio, tendo em vista a finalidade última da educação, que é promover cada um/a como cidadão/ã.

Observamos, dessa forma, que educar no contemporâneo é um desafio, na medida em que vivemos cercados de informações a serem aprendidas, presentes na escola, nas ruas, nas mídias sociais; portanto, estamos sempre aprendendo algo novo o tempo todo, seja de forma intencional ou não. O convívio social e a própria *internet* estão sempre atualizando nossas dúvidas e questões. Como nos lembra Brandão (2007, p. 9): “Não há uma forma única nem um único modelo de educação; a escola não é o único lugar onde ela acontece e talvez nem seja o melhor; o ensino escolar não é a sua única prática e o professor profissional não é o seu único praticante.”

No entanto, aprender tem uma conexão profunda com ensinar, e quando pensamos nas instituições educativas, logo entra em destaque a formação docente, que devido à emergência de novos paradigmas, vem sendo questionada por suas habilidades técnicas, que não são mais suficientes para a preparação profissional, o que vai abrindo lacunas e a necessidade de reflexões sobre o trabalho pedagógico desenvolvido nas escolas, pelos seus educadores. Como destacamos nas palavras de Tardif:

[...] O saber dos professores não é um conjunto de conteúdos cognitivos definidos de uma vez por todas, mas um processo em construção ao longo de uma carreira profissional na qual o professor aprende progressivamente a dominar seu ambiente de trabalho, ao mesmo tempo em que se insere nele e o interioriza por meio de regras de ação que se tornam parte integrante de sua “consciência prática”. (TARDIF, 2014, p. 14).

Ou seja, nosso processo de formação é constante, presente durante toda a nossa trajetória, construído a partir de nossas experiências pessoais, profissionais, que vão transformando as ações e saberes dos docentes a partir das suas práticas cotidianas em turmas heterogêneas, que possibilitam a prática profissional. Sendo que esses saberes presentes na realidade social, que vão sendo materializados através da formação docente, das práticas educativas, das disciplinas trabalhadas ao longo do percurso, tornam-se os saberes da experiência. E por que é importante refletirmos sobre nossas práticas educativas? Aqui é importante ressaltar que o/a educador/a precisa investigar sua prática, a fim de conhecê-la e transformá-la.

Para Donald Schön (2000), os profissionais da educação não podem ser meros técnicos, pois não existem receitas prontas para aprender e ensinar. A situação profissional de professores/as exige uma reflexão em e sobre a prática, dando sentido às experiências e construindo as práticas educativas. É preciso entender que seus saberes nem sempre darão conta das necessidades diárias presentes no exercício da profissão, em que a criatividade e a inovação no trabalho pedagógico precisam ser tema frequente nas aprendizagens docentes, visto que os ensinamentos técnicos que aprendem na academia não dão conta das situações do dia a dia, e o professor precisa desenvolver competências que ultrapassem a técnica.

De acordo com Benassuly (2002, p. 190): “Falar de professores reflexivos é proporcionar-lhes elementos por meio dos quais possam romper com ideologias tecnocráticas e instrumentais que, na maioria das vezes, perpassam sua prática cotidiana”. É preciso tornar-se um profissional reflexivo, que busca desenvolver soluções por meio de tentativas para ir superando seus limites frente às situações da escola, analisando, elaborando e reelaborando suas práticas numa constante ação-reflexão-ação capaz de trazer soluções aos conflitos, possibilitando o desenvolvimento profissional.

O entendimento dos/as professores/as sobre os saberes necessários à educação precisa ir além dos currículos, dos livros didáticos e dos programas escolares. O professor reflexivo de sua prática vai perceber seus saberes como plurais, heterogêneos, pois envolve seus conhecimentos adquiridos no próprio exercício da profissão, provenientes de várias fontes, sendo um saber temporal, adquirido no contexto de sua história de vida e de sua carreira. Segundo Tardif (2014, p. 21): “[...] os saberes oriundos da experiência de trabalho cotidiana parecem construir o alicerce da prática e da competência profissionais, pois essa experiência é, para o professor, a condição para a aquisição e produção de seus próprios saberes profissionais”.

Desse modo, temos o primeiro desafio da formação docente, pois ela não pode ser discutida ou apreendida sem que se leve em conta os problemas da construção dos conhecimentos e das aprendizagens, já que um fator importante é compreender que as vezes é necessário o imprevisto, não havendo tempo para refletir, necessitando, o/a professor/a, estar motivado para construir respostas também no imediato das situações. Entendemos a formação como lugar de aprendizagem, que não cabe apenas as habilidades e competências para ensinar, mas que na verdade é um território de formação inventiva. Para Dias:

O problema da formação inventiva de professores coloca em análise nossa capacidade de lidar com a alteridade, com a diferença que circula na formação e que também nos habita. Com isto, é possível afirmar que formação não é simplesmente dar forma ao futuro professor, mas produzir um território que compõe como campo de forças criando ética, estética e politicamente outras

formas de habitar, de pensar e de fazer formação. E nesse contexto, a arte funciona como um intercessor que, por resistir, cria espaço e tempo para a invenção de maneiras outras de estar no campo da formação de professores. (DIAS, 2012, p. 30).

Nesse sentido, ser professor/a configura-se como um espaço de criatividade para a resolução dos conflitos cotidianos, sendo preciso um saber-fazer que possibilite desenvolver ações, mesmo quando não planejadas, que trazem respostas à prática educativa. Essas ações fazem parte da criação, que forma e deforma saberes docentes, desenvolvendo formas de agir numa autonomia profissional que só as experiências permitem construir.

No livro intitulado “Educação: um tesouro a descobrir”, em seu capítulo quatro, Delors (1999) coloca em destaque os quatro pilares da educação, resultantes da Conferência Mundial de Educação para Todos (Jomtien, Tailândia, 1990), na qual se definiu que “à educação cabe fornecer, de algum modo, os mapas de um mundo complexo e constantemente agitado e, ao mesmo tempo, a bússola que permite navegar através dele”. (DELORS, 1999, p. 89). As quatro aprendizagens fundamentais, os pilares do conhecimento são, segundo esse autor: **aprender a conhecer** (capacidade de compreender o apreendido), que se trata da necessidade de aprender-se a lidar com os saberes; **aprender a fazer** (capacidade de ação sobre o meio a partir da aprendizagem), que promove a incorporação de competências que tornem as pessoas aptas às diferentes situações de trabalho e às atividades coletivas; **aprender a viver juntos** (participação e troca de experiências com os outros, cooperando para o entendimento e melhor assimilação dos conhecimentos), que trata do aprender a lidar com os conflitos e tensões existentes a partir da diversidade, reconhecendo o outro e respeitando o pluralismo de ideias; e **aprender a ser** (soma de todas as demais aprendizagens, que resulta na formação integral do indivíduo para atuar na sociedade), a fim de desenvolver a personalidade de cada ser humano, buscando os saberes docentes da ação com autonomia, discernimento, empatia e responsabilidade social.

Compreendemos que esses pilares são parte importante da competência da atuação dos/as professores/as nos espaços escolares e extraescolares, mantendo estreita ligação com o processo de formação profissional dos saberes adquiridos e também das experiências metodológicas vivenciadas nos espaços escolares com os educandos e demais profissionais. Como pontua Freire (1996, p. 23): “Não há docência sem discência, as duas se explicam e seus sujeitos, apesar das diferenças que os conotam, não se reduzem à condição de objeto, um do outro. Quem ensina aprende ao ensinar e quem aprende ensina ao aprender”.

Nessa perspectiva, a prática docente, em especial a voltada para a convivência nas escolas, deve incluir uma pedagogia que respeite a diversidade de formas de ser criança e adolescente em nosso país, ajudando na formação das identidades desses indivíduos que se

constroem como seres humanos. Deve preocupar-se com uma prática que seja significativa e condizente com a realidade na qual esses sujeitos plurais estão inseridos.

Verifica-se que na escola, como fábrica de pessoas, como bem nos lembra Foucault (2014), não é mais aceitável para a conjuntura atual a natureza das relações sociais estabelecidas pelos professores/as, gestores/as, estudantes, funcionários/as e famílias, que necessitam voltar suas ações para a convivência, ligando os saberes docentes ao prazer em aprender e ensinar, envolvendo todos os sujeitos em suas decisões e planejamentos. Uma escola participativa e democrática dará sentido às aprendizagens, integrando questões até então excluídas da formulação de seus currículos, estimulando crianças e adolescentes a participarem e aprenderem a resolver seus conflitos de um outro modo, criando condições de valorização da vida em meio às múltiplas formas de ser, funcionando como resistência às exclusões e luta contra as injustiças.

A convivência no ambiente escolar muitas vezes reproduz valores excludentes, sendo constituída de repetições: os conteúdos, as normas, os discursos dos educadores, o disciplinamento dos corpos dos estudantes; até as práticas educativas buscam tecnologias pedagógicas para docilizar seus comportamentos, prejudicando as aprendizagens criativas. O condicionamento das crianças e adolescentes traz o fracasso para a escola. Nas palavras de Mosé (2014, p. 82-83): “A escola, cada vez mais, deverá ser um espaço aberto, e a educação, inevitavelmente vinculada à cultura. [...] Se não houver vida naquilo que aprendemos, então não há educação, formação e muito menos aprendizagem”.

A escola deve ser, portanto, um espaço vivo de construção de saberes. É preciso compreendê-la como um espaço inserido em um mundo multicultural (CANDAU; MOREIRA, 2008), que pode ser transpassado por uma variedade de identidades. Dessa forma, construir a consciência sobre nossas práticas educativas torna-se importante, pois a representação da responsabilidade dos docentes apenas com o domínio dos conteúdos específicos das disciplinas não provoca mudanças; a escola permanece inerte, e como centro de interações, explodem os conflitos comportamentais que geram as violências. Precisamos compreender os/as estudantes como sujeitos ativos e essenciais para uma escola viva. Entender os conflitos existenciais, repensar metodologias e modificar as práticas são passos significativos frente aos problemas de convivência na escola.

Assim, acreditamos que para a materialização de uma prática docente eficaz, torna-se necessário que o/a professor/a procure refletir sobre seu fazer pedagógico, baseado/a em fundamentos teóricos e metodológicos que subsidiarão a organização do seu trabalho na sala de aula, o que perpassa a interação professor-estudante em constante diálogo e trocas de

conhecimentos capazes de inserir e transformar a realidade dos discentes nos debates escolares. Como nos lembra Freire (2016, p. 134): “[...] existir, humanamente, é pronunciar o mundo, é modificá-lo. O mundo pronunciado, por sua vez, se volta problematizado aos sujeitos pronunciantes, a exigir deles um novo pronunciar. Não é no silêncio que os homens se fazem, mas na palavra, no trabalho, na ação-reflexão”.

Portanto, a formação docente continuada precisa estar ligada às questões sociais, humanizando as práticas, sensibilizando educadores/as para os problemas sociais contemporâneos, como o desemprego, a pobreza, a exclusão, o racismo, as violências etc., pois todas essas questões ocupam a escola e influenciam suas práticas e ações. Desta forma, a formação contribuirá com o desenvolvimento de uma práxis crítico-reflexiva em que os/as docentes participam também como cidadãos. No entanto, na formação, existem também situações de obstáculos e limitações, uma vez que os/as professores/as precisam também dar conta dos conteúdos e programas escolares, enfrentando tensões, baixos salários e problemas de não aceitação de novas metodologias pelas famílias dos/as estudantes, o que gera insegurança, medo e um mal-estar no/a docente.

Por isso, a afetividade e sensibilidade devem caminhar juntas no processo de formação, para que os/as docentes envolvam-se conscientemente sobre as situações-problemas da escola, reorientando as ações através de processos de criação, proporcionando situações de envolvimento e de aprendizagens coletivas, através de encontros e partilhas que envolvam toda a comunidade, trabalhando através de parcerias socioeducativas. Devem transformar-se em um modelo de formação contínua, que unirá a comunidade nas atividades democráticas da escola, modificando o clima escolar como um todo, produzindo efeitos na organização da escola, em seu contexto local e comunitário, e abrindo a escola para atividades educativas.

As reflexões de Nóvoa (1997), ao abordar essa temática, chamam atenção para o fato de que a formação não se constrói por acumulação (de cursos, de conhecimentos ou de técnica), mas pelo trabalho reflexivo e crítico sobre sua prática, que permite a (re)construção permanente a partir dos saberes da experiência. Por isso, a educação precisa ir além da sala de aula, para trazer melhorias para o ensino, a partir das vivências práticas, que perpassam os vários espaços educativos, inclusive na rua, na praça, na família, no grupo de amigos. Como destaca Nóvoa:

Não se trata de mobilizar a experiência apenas numa dimensão pedagógica, mas também num quadro conceitual de produção de saberes. Por isso, é importante a criação de redes de (auto)formação participada, que permitam compreender a globalidade do sujeito, assumindo a formação como um processo interativo e dinâmico. A troca de experiências e a partilha de saberes consolidam espaços de formação mútua, nos quais cada professor é chamado

a desempenhar, simultaneamente, o papel de formador e de formado. (NÓVOA, 1997, p. 25-26).

É nessa perspectiva que Brandão (2007) discorre sobre uma educação que ultrapassa os muros da escola. Uma educação que existe em todos os lugares, mesmo nas sociedades mais longínquas ela está presente, pois para o autor (2007, p. 7): “Ninguém escapa da educação. [...] Para saber, para fazer, para ser ou para conviver, todos os dias misturamos a vida com a educação. Com uma ou com várias: educação? Educações”.

Diante disso, Brandão (2007) faz-nos pensar na educação que cria ao ultrapassar os limites do muro da escola e na educação que inventa também dentro da própria escola. Quando possibilita aos sujeitos quebrarem a lógica das rotinas de conteúdos fragmentadas e compreenderem que o ensinar e o aprender podem ser feitos de outra forma. Com isso, são necessárias metodologias sensíveis e inovadoras, que não fazem previsões dos acontecimentos porvir, mas preocupam-se com a vivência, o momento presente, com as experiências para a educação a partir dos sentidos e da sensibilidade.

É, portanto, na prática refletiva, que se produz conhecimento. Refletir criticamente sobre o que, como e para que ensinar são partes essenciais da experiência. A formação docente passa pela experimentação, pela criatividade, pela inovação e sensibilidade, que dão contornos a novos modos de educar no contemporâneo, nos quais a formação precisa estar o tempo todo passando por processos de investigação e reflexão, articulados com as práticas educativas. Alarcão (2003) traz a ideia do ser professor/a como um saber/fazer criativo, que não se constitui como mera reprodução de ideias prontas e acabadas. A reflexão é uma capacidade humana que desencadeia no desenvolvimento educativo.

Destarte, o/a professor/a reflexivo constrói saberes a partir da prática, sendo a escola o principal palco de transformação. O desenvolvimento profissional de educadores/as precisa das mudanças nos projetos, currículos e rotinas escolares, estando em conexão com as intervenções, buscando melhores percursos para a transformação da escola. Pressupõe-se que eles/as sejam protagonistas das diversas fases do processo de formação, analisando as problemáticas do dia a dia e agindo sobre elas, ampliando os horizontes de reflexão da escola, em um processo de formação contínua, que reúne as experiências inovadoras, ampliando a educação no âmbito social. Para Giesta (2001, p. 17): “Uma condição para o aperfeiçoamento da educação escolarizada pode estar na compreensão de que a formação continuada do profissional docente se dá num encaminhamento de ação e avaliação do ensinar e do aprender”.

Verifica-se que a reflexão crítica sobre as práticas educativas torna-se, portanto, uma necessidade teórico-prática. Segundo Pacheco e Flores (1999), a formação e o desenvolvimento

profissional, ao serem promovidos, revelam possibilidades de aprendizagem, a partir da aquisição de saberes relacionados com a prática profissional e o desenvolvimento de atividades relacionadas com a didática e o contexto educativo. Nesse sentido, a formação e competências são aquisições, aprendizados construídos. Construir uma competência significa aprender a identificar e a encontrar os conhecimentos pertinentes. Só há competência estabilizada quando a mobilização dos conhecimentos supera o tatear reflexivo ao alcance de cada um e aciona esquemas constituídos.

No entanto, voltamos a fazer o seguinte questionamento: por que precisamos refletir sobre nossas práticas? Primeiramente, porque as práticas educativas, para sua existência e legitimidade, precisam ser lembradas, em sua máxima significação, como uma construção coletiva de saberes através do diálogo constante das ideias para a ação. Quando voltamos nosso olhar para a escola é preciso trazer o saber pedagógico para fazer parte desse entendimento, pois se relaciona com os sujeitos, influenciando o potencial educativo. Observamos, a partir de Franco (2012), que os docentes constroem sua prática, em constante diálogo com seu fazer cotidiano em sala de aula.

Contudo, ainda existe uma presença forte do modelo tradicional nas práticas educativas de alguns professores/as na escola, que leva à reprodução do conhecimento, à repetição e a uma visão mecanicista do ensino e da aprendizagem. Essa é uma imagem que observamos com frequência, na qual professores/as apresentam o conteúdo de maneira fragmentada, com autoridade, severidade, rigurosidade e objetividade. O/A aluno/a é visto como um ser receptivo, um depósito de informações, conhecimentos e fatos. A metodologia caracteriza-se pelas aulas expositivas e pelas demonstrações que o professor realiza perante a classe, e a avaliação busca respostas prontas. Assim, a educação torna-se bancária, pela qual educandos recebem depósitos, que precisam guardá-los para depois reproduzi-los nas avaliações. Não podemos mais pensar em educação de memorização e reprodução, mas sim, na construção coletiva. Como bem lembra Freire (2016, p. 105): “Só existe saber na invenção, na reinvenção, na busca inquieta, impaciente, permanente, que os homens fazem no mundo, com o mundo e com os outros”.

Por isso, volto a destacar a formação inventiva trazida por Dias (2012), sendo um tipo de formação que se faz com o outro, criando modos de trabalhar, aprender, ensinar, que não são instrumentalizados, mas construídos juntos, num exercício de potência criadora que vai inventando conexões com saberes e fazeres de forma coletiva no cotidiano com afetividade. É preciso que o/a professor/a compreenda que a escola é lugar coletivo, onde não cabe mais fazer educação isolado. De acordo com Alarcão (2013), a escola é local de construção do profissionalismo docente de forma coletiva, precisando, portanto, que a escola também seja

reflexiva.

Para Pimenta (2002), as questões suscitadas a partir do enfoque do professor reflexivo trazem perspectivas para a reinvenção da escola democrática, que se coloca em contraposição à concepção de professor na racionalidade técnica, pois essa perspectiva investe na valorização e no desenvolvimento dos saberes dos professores, considerando-os como sujeitos intelectuais e capazes de produzir conhecimentos, participar das decisões da escola e dos sistemas. Compreendemos, assim, que a formação docente e as práticas educativas implicam pensar e mover-se pelos vários desafios e possibilidades presentes no mundo globalizado, haja vista que o trabalho docente é um constante construir e reconstruir saberes. Consequentemente, o desenvolvimento profissional só será possível refletindo, partilhando e construindo saberes e experiências coletivas.

Com os passos dessa pesquisa em particular, observamos que a prática educativa precisa ser pensada desde a formação inicial, e permanecer sendo desenvolvida na formação continuada, possibilitando aprendizagens que ajudem os/as futuros/as professores/as na resolução dos problemas escolares, através de ações pedagógicas bem planejadas e pensadas coletivamente, mas que não impedem de atuarem fugindo, às vezes, da rotina, trazendo improvisações necessárias para melhor desenvolver as aprendizagens. Ultrapassando, dessa forma, uma formação meramente acadêmica, por uma crítica, reflexiva e atuante.

Outro aspecto que não podemos deixar de destacar são as questões ligadas à sociedade da informação e do conhecimento, destacando o papel da escola e da formação contínua de seus profissionais, que vem transformando a educação em um grande mercado, no qual os cursos de formação inicial e formação continuada vão acontecendo de forma técnica e distante das realidades. Formam profissionais inseguros para atuar em sala de aula. Nessa perspectiva, uma das missões educativas dos cursos de formação seria a de enriquecer a capacidade de discernimento, fornecendo aos docentes ou aos futuros docentes uma sólida cultura geral, que teria justamente como base a descoberta e o reconhecimento do pluralismo dos saberes que caracterizam a cultura contemporânea e a cultura educativa atual.

Nesse sentido, compreendemos que a formação docente é um trabalho longo e contínuo, realizado dentro e fora da escola, e no interior e exterior da profissão, que está baseado principalmente nas relações, interações, partilhas. Dessa forma, educadores/as carecem sempre de estar pesquisando novas possibilidades para a educação, de maneira a inseri-las na sociedade de acordo com as necessidades contemporâneas.

Segundo Behrens (2005), o/a professor/a tem um papel fundamental para a superação da fragmentação da escola. Buscando ultrapassar a reprodução para a produção do

conhecimento, através de caminhos alternativos que alicerçam a ação docente, trazendo ensino e aprendizagens relevantes, significativos e competentes. Favorecendo o desenvolvimento da intuição e do processo criativo, com o uso de metodologias sensíveis, inovadoras e transdisciplinares, fazendo com que os discentes deixem de ser sujeitos passivos, que apenas leem, decoram ou repetem, para transformar-se em sujeitos críticos da sociedade, capazes de construir conhecimentos.

O não saber dos docentes diante de problemas cotidianos enfrentados pelos estudantes dentro do ambiente escolar conduz sua prática à busca por conhecimentos que possam auxiliá-lo, pois os saberes docentes precisam ser construídos a partir da leitura de mundo e dos conhecimentos prévios sobre a realidade em que está inserido. Por conseguinte, os/as docentes têm papel fundamental na construção de uma prática acolhedora e afetiva. Aqui destacamos a necessidade de pensar e repensar nossas práticas em uma dinâmica para melhor fazer, com a ajuda de uma escuta e um olhar aprofundado sobre seu lugar, que possibilite a busca e concretização de uma intervenção por meio do diálogo.

Desta forma, a prática pedagógica precisa passar por uma intencionalidade no ensinar e aprender, que perpassa as realidades dos discentes, que faça parte de suas histórias de vida, situada em um contexto de relações dialéticas entre os conceitos de teoria e prática de ensino, trabalhando conteúdos que abranjam o social numa perspectiva da interdisciplinaridade e da transversalidade em um universo transversal. De acordo com Franco:

Uma aula ou um encontro educativo tornar-se-á uma prática pedagógica quando se organizar em torno de intencionalidades, bem como na construção de práticas que conferem sentido às intencionalidades. Será prática pedagógica quando incorporar a reflexão contínua e coletiva, de forma a assegurar que a intencionalidade proposta é disponibilizada a todos; será pedagógica à medida que buscar a construção de práticas que garantam que os encaminhamentos propostos pelas intencionalidades para que possam ser realizados. (FRANCO, 2016, p. 536).

Entende-se ser necessário um rigor metódico e intelectual desenvolvido pelos/as professores/as, como pesquisadores/as de suas práticas, buscando orientar seus/suas educandos/as a seguirem uma linha metodológica que se aproxime do contexto no qual está inserido, entendendo o mundo a partir da realidade de sua vida social, pessoal e escolar. Segundo Freire (1996, p. 29): “[...] pensar certo, do ponto de vista do professor, tanto implica o respeito ao senso comum no processo de sua necessária superação quanto o respeito e o estímulo à capacidade criadora do educando”.

Dessa forma, pesquisar em sala de aula faz parte do ensino e da formação docente, pois busca compreender, conhecer e intervir no mundo, abrindo espaço para a curiosidade do

educando, sua estética, ética, linguagem, autonomia e liberdade, que gera conhecimentos. Defendem-se, portanto, momentos de experiências nos quais os/as docentes estejam dispostos a ouvir, debater, dialogar e dar liberdade para que os/as discentes participem abertamente, incentivando a construção de aprendizagens, pela liberdade das descobertas dos estudantes.

Evidencia-se, nesse ponto, a importância dos conceitos de prática educativa e a prática pedagógica. Trazemos a visão de Franco (2016) sobre essa relação que se confunde nos discursos acadêmicos, sendo muitas vezes interpretada como termos sinônimos, mas que na verdade carregam também suas particularidades, embora estejam articulados.

É comum considerar que práticas pedagógicas e práticas educativas sejam termos sinônimos e, portanto, unívocos. No entanto, quando se fala de práticas educativas, faz-se referência a práticas que ocorrem para a concretização de processos educacionais, ao passo que as práticas pedagógicas se referem a práticas sociais que são exercidas com a finalidade de concretizar processos pedagógicos. (FRANCO, 2016, p. 536).

Conforme Franco (2016), toda prática pedagógica está vinculada a uma epistemologia, portanto, as escolhas metodológicas que passam pela potencialidade das tecnologias da informação e comunicação. Dessa forma, a prática pedagógica organiza-se intencionalmente para atender a determinadas expectativas educacionais promovidas ou requeridas por uma dada realidade social ou para a reflexão sobre um grupo particular de estudantes. O conceito de prática pedagógica está ligado a um ensino sistematizado, que desenvolve um conjunto de ações e saberes como uma intencionalidade dentro do planejamento, construindo um ensino crítico e reflexivo. Aqui, pensar as metodologias sensíveis e inovadoras são mecanismos utilizados pelos docentes para ampliar os processos educativos, através da mediação dos conceitos que problematizam cada realidade, por meio das experiências numa relação dialética entre teoria e prática.

Ressalta-se que a sensibilidade das experiências docentes nas escolas como forma de manifestação da afetividade nas relações implica o reconhecimento do ser, do conviver juntos, do existir e do coexistir entre docentes e discentes, acolhendo o que nos afeta, só assim é possível aprender e conhecer através dos sentidos. O ver, olhar, ouvir, cheirar, tocar nas práticas educativas, ocupa ainda lugares periféricos. A educação escolar precisa falar de vida real para abrir espaço às transformações sociais, provocando a motivação dos/as estudantes para contribuir com o planejamento, através do entusiasmo e colaboração de todos e, assim, a partir da perspectiva dos/as estudantes sobre determinados assuntos e contextos, iniciar as investigações, aproximando os conhecimentos nas relações recíprocas na sala de aula, indo contra as construções monoculturais históricas e sociais com raízes preconceituosas profundas

na educação advinda de um currículo arbitrário. O lugar de fala em nossas sociedades hierarquizadas está sempre vinculado ao poder, sendo instrumento dele, tirando a oportunidade de diálogo entre os grupos diversos.

Destaca-se, assim, que a educação precisa ser rizomática na proporção em que agencia conexões, heterogeneidades, transversalidades e interdisciplinaridades que a fazem movimentar-se pelas ambiguidades estampadas nas multiplicidades das relações e conflitos escolares. Uma educação rizomática possibilita uma linguagem escolar que não se fecha sobre si mesma, encontra-se sempre no meio, entre as coisas, nas intersecções. Ela possibilita linhas de fuga para pensamentos diversos, que se rompem e são destruídos, para deixar livre o caminho para reconstruções segmentadas, desterritorializadas, capazes de construir novos conhecimentos em todos os sentidos, pois não se resume em dualismos ou dicotomias, são linhas plurais (DELEUZE; GUATTARI, 1995).

É sob essas perspectivas que pretendemos destacar uma educação escolar como espaço de criação, invenção, transformação e inovação de conhecimentos advindos da resistência dos/as docentes. Um espaço de interações plurais, multicultural, que dialogue como potência transformadora, em práticas educativas que acolham as diferenças e diversidades no desenvolvimento da convivência escolar. Essa concepção de educação só será possível no entrelugar, entre o saber sensível e as experiências que emergem das relações intensivas e tecidas nas ondulações do cotidiano, projetando o respeito, a gentileza, a vida nas diversidades de corpos e dos seus sentidos na escola, *versus* uma luta constante contra a dominação.

Segundo Paulo Freire (2014) é preciso ressignificar o ensino e as aprendizagens, através da construção de uma vida social mais digna, livre e justa, partindo do que tem significado e relevância para a realidade dos educandos. A educação, portanto, deve ser uma ferramenta de humanização, para uma melhor convivência social, dentro de uma perspectiva da dialogicidade. Ressalta-se a construção de uma postura dialógica e dialética, não mecânica, entre educadores e educadoras, de forma humilde, mas esperançosa, emancipatória e humanizante; contribuindo para as transformações sociais, que historicamente são marcadas por desigualdades, discriminação, violências e opressão, que desumanizam principalmente as pessoas dominadas e marginalizadas, socio-historicamente violentadas e excluídas. Reconhecemos que o ensino necessita de uma prática educativa que permita as vivências das diferenças, através de experiências da práxis pedagógica que ascende à tomada de consciência, por parte da escola e de educadores/as que os/as fará buscar novas possibilidades.

Destacamos, assim, como afirma Paulo Freire (1996, p. 98), que “ensinar exige compreender que a educação é uma forma de intervenção no mundo”, que responda aos desafios

da sociedade, sendo a educação, dessa maneira, uma forma de transformação social, tendo como essência a prática educativa e a dialogicidade. Tornando as crianças e os/as adolescentes protagonistas importantes na construção da educação através da conscientização sobre as várias culturas e diferenças sociais, incluindo-as através da valorização e respeito aos debates e currículos escolares. Segundo Candau:

Esta perspectiva ainda está em gestação de forma muito tímida e frágil, e os desafios para processos educativos são muitos, mas acredito que é possível caminhar nesta direção, fazendo do diálogo intercultural um eixo fundamental para reinventarmos a escola e construir permanentemente saberes, valores e práticas compartilhadas pelos diferentes grupos socioculturais presentes numa sociedade determinada. (CANDAU, 2009, p. 60).

Não há dúvidas, portanto, quanto à necessidade de a escola ser um lugar onde se ensine e aprenda em estado de felicidade, desenvolvendo estratégias para que se torne um ambiente agradável tanto para os/as alunos/as como para os/as professores/as, funcionários/as, famílias e comunidade. Onde todos se sintam acolhidos e possam construir os conhecimentos junto a um modelo de educação eficaz, em situações emocionais que tragam mudanças. Além disso, como espaço de aprendizagem e de convivência, a escola deve dispor dos instrumentos necessários, colocando-a como uma das suas finalidades, para o bem-estar, prazer e felicidade das experiências educativas de qualidade. No entanto, na prática, o que se encontra no dia a dia das escolas é algo bem diferente. A preocupação excessiva com a transmissão dos conteúdos não tem deixado espaço para que os/as docentes voltem-se também para a formação de valores e habilidades que motivem para uma convivência pacífica, aprendendo com as subjetividades e estimulando as alegrias.

Nesse sentido, Imbernón (2010) afirma que há muita formação e pouca mudança, talvez porque ainda predominem políticas formadoras que praticam uma formação transmissora e uniforme, descontextualizada, válida para todos, sem diferenciação, e distante dos problemas práticos e reais. A solução para tal quadro seria potencializar uma nova cultura formadora, que gere novos processos na teoria e na prática da formação, introduzindo-os em novas perspectivas. Nessa nova cultura formadora, os/as professores/as devem ser vistos como protagonistas ativos da formação, além de estabelecer-se espaços de reflexão e participação, para que aqueles partam das necessidades democráticas do coletivo, a fim de estabelecer um novo processo que possibilite o estudo da vida na sala de aula, nas instituições educacionais e no trabalho colaborativo. Na visão de Imbernón:

[...] trabalhar em conjunto com a comunidade consiste em uma proposta orientada para a construção de cenários educativos mais inovadores dentro da instituição escolar, mediante a participação de vários agentes sociais que

integram a comunidade: alunos, escola, docentes, família, comunidade local. Cada um deles acrescenta elementos valiosos para a educação, contribuindo para a melhoria de todos. (IMBERNÓN, 2010, p. 90).

Nesse contexto, será fundamental criar espaços de formação, inovação e pesquisa, que busquem auxiliar a resolver obstáculos, para que os professores encontrem a solução de sua situação problemática; só assim haverá uma mudança na prática educacional. São necessárias, então, novas metodologias de trabalho, centradas nas trocas entre indivíduos, escuta às boas práticas dos outros, elaboração de projetos, aproveitamentos das tecnologias da informação e comunicação.

Por fim, evidencia-se que a mudança que se pede aos/às professores/as na formação é um processo complexo. Para mudar uma cultura consolidada, é necessário tempo, uma base sólida, um período de experimentação e integração, através de programas de formação inicial e continuada que respondam às necessidades definidas pela escola, objetivando elevar a qualidade do ensino e da aprendizagem em sala de aula.

Consequentemente, essa pesquisa aponta para a importância mútua entre formação docente inicial e contínua, pensando na construção de saberes e conhecimentos dentro da espera da complexidade, percebendo os problemas e incertezas do cotidiano como lugar de criação de novos modos de educar, que precisam acontecer no momento real da prática. Por isso, a formação docente acontece pelo processo constante de recriação dos saberes através da autoformação dos/as professores/as, fazendo do processo das experiências uma fonte inesgotável para a elaboração da prática educativa nos contextos escolares. Nesse sentido, a escola entra em destaque, no impulso para a construção de novos saberes, implicando, por outro lado, que exista uma gestão democrática e participativa com currículos interdisciplinares e transdisciplinares, que contem com a participação de todos na escola, proporcionando uma rede de formações. Isso porque,

[...] trabalhar o conhecimento na dinâmica da sociedade multimídia, da globalização, da multiculturalidade, das transformações nos mercados produtivos, na formação dos alunos, crianças e jovens, também eles em constante processo de transformação cultural, de valores, de interesses e necessidades, requer permanente formação, entendida como ressignificação identitária dos professores. (PIMENTA, 2012, p. 35).

Ressaltamos a importância da formação continuada de professores/as, pela necessidade de capacitá-los/as continuamente dentro do domínio cultural e social, para que se sensibilizem com os problemas sociais contemporâneos, como as violências, o racismo, a exclusão social, o preconceito etc.; pois esses problemas estão cada vez mais presentes, devido ao avanço das

mídias eletrônicas e ao uso exacerbado das tecnologias, sendo necessário estarem presentes no cotidiano da escola, dentro dos debates. Desta forma, a formação continuada poderá contribuir para o desenvolvimento de atitudes críticas, solidárias e participativas. Logo, o ápice desse estudo é que possamos entender a educação como um assunto que não compete apenas a professores/as e que não se reduz à sala de aula, mas que na verdade tem uma ligação intrínseca com as dimensões social, política e cultural de toda uma comunidade.

Essa pesquisa, portanto, é orientada pelos desafios e possibilidades para se manter vivos os problemas da escola, dentro da formação docente, forjando novos modos de educar com amorosidade e respeito às diversidades. Ou seja, trata-se de pensar a formação docente como um efeito estético, ético e político baseado na existência das pessoas em sociedade, percebendo nossos devires, laços entre as várias linguagens, produzindo nossas práticas educativas a partir das experiências, dos encontros e conversas entre os indivíduos.

2.2 Desafios contemporâneos na Educação: problematizando as violências e potencializando outros modos de educar para a convivência

A escola, em seu cotidiano, é um campo vasto e diversificado, marcado pela convivência de conflitos que geram uma série de dificuldades ancoradas nas precárias condições educacionais, tais como: altos índices de evasão escolar, falta de estrutura e recursos didáticos, baixos salários, o desinteresse dos discentes pelos conteúdos escolares, a falta de interligação entre a cultura escolar e a dos/as estudantes. Dessa forma, espera-se que a escola funcione como um lugar propício às convivências com as diversidades, porém, esse espaço educativo possui seus próprios meios de exclusão e seleção social, em que nomeia uns/umas para vencer e outros/as para serem expulsos/as e engolidos/as pelo sistema, colocando-os/as para fora, pois não conseguem sentir-se pertencentes àquele lugar. O fato é que vivenciamos um ambiente repleto de interrogações, tais como: As práticas educativas de docentes têm ajudado-os/as a ensinar todos/as os/as estudantes, apesar de suas diferenças? Possuímos uma educação de qualidade, capaz de abarcar as necessidades e os problemas de todos/as os/as alunos/as? Que tipo de escola estamos construindo para o futuro?

Precisamos, portanto, superar o modelo do sistema tradicional de ensino, inserido tão fortemente em nossas salas de aula. É extremamente necessário quebrar com esse elo da escola de deixar incubado os novos conhecimentos, deixando de emergir uma formação próxima da realidade dos/as discentes que convivem com os desafios contemporâneos, que despontam cada vez mais rápido e que exigem uma inovação dos saberes e fazeres escolares. Como descreve

Mantoan (2011, p. 60), precisamos recriar os modelos educativos, pois “[...]persistem a ideia de que as escolas consideradas de qualidade são as que centram a aprendizagem no racional, no aspecto cognitivo do desenvolvimento, e que avaliam os alunos quantificando respostas-padrão”.

Observamos que muitos são os problemas da escola, que perpassam várias áreas distintas do conhecimento, que, no entanto, vão de encontro à formação docente, às estratégias educacionais, à gestão, às condições de trabalho, entre outros aspectos. São questões que partem da escola, como desafios a serem superados para construir respostas positivas para a convivência. Alguns dos principais problemas apontados trazem a falta de diálogo como uma das principais dificuldades para o processo de ensino e aprendizagem, somado às dificuldades sociais como as violências e discriminações em relação às questões de gênero, orientação sexual, raça/etnia, dentre outras.

Desse modo, as práticas educativas da escola precisam fomentar o diálogo entre educandos e educadores, favorecendo a conexão entre saberes acadêmicos e populares, a partir de vivências significativas, que vão se tecendo nas intervenções, que possibilitam a participação das crianças e dos/as adolescentes nas ações e decisões escolares, pois a qualidade do ensino vai além da técnica, como vimos na seção anterior, sendo a sintonia entre professores/as, dirigentes, estudantes, famílias e comunidade essencial para a escola democrática. Essa prática educativa requer do/a professor/a levar o desejo de aprender aos/às alunos/as, tornando-os/as protagonistas, conhecendo-os/as, compreendendo suas diferenças, dificuldades, habilidades, para assim motivá-los/as em suas potencialidades, uma vez que acreditamos em uma educação de qualidade quando suas ações conectam-se através da solidariedade, cooperação e compartilhamento dentro do sistema de ensino, promovendo a participação e interação entre todos que fazem parte dessa instituição educativa.

Nesse contexto, ressignificar a educação é fator importante para que haja a participação das crianças e dos/as adolescentes, na qual os/as educadores/as busquem novas maneiras de falar, escutar e olhar os/as estudantes, observando cada individualidade, não focando apenas na figura do “bom/boa aluno/a”, comportado/a e que tira boas notas, mas observando também as necessidades dos/as indisciplinados/as, reconhecendo que aquele/a considerado/a “mau/má aluno/a” também possui suas competências e potencialidades, faltando, muitas vezes, ser visto/a, ouvido/a. Isso só será possível se pararmos e começarmos a reconhecer os/as estudantes igualmente, ouvindo-os/as e envolvendo-os/as na construção dos conteúdos e nas resoluções dos conflitos. Para Carrano (2017), a escola precisa conhecer as trajetórias extraescolares de seus discentes e escutá-los/as de forma atenta, enxergando-os/as como sujeitos ativos e

cidadãos/ãs indispensáveis para a transformação da educação.

Pertencer à escola e participar de suas decisões motiva e melhora as relações escolares, conseqüentemente, contribui para o surgimento de habilidades e saberes que antes eram negligenciados, pois não consideravam haver ligação com os conteúdos e disciplinas escolares. Assim, com a participação temos a possibilidade da inovação, da sensibilidade e da elaboração de conhecimentos que vão além dos muros escolares. Segundo Mantoan, numa escola de qualidade:

[...] ensina-se os alunos a valorizar a diferença, pela convivência com seus pares, pelo exemplo dos professores, pelo ensino ministrado nas salas de aula, pelo clima socioafetivo das relações estabelecidas em toda a comunidade escolar – sem tensões, competição de forma solidária e participativa. Escolas assim concebidas não excluem nenhum aluno de suas classes, de seus programas, de suas aulas, das atividades e do convívio escolar mais amplo. (MANTOAN, 2011, p. 61).

Entende-se que a escola deve estar atenta e ampliar sua visão e espaços educativos, mobilizando-os nas ruas, praças e na *internet* etc.; para melhor compreender e valorizar as diversidades e diferenças presentes na cultura das crianças e dos/as adolescentes para a convivência escolar, abrindo caminho para temas transversais no currículo, que falem de racismo, homofobia, inclusão, gênero, sexualidade, entre outros temas importantes, que fazem parte da dinâmica social. Para que isso se torne realidade é preciso romper as fronteiras de conteúdos engessados, formando novas redes de conhecimento, que se contraponham a esse modelo conteudista e fragmentado. É preciso integrar os saberes de forma transversal, compreendendo os conteúdos dentro de seus próprios contextos, incentivando a autonomia e favorecendo o estudo de temas multifacetados, que atravessem as questões sociais, culturais, identitárias, econômicas, entre outras dimensões.

A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB nº 9.394/96) traz em seu Art. 2º que: “A educação, dever da família e do Estado, inspirada nos princípios de liberdade e nos ideais de solidariedade humana, tem por finalidade o pleno desenvolvimento do educando, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho” (BRASIL, 1996, p. 1). A nossa legislação educacional trouxe a garantia de acesso e permanência nas escolas em uma formação integral, porém, essa massificação da escola vem com uma ideia forte de exclusão, pois não se preocupa com o desempenho de todos/as os/as estudantes e, infelizmente, o resultado empurra, principalmente os/as adolescentes e jovens marginalizados/as, ao abandono da escola, repetência, especialmente os/as das classes mais pobres.

No ano de 2020 celebramos, no dia 13 de julho, os 30 anos do Estatuto da Criança e do

Adolescente – ECA (BRASIL, 1990), responsável por avanços em torno da cidadania, estabelecendo políticas públicas para a proteção de crianças e adolescentes. Sendo o Brasil pioneiro na área dos direitos infanto-juvenis. *De acordo com o ECA: a escola tem papel fundamental na proteção de crianças e adolescentes. Profissionais da educação tem obrigação de comunicar ao Conselho Tutelar sobre suspeitas ou confirmação de casos de violência contra crianças e adolescentes, devendo priorizar a vítima, garantindo-lhe tratamento digno e respeitoso.* Tendo essa lei como principal objetivo a proteção integral de crianças de 0 a 12 anos de idade incompletos e adolescentes de 12 a 18 anos, público-alvo inicialmente assegurado também em nossa Carta Magna, pelo Art. 227 da Constituição Federal (1988) que diz:

É dever da família, da sociedade e do Estado assegurar à criança, ao adolescente e ao jovem, com absoluta prioridade, o direito à vida, à saúde, à alimentação, à educação, ao lazer, à profissionalização, à cultura, à dignidade, ao respeito, à liberdade e à convivência familiar e comunitária, além de colocá-los a salvo de toda forma de negligência, discriminação, exploração, violência, crueldade e opressão. (BRASIL, 1988, p. 122).

Por outro lado, o “Atlas da Violência” (BRASIL, 2020) demonstra, através de seus indicadores, que há ainda muito por fazer para que os direitos preconizados no ECA sejam uma realidade para todas as crianças e os/as adolescentes em nosso país, tendo em vista que ao lado das conquistas, convivemos com as desigualdades de renda e raça, que impõem diferenças ao acesso a direitos sociais, por crianças e adolescentes pobres, em praticamente todas as áreas dos direitos sociais. Na área da educação, por exemplo, a pobreza e a desigualdade de renda são fatores responsáveis pelas elevadas taxas de abandono e atraso escolar entre os/as adolescentes de 15 a 17 anos.

Consultando os dados sobre as violências contra crianças, adolescentes e jovens nos documentos estatísticos, chegamos aos resultados do "Atlas da Violência" (BRASIL, 2019), evidenciando que o Brasil está entre os 10 países que mais matam jovens no mundo, e a maior parte deles são os rotulados de negros e pobres, das periferias das grandes cidades. De acordo com o "Atlas da Violência" (BRASIL, 2019), em 2017, 75,5% das vítimas de homicídio eram pretas ou pardas. O país vitimou, em 2017, 35.783 jovens, configurando-se em um cenário de instituições desmoralizadas e uma juventude esquecida.

Complementando esse cenário de guerra, de acordo com os dados do "Atlas da Violência" (BRASIL, 2020), no Brasil, os homicídios são a principal causa de mortalidade de jovens no grupo etário de pessoas entre 15 e 29 anos. Sendo as vítimas indivíduos com plena capacidade produtiva, em período de formação educacional e profissional, na perspectiva de iniciar a construir uma rede familiar própria. Foram 30.873 jovens vítimas de homicídios no

ano de 2018, o que significa uma taxa de 60,4 homicídios a cada 100 mil jovens; 53,3% do total de homicídios do país.

Aqui é importante pararmos para refletir sobre dados oficiais e observar a abrangência dessa discussão, pois de acordo com o relatório divulgado pelo Fundo das Nações Unidas para a Infância (UNICEF), intitulado “A educação que protege contra a violência”, como podemos observar no tópico intitulado dados sobre violência na escola e no seu entorno, presente no relatório da UNICEF (2018, p. 21): “Globalmente, cerca de 150 milhões de adolescentes entre 13 e 15 anos tiveram alguma experiência de violência, entre pares, dentro ou ao redor da escola. No Brasil, o entorno dessa instituição nem sempre é considerado seguro para as e os estudantes”.

O relatório aponta ainda que Segundo a Organização Mundial da Saúde (OMS), a cada 7 minutos, em algum lugar do mundo uma criança ou adolescente entre 10 e 19 anos é morto em consequência da violência. O Brasil, conseqüentemente, é o País com maior número de casos de homicídios de adolescentes em todo o mundo, em números absolutos. Entre 2007 e 2017, 107.279 adolescentes entre 10 a 19 anos foram assassinados. Só em 2017, foram 32 mortes por dia. A maioria das vítimas são meninos negros – para cada indivíduo não negro que sofreu homicídio em 2017, aproximadamente 2,6 negros foram mortos – de baixa renda e que habitam as periferias das cidades.

Surge um fator importantíssimo nesse levantamento, que é a ocorrência de a escola ser um fator crucial de proteção, levando em consideração que o homicídio é o último capítulo de uma história de violências e privações de direitos, que afeta principalmente um perfil específico de crianças e adolescentes. O relatório aponta que as vítimas, em geral, são meninos, negros, de famílias de baixa renda. São crianças e adolescentes que vivem em territórios vulneráveis e violentos, sem acesso adequado a serviços de saúde, assistência social, educação, esporte e lazer. Parte deles é também vítima de discriminação racial, violência baseada em gênero, homofobia e transfobia. E todos têm um aspecto em comum: são crianças e adolescentes que deixaram a escola, ou estão em via de fazê-lo. Segundo estudo do UNICEF, 70% dos meninos assassinados estavam fora da escola há pelo menos 6 meses.

Dessa maneira, observando os dados acima revelados, concluímos que o fenômeno das violências nas escolas constitui-se uma ameaça real e alarmante para a convivência no cotidiano escolar em nosso País. De um lado, pelas sequelas que prejudicam o clima escolar, que atingem todos os envolvidos: agressores, testemunhas e vítimas. De outro, porque contribuem para o desenvolvimento de uma escola que não se preocupa com as interações, perdendo seu título de lugar de socialização e trocas de saberes e experiências, capazes de gerar conhecimentos.

Segundo Charlot (2002), esse fenômeno é urgente para ser debatido, pois ainda envolve pelo menos três formatos de manifestação no espaço escolar, são eles:

A violência na escola é aquela que se produz dentro do espaço escolar, sem estar ligada à natureza e às atividades da instituição escolar: quando um bando invade a escola para acertar contas[...]. A violência à escola está ligada à natureza e às atividades da instituição escolar: quando os alunos provocam incêndios, batem nos professores ou insultam [...]. E a violência da escola: uma violência institucional, simbólica, que os próprios jovens suportam através da maneira como a instituição e seus agentes os tratam [...]. (CHARLOT, 2002, p. 434-435).

Assim, a escola torna-se, muitas vezes, um espaço onde os sujeitos agem de maneira insegura, numa dinâmica doentia, dentro de um quadro configurado por disputas pelo poder. Os professores sentem-se ameaçados pelas representações de violência que seus alunos trazem, e não estão preparados para lidar com essas manifestações. Dessa maneira, sendo tratados cada vez mais com indiferença e desrespeito, os discentes, por sua vez, também tentam impor sua forma de poder, passando frequentemente e naturalmente a depredar, declarar guerra aos professores e aos administradores da escola, além de estabelecerem relações conflituosas entre eles mesmos. Nas salas de aula, podemos observar claramente: mesas riscadas com canivetes ou pintadas com corretivos, cadeiras e portas quebradas a pontapés, paredes rabiscadas, banheiros destruídos com pias e aparelhos sanitários entupidos, livros são roubados, riscados ou rasgados, além de presenciarmos as constantes cenas de violência explícita entre alunos/as nos corredores, exigindo a presença de alguém que seja capaz de apartá-los. Segundo Abramovay (2006) as violências são construídas em práticas cotidianas, que passam muitas vezes despercebidas, devido à banalização:

De fato, apesar de a violência chocar, muitas vezes aqueles que a experimentam são cúmplices da sua banalização pelo fato de que, ao sofrerem tanto e tantas vezes várias violências, passam a conviver com o horror sem questionar a trama que as constroem e sem hierarquizar o vivido e o testemunhado. (ABRAMOVAY, 2006, p. 15).

A escola atual precisa de uma prática educativa voltada para a aprendizagem de uma “escuta sensível”, para que se possa aprender a lidar com os conflitos, e não apenas puni-los, utilizando o diálogo como principal meio de manutenção da ordem. O universo escolar precisa ser pautado nas interações entre todos os sujeitos da escola. O grito de desabafo proporcionado pela escuta, pela atenção, pela palavra de conforto, faz toda a diferença na construção de uma convivência amigável e positiva dentro do espaço escolar.

O ambiente escolar é o campo das diversidades, marcado por contradições, no entanto,

é também local para assegurar proteção, alegrias e cidadania. Porém, é preciso dar uma nova cara, e, de certa forma, virar a página ao avesso e construir uma nova história, superando os estereótipos negativos, através de um fazer participativo, envolvente, dinâmico, no qual as contradições próprias da convivência sejam superadas pelos processos criativos. O espaço escolar precisa acolher as expressões próprias das crianças e dos/as adolescentes, buscando estratégias para aprender suas linguagens, criando um ambiente onde a comunicação faça-se presente, proporcionando e restabelecendo vínculos afetivos em situações de interação. Aqui concordamos com Freire que diz:

Por isto, o diálogo, é uma exigência existencial. E, se ele é o encontro em que se solidarizam o refletir e o agir de seus sujeitos endereçados ao mundo a ser transformado e humanizado, não pode reduzir-se a um ato de depositar ideias de um sujeito no outro, nem tampouco tornar-se simples troca de ideias a serem consumidas pelos permutantes. (FREIRE, 2016, p. 135).

Assim, observamos que a falta de diálogo dentro das escolas leva à violência escolar, que é resultante, muitas das vezes, das relações pedagógicas ocorridas na escola, especialmente na sala de aula. Sendo a violência simbólica, entendida como a imposição de um tipo de conhecimento distante das realidades dos estudantes os quais não o reconhecem. O debate atual sobre as competências e os saberes docentes para lidar com os problemas sociais no cotidiano escolar nos leva ao movimento urgente de mudança na formação de práticas educativas que sejam capazes de representar os desejos, angústias, dúvidas e ideias dos alunos e alunas. Os/As professores/as são treinados/as, muitas vezes, nas Universidades, através de programas com conhecimentos técnicos que prestam um desserviço ao ensino e à relação com os/as estudantes, pois nessas formações perde-se de vista a necessidade de educar os estudantes para examinarem a natureza subjacente dos problemas escolares. Assim, os programas de formação precisam substituir a linguagem técnica por uma análise crítica das práticas educativas necessárias no contemporâneo (GIROUX, 1997).

Dessa maneira, os/as professores/as precisam tornar-se intelectuais transformadores/as (GIROUX, 1997), desenvolvendo uma linguagem crítica e de possibilidades, para educar os discentes, de forma a tornarem-se cidadãos/ãs ativos/as e críticos/as, utilizando metodologias que promovam o diálogo para a produção dos conhecimentos e criando condições de manifestar-se contra as discriminações e injustiças econômicas, sociais e políticas, dentro e fora das escolas.

Evidencia-se que o ambiente escolar muitas vezes é constituído de repetições: o conteúdo, a fala dos/as professores/as, a forma de conter a indisciplina, até mesmo as inovações

em sala de aula. Aqui a consciência sobre nossas ações torna-se importante para entender o comportamento dos/as estudantes. Como nos lembram Lucinda, Nascimento e Candau (1999, p. 33): “Na visão dos alunos, a violência contra o adulto é motivada. [...] Esta forma de violência é compreendida pelos alunos como manifestação de resistência ao julgamento escolar ou protesto contra o mau professor ou funcionário”.

Demonstra-se, portanto, que carecemos de transformar a escola num espaço onde seja possível compreender os conflitos e as violências, não somente acusar, mas permitir a todos a conscientização da existência do problema e, assim, a construção conjunta de soluções. Não podemos tratar a violência escolar como algo isolado, mas sim lembrarmos-nos da sua íntima relação com a rotina escolar e com o cotidiano das crianças e adolescentes que participam dela, que sofrem influências tanto dentro como fora dos muros da escola. Aqui podemos descrever a escola usando as palavras de Mosé, que a define como:

A vida escolar, ainda hoje, organiza-se em séries, e os saberes se dividem em diversos conteúdos isolados, sem conexão uns com os outros, em aulas de cinquenta minutos, que ainda anunciam por um sinal sonoro que lembra o apito das fábricas. Gramática, literatura, álgebra, geometria, genética, citologia, ótica, mecânica, saberes que são ministrados isoladamente, cada um retratando um fragmento do saber que nunca se relaciona com a vida, que, em si mesma é extremamente articulada e complexa. Os conteúdos ficam tão fragmentados que levam os alunos a acreditar que estudam para os professores, para os pais, e não para si mesmos, para suas vidas. (MOSE, 2014, p. 49).

Desse modo, o silenciamento de crianças e adolescentes no espaço escolar traz a invisibilidade de seus corpos, o que nos lembra da importância de discutir, entender e, também, perguntar: Qual o lugar dos/as estudantes na dinâmica escolar? O ambiente escolar não é receptivo às várias formas de expressão dos/as estudantes, causando a insatisfação deles/as, que são estigmatizados/as de “infratores/as”, o que implica no desconforto sobre as relações. O sentimento de insatisfação com a escola é coletivo, pois com o tempo ela foi tornando-se esse local de opressão e violação de direitos, perdendo seu título de protetora. É importante que haja o desenvolvimento de práticas educativas reflexivas que promovam as interações sociais e a participação dos/as estudantes no contexto escolar, através de iniciativas inovadoras, que aproximem os/as estudantes da cultura escolar, e vice-versa, contribuindo com um processo de ensino e aprendizagem eficaz. Abramovay (2018) descreve com maestria essa situação:

Na escola, o jovem, muitas vezes, é considerado somente como aluno e se perde de vista a diversidade, os parâmetros que fazem parte das modelagens das juventudes, afastando-os da cultura escolar e dessa forma se torna em si mesma fonte de discriminação, reproduzindo preconceitos, valores

discriminatórios e pouco flexíveis. De fato, a cultura escolar é hierárquica e pouco sensível quanto as formas de ser, agir, falar e se comportar dos jovens o que induz a um clima escolar negativo e relações sociais complicadas. (ABRAMOVAY, 2018, p. 35).

Constata-se que a escola não leva em consideração as diversidades de culturas de seus discentes, que são vistos apenas como “alunos/as” que precisam ser disciplinados/as e orientados/as dentro de um espaço de reprodução de saberes e poderes hierárquicos que não se preocupasse com as diferenças dos/as estudantes, mas sim com formas de homogeneizar o ensino e eliminar qualquer ação estranha à norma, o que causa os altos índices de evasão escolar, reprovação, baixo rendimento, baixa autoestima, porque sentem-se “expulsos”, em um contexto no qual a escola não sabe recebê-los, apoiá-los, gerando um sentimento de não pertencimento.

As normas do sistema escolar não são discutidas, debatidas e adaptadas para atender às necessidades das crianças e dos/as adolescentes, o que conseqüentemente resulta nos conflitos, pois os/as estudantes vão desenvolvendo suas próprias estratégias para a resolução dos problemas. As normas da instituição precisam existir de comum acordo, pois muitas vezes não são conhecidas pelos próprios professores/as e estudantes, em razão do que se verifica nas realidades escolares: regras impostas e pouco discutidas. Isso reflete no aumento das violências no espaço escolar, como válvulas de escape negativas para a manifestação da fala, que se torna transgressora. Para Macêdo e Bomfim:

A escola é percebida como um espaço que poderá também favorecer o aparecimento de comportamentos violentos. A escola nem sempre é um espaço democrático e igualitário, tal como concebido por nós. Embora se espere que ela funcione como lugar de inclusão, de convivência das diversidades, a escola possui e utiliza seus próprios mecanismos de exclusão e seleção social, escolhendo alguns indivíduos e colocando para fora outros. Em geral, esses são aqueles que não conseguem responder as expectativas, quanto à aprendizagem, ao comportamento e ao relacionamento com os integrantes da comunidade escolar. (MACÊDO; BOMFIM, 2007, p. 31).

Reconhecemos que a preocupação excessiva com a transmissão dos conteúdos, de forma mecânica, não tem deixado espaço para o desenvolvimento de metodologias sensíveis e inovadoras, através das quais professores/as voltem-se para a construção de competências que motivem e potencializem uma convivência positiva. É preciso resgatar o lugar da escola como próprio da construção das relações sociais, com foco nas diversidades e diferenças, sendo um espaço próprio para a convivência. No entanto, existem múltiplas formas de violências, que atingem o espaço escolar, e, conseqüentemente, afetam o dia a dia da sala de aula, prejudicando as relações entre os estudantes, gestores, professores/as e demais funcionários. Atrapalhando a

função social primordial da escola, que é o ensino e a convivência.

De acordo com Abramovay e Castro (2006), a violência não é um fenômeno novo, porém, na atualidade, passamos a percebê-la de forma mais frequente, por existir, hoje, uma sensibilidade maior em relação a certos atos e atitudes que passaram a ser vistos como violentos, e que antes eram ignorados. A pluralidade de abordagens contribui para que não exista um consenso em relação aos diferentes significados da violência. Apesar disso, existe uma tendência, na literatura, de conceituá-la de uma forma mais ampla, entendendo-a como todas as práticas que afetam fundamentalmente os direitos humanos e de cidadania. Por isso, deve-se aceitar uma visão extensa da violência escolar, que incorpore a violência física ou violência dura; a violência simbólica ou institucional e as microviolências. Esses fenômenos vêm tornando a escola um espaço de reprodução massiva de violências, ao mesmo tempo em que constroem múltiplos tipos de violências no seu interior.

É importante ressaltar, como vimos acima, que a escola não só reproduz as violências sociais, como é local de criação das mais variadas formas de opressão e discriminação, ou seja, temos que lidar com questões de “dentro e fora” das escolas em nosso cotidiano. E são várias as expressões de violências nas escolas. Concordamos aqui com Abramovay e Rua (2002), quando afirmam que as questões relativas à violência escolar:

Não podem ser tratadas de modo isolado, mas sim em íntima articulação com a dinâmica educativa da escola como um todo, “dentro e fora” dela, especialmente porque as crianças e os jovens trazem para seu cotidiano escolar, de uma forma aberta, sua maneira de ser, sua linguagem e sua cultura. (ABRAMOVAY; RUA, 2002, p. 78).

Enfatiza-se que existem vários tipos de violências *das e nas escolas*, que enquanto educadores/as, necessitamos manter um olhar atento a fim de mediar os conflitos e conter os comportamentos agressivos que comprometem a boa convivência. Na visão de Serrano (2002, p.114): “Os valores e atitudes são fomentados sempre em contextos de realidade, de relação e interação da pessoa com os outros, com o meio e com a realidade em que vive. Não são algo abstrato que se aprende e que se incorpora conceitualmente na estrutura do conhecimento”. Nesse sentido, entendemos que é necessário intervir para melhor conhecer e transformar o ensino, especialmente quando se trata das violências, detectando sua existência e as formas multifacetadas com as quais se apresenta no contexto do ambiente escolar. Entender, portanto, o conjunto dos fenômenos da violência, que causa as exclusões e a redução dos espaços de sociabilidade, possibilita a quebra da sua banalização. A seguir, dissertamos sobre algumas das formas que as violências se apresentam nas escolas na visão de Abramovay e Rua (2002) e

Abramovay e Castro (2006).

As **microviolências** ou **violências do cotidiano escolar** são muitas vezes vistas como brincadeiras, mas na verdade causam impactos profundos nas relações. Caracterizam-se por atos de incivilidade, humilhação, xingamentos, atribuição de apelidos pejorativos, desrespeito, acusações injustas e indiretas, como a de subtração de dinheiro e pertences, difamações sutis, degradação de imagem social, que podem resultar na discriminação ou exclusão de um ou mais estudantes. Não podem ser confundidas com brincadeiras de crianças e adolescentes, nem admitidas como uma situação corriqueira e natural, pois as incivildades podem ferir profundamente a autoestima das vítimas.

A diferença, para observadores externos ao grupo, entre microviolências e as brincadeiras de crianças, às vezes, é muito tênue; podendo ser sutil ou imperceptível, mas não menos grave. As agressões verbais, que englobam atitudes como indiferença, isolamento, exclusão, difamação, provocações relacionadas a deficiência, também de uma forma racista e sexual, são consideradas leves, no entanto, podem ser muito dolorosas para as vítimas, podendo até seguir para um tipo de violência mais dura, a partir da incidência constante de humilhações.

A segunda forma do fenômeno em destaque são as **violências duras ou físicas** contra a integridade do outro, que podem ir desde as ameaças, que causam danos morais, até danos físicos. Esse tipo de violência é reconhecido pelo Código Penal Brasileiro como sendo caracterizada por intimidações, uso de armas, roubos, tráfico de drogas, violências sexuais, além das agressões físicas como: homicídios, murros, socos e pontapés. São apontadas como uma das formas que mais comprometem o ensino e a aprendizagem, trazendo impactos negativos para a dinâmica escolar.

Fechando esses principais conjuntos do fenômeno das violências, destacamos as **violências simbólicas**, que aparecem de forma intensiva nas relações entre docentes e discentes. As violências simbólicas tecem-se dentro das relações de poder, dando voz às discriminações. Embora não estejam nos crimes ou agressões físicas, causam sentimento de medo e insegurança.

Evidencia-se que a quebra na autoestima dos estudantes fere as relações de convivência na escola. A constante exposição a agressões verbais cria um sentimento de tristeza para a vida de crianças e adolescentes, atingindo muitas vezes os/as docentes, que, dependendo do contexto, também se sentem impotentes frente aos desafios da escola no contemporâneo. Acreditamos que todas essas experiências negativas contribuem para o fracasso escolar.

Percebemos a discriminação como uma das maiores vilãs das relações, e isso é extremamente grave quando destacamos as questões ligadas à raça, à cor, ao gênero, às

deficiências, à sexualidade, à condição financeira. Dessa forma, os/as professores/as são convocados/as a compreender as subjetividades, as potencialidades dos alunos e das alunas, suas histórias de vida, pois muitas de suas atitudes serão decisivas, como formador/a de opinião. Nesse caso, de acordo com Tardif (2014, p. 18): “[...] podemos dizer que o saber dos professores é plural, compósito, heterogêneo, porque envolve, no próprio exercício do trabalho, conhecimentos e um saber-fazer bastantes diversos, provenientes de fontes variadas e, provavelmente de natureza diferente”.

A consequência disso é que existe uma tensão nas relações estabelecidas entre os/as professores/as, a escola e os/as estudantes. É necessário ter um fio condutor entre a cultura dos discentes e docentes e a da escola, de modo que esses possam solidificar suas identidades, por meio da investigação das realidades específicas, construindo a imagem de si e do outro através da empatia e do respeito às diferenças, levando em consideração, na construção do ensino, os interesses, as perspectivas e possibilidades para os conhecimentos disciplinares, através das conexões com os desejos e as aptidões de todos. Defendemos a ideia de que é impossível separar a vida social da vida escolar, por isso, o trabalho docente deve levar em consideração os conhecimentos e saberes do cotidiano, respeitando as várias identidades e mediando os conflitos através da construção de projetos de intervenção e convivência escolar, que possam transformar o espaço escolar. Essa visão pode revolucionar o ensino, de acordo com Tardif:

Com essa ideia de trabalho interativo, procuro compreender as características da interação humana que marcam o saber dos atores que atuam juntos, como os professores com seus alunos numa sala de aula. A questão do saber está ligada, assim, à dos poderes e regras mobilizadas pelos atores sociais em interação concreta. Ela também está ligada a interrogações relativas a valores, à ética e às tecnologias da interação. (TARDIF, 2014, p. 22).

Entendemos, portanto, os saberes docentes como plurais e precisos para que as interações aconteçam. Por outro lado, a formação docente não dá conta sozinha do complexo sistema de interações sociais presentes no Universo escolar, que nos encaminham para salas lotadas, com estudantes muitas vezes desinteressados/as e revoltados/as com as práticas docentes, devido ao complexo de regras e normas que não acolhe suas formas identitárias. Assim, a indiferença gera as manifestações de violência nas escolas, até mesmo como uma forma de reação às imposições do sistema.

Aqui ressaltamos que não queremos eliminar os conflitos da escola, pois existem discussões que são positivas para as relações. Na verdade, precisamos aprender a mediar esses acontecimentos, através de medidas que potencializem as experiências individuais e coletivas, assegurando a integridade física, emocional e psicológica de todos os sujeitos da escola, sejam

eles/as discentes, docentes, funcionários, gestores, famílias, e até mesmo a comunidade na qual a escola está inserida. Para Jares (2008), devemos compreender os conflitos como algo presente nas relações interpessoais, que não deve ser evitado, mas sim abordado de maneira que possibilite o diálogo e a cooperação para a melhoria das relações e convivência entre as pessoas e/ou grupos.

Diante de tal contexto, o fenômeno das violências tem que ser analisado por meio da compreensão do cotidiano escolar, enfatizando a importância da educação e dos serviços de atenção especializados voltados para convivência nas escolas, observando o ambiente, seus problemas e questões. É inegável que as escolas estão acometidas por situações de indisciplina, desrespeito, falta de comunicação e insegurança, que ocasionam as violências, desgastando o clima escolar e impedindo as relações, sendo necessário resgatar a confiança nas instituições escolares como espaços essenciais de socialização e proteção, oferecendo oportunidades de projetos que envolvam temas transversais, atividades culturais, feiras de conhecimentos, de socialização e afetos; além de trabalhos com a família, trabalhos desportivos, comunitários, entre outros, já que mantendo a escola integrada à vida de seus partícipes, as violências serão prevenidas e haverá a construção de ações solidárias.

Consideramos, assim, que a comunicação é a melhor mudança nas relações escolares. O prazer em aprender parte do envolvimento de todos os sujeitos desse espaço, que no momento que passam a participar e serem ouvidos, muda a convivência, pois a escola passa a funcionar como um espaço democrático. Quando pensamos na escola, não podemos esquecer que o descompasso entre o protagonismo dos discentes e as relações escolares dificulta a consolidação do sentimento de pertença dos estudantes ao espaço escolar. É necessário lembrar, a todo o momento, que a escola precisa preparar-se para uma diversidade de crianças e adolescentes que se diferem pela classe social, etnia, raça, gênero, sexo, ideologia, religião, entre tantos outros aspectos identitários que precisam de atenção.

Construir lugares de fala, possibilitando a voz e a visibilidade desses sujeitos, através de experiências humanizadas, significa a quebra dos silêncios institucionalizados. Essa falta de conexões da escola prejudica as relações sociais; esses desajustes bloqueiam os pensamentos infanto-juvenis, causando angústias, isolamentos e reações contrárias ao sistema, intituladas de rebeldia, incivilidade, indisciplina e depredação.

Esse cenário controverso abre as portas para novos conflitos. Pensar, expressar, compartilhar são palavras da vez no cyberuniverso da cultura infanto-juvenil, o que exige uma educação além dos conteúdos, que perpassa por um espaço vivo de produção de saberes, experiências, criações e resistências dos/as estudantes e professores/as, que reflitam a fim de

tornar essa convivência ética, dialógica e democrática, vinculada aos saberes da comunidade na qual transitam.

Mas como nascem as experiências escolares? Como é possível criar modos de transformação das experiências em cotidianos de caos nos ambientes educacionais? As histórias de vida e as palavras são formas de atravessar o campo das experiências de maneira intensa e expressiva, criando significados para as ações dos educadores e educandos, numa prática educativa coletiva que se refaz para o acolhimento das diversidades.

O campo das experiências abre espaços para tremores, vibrações presentes na subjetividade de cada linguagem, a busca por palavras que ressignifiquem as experiências pertencem a fundamentos essenciais da vida. As palavras dão novos conceitos ao fazer cotidiano, descortinando as necessidades de formação dos docentes que passam a construir e reconstruir suas falas repensando a cultura escolar a partir das contribuições da cultura infanto-juvenil, mudando paradigmas. As experiências seriam como protestos. Segundo Larrosa:

Em algumas ocasiões, esses cantos de experiência são cantos de protesto, de rebeldia, cantos de guerra ou de luta contra as formas dominantes de linguagem, de pensamento e de subjetividade. Outras vezes são cantos de dor, lamento, cantos que expressam a queixa de uma vida subjugada, violentada, de potência de vida enjaulada, de uma possibilidade presa ou acorrentada. Outras são cantos elegíacos, fúnebres, cantos de despedida, de ausência ou de perda. E às vezes são cantos épicos, aventureiros, cantos de viajantes e de exploradores, desses que vão sempre mais além do conhecido, mais além do seguro e do garantido, ainda que não saibam muito bem aonde. (LAROSSA, 2016, p. 10).

Compreendemos que as experiências necessitam das construções coletivas de significados, levando em consideração as lutas de todos, seus discursos, ideias e palavras. De acordo com Larrosa (2016, p.16-17): "Pensar não é somente 'raciocinar' ou 'calcular' ou 'argumentar', como nos tem sido ensinado algumas vezes, mas sobretudo dar sentido ao que somos e ao que nos acontece". A formação docente e as participações efetivas de práticas educativas transformadoras buscam atender às multifacetadas situações de ensino e aprendizagem do contexto escolar. As lutas presentes dentro das instituições educativas precisam unir-se por competências plurais.

Tornar a filosofia dos jovens uma prática de produção do pensamento, em meio à heterogeneidade de palavras, trará condições reais para que alunos/as e professores/as entendam os saberes como algo desdisciplinar, desescolarizado, educando pelas experiências e não por regras, vendo os saberes como potência de vida. As palavras precisam estar em movimento dentro das instituições de escolarização, necessitam estar presentes nas relações, ultrapassando

as violências, buscando pessoas para habitar a leitura, a escrita, a conversação, a invenção. Segundo Nascimento (2004, p. 45-46): “O professor tem, entre muitas, a essencial função de dar como instrumento aos alunos as palavras para nomear as coisas da realidade. [...] Nesse ato de dar a palavra, o professor proporciona uma experiência diferente ao aluno consigo mesmo”. Os/As educadores/as participam da construção identitária de seus alunos/as, onde constata-se que possuem uma responsabilidade importante sobre a formação dos/as estudantes, que não estaciona nas questões intelectuais, mas perpassa a formação integral, inclusive moral, na qual se precisa ensinar o respeito para si e para os outros.

Por outro lado, a preocupação efetiva dos/as professores/as está principalmente no domínio dos conteúdos específicos ministrados em disciplinas, o que não surte efeito sobre as questões comportamentais. Compreender os/as discentes em seus conflitos existenciais, gerir conflitos entre pares, promover debates em sala de aula sobre temáticas que envolvam os pensamentos e culturas diversificadas, repensar metodologias sensíveis e inovadoras, são apenas algumas das competências e habilidades que podem surtir saídas para diversos problemas da convivência no cotidiano escolar. Na visão de Jares (2008, p. 135) “[...] necessita de planejamento, tanto no espaço da classe quanto da escola, que leve em conta os três principais protagonistas da comunidade educativa – professores, alunos, mães e pais”.

Para Giroux (1997), isso é um imenso desafio, pois os docentes são vistos basicamente como receptores passivos de um conhecimento profissional que já está ali dado, participando pouco das escolhas e determinações do conteúdo, pois precisa seguir um Projeto Político Pedagógico (PPP) já pronto. Assim, destaca a importância dos/as professores/as como profissionais reflexivos, que não apenas operam currículos fixos, mas transformam as realidades através da capacidade crítica, assumindo todo o seu potencial como estudiosos/as e profissionais ativos/as e reflexivos/as, construindo conhecimentos a partir das realidades, utilizando o diálogo crítico e afirmativo e argumentando a favor de um mundo qualitativamente melhor para todas as pessoas.

No entanto, não podemos fechar os olhos para as questões das violências escolares, que é um fator problema para o desenvolvimento de metodologias e as práticas educativas, pois elas existem e afetam as relações entre professores/as e dele/as e até mesmo entre as próprias crianças e adolescentes e seus grupos, resultando em reflexos negativos para a convivência e a aprendizagem. Temas polêmicos como esse trazem desconforto e desconfiança para todos/as que formam o universo escolar, o que contribui para o encobrimento do medo e da agressividade, em prol da boa propaganda da educação, que possui o papel de construtora da autonomia dos cidadãos. Educar exige risco, aceitação do novo e rejeição a qualquer forma de

discriminação, que separe as pessoas por conta da raça, de classe, de gênero. Precisamos criar formas de saber que interfiram nas realidades, a fim de modificá-las. (FREIRE, 1996).

É muito recorrente observar a reprodução de estigmas e de discriminação dentro da escola, esse espaço habitado por pessoas que mal se conhecem, pois há falhas por todos os lados, que afastam os discentes e os reprimem. Os/As estudantes não se sentem parte desse lugar, essa instituição não faz sentido para eles/elas, pois não é a extensão do seu lar, como deveria ser, os/as educadores/as vão passando, apontando, julgando, sem nem ao menos tentar descobrir o que se passa na vida desses sujeitos invisíveis. Por conta disso e de toda a dor e o sofrimento vivido em casa, em sociedade, usam a escola como depósito de dores, depredando, arrombando, furtando, esse lugar que lhe prende, vigia e controla, mas que, ao mesmo tempo, não lhe escuta e nem lhe dá atenção. Como destaca Dayrell:

Aprender a escola como construção social implica, assim, compreendê-la no seu fazer cotidiano, onde os sujeitos não são apenas agentes passivos diante da estrutura. Ao contrário, trata-se de uma relação em contínua construção, de conflitos e negociações em função de circunstâncias determinadas. (DAYRELL, 1996, p. 137).

O foco dos estudos sobre violências na escola no Brasil, como podemos observar até aqui, ganhou, nos últimos anos, uma nova forma de discussão, que não se aplica apenas à indisciplina de crianças e adolescentes dentro e fora da escola. Discutem-se hoje as mais variadas formas de violências e seus múltiplos fatores, procurando analisar a influência negativa gerada no ambiente escolar. Para Abramovay e Rua:

Há entre alunos e professores um sentimento de insegurança e abandono do espaço social e muitas vezes a escola se torna omissa e pouco presente. A escola tem que estar preparada para assumir as respectivas condições em que vivem seus alunos, criando estratégias de acesso, pertencimento, permanência e qualidade, pautadas no respeito ao outro e na inclusão de todos no processo de ensino-aprendizagem. (ABRAMOVAY; RUA, 2006, p. 30).

É observando todos esses desafios e perspectivas que podemos concluir que um dos caminhos para que a escola pública brasileira avance em suas proposições pedagógicas é criando possibilidades de debate, convivência e discussão das problemáticas com as crianças e adolescentes, professores, demais funcionários, pais e a comunidade em geral, ou seja, a construção de uma escola democrática, que possua um projeto pedagógico que preze a valorização dos indivíduos, considerando suas subjetividades e as diversidades.

Assim, devemos puxar o debate para a necessidade de uma formação docente voltada para a organização do ensino e aprendizagem nesses vários ambientes de formação,

principalmente a escola e Universidades, de maneira a preencher os/as professores/as de atitudes científicas e reflexivas na condução e avaliação da sua própria prática, que lhes permitam a construção de paradigmas em torno de transmitir informação e valores; participar na planificação e gestão da escola, cooperando com os demais agentes da comunidade educativa e, ainda, assumindo perante os/as alunos/as um papel de mediador dos conhecimentos trazidos e elaborados por todos, através do uso de metodologias sensíveis e inovadoras, que acolham elementos da nossa própria cultura na formação.

Essa educação mediadora permite a participação ativa de todos os protagonistas escolares, tornando os conteúdos flexíveis, podendo ser reavaliados ou modificados, ligando-os às experiências dos discentes, proporcionando elementos que ajudem a construir o seu próprio conhecimento, ao invés de apenas reproduzir assuntos prontos. A partir de aulas participativas, os docentes passam a manter diálogos construtivos entre os discentes, construindo conhecimentos que valorizam e transformam suas realidades. Segundo Behrens:

[...] Acreditando nas diferenças individuais, alunos e professores precisam criar ambientes em sala de aula que promovam a tolerância e o respeito às pessoas. A criatividade e o talento são referências únicas em cada aluno, pois todos eles têm potenciais, mas os desenvolvem em diferentes aspectos que se caracterizam, em cada um, de forma diferenciada. (BEHRENS, 2000, p. 72).

Destacamos a importância da formação docente para a convivência escolar, pois implica num caráter contínuo, associando formação à pesquisa científica, um maior reconhecimento das experiências e práticas de ensino, mediadas por uma alternância entre teoria e prática no processo formativo. Segundo Lima (2015, p. 57): "No contexto da epistemologia da prática construiu-se também a ideia da formação do professor pesquisador de sua própria prática, capaz de refletir sobre seu próprio fazer e promover as mudanças necessárias à inovação dos projetos educativos". As experiências nos espaços escolares são o maior laboratório formativo, porém, é necessário haver uma base teórica crítica e reflexiva sólida, capaz de ajudar na construção de alternativas de resolução dos desafios cotidianos, que quebrem com as desigualdades e as violências.

A carreira docente, como vimos, parte da formação e da construção de conhecimentos, dentre eles o conhecimento dos conteúdos das disciplinas, o conhecimento curricular, conhecimento pedagógico e o conhecimento dos/as alunos/as e de suas características. As discussões que o conhecimento profissional do/a professor/a necessita são complexas, amplas, multifacetadas e integram uma variedade de formas e categorias. A educação e o ensino são atividades práticas, ligadas às teorias de suporte e fundamentação epistemológica, que precisam

acolher as expressões da convivência, daí a necessidade de ampliar-se o processo de formação docente.

Constata-se que a escola é esse lugar de amplitude social, constituída por sujeitos singulares, com experiências múltiplas, que atravessam as relações pedagógicas, que aqui na dimensão das violências nas escolas, traz a necessidade de produção de competências e saberes ligados às experiências metodológicas dos/as professores/as frente aos problemas da contemporaneidade, especialmente aos voltados para a convivência.

Para Mosé (2014), a fragmentação do pensamento e do saber é o modo mais eficaz de controle social, mesmo que as pessoas sucumbam a um modelo social excludente de sociedade. Sem a capacidade de conectar experiências específicas com a vida, sem a capacidade de expressar a vida por meio de um projeto mais amplo, sem a disposição de conectar este projeto social com toda a sociedade e a vida, crianças e adolescentes acabarão sofrendo por serem tratados/as como insignificantes, conseqüentemente, não conseguindo mudar as opressões.

Percebe-se que os espaços "formativos e educativos", tanto da dimensão inicial quanto continuada, precisam das experiências das crianças, dos adolescentes e dos/as professores/as para permitir a vivência coletiva, trazendo aprendizados essenciais frente às questões necessárias para a mudança e o desenvolvimento da convivência, com o respeito às pluralidades e diferenças, eliminando os preconceitos. Precisamos de conhecimentos, na prática, possíveis de reflexão, que nos ajudem a ultrapassar situações complexas e conflituosas entre os sujeitos da escola, servindo como peça-chave na resolução de problemas.

Para Lima (2015), acreditamos que a reflexão sobre a prática educativa precisa ocupar um espaço de destaque nos projetos formativos, mas esse tipo de reflexão não se limita ao espaço da sala de aula, no entanto, considera também uma análise complexa do contexto social, histórico e cultural em que estão inseridos educandos/as, educadores/as e as práticas educativas. Em outras palavras, que essa reflexão baseie-se em princípios políticos e filosóficos defendidos no âmbito da racionalidade crítica.

Identificamos nas leituras que a escola é vista como a instituição capaz de garantir a todos o acesso aos conhecimentos socialmente acumulados, que na dinâmica escolar são reduzidos a produtos e resultados, sem levar-se em conta os processos. Materializado nos programas, planejamentos e livros didáticos, o conhecimento escolar torna-se "coisa" a ser transmitida. Ensinar torna-se transmitir esse conhecimento acumulado, e aprender torna-se assimilá-lo. Apenas os resultados finais das avaliações são valorizados, reduzindo as aprendizagens ao acúmulo de boas notas. Assim, o ensino escolar não se relaciona com o dia a

dia dos/as discentes, havendo uma desarticulação entre o conhecimento escolar e a vida dos/as alunos/as. (DAYRELL, 2001).

Precisamos de professores/as que assumam uma postura e atitude reflexiva em relação ao ensino e aprendizagem, desenvolvendo estratégias com ênfase nas relações que os indivíduos estabelecem consigo mesmos e com os outros, tendo as convivências como práticas essenciais para o crescimento de identidades e respeito às diferenças. Hoje se educa numa era planetária, multiculturalista, plural, que pede por uma análise e reconfiguração das identidades.

O clima escolar é reflexo da maneira como a escola vem sendo construída. E a questão é que minimizamos os problemas da convivência, que só poderão mudar com um maior controle da disciplina, que esteja ligado também a uma melhor comunicação entre docentes e discentes. Só assim, os atores e as atrizes da escola voltarão a sentir prazer em aprender e ensinar, pois são ativos/as, representados/as, estão envolvidos/as nas decisões, são ouvidos/as, ou seja, pertencem à instituição. As próprias questões de segurança na escola devem partir de medidas preventivas que estimulem as crianças e adolescentes a resolverem seus conflitos de maneira não violenta, melhorando a qualidade das relações, que, conseqüentemente, melhoram os resultados da escola, pois garantem um bom clima para as aprendizagens.

A resolução de problemas escolares nos conduzem à busca por novos conhecimentos, que possam auxiliar-nos no cotidiano escolar, a partir das leituras da própria realidade na qual os sujeitos estão inseridos. No entanto, muitos docentes não possuem competências para lidar com os conflitos no interior da sala de aula, mesmo quando se consideram bons na divulgação dos conteúdos específicos de suas disciplinas. Acabam por não refletirem sobre sua prática educativa, até percebem as violências, mas não responsabilizam a escola, é sempre como se fosse um fator externo que a invade.

A convivência escolar, muitas vezes traduzida em atos de violência (ABRAMOVAY; RUA, 2004), tem reclamado ruidosamente por intervenções em favor da paz. Entretanto, são poucos/as aqueles/as que têm escutado seus apelos. Como podemos observar até agora, a escola é um espaço de construção de saberes, de convivência e socialização, que nas últimas décadas tornou-se também lugar de produção e de reprodução de violências.

As violências realizadas no interior das escolas atingem, em geral, as crianças e adolescentes, criando, muitas vezes, uma tensão entre o sistema escolar e a expectativa deles, que, reprimidos, tendem a agir com agressividade e vandalismo, como forma de repressão às regras e ao sistema de disciplinamento. Os fatores que contribuem para a formação dessa tensão dentro da escola incluem normas e punições exageradas, falta de diálogo, desinteresse pelos discentes de modo singular, a visão dos docentes sobre os/as adolescentes com problemas

sociais irreparáveis e o descompasso entre a cultura escolar, cultura dos discentes e as práticas educativas contemporâneas.

Uma alternativa para superar os desafios do cotidiano escolar está numa formação docente continuada que possibilite uma cultura de metodologias sensíveis e inovadoras, criando oportunidade de lazer e trabalho para seus sujeitos, proporcionando às crianças e aos/às adolescentes a construção de cidadania, principalmente aos/às pertencentes às camadas populares, que não têm acesso nem mesmo a serviços básicos como moradia, alimentação, vestuário, emprego, saúde, acesso à escola e a bens de cultura e lazer, enfim, uma qualidade de vida digna.

Dessa forma, consideramos que as crianças e os/as adolescentes precisam ser protagonistas dentro da escola, construir, por intermédio de suas ações e das ações positivas dos outros, o sentimento de pertencimento. Precisam envolver-se nas atividades desenvolvidas dentro da escola e sentir-se como parte fundamental dela. O envolvimento dos discentes nas atividades escolares e não escolares torna-se importante, pois as práticas culturais desenvolvidas por atores desse segmento social podem transformar o espaço escolar, diminuindo significativamente situações de conflito e de violência, melhorando a convivência escolar.

Não podemos esquecer da influência das violências institucionais na formação dos sujeitos, pois a escola produz, reproduz e dá visibilidade a uma série de representações de violências. Assim, concordamos que a escola tornar-se-á mais segura quando modificar sua própria estrutura interna e externa, construindo intervenções com a iniciativa e ação de toda a comunidade escolar. Apenas com a participação ativa dos/as discentes nas escolhas e transformações escolares poderemos promover uma mensagem positiva da escola, que será eficaz para a quebra dos atos violentos.

Portanto, a cultura da valorização das práticas culturais trazidas pelas crianças e adolescentes precisa fazer parte de nosso cotidiano, bem como da prática educativa dos/as educadores/as, como alternativa para termos estudantes mais comprometidos consigo, com os outros e com o mundo que os rodeia. Muitos/as jovens encaminham-se para as violências, as drogas; outros/as, porém, encaminham-se para as práticas de não violência.

Entende-se que são muitos os problemas da escola, e as manifestações das violências provocam tensão entre os sujeitos dessa instituição, prejudicando o processo de ensino e de aprendizagem, desfavorecendo o clima escolar harmonioso e desestabilizando as relações entre os sujeitos da escola, fazendo com que os objetivos educativos desse espaço de socialização de saberes não se concretizem. De acordo com o Relatório do UNICEF (2018, p. 22), em termos

mundiais, um a cada três estudantes entre 13 e 15 anos sofrem bullying e, na mesma proporção, envolvem-se em brigas com lutas físicas.

Evidencia-se, assim, que os/as professores/as, ao trabalharem em ambientes de violências, insegurança e ameaça, sentem-se desmotivados/as a desenvolver todo o seu potencial, conseqüentemente, não se preocupam em melhorar sua prática educativa e planejamentos, reproduzindo apenas os conteúdos, sendo menos criativos/as. No entanto, trocar experiências, desenvolvendo um saber prático baseado em suas vivências cotidianas com os estudantes, pode despertá-los a trocas de experiências, trazendo um impacto extremamente positivo na qualidade de ensino. Em pesquisas anteriores, podemos comprovar que adolescentes e jovens consideram a escola muito tradicional, monótona e pouco estimulante, demonstrando insatisfação nas relações entre os/as educadores/as, reivindicando que os/as professores/as sejam mais sensíveis, respeitando aspectos próprios das juventudes em suas aulas.

Assim, a principal intenção nesse ponto é a formação docente como linha de fuga para implantação da cultura da não violência, que possibilite aos professores e professoras a reconstrução de si, a produção de outras formas de pensar, problematizar e potencializar as relações interpessoais, desde as recíprocas às afetivas na convivência da escola, de modo a aproximar-se das ideias de crianças e de adolescentes, através de práticas educativas humanizadas, desenvolvidas por meio de abordagens que estimulem a escuta, os afetos, advindas de práticas educativas inovadoras.

A percepção do fenômeno das violências nas escolas como responsável pela desorganização do sistema escolar e do processo de construção de saberes é produto de histórias vivenciadas e recolhidas pelos diversos sujeitos da escola, em suas memórias e nas relações que estabelecem ao longo de suas vidas, que inviabilizam o cumprimento das metas escolares. Nessa medida, violências no espaço escolar, muitas vezes, são banalizadas, tornando-se corriqueiras, gerando conflitos, incertezas e exclusões no cotidiano.

É importante ressaltarmos que o clima escolar reflete as relações estabelecidas na escola, onde a comunicação, o diálogo e as experiências significativas melhoram consideravelmente a qualidade das aprendizagens, pois perpassam a segurança e o prazer do aprender e ensinar, uma vez que incorporam em sua dinâmica aspectos trazidos pelos seus/suas discentes, o que os ajuda a sentirem-se representados/as dentro das escolhas e discursos escolares. Nesse sentido, é no planejamento cotidiano que as escolas devem construir estratégias para enfrentar o fenômeno das violências, através de um projeto de convivência que, verdadeiramente, provoque transformações nas relações entre a comunidade escolar, em especial, seus discentes.

Entendemos que a relação professor-aluno é fator decisivo para transformar o clima

escolar, e esse processo perpassa a formação, que atua como papel fundamental no desenvolvimento profissional do docente e na construção de sua identidade profissional. Essa formação deve representar um espaço de crítica e de reflexão coletiva, desde que o/a professor/a em formação seja levado/a a analisar sua própria prática, tendo como meta a construção de novas descobertas para a ação educativa e a descolonização de saberes arraigados e preconceituosos. Para que essas novas descobertas sejam assimiladas de maneira científica e acadêmica à práxis educacional, há necessidade de atualização constante, incluindo-se tanto os/as que já têm experiência de magistério como os/as que estão iniciando na carreira.

Dessa forma, nos cursos de formação continuada os/as professores/as deverão participar de situações de aprendizagem diversificadas, pensar lugares híbridos entre as instituições de formação (Universidades), escolas e políticas públicas (NÓVOA, 2017). A partir desses entrelugares, pensar outros saberes docentes, que ampliem os horizontes da informação e do conhecimento, mas especialmente, da descoberta de uma nova concepção de se fazer educação nos tempos e espaços atuais, que não se restrinjam à velha sala de aula. Todo o universo angariado por meio dos livros, estágios e vivências precisa ser apreendido através do acesso a manifestações culturais e artísticas, das tecnologias, das políticas públicas destinadas ao setor educacional.

É na ação refletida e na redimensão de sua prática que o/a professor/a pode ser agente de mudanças na escola e na sociedade. A escola, nesse contexto, passa a ser vista como ponto de partida e de chegada para a formação do/a professor/a, visto que é somente na prática que o os/as docentes refletirão sobre os saberes adquiridos. Para tanto, a formação, como venho afirmando, deve ser vivenciada em parceria com a realidade social dos discentes, para que o/a professor/a possa superar os desafios, criando novas possibilidades para a educação.

De acordo com Abramovay e Castro (2006), há entre os/as alunos/as o sentimento de insegurança, de abandono e de impunidade, que colabora para a quebra do elo aluno/a e escola, culminando com o afastamento do/a discente desse espaço. Os espaços formativos e educativos precisam das experiências dos/as estudantes para permitir a vivência coletiva, trazendo aprendizados essenciais frente às questões necessárias para a mudança e o desenvolvimento da convivência, com o respeito às pluralidades e diferenças, eliminando os preconceitos.

Os espaços de formação continuada devem dar espaço aos/às professores/as, escutá-los/as, falar de convivência e violências nas escolas, haja vista que deixaram de ser temas livrescos e passaram a ser urgentes na implementação das rotinas de planejamentos das escolas. Ambos os fenômenos são multifacetados e atingem a escola em todos os sentidos, pois tanto se desenvolvem em situações dentro da escola como em seu entorno.

Demanda-se, portanto, tornar as escolas um espaço democrático e igualitário, capaz de transbordar experiências, afetos, diálogos, inclusão das diversidades e diferenças, que gerem uma convivência relacionada à comunidade, à família, à escola, à rua, enfim, que acolha os comportamentos e linguagens de crianças e adolescentes diversos, respondendo às expectativas de todos em relação à segurança, ao lazer, à cultura, enfim, ao prazer no ensinar e aprender, através do conviver juntos, aprendendo a lidar com os conflitos e tensões próprios das relações da diversidade, construindo projetos comuns dentro dos princípios da solidariedade, do respeito, da empatia; necessários para a aprendizagem de uma cultura de não-violência. Nesse sentido, é importante discutir a escola como lugar de aprendizagem e criação, através do resgate e da participação de todos os sujeitos que a formam (ABRAMOVAY, 2018).

A educação escolar, segundo Delors (1999), é indispensável para a formação das pessoas na construção de ideias de paz, liberdade e justiça social. Possibilitando um desenvolvimento humanizado e harmonioso, o que acarreta o combate às exclusões, aos racismos, às opressões, às homofobias, às violências dos mais diversos tipos. No entanto, o ambiente escolar acaba sendo atacado por problemas e dilemas que geram insegurança, medo, indisciplina, conflitos relacionados às violências, que afetam o clima escolar, as relações, o que consequentemente, impede a escola de cumprir sua função social de educar.

Por fim, a realidade vivida nas escolas, por estudantes e professores, necessita ocupar os debates em torno das práticas educativas e sociais, capazes de propiciar às crianças e aos/às adolescentes condições adequadas para existir socialmente. No entanto, há uma queixa forte por parte dos/as professores/as em relação à indisciplina e à violência, cada vez mais presentes no dia a dia das escolas e de que essas seriam os principais motivos das dificuldades existentes, na prática educativa, principalmente por conta do baixo rendimento dos discentes e do desgaste nas relações interpessoais entre alunos/as e professores/as.

Diante do exposto, quando se fala em educação de crianças e adolescentes, violências na escola, convivência e papel de professores/as, estamos refletindo sobre as ações educativas a serviço da socialização e da humanização dos indivíduos em formação. Aqui precisamos ressaltar que o problema das violências traz uma pressão muito grande para as práticas educativas dos docentes, pois o tempo todo é exigido da sociedade que esse/a profissional seja capaz de transformar essas realidades, o que frequentemente causa um sentimento de impotência dos/as docentes frente aos desafios do contemporâneo, pois é como se fôssemos os únicos responsáveis pela resolução dos problemas da escola.

Nesse sentido, para transformar a escola num lugar capaz de lidar com os conflitos, precisamos deixar de apontar culpados e passar a criar bases sólidas de convivência, pois

entendemos o fenômeno da violência como algo construído socialmente e, portanto, passível de ser impedido, através do diálogo, que é o recurso essencial para as relações sociais. Assim, prevenir as violências através de ações efetivas na escola, possibilitará as interações, a geração de bons conhecimentos, tornará a escola um lugar agradável, que estimula a criatividade, a criação, a invenção e a sensibilidade para uma convivência solidária. Mediando alunos/as para entender melhor suas dificuldades, possibilitando a construção do conhecimento de forma coletiva, adequando-se ao respeito às identidades socioculturais e à valorização dos saberes individuais para promover uma aprendizagem como linhas que se cruzam em uma imensa colcha de retalhos, formando um tecido de conhecimentos, cujas linhas diferentes proporcionam o acolhimento e a cooperação entre as pessoas da escola, garantindo a liberdade de opiniões.

3 TRAJETOS METODOLÓGICOS: A SOCIOPOÉTICA EMARANHANDO CABAÇAS

Figura 2 - A Sociopoética emaranhando cabaças



Fonte: Acervo da Pesquisadora (2020).

*“Não é à toa que entendo os que buscam caminho. Como busquei arduamente o meu!
E como hoje busco com sofreguidão e aspereza o meu melhor modo de ser, o meu atalho, já que não
ousou mais falar em caminho. Eu que o tinha querido.
O caminho, com letra maiúscula, hoje me agarro ferozmente à procura de um modo de andar, de um
passo certo. Mas o atalho com sombras refrescantes e reflexo de luz entre as árvores, o atalho onde
eu seja finalmente eu, isso não encontrei.
Mas sei de uma coisa; meu caminho não sou eu, é o outro, são os outros. Quando eu puder sentir
plenamente o outro, estarei salva e pensarei: eis o meu porto de chegada.”*

Clarice Lispector

Nessa seção, discutimos os percursos metodológicos da pesquisa, através da abordagem sociopoética, os quais foram traçados, delineados, pensados, planejados e percorridos na construção desse estudo. Para melhor compreensão das alternativas, passos e dos procedimentos desenvolvidos, separamos esse trajeto em tópicos, a saber: “No meio do caminho havia a Sociopoética: minhas afecções entre suas encruzilhadas”; “Percurso metodológico: o que é a Sociopoética?”; “Os cinco princípios da Sociopoética: como ensinar e aprender na pesquisa em Educação” e “Cartografando o território da Pesquisa: primeiros passos para negociação”. Esses tópicos abordam os caminhos metodológicos, evidenciando a potência da Sociopoética como um diferencial para a educação. Destacamos as experiências, os desafios, as dúvidas e as conquistas deste trajeto do fazer-pesquisa em meio ao caos pandêmico da COVID-19, e, por isso, em alguns trechos dessa seção, foi utilizada a primeira pessoa do singular, expressando os sentimentos da pesquisadora frente aos acontecimentos.

3.1 No meio do caminho havia a Sociopoética: minhas afecções entre suas encruzilhadas

Conheci a Sociopoética assim, no meio do caminho, no ano de 2012, quando já havia trilhado alguns passos dentro do Mestrado em Educação do Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Federal do Piauí (UFPI). Já havia se passado um semestre letivo e eu ainda caminhava sozinha, sem orientadora definida, ia criando atalhos para as encruzilhadas da minha formação. Foi quando no segundo semestre do curso, a Profa. Dra. Shara Jane Holanda Costa Adad tornou-se minha orientadora e apresentou-me à abordagem de pesquisa Sociopoética.

Estava eu ali perdida, sem entender os propósitos daquela forma de pesquisar. Foi então que percebi que às vezes é preciso perder-se para se encontrar. Foi cursando a *Disciplina Abordagem Sociopoética nas Pesquisas Qualitativas*, com o tema gerador “O que é a Educação?”, que fui trazendo aportes teóricos para minhas trilhas, fazendo atalhos para meu desejo de pesquisar com jovens. As aulas eram todas ministradas com técnicas artísticas, provocando em mim estranhamento, mas também encantamento, era como encontrar uma saída para o estilo de pesquisar mecânico que me havia sido ensinado ao longo da vida. Agora surgia a possibilidade de uma produção de conhecimentos coletivos, que me auxiliava a pensar e repensar minha práxis como educadora e pesquisadora.

Fui compreendendo, ao longo das aulas, o que era a Sociopoética. No entanto, perguntava-me: Como fazer uma pesquisa com essa abordagem? Foi então que aprendi que era preciso aproximar-se profundamente do campo e dos sujeitos do estudo. Lançar-se, ver, tocar,

deixar-me capturar, percebendo os acontecimentos, pois as relações entre pesquisadora e campo estão no plano dos afetos. Os sujeitos da pesquisa não são objetos. Com a Sociopoética compreendi que os saberes e conhecimentos são produzidos, e não coletados. E foi assim, fugindo dos modos de fazer pesquisa instituídos e padronizados, que embarquei nessa abordagem de pesquisa, por ser uma prática filosófica que descobre os problemas que mobilizam os grupos sociais; promove a criação de novos problemas ou de novas maneiras de problematizar a vida; favorece a criação de conceitos (conceitos + afetos), contextualizados no afeto e na razão, na intuição e na imaginação do grupo pesquisador; e possibilita a criação de conceitos desterritorializados.

Neste sentido, fui capturada pela Sociopoética no meu mestrado. Realizei leituras para a construção da pesquisa, passei a encantar-me ainda mais por toda a potência de criação e invenção que a mesma possibilitava, por ser uma abordagem de pesquisa que reconhece o corpo como fonte de conhecimento coletivo, valoriza os diferentes saberes e contribui para a construção de outros conceitos, mais aproximados das pessoas, pois são feitos por elas próprias nas oficinas de produção de dados.

Vivenciar as experiências artísticas durante essa disciplina constituiu-me como sociopoeta, capaz de produzir técnicas potentes, de produzir saberes desterritorializados em meus copesquisadores, desorganizando suas certezas e mexendo com suas emoções mais profundas. Assim eles/elas puderam embarcar nessas trilhas rumo ao conhecimento produzido e articulado por nós mesmos/as, em busca de problemas e conceitos que nos ajudassem a desbravar o desconhecido. Desse modo, escolhi a Sociopoética e ela me acolheu, sendo que um de seus princípios que mais me encantou foi a possibilidade de pesquisar com técnicas artísticas, pois devido ao seu grande potencial artístico e inventivo, fez-me capaz de entender as subjetividades dos copesquisadores, criando filósofos e formando multiplicadores.

Assim, no ano de 2014, já sociopoeta e mestra em educação, passei a utilizar a sociopoética em tudo: nas minhas escritas de textos, artigos científicos e livros; na minha sala de aula com crianças e na formação de professores no ensino superior. Isso me mostrou que a criatividade de pensamentos ultrapassava as fronteiras da representação, o que me afetava e me capturava dia após dia. É interessante perceber que ninguém nasce sociopoeta, vai se tornando a cada dia, através das experiências e afetações que ela provoca e, assim, adentrando nesse lugar, nesse modo de fazer, escrever, pesquisar, olhar, reparar e ver, que entendi que ser sociopoeta é ir além da razão. Faz-se necessário utilizar a arte e o grupo enquanto dispositivos que acionam o corpo todo em nossas pesquisas e no ensino-aprendizagem, caso contrário, reduzimos a capacidade de criação, de invenção no ato de conhecer, que ocorre por meio das

sensibilidades. Foi assim que fui deixando-me envolver de corpo inteiro com a Sociopoética, e aprendi que o corpo pensa.

Assim meus caminhos trouxeram-me a 2020, doutoranda, sociopoeta que vos convida a também produzir potências do corpo, de modo a operar a invenção de si e de mundos. Trazendo a possibilidade de fazer pesquisa de modo experiencial, de modo que possa sentir na pele as experiências de viver sociopoeticamente o mundo, a partir da invenção, numa transformação política que acontece no meio das coisas. Precisamos dar visibilidade às potências do corpo, pois ele, na sociopoética, é fonte de conhecimento e traz um outro modo de fazer ciência e educação. A sociopoética tornou-se, portanto, dentro das minhas trilhas, uma abordagem feita com as mãos, com o corpo, com a sensibilidade, com a emoção, a razão, com a intuição em todas as dimensões do corpo. Que foi me mostrando ser possível dar visibilidade aos grupos subalternizados pelas culturas dominantes e de resistentes, que são invisibilizados, mas que em nossas pesquisas podem ser vistos e produzir conhecimentos coletivos.

3.2 Percurso metodológico: o que é a Sociopoética?

Considero a Sociopoética uma abordagem das encruzilhadas, dos encontros coletivos, das manifestações artísticas e corporais, estando na expressão da transversalidade dos desejos e poderes, que agem de maneira inconsciente. Traz uma forma de ciência que quebra a objetividade cartesiana; o caráter transversal da Sociopoética é atravessado pela pedagogia do oprimido, a análise institucional, a pesquisa-ação e a pesquisa participante, pela arte-educação, a escuta mito-poética e a educação simbólica, pois trata de uma abordagem que desperta o prazer e a criatividade na construção coletiva do conhecimento, e que pretende fazer da pesquisa um acontecimento poiético – que do grego quer dizer *poiésis*, criação (PETIT, 2003, 2011).

Essa abordagem nasce de forma multirreferencial, iniciando-se a partir da inspiração em Paulo Freire e na Pedagogia do Oprimido, de quem herdamos o coração da sociopoética, o método do grupo-pesquisador. Desenvolvemos, nessa abordagem, um processo de pesquisa e aprendizagem no qual nos esforçamos para quebrar as divisões sociais, tornando todos participantes da pesquisa, tanto os intelectuais confirmados pela academia como as pessoas do povo, cidadãos no pesquisar, copesquisadores, membros iguais em direitos e deveres dentro da pesquisa. Destacamos também, como inspiração, o modelo do Círculo de Cultura, que acontece a partir dessa integração de especialistas e pessoas comuns, que formam o grupo-pesquisador em torno de um tema-gerador, funcionando como um mecanismo de construção coletiva do conhecimento. No entanto, na Sociopoética ainda temos a figura do pesquisador oficial, para os

quais reservamos a nomeação de “facilitadores da pesquisa”, aqueles que, formados, têm a responsabilidade de idealizar o dispositivo da pesquisa e/ou aprendizagem a partir de uma negociação com os copesquisadores.

Verifica-se como segunda fonte a análise institucional, que a Sociopoética vem ampliar, pois favorece o conhecimento crítico das instituições e a invenção de novas saídas para a aprendizagem, além de provocar no grupo-pesquisador a transformação de suas linguagens em confetos (conceitos + afetos), a transformação de si e a criação de devires que transformam, no caso desta tese, o ambiente escolar. Essa abordagem concentra metodologias que caracterizam o modo de pesquisar, implicadas nas relações cotidianas e na militância política, ao considerar a pesquisa e a produção do saber como modos de poder, modos de intervir no mundo politicamente. Como método inovador na ciência, propicia o encontro intercultural de saberes, produzindo uma espécie de direito às outras formas de produções culturais, que antes não eram valorizadas, sendo excluídas pela epistemologia cartesiana. Para Petit:

A Sociopoética procura integrar essa perspectiva de análise das implicações, propondo, por exemplo, que as pessoas do grupo-pesquisador expressem seus sentimentos, suas motivações e reflexões num diário de itinerância que fica à disposição dos membros durante as oficinas e/ou mediante avaliações contínuas dos conflitos e das interferências que o grupo enfrenta, inclusive o próprio pesquisador oficial. (PETIT, 2014, p. 24).

Caminhando com a Análise Institucional temos a Esquizoanálise, que assim como a Sociopoética, critica as padronizações e homogeneizações, que afetam as questões ligadas às diversidades. A Esquizoanálise ajuda-nos a refutar todo essencialismo, não permitindo reduzir as identidades, criando o conceito de devir, que sugere a nossa multiplicidade heterogênea. Para que possamos entender, por exemplo, que eu posso ser mulher e viver um devir masculino, ou ser criança e viver um *devir* adulto, sem que na verdade eu seja, são apenas fluxos contraditórios e imprevisíveis que convivem em mim, sem definição temporal. Nas Palavras de Petit (2014, p. 25): “Um devir é, então, uma linha de fuga, algo que escapa à categorização socialmente produzida”.

Nossa próxima fonte é a escuta mito-poética, segundo René Barbier. Na Sociopoética, a escuta sensível do facilitador deve aprender a ouvir e reparar as entrelinhas, deve aprender a escutar as falas e os silêncios que ritmam os processos de criação em cada ser. Todavia, parte da capacidade de “[...] sentir o universo afetivo, imaginário e cognitivo do outro para ‘compreender do interior’ as atitudes e os comportamentos, o sistema de ideias, de valores, de símbolos e de mitos” (BARBIER, 1997, p. 59). Dessa forma, na Sociopoética, esta escuta sensível não julga, não mede, não compara; preocupando-se apenas em gerar clima de confiança

entre os membros, a fim de facilitar essa escuta sensível sem, contudo, encobrir os conflitos existentes no processo.

Um aspecto importante da escuta sensível é o reconhecimento de que o corpo pensa, portanto, não pesquisamos apenas com a razão. Por isso, na Sociopoética desenvolvemos uma pesquisa com o corpo todo, que não se separa da razão e dos outros modos de pensar, como a intuição, a emoção e a sensibilidade. De acordo com Gauthier:

A Sociopoética pretende transformar para conhecer; mas não transformar de qualquer jeito: o que nos interessa é desencadear as potências criadoras desconhecidas das pessoas, adormecidas, esterilizadas na vida ordinária. Na poética (...) da pesquisa e da aprendizagem encontramos a diferença do outro sob a forma de criação imaginária. O outro é realmente sujeito da pesquisa, uma vez que ele cria uma realidade que não existia antes da sua expressão-criação poética. A hipótese é que os seres humanos estão sempre se fazendo e desfazendo, que a humanidade neles é precisamente este perpétuo fazer e desfazer. A Sociopoética, ao considerar todos e cada um como poeta, pesquisa o que é humano, sua plasticidade, seu poder de devanear, de encontrar-criar, cada dia, a realidade. (GAUTHIER, 1999, p. 14).

Outra influência marcante na Sociopoética é o Teatro do Oprimido, de Augusto Boal (1999). Com o uso do Teatro-Imagem, propondo movimentos corporais e até mesmo encenações feitas pelos copesquisadores sobre o tema-gerador para fins de análise coletiva. Para Boal (1996, p.22): “[...] ficou para mim uma verdade: quando é o próprio espectador que entra em cena e realiza a ação que imagina, ele o fará de uma maneira pessoal, única e intransferível, como só ele poderá fazê-lo e nenhum artista em seu lugar”. Que coaduna com a Sociopoética, pois afirma que não são apenas os especialistas (pesquisadores) os autorizados a produzir conhecimentos sobre o tema gerador.

A outra influência da sociopoética é a educação simbólica, que diz respeito à condição humana de criar símbolos. Gauthier (1999) foi influenciado pelo esquema de Yung, oriundo de tradições milenares, utilizada em sua obra psicanalítica. A Educação Simbólica interessa à Sociopoética porque educar e pesquisar deveria proporcionar mais prazer e felicidade, no entanto, a vida é uma continuação de momentos heterogêneos. Nesse caso, a pesquisa pode levar tanto a momentos que nos tornam mais felizes, conscientes, bem como colocar em crise muitas ilusões, conflitos. Gauthier resume colocando ser:

Daí a impossibilidade, pela pesquisa e pela educação sociopoéticas, de economizar os momentos de crise, de tensões, de conflitos. [...] autoconhecimento dos grupos sobre si mesmo se produz quase sempre pela superação de uma crise. O próprio processo analítico de conhecimento é uma crise para a instituição, o grupo, o indivíduo. (GAUTHIER, 1999, p. 18).

A Sociopoética é, portanto, um método democrático de pesquisa que estabelece o contato e a troca de saberes e experiências entre diferentes culturas, que acredita que todos podem produzir conhecimentos através da utilização da arte e do corpo em toda a sua extensão física, espiritual e afetiva. A Sociopoética propõe pensar com o corpo todo, com os sentidos e a emoção, conforme podemos perceber nas palavras de Gauthier:

[...] Nenhuma teoria nem mito desvelará a verdade ou o sentido escondido da realidade pesquisada. Não somos os portadores da luz frente à escuridão da vida. Experimentamos nossas “verdades” provisórias com as verdades dos outros, costuramos sentidos heterogêneos, descobrimos novas perguntas, inventamos novos conceitos, que inquietarão, ou não, os leitores e leitoras, lhes dando, ou não, vontade de dialogar criticamente conosco, de transformar a realidade a partir dos nossos resultados ou de pesquisar mais, até contra nós. [...] sendo a pesquisa Sociopoética uma odisseia, uma viagem que talvez pretenda somente substituir enigmas grosseiros e individuais por outros, coletivos e refinados. (GAUTHIER, 1999, p. 39-40).

Desse modo, a Sociopoética combate os seguintes pressupostos científicos: o não diálogo com as outras culturas, sobretudo as dominadas e/ou de resistência; o corte da cabeça do resto do corpo, sobretudo da sensibilidade; a separação entre aprendizagem científica e desenvolvimento artístico; a consideração dos não especialistas como incapazes de participar da produção do conhecimento; a separação entre o conhecimento e a espiritualidade.

Na Sociopoética, pesquisamos em grupo, especialmente os de resistência, marginalizados, comumente invisibilizados e silenciados pela sociedade. Utilizamos técnicas artísticas como dispositivo de pesquisa, possibilitando a criação e invenção, sendo um princípio importante para pensar a problemática da produção do conhecimento, introduzimos na pesquisa a fala e a escuta sensível, a partir do estranhamento das questões que nos direcionam a outros lugares, que não são lineares, mas múltiplos para pensar o mundo.

Para Adad (2018), a expressão mais interessante para a promoção da escuta sensível é o uso da arte como potência criadora de vida. Por meio de dispositivos artísticos, torna-se ar fresco para problematizar e criar uma convivência potencializadora de todos. Na escola, para pensar a convivência escolar, necessitamos das artes como possibilidade de ressignificação. Pesquisar com a arte é uma de nossas expressões mais provocadoras, pois ao construirmos dados “artisticamente”, direcionamos o pesquisar a um forte componente emocional, sensível e, sobretudo, inconsciente, que outras formas de pesquisa dificilmente conseguiriam revelar.

A prática Sociopoética permite, através dos dispositivos artísticos, elucidar problemas que fazem parte da experiência vivida ou implícita no inconsciente coletivo de um grupo. Pretendemos com nossas pesquisas problematizar e potencializar a vida do grupo-pesquisador,

o que supõe descobrir ligações, brechas, diferenças que mobilizam o grupo mediante uma postura autocrítica. Dessa forma, como afirma Gauthier:

O grupo-pesquisador marca (insistimos sobre o hífen na palavra composta) que ele não é apenas constituído pela adição de pessoas, mas se define como personagem singular, intelectual coletivo, filósofo original criador de *problemas* inéditos, de *confetos* e *intuicetos*, assim como, de “personagens conceituais”, conforme a definição dessa noção em Deleuze e Guattari (1992). Tomando forma de sujeito em processo de individuação, ele é percorrido de fluxos diversos e heterogêneos, de contradições e conflitos, assumindo paradoxos e incertezas: seu pensamento é um *devir* e um filósofo coletivo, um *filósofo em devir*, porta-voz do personagem conceitual. (GAUTHIER, 2021, p. 63-64).

Assim, a Sociopoética surge nessa pesquisa criando estratégias para um pensamento pedagógico nômade, que consiga apreender práticas educativas em movimento e que consiga respeitar a heterogeneidade/multiplicidade que as escolas experimentam em seu interior, incitando a imaginação dos copesquisadores, em oficinas artísticas de produção dos conhecimentos. “[...] Os membros do grupo pesquisador devem conseguir abaixar seu nível de controle consciente, a fim de que se expressem os saberes submersos, os ventos raros, as lavas congeladas, pela história coletiva e individual” (GAUTHIER, 1999, p. 39). Levando, dessa forma, o grupo-pesquisador ao imaginário, que seria o lugar onde depositamos as imagens simbólicas coletivas, das quais é possível para cada um de nós criar nossa própria visão inconsciente do mundo. Sendo uma interface entre o real e o simbólico, o lugar do entre, o coletivo e o individual, como uma espécie de dialética entre o conhecimento coletivo e o individual, que possibilita devires singulares e inesperados. Para Gauthier *et al.*:

Sem a poética da arte, ou, no mínimo, da emoção estática, quase não seríamos nada do que nos acontece; poderíamos gozar ou sofrer, mas tudo ficaria fluido, confuso e faltaria terra sob nossos pés. Por essa razão, confiamos muito em pesquisas, na área de ciências sociais, humanas ou da saúde, que trazem à tona a potência, não apenas emotiva, mas sobretudo *cognitiva*, do imaginário, da criatividade, das aptidões poéticas dos grupos e das pessoas. (GAUTHIER *et al.*, 1998, p. 125).

Verifica-se, com a Sociopoética, que existe a possibilidade de tentar *transformar para conhecer*, desencadeando potências criadoras adormecidas, que trazem a perspectiva de uma criação imaginária, que produza educação de corpo inteiro. Para Gauthier (1999, p. 14): “[...] A sociopoética, ao considerar todos e cada um como poeta, pesquisa o que é humano no ser humano, sua plasticidade, seu poder de devanear, de encontrar-criar, cada dia, a realidade”. Isso é fundamental para colaborar com um melhor entendimento sobre os desafios da educação no contemporâneo, sobre as inúmeras produções de sentido, os mais variados acontecimentos com

os quais nos defrontamos constantemente, e que acontecem numa velocidade e numa fragmentação sem precedentes na história da humanidade, a tal ponto, que mal nos damos conta deles e já se tornam obsoletos. Além disso, os/as professores/as estão a cada dia se defrontando com as mais diversas situações, precisando afetar-se e ser afetado pelo que os estudantes trazem como necessidade de aprendizagem. Pesquisar, portanto, nesse contexto, é entender que a pesquisa não se encontra dada *a priori*, como se as palavras estivessem em uma cesta para serem coletadas:

Como se as palavras tivessem guardado o seu sentido, os desejos sua direção, as ideias sua lógica; como se esse mundo de coisas ditas e queridas não tivesse conhecido invasões, rapinas, disfarces, astúcias. Daí, para a geneologia, um indispensável demorar-se: marcar a singularidade dos acontecimentos, longe de toda a finalidade monótona; espreitá-los lá onde menos se os espera e naquilo que é tido como não possuindo história – os sentimentos, o amor, a consciência, os instintos. Aprender seu retorno não para traçar a curva lenta de uma evolução, mas reencontrar as diferentes cenas onde eles desempenharam papéis distintos, até definir o ponto de sua lacuna, o momento onde eles não aconteceram (FOUCAULT, 1993, p. 15).

Entendo, assim, a Sociopoética como uma metodologia sensível para pesquisar-se com/entre as diferenças, em meio às experiências, sendo, portanto, mobilizadora de uma educação que nos toque, nos transforme, nos torne sujeitos empáticos, para que assim possamos reinventar os espaços educativos, os discursos e as práticas; construindo alternativas coletivamente. Com a sociopoética é possível ir além dos muros da escola, desbravando as fronteiras do desconhecido, reinventando conceitos que nos levem a outras formas de educar para a convivência escolar. Segundo Adad, para ajudar-nos a transver o mundo, a Sociopoética afirma cinco princípios, a saber:

O reconhecimento do corpo como fonte do conhecimento; a valorização das culturas dominadas e de resistência e das categorias que as mesmas produzem; o fato de tornar os sujeitos pesquisador co-responsáveis pelos conhecimentos produzidos enquanto co-pesquisadores; a potencialização da criatividade de tipo artístico no aprender, no conhecer e no pesquisar; a busca do sentido espiritual, humano, das formas e dos conteúdos no processo de construção dos saberes. (ADAD, 2018, p. 136).

3.3 Os cinco princípios da Sociopoética: como ensinar e aprender na pesquisa em Educação

Ao propor essa pesquisa sociopoética com educadores de crianças e adolescentes, destaco que estamos no caminho do meio, tentando perceber os saberes dos docentes entre a vida social e a crítica. Para isso, proponho um diálogo pelos cinco princípios da sociopoética

que nos seguiram nesse trajeto, para tentar transformar a educação em lugar de respeito a si e aos outros, em uma convivência escolar que possibilite alegria. Com a potência das aprendizagens criativas, a formação dos docentes deve levar a uma melhor resolução dos conflitos, sendo um movimento de resistência criativa. Destaco aqui as possibilidades da educação a partir dos cinco princípios da Sociopoética que, segundo Adad, ajuda-nos a transver o mundo, a saber:

O reconhecimento do corpo como fonte do conhecimento; a valorização das culturas dominadas e de resistência e das categorias que as mesmas produzem; o fato de tornar os sujeitos pesquisador co-responsáveis pelos conhecimentos produzidos enquanto co-pesquisadores; a potencialização da criatividade de tipo artístico no aprender, no conhecer e no pesquisar; a busca do sentido espiritual, humano, das formas e dos conteúdos no processo de construção dos saberes. (ADAD, 2018, p.136).

O primeiro princípio trata da instituição do dispositivo do grupo-pesquisador, que é entender a pesquisa como uma *produção coletiva do conhecimento*, em que cada um participa ativamente de todas as suas etapas, e pode, inclusive, interferir nos seus devires, possibilitando formas variadas de racionalidades e outras fontes de conhecimento, não racionais, e sim emocionais, intuitivas, sensíveis, imaginativas e motrizes. O que traz potência, pois não é mais sobre o eu, mas sobre um corpo coletivo. Como bem exemplifica Adad (2014, p. 45): “É por estar ‘entre’ todo mundo que acreditamos que é em grupo, ao acaso, que se encontra uma ideia, porque o que se aprende e se conhece acontece a partir de múltiplos e diversos domínios.”

Esse princípio do grupo-pesquisador tem inspiração de Paulo Freire, que nos ajuda a entender que pesquisar entre as pessoas de um grupo é manter o propósito de não falar em nome de alguém, nem no lugar dos outros, é pesquisar entre as pessoas de um grupo, onde proporcionamos o aflorar das dúvidas, do pensamento e das questões dos próprios copesquisadores, que são experienciadas por meio das oficinas de produção de dados. Fazemos, portanto, a Sociopoética “entre” as pessoas e/ou grupos, pois acreditamos que é no coletivo, ao acaso, que se encontra as ideias. Podemos, então, modificar a forma de lidar com os problemas, estimulando a dialogicidade, através do acolhimento. De acordo com Freire (2016, p.184): “Desta forma, os participantes do ‘círculo de investigação temática’ vão extrojetando, pela força catártica da metodologia, uma série de sentimentos, de opiniões, de si, do mundo e dos outros, que possivelmente não extrojetariam em circunstâncias diferentes”.

O segundo princípio aborda a *valorização das culturas dominadas e de resistências*, que se trata de aprender a pensar de maneira mais ampla, aberta à diversidade, diferença e heterogeneidade. Interpretando os saberes do mundo, principalmente de maneira não

eurocêntrica, ultrapassando visões patriarcais, sexistas e racistas de culturas marginalizadas pela colonização capitalista. O que caracteriza esse princípio na educação e nesses escritos é a interculturalidade crítica-ética e epistemológica pautada na dialogicidade, que permite a produção de potências, com a valorização da diversidade de saberes de culturas historicamente excluídas e silenciadas. Aqui levamos a sério as palavras de Freire (2016, p.135) quando ele afirma que “é preciso primeiro que os que assim se encontram negados no direito primordial de dizer a palavra reconquistem esse direito, proibindo que esse assalto desumanizante continue”.

O sociopoeta aprende com o povo, com os copesquisadores, que partilham suas aprendizagens no processo da pesquisa; e nós, facilitadores, vamos aprendendo pautados no princípio da interculturalidade crítica-ética e epistemológica pautadas na dialogicidade, na troca entre referências de vida e referenciais teóricos, políticos, culturais ou éticos parcialmente sistematizados, que categorizamos nas análises e nas reflexões do grupo-pesquisador, produzindo os dados da pesquisa.

Verifica-se que a valorização de pesquisar com as culturas de resistência é entender o pensamento coletivo sobre temas e problemas que os atravessam e os mobilizam. Com esse princípio, a Sociopoética admite atitude sociopolítica de pensar, conhecer, pesquisar e aprender junto com as culturas de resistência; intenção epistemológica de descolonização do conhecimento, realçando a abordagem intercultural de ciência, com a valorização da diversidade de saberes de culturas historicamente silenciadas e esquecidas.

O terceiro princípio da abordagem Sociopoética é *pesquisar com o corpo todo*, que é o reconhecimento do corpo como fonte do conhecimento, que vai além das palavras, por essas terem sido silenciadas pela opressão. Faz parte, portanto, de nossas imaginações, sensações, potências da emoção; reconhecendo que o corpo pensa, fala e produz conhecimentos na comunidade, cujos saberes e não saberes são partilhados e coletivamente produzidos, pois na sociopoética o corpo vibra através da sensibilidade, a emoção, a intuição, a gestualidade, a imaginação; possibilitando pesquisar, conhecer e transformar o mundo através das experiências com o corpo inteiro. Nesse princípio, precisamos do auxílio da escuta sensível. Conforme Barbier (2007), trata-se realmente de entrar numa relação de totalidade com o outro tomado em sua existência dinâmica. E é nesse encontro de corpos que se misturam que vamos sendo tocados em pontos inusitados. A fala de Barbier ajuda-nos a entender melhor a importância da adoção da escuta sensível na educação:

[...] a escuta sensível apoia-se na empatia. O pesquisador deve saber sentir o universo afetivo, imaginário e cognitivo do outro para ‘compreender do interior’ as atitudes e os comportamentos, o sistema de idéias, de valores, de

símbolos e de mitos (ou a ‘existencialidade interna’, na minha linguagem). (BARBIER, 2007, p. 94).

Segundo Ceccim (1997), essa escuta difere-se da audição, porque enquanto esta última permite a apreensão/compreensão de vozes e sons audíveis, a escuta clínica refere-se à apreensão/compreensão de expectativas e sentidos, audição das expressões e gestos, posturas e condutas durante a escuta. E essa não se limita exclusivamente ao campo da fala, “[mais do que isso] busca permitir os membros interpessoais que constituem nossa subjetividade para cartografar o movimento das forças de vida que engendram nossa singularidade”. (CECCIM, 1997, p. 31).

No entanto, não encontramos comumente essa fala, olhar e escuta na escola. Na verdade, vê-se a venda sobre os olhos e as mãos tampando os ouvidos e bocas diante das práticas educativas, o que nega a comunicação entre seus partícipes e legitima a imposição de saberes que não se conectam. Usando da perspectiva freiriana, precisamos mesmo legitimar as experiências para que possamos convencer os atores desse sistema. Lembrando que as práticas educativas precisam ocorrer de forma que concretizem as expectativas educacionais de docentes e discentes, compreendendo as relações coletivas, visando à formação integral do ser humano. Precisamos exercitar os sentidos: tato, olfato, paladar, audição e visão; em especial, a fala e a escuta, pois

observo que essas problemáticas indicam, em primeiro lugar, a importância do exercício da fala e da escuta, tão necessário para o estabelecimento da segurança, da autonomia e da cidadania dessas jovens. A coragem para falar, indica que falar não é algo natural, mas produzido socialmente e baseado na divisão: senhores-escravos, senhores-súditos, dirigentes-cidadãos, dentre outros. (ADAD, 2018, p. 188-189).

É preciso pensar em outras maneiras de fazer pesquisas interventivas, por isso o uso da abordagem sociopoética, pois nos possibilita experiências criativas do pesquisar com o corpo todo, não separar a cabeça do resto do corpo. O corpo pensa, sente, movimenta-se e transforma. Não só a razão, mas a emoção, os sentidos e a intuição. Este é um dos princípios que norteiam a Sociopoética (ADAD, 2014, p. 50), pois “[...]quando um corpo se encontra com outros corpos, o *lócus* da inter-referência é o próprio corpo, com ele podemos nos surpreender, inventar, criar, repetir, organizar, enfim, sensibilizarmo-nos”.

É nesse sentido que o princípio anterior dialoga diretamente com o quarto, que destaca *a criatividade de tipo artístico no pesquisar*, no conhecer e no aprender, que é a potencialidade da criatividade. Privilegiando as formas artísticas de produção de dados, os sociopoetas produzem através da mobilização da capacidade criadora e inventiva do corpo todo e revelam

fontes não conscientes de conhecimento. Assim, os Sociopoetas pesquisam para transformar o que sabemos através de experiências em oficinas de técnicas de inspiração artística para a produção dos dados, utilizando: música, movimento, artes plásticas, dança, teatro, poesias, que propiciam ao grupo perceber com maior potência aquilo que os toca e que afeta, que passa a expressar-se através dos corpos. Mas para que essa produção aconteça é preciso ao pesquisador compreender, segundo Larrosa (2016, p. 34), que [...] a experiência não é caminho até um objetivo previsto, até uma meta que se conhece de antemão, mas é uma abertura para o desconhecido, para o que não se pode antecipar nem "prever", nem "predizer".

O deslocamento da arte da noção de presença como uma atribuição prévia do artista para a Sociopoética possibilita a atenção ao que emerge no encontro entre corpos, no aqui e agora. O público-alvo é considerado como interlocutor ativo e o pesquisador/a (facilitadora) como aquele que deixa de protagonizar para compor (pôr-se com) os copesquisadores, como uma presença-convite, porosa, por meio de uma escuta apurada às configurações do ambiente. Uma articulação entre referências da arte, da filosofia, da ciência permite com a sociopoética que as diferenças entre presença impositiva e presença partilhada evidenciem-se.

O sociopoeta enfatiza a necessidade da arte e da imaginação como dispositivos para estranhar o mundo. Transver ou estranhar o mundo é, para a Sociopoética, abandonar o conhecimento convencional, instituir o não saber na pesquisa, no ensinar e no aprender, a fim de abrir a possibilidade para o novo. É ensinar o que de fato a ciência ignora, mas que faz parte da vida e precisa ser vista, questionada e explicada. Faz-se urgente, nesse caso, o/a educador/a e pesquisador/a sensível, que pense de outros modos o educar e pesquisar em sua relação com o mundo real, propiciando não apenas a produção de novos conhecimentos, mas também criando condições para transcriar mundos, admitindo formas de viver e conhecer que não são instituídas, mas sim necessárias.

Por isso, utilizamos dispositivos artísticos para a produção do estranhamento e de dados mais significativos sobre os temas geradores e os problemas que mobilizam e potencializam as pessoas envolvidas na pesquisa. Nesse sentido, as técnicas criadas a partir de dispositivos artísticos pelos facilitadores (pesquisadores oficiais) possibilitam a invenção e criação de novas formas de compreender as coisas, assim ao acaso, através da potência do grupo. As técnicas artísticas permitem a liberação de certas verdades; falamos de forma espontânea, a partir do que nos toca e sensibiliza, sem pudor, sem privações ampliando a liberdade de pensar a educação e seus problemas contemporâneos. Assim, o sociopoeta necessita,

[...] parar para pensar, parar para olhar, parar para escutar, pensar mais devagar, olhar mais devagar, escutar mais devagar, parar para sentir, sentir mais devagar, demorar-se nos detalhes, suspender a opinião, suspender o juízo, suspender à vontade, suspender o automatismo da ação, cultivar a atenção e a delicadeza, abrir os olhos e os ouvidos, falar sobre o que nos acontece, aprender a lentidão, escutar aos outros, cultivar a arte do encontro, calar muito, dar-se tempo e espaço. (LARROSA, 2002, p. 5).

Conclui-se, com o quinto princípio, que segundo Gauthier (2012) destaca, *a responsabilidade ética, política, noética e espiritual* do grupo-pesquisador no processo da pesquisa. Sendo a afirmação ética a síntese dos quatro últimos princípios, pois pesquisar é cuidar, através da desconstrução dos saberes e dos corpos, para criação de linhas de fuga para desejos e devires inesperados. “Assim, a espiritualidade no pesquisar toma uma forma iniciática por meio da descoberta de que nosso saber é abertura para um não saber radical”. (ADAD, 2014, p. 56).

Evidencia-se, portanto, que a linguagem assume desempenho poética que possibilita dialogar com todos os saberes; ética, política, noética e espiritual, estabelecendo uma diferença primordial nos processos educativos. Isso só é possível através dos confetos que emanam da experiência da própria relação com a vida, que permite a criação.

Em uma pesquisa Sociopoética, utilizamos técnicas artísticas para a produção de dados. Nesse momento, a espiritualidade aparece quando a resolução analítica dos dados encontra o seu limite, onde as ideias não podem mais ser explicadas racionalmente, mas experienciadas, produzindo no grupo-pesquisador devires imperceptíveis. Reunimos, nesse momento, a ciência, a arte e a espiritualidade, tecendo seus fios e fazendo as conexões aos acontecimentos vivenciados nas oficinas, que se transformam em devires plurais dos copesquisadores. Assim, conclui-se que a sociopoética proporciona a autonomia dos copesquisadores, produz experiência ao invés de dados, no sentido de que o dado é sempre algo ligado à potência do acontecimento. Para Corazza (2013, p. 37): “[...] Acontecimento é modo de individualização, ligação a um clima, a um clarão, a um silêncio, e a outros acontecimentos”.

Nesse sentido, a Sociopoética é um método de pesquisa e de ensino-aprendizagem, criado pelo francês Jacques Gauthier, que nos fala de um pesquisador e de um educador de corpo todo nas suas relações cotidianas. Escolhi essa metodologia para essa pesquisa porque ela permite o encontro entre arte, ciência e filosofia, possibilitando a criação de um educador/a que se permite trabalhar de forma mais livre, mais autônoma; passa a produzir conhecimento compartilhado, misturando-se às pessoas envolvidas nas práticas pedagógicas. Assim teremos uma educação de corpo inteiro, pois o corpo pensa. E a Sociopoética vem exatamente causar rachaduras entre as fronteiras, transversalizando conceitos de tal forma que o resultado é a

criação coletiva de saberes que se cruzam, se complementam, possibilitando a sensibilidade e inovação. Pesquisar, portanto, com a Sociopoética, é criação por meio de técnicas artísticas, que acontece através da intervenção do/a facilitador/a, dando passagem para invenção.

3.4 Cartografando o território da Pesquisa: primeiros passos para a negociação

Antes de descrever a escola território da pesquisa, vou lhes falar um pouco dos caminhos que percorri para chegar nela. Iniciei meu trajeto ainda no ano de 2019, quando fui convidada, juntamente com minha orientadora, a Profa. Dra. Shara Jane Holanda Costa Adad e as professoras Thaysa Tâmara Maciel dos Santos e Profa. Ms. Mayara Danyelle Rodrigues de Oliveira, integrantes do OBJUVE e NEPEGECI, para ministrar uma formação docente de 40 h/a na II Jornada Pedagógica de 2019 das Escolas da Rede Municipal de São Félix do Piauí-PI/BR, realizada pela Secretaria de Educação e Cultura, nos dias 1, 2 e 3 de agosto de 2019.

Lembro-me que todo o planejamento daquela jornada foi realizado na casa da Prof^ª. Shara Jane. Desde que recebemos o convite fomos levadas a pensar nas seguintes questões: Como pensar a formação de professores/as do ensino básico a partir das práticas e saberes que os/as mobilizam nesse campo? Quais os saberes do corpo do/a professor/a de crianças e adolescentes? Como os saberes do/a professor/a potencializam seu corpo a agir em meio à convivência nas escolas? Como criar metodologias sensíveis e inovadoras, que ajudem nas práticas educativas e ampliem os saberes do/a educador/a da educação básica?

Assim, escrevemos um planejamento com base na metodologia sociopoética, pensando toda a Jornada Pedagógica com técnicas artísticas e vivências para que os/as professores/as envolvidos/as na experiência pudessem problematizar os conflitos da escola, descobrindo as rachaduras, divergências, diferenças que mobilizavam o grupo a partir de uma autoanálise de suas práticas educativas. O grupo foi formado por uma média de 80 pessoas, composto por professores/as, gestores/as e demais funcionários/as da secretaria, pertencentes a toda a rede de Ensino das Escolas Municipais de São Félix do Piauí-PI, que atende crianças da educação infantil ao 9º ano do Ensino Fundamental.

Durante a Jornada Pedagógica tivemos três temáticas em destaque, sendo a primeira a *“Educação para os afetos contra a violência”*; a segunda *“O que há de afrodescendente em mim?”*, e, por fim, a terceira temática, que foi *“Alegria na escola: onde está? Não sei, vamos encontrar?”*, nas quais trabalhamos a partir de rodas de conversas, mesas redondas e oficinas no Círculo de Cultura sociopoético com dispositivos artísticos. No entanto, o tema gerador escolhido durante a negociação para o Círculo de Cultura sociopoético pelos/as professores/as

foi a Educação para os afetos e a Afrodescendência. A escolha pela temática estava dentro dos objetivos do Selo Unicef para o ano de 2019, que se preocupassem com a implementação de ações que ajudassem o município a cumprir a Conversão sobre os Direitos da Criança, que no Brasil é refletida no Estatuto da Criança e do Adolescentes (ECA). Porventura, a ação escolhida foi essa Jornada Pedagógica, que estimulasse os docentes a desenvolverem projetos pedagógicos e sociais de acolhimento às diferenças, por acaso, em especial contra as Violências nas escolas, tendo como destaque a educação para os afetos e o combate ao Racismo.

Um dos pontos daquela formação era pensar uma Educação para os afetos e a Afrodescendência, em que utilizamos, então, da proposta mitopoética de René Barbier. Como foi dito no capítulo anterior, para esse pesquisador, as ciências humanas não podem prescindir do que ele denomina escuta sensível. Não é um simples escutar com os ouvidos, é a capacidade de o/a pesquisador/a sentir o universo afetivo; nesse caso, era uma forma de ensinar os/as educadores/as a compreender as necessidades e ideias uns dos outros, sem julgamentos, mas com empatia. Essa postura de sensibilidade – misto de respeito, carinho, atenção e distanciamento crítico –, é um desafio do/a professor/a/facilitador/a do ensinar e aprender e da pesquisa. Sem abafar os conflitos, educadores/as devem preocupar-se em gerar um clima de confiança nos seus espaços educativos a fim de facilitar essa escuta sensível. (PETIT, 2014).

Destacamos durante essa ação a importância da formação dos/as professores/as, mas não de qualquer formação, mas de uma que estimulasse a percepção aguçada, a sensibilidade docente no seu trabalho. Assim, fomos desenvolvendo exercícios corporais, relaxamentos, viagem imaginária através de um Círculo de Cultura Sociopoético que procurou trabalhar por meio da Escuta sensível produzida mediante os saberes e experiências que iam apresentando em seus relatos e produções resultantes das oficinas artísticas. Trabalhar com a Sociopoética e a escuta sensível somou forças e trouxe os problemas que mobilizavam e potencializavam aqueles educadores/as.

Provocamos os/as educadores/as a perceberem que o corpo pensa, utilizando atividades corporais mais energizantes, como também atividades de relaxamento, desencadeando as potências criadoras através do imaginário. O Círculo de Cultura Sociopoético permitiu a liberação das capacidades artísticas, contribuindo com a transformação poética das pessoas em um fluxo de autoliberação dos pensamentos e conhecimentos que foram sendo partilhados, discutidos e debatidos em rodas de conversa.

Figura 3 - Relaxamento do Círculo de Cultura Sociopoético. (Grupo 1)



Fonte: Acervo da pesquisadora (2020)

Figura 4 - Atividades corporais no Círculo de Cultura Sociopoético (Grupo 2)



Fonte: Acervo da pesquisadora (2020).

Logo abaixo temos um trecho do diário produzido pela Prof^a. Ms. Mayara Danyelle, uma das cofacilitadoras, ao final da jornada pedagógica, e que descreve um pouco da nossa experiência. Aqui destaco que a mesma é filha daquele lugar, e retornava como palestrante à escola onde estudou. Estava ali em meio a gerações que a educaram, como também ao lado de antigos colegas de turma, vivendo a experiência agora de formar professores/as em Sociopoética.

Diário - A professora-menina com as feridas curadas, São Félix do Piauí-PI, 3 de agosto de 2019

“A formação realizada na II Jornada Pedagógica do município de São Félix do Piauí-PI me fez preparar o corpo para o retorno ao espaço escolar do município que iniciei a educação básica. As experiências vivenciadas no processo de tornar-me professora possibilitou curar as feridas abertas quando ainda menina, com isso, foi no corpo que experienciei o encontro com o que realmente se é. A partir disso, despertei uma escuta sensível com o corpo inteiro, na qual pude sentir a potência de transformação de si. No processo de transformação de si o corpo da menina confundia-se com a professora que estava a metamorfosear-se. Às vezes entrava em conflito, pois durante a mistura da menina-professora já não reconhecia o lugar de cada uma de forma separada. Aos poucos me permiti ser uma professora misturada de menina e vice-versa. Ao tornar-me a **professora-menina** experimentei à docência de forma entranhada - possui aderência as diversas fibras do corpo – que nos faz experimentar a docência misturada

(forma e desforma com o corpo), que tem na alegria a possibilidade de pensar uma formação possível de elevar a potência de ser-inventar-criar em meio à vida. Nesse sentido, a palestra intitulada, ‘Alegria na escola: onde está? Não sei, vamos encontrar?’ foi para mim a oportunidade de levar a **professora-menina**, como também, a alegria para a formação de professores no município que iniciei o meu processo de escolarização. Desse modo, no planejamento da palestra fiquei a pensar: como levar esses dois elementos? Decidi escutar o corpo-memória da **professora-menina** que me fez perceber sobre a importância de levar os docentes do município a experienciarem o chão da formação com alegria, em que, eles pudessem criar aderência do estranhamento de uma formação que forma e desforma”.

Assim, ao final da Jornada Pedagógica, várias ideias e pensamentos atravessaram-me enquanto educadora e pesquisadora da convivência nas escolas, eu agora iniciava o segundo semestre do meu doutorado em educação, no qual buscava um campo e sujeitos para minha pesquisa, e as memórias dos relatos dos/as professores/as foram tornando-se frequentes, pois alguns deles/as foram me procurando e enviando mensagens nas minhas redes sociais, trazendo um retorno positivo das experiências vividas, fazendo pedidos para que produzíssemos mais momentos de formação como aquele, através da sociopoética, para que pudessem ter uma melhor compreensão do método, utilizando-o em suas salas de aulas.

Acrescento que após a repercussão da formação realizada iniciei meus primeiros movimentos de negociação na direção de averiguar a exequibilidade da pesquisa. Entrei em contato, em outubro de 2019, com a Secretária de Educação e Cultura do Município de São Félix do Piauí-PI, a senhora Giumaura Oliveira de Moura, e passei a conversar sobre a possibilidade de fazer minha pesquisa de doutorado nas escolas do município. Fui bem acolhida pela mesma, que conversou com as demais gestoras das escolas, abrindo caminho para que a pesquisa fosse possível.

Dessa maneira, reformulei meu projeto de pesquisa durante o segundo semestre de 2019, sob olhar cuidadoso da minha orientadora de pesquisa e o auxílio das amigas doutorandas, que foram trazendo pontos importantes para esse novo projeto, assim nascia a ideia de elaborar uma “Formação docente em sociopoética como metodologia sensível e inovadora na convivência escolar”. Para sua concretização fui mantendo contato com a administração das escolas da região, preparando o território e o projeto de pesquisa.

Porém, com a chegada do ano de 2020, muitos problemas foram surgindo na minha vida pessoal e, conseqüentemente, nos caminhos da pesquisa. Parei de escrever por um tempo para acompanhar a luta do meu avô pela vida, até que no dia 2 de março de 2020, o perdi para uma pneumonia. Foi um momento devastador, só não sabia que seria apenas a ponta daquele terrível *iceberg*. Assim, em comitiva fúnebre, volto à região do Município de São Félix do Piauí-PI, mais especificamente ao Povoado Buriti do Castelo, um lugar pequeno e acolhedor no interior

do Piauí, de onde vem e vive parte da minha família materna. É nesse chão que retorno com lágrimas nos olhos e entrego aquele que mais torcia por minha educação.

Observei, ao chegar na cidade, o respeito de todos/as, onde até a Escola Pública Municipal Presidente Castelo Branco, palco dessa pesquisa, que havia até então formado parte da minha família, parou para receber um filho amado. Ver aquela cena, ser acolhida por aquelas pessoas, estar de volta ao lugar que cresci, passando todas as minhas férias e feriados enquanto criança e adolescente, encheram-me de gratidão e paz. Retornei depois no 7º dia para a Missa da Esperança, e novamente experienciei a emoção dos afetos e sensibilidade de um povo.

Ali eu tive a plena certeza que seria aquele o lugar de meus escritos. Foi então que passei alguns dias na região, na casa do meu irmão que vive na cidade. Resolvi fazer o exercício de rememorar aquele lugar que era tão familiar para mim, pois foi onde passei a maior parte da minha infância e adolescência. Assim, permiti-me caminhar por suas ruas, passeando sobre suas trilhas, paralelepípedos e gramíneas, adentrando a natureza e reparando suas belezas e significados. A cada dia andava por trilhas diferentes, com modos de chegar e sair da cidade, passando por outros espaços, utilizando outras entradas, que não as de costume, experienciando e deixando-me afetar pelas forças oriundas do chão da roça, do vento na beira do açude, do sabor das frutas colhidas do pé com as próprias mãos, assim fui vivendo as sensações da passagem do tempo com todos os sentidos do meu corpo.

Acionei minhas mais antigas memórias, fui lembrando as cantigas e histórias que ouvíamos à noite na calçada do mercado, os sons retornavam nas lembranças da infância que percorri e vivi naquele lugar. Passando pelas ruas, as pessoas também iam revivendo minhas histórias, sempre trazendo algo do que tinha vivenciado, assim as frases e perguntas iam sendo formuladas: Você lembra de quando brincava com as crianças e sempre queria ser a dona do Remam-Remam? (referência a uma brincadeira popular do interior do Piauí, também conhecida como Boca de Forno em outras regiões). Você lembra dos nossos passeios às cachoeiras? Será que ainda consegue subir no morro da caixa-d'água? Vamos qualquer dia desses coletar tucum, guabiraba e Maria Preta no mato? (Referências a frutas típicas da região). É interessante fazer esse caminho depois de anos, e num momento tão delicado, o que trouxe ainda mais significado às sutilezas de uma vida pelo interior. Cito Manoel de Barros para exemplificar: “O delírio do verbo estava no começo, lá onde a criança diz: Eu escuto a cor dos passarinhos”. Sim, foi lembrando da criança que se permite reinventar os verbos, em um delírio que não precisa de rimas, que iniciei a experiência de viver o campo da pesquisa como cartógrafa, que se define nas palavras de Rolnik:

O cartógrafo é um verdadeiro antropófago: vive de expropriar, se apropriar, devorar e desovar, transvalorado. Está sempre buscando elementos/alimentos para compor suas cartografias. Este é o critério de suas escolhas: descobrir que matérias de expressão, misturadas a quais outras, que composições de linguagem favorecem a passagem das intensidades que percorrem seu corpo no encontro com outros corpos que pretende entender. [...] E o que ele quer é mergulhar na geografia dos afetos e, ao mesmo tempo, inventar pontes para fazer sua travessia: pontes de linguagem. (ROLNIK, 2007, p. 65-66).

E assim fui costurando e cartografando a pesquisa de modo geográfico e afetivo. Procurei a Secretária de Educação e Cultura, a Sra. Giurmaura Oliveira de Moura, no dia 10 de Março de 2020, expondo-lhe os objetivos da pesquisa, o tema, relatando sobre a proposta da pesquisa e seu público, que seria professores/as do 6º ao 9º ano do Ensino fundamental. A secretária foi bastante prestativa, recepcionando-me com carinho e entusiasmo. Tivemos uma conversa informal sobre a escola e a quantidade de profissionais que poderia ser sujeito da pesquisa, tendo sido informada que havia 15 professores/as na escola naquele nível de ensino. Ao final da conversa, a secretária assinou a autorização Institucional (ANEXO A) e enviou-me por e-mail o Projeto Político Pedagógico (PPP) da escola para que eu fosse entendendo um pouco da dinâmica do espaço. Despedi-me da secretária e fiquei refletindo sobre Larrosa (2016, p. 34), que nos diz: “[...] a experiência não é caminho até um objetivo previsto, até uma meta que se conhece de antemão, mas é uma abertura para o desconhecido, para o que não se pode antecipar nem ‘pré-ver’ nem ‘pré-dizer’”. Eu estava em um lugar que me trazia certa intimidade, mas ao mesmo tempo, não tinha como saber o que vinha pela frente.

Depois, no dia 16 de março de 2020, fui visitar, pela primeira vez no movimento da pesquisa, a Escola Pública Municipal Presidente Castelo Branco, localizada na Rua Luís Mora, S/N, no Povoado Buriti do Castelo, Escola da Rede Municipal de Ensino de São Félix do Piauí-PI. A referida escola conta com 98 alunos matriculados do 1º ao 9º ano do Ensino Fundamental, funcionando nos turnos manhã e tarde. O ano letivo havia iniciado um mês antes, em fevereiro de 2020, portanto, ainda estavam em seus primeiros passos. Naquela tarde, fui bem recebida pela Diretora da Escola, a Sra. Alda Maria Soares de Moura, com quem conversei sobre o tema da pesquisa e os motivos que me levaram a querer fazê-la naquele lugar. Ela foi bastante receptiva, aceitando imediatamente minha inserção no ambiente, o que me fez experimentar um sentimento profundo de esperança, por finalmente estar dentro do local da investigação. Durante a conversa, a diretora foi me apresentando as dependências da escola e fazendo relatos informais sobre o PPP (Projeto Político Pedagógico), os projetos desenvolvidos e algumas demandas necessárias para a articulação com os/as docentes. Durante nossa conversa, a diretora mostrou-se lisonjeada e grata pela oportunidade levada aos educadores/as, aos/às quais ela

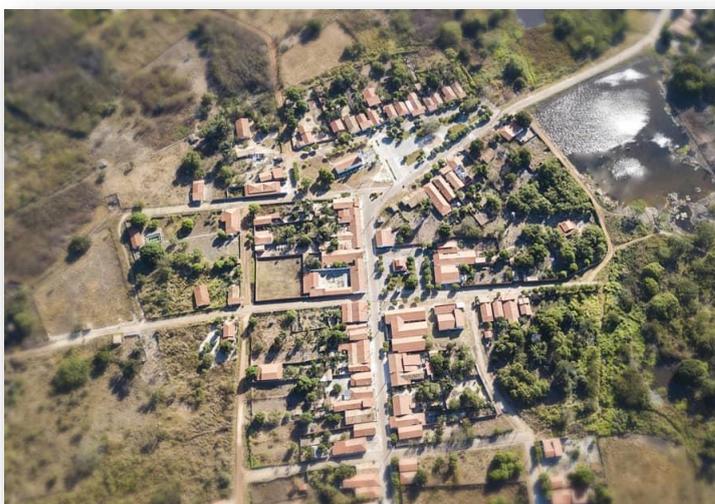
acompanha e busca sempre incentivar e promover junto à Secretaria de Educação e Cultura do Município de São Félix do Piauí-PI, momentos de formação, inclusive estando presentes no calendário anual da escola, fazendo parte das ações do Selo UNICEF. Ao final de nossa conversa, a diretora assinou o Termo de Aquiescência (ANEXO B), momento no qual me despedi empolgada para iniciar a pesquisa.

3.4.1 O povoado Buriti do Castelo: meu lugar de travessias e atravessamentos

No entanto, ainda não lhes apresentei meus passos no território em seus detalhes, o que agora peço licença para fazer, a fim de continuar o trajeto da pesquisa. O Povoado Buriti do Castelo, Município de São Félix do Piauí-PI/BR está localizado a 161,6km de distância da capital, Teresina-PI, segundo dados estimativos ligados ao levantamento do IBGE (2017) e dados do número de matrículas (2020) realizadas na Escola Pública Municipal Presidente Castelo Branco e Escola Pública Municipal Jardim de Infância Nossa Senhora de Fátima, região que conta com aproximadamente 670 habitantes.

É um lugar pequeno e acolhedor, tendo como principais pontos de convivência as escolas, que estão interligadas a um mesmo terreno, a praça, o açude, o clube, o ginásio Poliesportivo, os campinhos de areia por detrás do açude, a Casa de Farinha onde parte das famílias produzem o sustento de seus lares, além, é claro, do vasto campo onde as famílias agrícolas fazem seu roçado e criam animais para sua sobrevivência.

Figura 5 - Imagens aéreas do Povoado Buriti do Castelo, Município de São Félix do Piauí-PI/BR



Fonte: Kayky Alves - Imagem da internet (2019).

A casa da minha família fica ao lado da praça e da igreja Católica do Povoado, sendo de lá que observo o movimento das pessoas. Logo pela manhã, os mais velhos ocupam o espaço, seguindo o caminho da roça ou fazendo caminhadas ao redor da praça, tiram um tempo de conversa com os amigos. À tarde é o momento em que as crianças e os adolescentes dividem-se entre o campo de futebol, as pescarias no açude ou no auxílio às famílias no trabalho da roça, esse horário são eles/elas que passam. E finalmente à noite, é quando todos se reúnem na praça, os vários grupos, de todas as idades, conversam, riem, cantam, montam rodas de dança com suas caixinhas de som portáteis. Muita coisa mudou, do meu tempo de criança para cá, mas ficou o que há de melhor: o acolhimento no sorriso das pessoas. E esse é o Povoado Buriti do Castelo, local da pesquisa.

No dia 17 de março de 2020 retorno a Teresina-PI para meu primeiro dia de aula no doutorado em Educação (PPGED/UFPI), muito feliz e cheia de expectativas devido aos encaminhamentos da pesquisa. Na manhã daquela terça-feira, encontro-me com minhas amigas Thaysa, Letícia Carolina e Krícia na Sala 1 (PPGED/UFPI), lembro-me bem daquele dia, pois foi quando o país inteiro parou. Aqui preciso fazer uma pausa e abrir um parêntese para contextualizar o momento histórico que o Brasil e o mundo estava vivendo.

Figura 6 - Praça do Povoado Buriti do Castelo - PI



Figura 7 - Igreja Católica Nossa Senhora de Fátima



Fonte: Acervo da Pesquisadora (2020).

Fonte: Acervo da Pesquisadora (2020).

Em dezembro de 2019, um vírus identificado como SARS-CoV-2 foi detectado na cidade de Wuhan, China, gerando uma doença identificada com sintomas gripais, que começou

a disseminar-se pelo mundo, devido ao trânsito das pessoas nas férias de fim de ano. No Brasil, após o carnaval temos o primeiro caso confirmado, até aí não tínhamos dimensão do que vinha pela frente.

Foi então que no dia 17 de março de 2020 o pior aconteceu, estávamos em meio à pandemia do Coronavírus (COVID-19)³, vírus que vinha causando a transmissão em massa em todo o território nacional. Não tínhamos como proteger a população de uma ameaça que ainda não tinha cura e vinha causando a morte de milhares de pessoas no mundo inteiro.

Aqui retorno ao momento que descrevia aquele dia na UFPI. Encontrei-me com minhas amigas Thaysa, Krícia e Letícia Carolina do NEPEGECI para dividir com elas meus progressos na pesquisa e construirmos o planejamento das ações para o ano de 2020, foi então que fomos tomadas pelo medo, quando adentra à sala de aula o vice-coordenador do PPGED/UFPI, na época o professor Dr. Ednardo Monti, e nos convidada a nos retirarmos imediatamente da Universidade, segurando nas mãos o comunicado, dando-nos deu a seguinte notícia: o reitor da UFPI, Profº. José Arimatéia Dantas, suspendeu por tempo indeterminado os cursos presenciais da UFPI, incluindo graduação e pós-graduação, em decorrência do aumento de casos da COVID-19.

Lembro-me de termos saído juntas e ficado em choque, pois era como se abrisse um abismo em meio aos nossos planos futuros. Eu não queria parar, não podia parar, eu tinha pressa em concluir, nunca fui de deixar as coisas irem organizando-se, sempre fui de querer correr na frente do caos; no entanto, sobre essa situação eu não tinha o menor controle ou saída, estava completamente perdida.

Volto para casa desolada e inicio a jornada da espera acompanhando os noticiários que divulgavam diariamente: “Devido aos casos da doença, todas as atividades no país precisaram passar por protocolos sanitários e regras rígidas de cuidados com a higiene e distanciamento social para evitar a transmissão do vírus”. Todos os setores do nosso país pararam diante dessa crise de saúde pública. Só o setor de alimentos, saúde, comunicação e segurança estavam autorizados a continuar seus serviços. Fomos então vivendo dias de dúvidas e medos intensos. Milhares de pessoas passaram a morrer diariamente, não só no mundo, mas agora em nosso

³ Segundo o site do Ministério da Saúde do Brasil Os coronavírus são uma grande família de vírus comuns em muitas espécies diferentes de animais. Recentemente, em dezembro de 2019, houve a transmissão de um novo coronavírus (SARS-CoV-2), o qual foi identificado em Wuhan na China e causou a COVID-19, sendo em seguida disseminada e transmitida pessoa a pessoa por todos os países do mundo. A COVID-19 é uma doença causada pelo coronavírus, denominado SARS-CoV-2, que apresenta um espectro clínico variando de infecções assintomáticas a quadros graves. De acordo com a Organização Mundial de Saúde, a maioria (cerca de 80%) dos pacientes com COVID-19 podem ser assintomáticos ou oligossintomáticos (poucos sintomas), e aproximadamente 20% dos casos detectados requer atendimento hospitalar por apresentarem dificuldade respiratória, dos quais aproximadamente 5% podem necessitar de suporte ventilatório.

próprio país.

As famílias, presas em suas próprias casas, iam sendo consumidas pela ansiedade e pelas notícias televisivas, que mostravam que as coisas não voltariam à normalidade tão cedo. Os itens de higiene como máscaras de proteção facial e álcool em gel 70° passaram a ser obrigatórios. Começou a faltar itens da cesta básica e medicamentos em supermercados e farmácias. Iniciamos uma corrida por sobrevivência, estocando alimentos e tentando ao máximo seguir as orientações sanitárias de distanciamento social.

O impacto foi severo era que estávamos isolados, tendo que repensar a vida por meio das mídias digitais e os meios virtuais. O mês de abril de 2020 foi o início da onda de lives, tanto de shows musicais, para entretenimento e arrecadação de dinheiro para ajudar as famílias carentes, como o setor da educação começa a reinventar-se, com a introdução do ensino remoto. Professores/as, crianças, adolescentes e suas famílias precisaram refazer-se para atender à demanda educacional. Ninguém parou para pensar nas desigualdades de oportunidades que o sistema oferece, que segundo dados do IBGE (2017/2018), um a cada quatro brasileiros não tem acesso à internet no País, representando, em números totais, 46 milhões de brasileiros sem acesso; portanto, sem educação.

Todo o sistema de ensino do País precisou ser adaptado ao sistema remoto, sem previsão para o retorno às aulas presenciais. Nesse momento, eu me perdia cada vez mais, uma vez que o corpo até então enlutado pela perda do meu avô materno, agora vivia o pânico de ter que proteger a mim e a minha família, além de ser professora, pesquisadora, dona de casa, entre tantas outras funções.

Nessa travessia tortuosa comecei a repensar minha pesquisa, pois agora exigia adaptá-la ao sistema remoto e tentar produzi-la no formato a distância, fazendo o uso da *internet*. A angústia e o desespero tomaram conta de todo o meu ser, minha mente não admitindo produzir um trabalho através da sociopoética, sem conseguir fazer o que mais me tocava, que era reunir as pessoas para viver a experiência com o corpo todo, juntos e de forma coletiva; isso era simplesmente impossível. A ansiedade e o descontentamento foram afetando meu processo de escrita, em que eu não conseguia imaginar, realizar e concretizar a pesquisa, sem sentir a potência da presença dos sujeitos, desenvolvendo processos de criação misturando suas ideias e opiniões presencialmente.

Fui então tentando aos poucos encontrar força e potência para enxergar as possibilidades de criação com o novo formato de pesquisa, exigido pelos novos tempos, mas eu estava convencida de não querer dar lugar a essa forma, pois desformar-me de meus sonhos, não era uma escolha fácil. Passei a viver um pesquisar-encruzilhada, onde existem os caminhos, mas

caminhar por entre suas vielas parecia furar-me os pés com espinhos, aqueles caminhos que se abriam à pesquisa para mim eram áridos, desertos, dolorosos e solitários.

Mantive meu corpo paralisado e em silêncio, enquanto tentava reagir a tanto caos. Ao mesmo tempo fui tentando reconectar-me com a pesquisa, treinando uma nova respiração, que se adaptasse a essa situação. Fui olhando, reparando, ouvindo, tentando reencontrar forças. Passei então a fazer experimentações juntamente com minha orientadora e com integrantes do NEPEGECI e do OBJUVE/UFPI. Os momentos eram potentes com o grupo, as pessoas traziam retornos positivos, no entanto, eu não me sentia segura para desenvolver uma formação em sociopoética de forma virtual com um público do interior do estado, pois percebi as falhas nas transmissões durante as experimentações e toda a complexidade para desenvolver as experiências. Embora ali só houvesse pessoas habituadas com a sociopoética, eu me perguntava: Como realizar essa experiência com pessoas no interior, que não possuem nem serviço de telefonia e a *internet* é de baixa qualidade?

O medo foi me paralisando e desisti de fazer a pesquisa no formato virtual. Parei de escrever, fiquei apenas lendo as bibliografias, pensando as alternativas e rezando para que essa situação passasse. Eu via meus amigos da Universidade vivenciarem as *lives* com entusiasmo, acompanhavam as discussões, assistiam a debates; no entanto, meu corpo não queria fazer parte disso, não tinha interesse pelas mídias, até me reinveitei para ministrar minhas aulas, usando de todo tipo de possibilidades tecnológicas, contudo, não sentia prazer em levar esse formato para a construção de meus escritos.

Nesse momento, faço mais uma pausa, pois de repente as incertezas só pioraram, a pandemia alastrava-se com rapidez e não tínhamos esperanças do retorno às aulas nas escolas e Universidades de forma presencial, o que dificultava o acesso aos/às educadores/as. O tempo estava passando, e com ele as angústias iam dilacerando-me, o que me fez lembrar de Fernando Pessoa, que dizia ao meu ouvido:

“Eu sei que por algum tempo vou me manter oscilante
entre a razão e o desejo.
Algumas decisões são tomadas com o coração inquieto
e o pensamento tomado por muitas coisas que aconteceram
e acontecem, tudo misturado.
Sei também que o tempo vai ser meu amigo
para essas coisas da vida.
Com coragem eu sigo, nessa velocidade que não temo,
nem mesmo de ousar ser feliz”.

Foi com os sussurros de Fernando Pessoa soprando em meus ouvidos, que me recolhi e passei a refletir sobre o tempo e a necessidade do recomeço, pois não se pode viver perdido o

tempo todo, é preciso ousar para sair do lugar e tentar ser feliz, pois como nos diz Guimarães Rosa “Felicidade se encontra é em Horinhas de descuido”. Fui reconstruindo minha pesquisa, permitindo-me a viver o novo, o estranho, o improvável. Convidei meu corpo para fazer as pazes e sentir a potência dessa nova oportunidade, parar de pensar no medo e na dor, dando lugar à felicidade de renascer em meio aos desafios.

No entanto, para vivenciar esse momento precisei de um novo corpo, novos sentidos e sensibilidade, e lembrei-me de um filme da infância (O mágico de Oz), o qual sempre retomo quando é preciso criar estratégias para enveredar pelo desconhecido. Nessa obra cinematográfica, a personagem principal chama-se Dorothy, que vive em uma fazenda com a família quando um tornado ataca a região, e ao abrigar-se em casa com seu cachorro, são carregados por um ciclone e aterrizam na terra de Oz. No momento de sua chegada, Dorothy cai com sua casa em cima da Bruxa Má do Leste, matando-a. Naquele momento, vira uma heroína, mas em seu coração, o único desejo que vem é de voltar para casa.

Desse modo, para alcançar o caminho e voltar para casa (que aqui no meu caso era um retorno à pesquisa) era preciso fazer descobertas para encontrar entradas e saídas pelas trilhas. Inspirada na personagem de Dorothy, passei a pensar e repensar as possibilidades no meu trajeto de pesquisa. Ficava o tempo todo questionando-me: Como desenvolver as experimentações que tanto havia sonhado para esses escritos em meio ao caos pandêmico? Para isso, eu precisaria refazer-me e desenvolver novos modos, não podia permanecer presa em minhas expectativas anteriores, pois elas já não cabiam nesse novo espaço/tempo. Aprendi que ser pesquisadora era estar aberta às reinvenções, acolhendo as intempéries, como o ciclone que atingiu a casa de Dorothy, como uma oportunidade de experimentar e acolher as mudanças trazidas pelo caminho; é entrar na estrada de tijolos amarelos sem ter certeza de onde se vai chegar e o que vai encontrar, é apenas permitir-se viver as experiências. E nesse novo corpo-Dorothy ameaçado pela crise de saúde pública do Coronavírus, percebi que precisaria de ajuda para recolher as coisas que não queria tocar, nem ver, e então chegar à “Cidade das Esmeraldas”, que seria o local para realizar meus objetivos de pesquisa.

No caminho, foram várias as ameaças, a tristeza e o medo de um fazer solitário que não me animava, pois a sociopoética exige essa explosão de afetos entre as pessoas. Mas reuni minhas forças e fui em busca dessa nova versão de mim e da minha pesquisa. Reuni então meus aliados: um Espantalho que quer ter um cérebro, minha razão; um Homem de Lata que anseia por um coração, minha paixão pela sociopoética; e um Leão covarde (que precisa de coragem), minha determinação para enfrentar as aventuras e desventuras que essa pesquisa agora exigia.

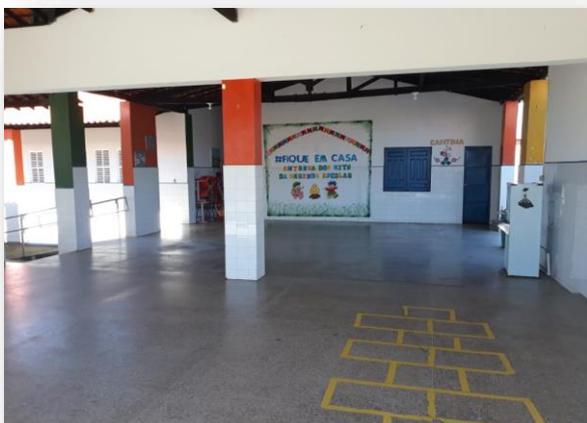
Foi então que no final do mês de abril de 2020, decidi sair de Teresina-PI, pois meus

pais são do grupo de risco e o medo só aumentava. Fui então morar no Povoado Buriti do Castelo, sim, fui viver no território da pesquisa para tentar proteger minha família do vírus. Fui então vivenciando as rotinas do interior enquanto estudava. Em maio de 2020, já estava também dando aulas diariamente, no formato do ensino remoto, pelo Instituto Federal do Piauí (IFPI), ou seja, a vida ia seguindo com todos em casa, angustiados e sem nenhuma certeza.

Fui convivendo com os/as professores/as, andávamos juntos, conversávamos. Ouvia sobre o desgaste causado pelo sistema remoto, e o trabalho agora triplicado para dar conta de relatórios, atividades, vídeos-aulas, novos planejamentos, novas formas de acompanhamento de atividades, a pressão das famílias, que não estavam preparadas para vivenciar essa nova rotina, e o acompanhamento das crianças e adolescentes invadindo nossas intimidades, pois agora não tinha horário, a todo momento algum/alguma aluno/a nos procurava pelo *WhatsApp*, não tínhamos também finais de semana, nem feriados. Os dias iam, assim, passando com obrigações multiplicadas.

Passei então a visitar a escola, uma forma de manter as esperanças e acionar as potências do corpo, em busca de inspiração para meus escritos. O vazio dos pátios e salas de aulas ecoava o som dos pássaros, que iam ocupando agora aquele espaço, fazendo seus ninhos em meio à calmaria da calamidade. E a escola, que antes ecoava as linguagens das crianças, adolescentes e educadores/as, nesse momento de pandemia só podia ouvir o canto dos pássaros. Ouvi-los me trazia uma potência de pensamentos, pois era a resistência vibrando seus cantos nas salas de aula.

Figura 8 - Pátio da Escola Pública Municipal Presidente Castelo Branco



Fonte: Acervo da pesquisadora (2020).

Figura 9 - Sala de aula vazia durante a pandemia da COVID-19



Fonte: Acervo da pesquisadora (2020).

Fui então vivendo as rotinas da vida no campo em meio a meus afazeres professorais e de pesquisadora, ia então conversando com os mais velhos, com as crianças e os/as adolescentes. Visitava a Casa de Farinha e acompanhava o vai e vem das famílias, que ali produziam a goma e a farinha, um trabalho árduo que começava pela manhã e terminava à noite. Na Casa de Farinha podíamos encontrar todos e todas do lugar. O medo do vírus estava presente, no entanto, as rotinas presentes na cultura não podiam parar. Desse modo, todos/as da escola também estavam ali, pois no mês de junho é tradição, é época de colheita, e assim todos vão contribuindo. A Secretária de Educação, os/as Professores/as, a diretora, a coordenadora, as crianças, os/as adolescentes e todas as famílias iam revezando-se na raspagem, limpeza e preparo da massa para a farinha. E no final da tarde, o forno a lenha já estava preparado para o vai e vem das mulheres e seus imensos beijus (também conhecido como tapioca, é uma iguaria tipicamente brasileira).

Figura 10 - Preparo do beiju na Casa de Farinha



Fonte: Acervo da pesquisadora (2020).

Figura 11 - Raspagem da Mandioca na Casa de Farinha



Fonte: Acervo da pesquisadora (2020).

Fiquei morando no Povoado entre os meses de abril a julho de 2020. Retorno então sozinha para a capital, em agosto, pois já era anunciado o retorno das atividades comerciais e o possível retorno das aulas. Reorganizo todo o projeto de pesquisa, dividindo-me em meio às aulas remotas do Doutorado e do meu trabalho no IFPI. Planejei a pesquisa em um formato híbrido, ou seja, semipresencial, e fui articulando-me para a realização da mesma. Assim, no mês de outubro de 2020 estava com o projeto pronto. Submeti-o ao Conselho de Ética em

Pesquisa (CEP) da UFPI e qualifiquei a pesquisa.

Por outro lado, entra em vigor o Decreto nº 19.116, de 22 de julho de 2020, no qual o Governo do Estado do Piauí autoriza a reorganização sanitária das escolas para o retorno às aulas presenciais, a partir do dia 19 de outubro, dos alunos do 3º ano do ensino médio e os matriculados em cursinhos de pré-Enem (Exame Nacional do Ensino Médio). Assim vou encorajando-me a seguir o trajeto da pesquisa. Nesse período, adquiri materiais de segurança sanitária coletiva e individual, materiais artísticos para as oficinas de produção de dados, fiz todo o planejamento da pesquisa junto com minha orientadora e a cofacilitadora, a Profª. Ms. Mayara Danyelle. Por fim, deixei tudo preparado no decorrer do mês de outubro, enquanto aguardava a aprovação e autorização do CEP/UFPI.

No dia 4 de novembro de 2020 a pesquisa foi autorizada e aprovada pelo Prof. Dr. Raimundo Nonato Ferreira do Nascimento (Coordenador do Comitê de Ética em Pesquisa da UFPI/CMPP), com CAAE: 39665720.0.0000.5214. A alegria foi imensurável. Imediatamente enviei mensagem para minha orientadora contando a novidade com muita empolgação e exaltação. Enviei no mesmo dia o Convite Virtual do Pcurso (Pesquisa + Curso) “Formação docente em sociopoética como metodologia sensível e inovadora na convivência escolar e formação de multiplicadores do método na escola”, via aplicativo de comunicação (*WhatsApp*) para a Coordenação e Direção da escola, que direcionaram para o grupo dos/as educadores/as. Junto ao convite enviei o *link* do Formulário de inscrição, desenvolvido e elaborado no aplicativo *Google* Formulários (Apêndice: E).

Foram meses de articulação e conversas entre os possíveis participantes da pesquisa, que agora poderia concretizar-se com a formação em sociopoética, que considero que proporcionou outros métodos de leitura do universo escolar, através dos dados produzidos durante as oficinas, nas quais os/as professores/as foram criando e inventando uma visão nova da vida, tornando-se artesãos de palavras, através da produção coletiva. No próximo capítulo revelo a importância do curso de Formação em Sociopoética em seus vários ângulos, de escuta-fala sensível, que revelou o que estava encoberto, invisível por falta de uma formação sensível, que perpassasse pelos sentidos do olhar, ouvir, tocar, cheirar, degustar, do intuir, do emocionar-se, do raciocinar. Por fim, é preciso uma leitura de mundo pelo olhar da sociopoética nas práticas escolares, uma leitura como a descrita por Larrosa a seguir:

A experiência da leitura é poema uma conversão do olhar que tem a capacidade de ensinar a ver as coisas de outra maneira. A experiência da leitura converte o olhar ordinário sobre o mundo num olhar poético, poetiza do mundo, faz com que o mundo seja vivido poeticamente, torna realidade a

expressão heggeriana: “poeticamente habita o homem na terra”. (LARROSA, 2010, p. 106).

Nesse sentido, não quero com essa pesquisa lançar modelos a serem colocados no mundo, mas como já foi mencionado, a intenção foi ponderar e discutir a formação de professores/as a partir das contribuições da abordagem sociopoética, na perspectiva de intervir para conhecer, a partir das próprias pessoas envolvidas, com e entre elas, e não sobre elas, proporcionando ao grupo de docentes um processo de conhecimento em que possam ser livres para expressarem-se e se emocionarem, encontrando prazer em descobrir os desejos, angústias, sonhos, pensamentos de si e dos outros, experimentando um processo empático de produção coletiva, que nos aproxima e também pode causar rupturas, o que descrevo em detalhes, a seguir, no *Pescurso* (*Pesquisa + Curso*) que deu vida e significado a esses escritos.

4 NEGOCIANDO OS TRAJETOS DO PESCURSO (PESQUISA + CURSO): “FORMAÇÃO DOCENTE EM SOCIOPOÉTICA COMO METODOLOGIA SENSÍVEL E INOVADORA NA CONVIVÊNCIA ESCOLAR E FORMAÇÃO DE MULTIPLICADORES DO MÉTODO NA ESCOLA”

Figura 12 - Grupo-pesquisador e a caixa de Afecções



Fonte: Acervo da pesquisadora (2020).

*“A poesia está guardada nas palavras — é tudo que eu sei.
Meu fado é o de não saber quase tudo.
Sobre o nada eu tenho profundidades.
Não tenho conexões com a realidade.
Poderoso para mim não é aquele que descobre ouro.
Para mim poderoso é aquele que descobre as insignificâncias (do mundo e as nossas)”.*

(Tratado geral das grandezas do ínfimo – Manoel de Barros)

Nessa seção, discorreremos sobre os processos de negociação da pesquisa, trazendo os desafios da instituição do grupo-pesquisador e dos planejamentos de nossas ações, percorridos durante a pesquisa, apresentando as primeiras experiências vivenciadas com os copesquisadores, trazendo como destaque o perfil do participantes, bem como a análise do território, contribuindo para a composição dos dispositivos planejados e escolhidos para o desenvolvimento da capacitação docente através do Percurso (Pesquisa + Curso) intitulado

Formação docente em sociopoética como metodologia sensível e inovadora na convivência escolar e formação de multiplicadores do método na escola. No início dessa seção, destaco os percalços de ser pesquisadora em meio à pandemia do coronavírus, demonstrando como foram as adaptações para efetivar essa pesquisa. Em seguida, apresento o perfil dos participantes da pesquisa, que aqui denominamos de copesquisadores, e o instrumento utilizado para acessar as informações, que foi um Formulário Eletrônico via *Google Formulários*, composto por um questionário fechado sobre aspectos que os/as educadores/as acreditavam ser importantes no desenvolvimento profissional. Por fim, apresento os desdobramentos sobre a organização inicial e análise das informações que, de maneira resumida, pôde posteriormente guiar a execução do *Pescurso* para a produção dos dados da pesquisa.

4.1 As pegadas no chão da Formação em Sociopoética: negociação da pesquisa, a formação do grupo-pesquisador e a caixa de afecções

Para a descrição dos trajetos dessa pesquisa, destaco que sua construção dá-se dentro do contexto histórico da pandemia do Coronavírus (COVID-19), sendo importante ressaltá-lo para que haja uma melhor compreensão das escolhas e utilizações dos dispositivos apresentados, pois devido aos casos da doença em nosso país e no mundo, todas as atividades coletivas precisaram passar por protocolos sanitários e regras rígidas de cuidados com a higiene e o distanciamento social com o intuito de evitar a transmissão do vírus.

Portanto, essa pesquisa acadêmica passou pelo processo de reinvenção, utilizando formas híbridas (virtual/presencial) para a realização e concretização de seus objetivos. Nesse sentido, iniciei a pesquisa de campo no dia 4 de novembro de 2020, mediante aprovação do Comitê de Ética e Pesquisa (CEP/UFPI) e seguindo todos os requisitos da Resolução nº 466/12 e suas complementares. Assim, o primeiro passo foi o envio de um Convite Virtual para a participação no *Pescurso* acima nomeado, enviado via *WhatsApp* (aplicativo de comunicação) para a direção e a coordenação da Escola Pública Municipal Presidente Castelo Branco, localizada no Povoado Buriti do Castelo, Município de São Félix do Piauí-PI/BR, que prontamente o encaminhou ao grupo de educadores/as que atuavam do 6º ao 9º ano do Ensino Fundamental na escola. Destaco que esse *Pescurso* faz parte das ações do Observatório das Juventudes, Cultura de Paz e Violências na Escola (OBJUVE) e do Núcleo de Estudos e Pesquisa em Educação, Gênero e Cidadania (NEPEGECI/UFPI).

Junto ao convite, enviei o *link* de acesso ao Formulário de Inscrição (APÊNDICE E), para que os/as interessados/as pudessem responder e, assim, darmos início à formação do

grupo-pesquisador. O formulário eletrônico foi elaborado no aplicativo *Formulários Google*, servindo tanto para a inscrição como para a construção do perfil acadêmico, socioeconômico, étnico-racial e cultural do grupo-pesquisador. Aqui é importante ressaltar a colaboração da Coordenadora da escola, a Profa. Camila Rodrigues de Oliveira Gomes, que se certificou sobre quais os/as docentes que gostariam de participar da pesquisa, incentivando as inscrições e encaminhando-me os nomes e contatos dos mesmos para que fosse possível montar um grupo de comunicação.

Assim, na noite do dia 4 de novembro de 2020, remotamente, teve início o processo de negociação da pesquisa, marcando a primeira reunião com os docentes por meio de conversa virtual via WhatsApp. Iniciei a conversa apresentando-me ao grupo e agradecendo por terem aceitado participar da formação, e aos poucos fui expondo a proposta do curso e indicando os objetivos da pesquisa. Depois, no segundo momento, combinamos a melhor data para a nossa formação. Os/As educadores/as foram unânimes e entraram em consenso, sugerindo que fosse ainda naquela mesma semana, devido estarem muito atarefados com relatórios e avaliações para a finalização do período letivo. Combinamos então que seria no final de semana, nos dias 7 e 8 de novembro de 2020, para a realização do Pcurso. Ao final da reunião, passamos por um momento delicado, pois por conta da pandemia tivemos a apresentação do nosso primeiro protocolo de segurança, segundo o qual apenas poderia fazer parte do Pcurso os/as professores/as que estivessem sem nenhum sintoma gripal e que não tivessem tido contado, nos últimos 15 dias, com pessoas afetadas pela COVID-19.

Nessa reunião, tínhamos 8 docentes que manifestaram interesse para participar da formação e estavam inscritos, no entanto, durante a conversa, infelizmente perdi dois integrantes⁴, pois tinham recebido a notícia de casos positivos de COVID-19 na família e, assim, estavam impossibilitados de participar, devido ao período necessário de isolamento. Manifestei solidariedade às famílias acometidas pelo vírus e agradei a disponibilidade e a intenção dessas pessoas de participar da formação, deixando meu carinho e afeto aos mesmos. Desse modo, ao final da reunião ficaram 6 docentes no grupo. Nas deliberações finais, combinamos de iniciar as atividades no dia 7 de novembro, às 8h da manhã, munidos de máscara de proteção facial, roupas leves e calçados confortáveis. Foi ainda pedido que cada participante levasse uma caixa de sapatos, para passar por intervenção artística.

⁴ Com a saída de dois professores, devido a casos de COVID-19 entre parentes próximos, precisei excluir suas inscrições para manter a veracidade dos dados estatísticos resultantes do aplicativo *Formulários Google*.

Assim, o grupo-pesquisador foi formado por mim (facilitadora da pesquisa), a Profa. Ms. Mayara Danyelle (cofacilitadora)⁵, e mais 6 professores/as que atuavam do 6º ao 9º ano do Ensino Fundamental na Escola Pública Municipal Presidente Castelo Branco, localizada no Povoado Buriti do Castelo, no Município de São Félix do Piauí-PI/BR. O grupo foi constituído por educadores/as na faixa etária dos 21 aos 45 anos, que atuam nas seguintes disciplinas: matemática (2), português (1), história (1), Libras e Projeto de Vida (1) e Geografia (1). Sendo os/as professores/as formados/as nas seguintes licenciaturas: três professores/as em Licenciatura em História, dois em Licenciatura em Matemática e um na área de Português. Sendo uma especialista em Docência do Ensino Superior e a outra em Ensino da Matemática.

Como podem observar, no processo da pesquisa de campo utilizei a abordagem Sociopoética, pois se trata de um método que desperta o prazer e a criatividade na construção coletiva do conhecimento. Aqui é importante ressaltar que a Sociopoética, de acordo com Gauthier (1998), é um método de pesquisa de ensino e aprendizagem. Nessa dupla função, a Sociopoética foi utilizada tanto para produzir dados quanto para constituir-se como possibilidade de abordagem metodológica para o desenvolvimento de práticas educativas no contexto da convivência nas escolas. E ao descrever o processo inicial da pesquisa com os/as educadores/as, peço licença para relatar como foi meu retorno ao corpo-território da pesquisa, agora como pesquisadora-oficial.

No dia 6 de novembro de 2020, preenchi os espaços do meu carro pensando cada detalhe: materiais artísticos, produtos de higiene, bolsas com kits de proteção contra o coronavírus, livros para serem doados ao grupo, textos, alimentos, mas principalmente, o que eu levava com o maior carinho era esperança. Assim, segui para a casa da cofacilitadora, a Profa. Ms. Mayara Danyelle, que também preenchia os espaços com suas bagagens e expectativas. Viajamos então por duas horas e meia pela BR-316, conversando sobre o planejamento do Pcurso e falando com empolgação sobre as surpresas e desafios que nos esperavam.

Assim, adentramos ao Povoado Buriti do Castelo já à noite, e a notícia de pesquisadoras chegando na região para ministrar um curso de formação já havia se espalhado e as pessoas olhavam com curiosidade nossa entrada na cidade. Seus olhares e acenos nos cumprimentavam, e desde a chegada já nos sentíamos abraçadas, mesmo vivenciando um período de distanciamento físico: os gestos também nos acolhem. Desembarquei na casa do meu irmão, que me aguardava junto aos meus pais, para contribuir com a organização daquele momento

⁵ Segundo Gauthier (2012) é importante a participação de duas facilitadoras, pois não é simples cuidar do bom desenvolvimento da pesquisa e observar o que acontece com o grupo-pesquisador.

tão valioso, que era o desenvolvimento de minha pesquisa doutoral. Sentia em cada detalhe o orgulho e a satisfação deles ao olharem meu desenvolvimento.

Fui então à residência da diretora da escola, a Profa. Alda Maria, que aqui aproveito para deixar meu agradecimento, pois mesmo já sendo à noite, eram exatamente 19h30, ela me acompanhou no vai e vem de materiais. Lá iam eu, Mayara, a diretora e minha família, deixando caixas e mais caixas pela sala da direção, preenchendo a cantina de alimentos, fazendo as medidas e demarcações pelos dois pátios da escola que seriam usados para as oficinas de produção de dados.

Figura 13 - Fachada da Escola Pública Municipal Presidente Castelo Branco



Fonte: Acervo da pesquisadora (2020).

Já era tarde quando ainda lavamos o chão com água sanitária e espalhamos tapetes sanitizantes nas entradas para os pátios e no portão de entrada da escola. Em cada canto da escola colocamos garrafas de álcool em gel 70° e álcool líquido 70° em borrifadores. Lavamos os colchonetes e higienizamos com álcool, separamos as carteiras para a área de refeições com distanciamento de 2,5m de distância. E na área das atividades do PEscurso com uma distância de 2m entre os participantes. Fechamos então a escola, mas o trabalho ainda continuava.

De volta para casa, já às 22h, fomos organizar as bolsas dos participantes com os kits de proteção sanitária (Máscaras KN95, recipiente individual com álcool em gel 70°, Máscara do tipo *face shield*, lenços de papel), além do material pedagógico (caneta, bloquinho de anotações, texto base). Destaco que durante cada turno das atividades do PEscurso foram distribuídas entre

os participantes máscaras do tipo KN95, que é capaz de garantir proteção em dois sentidos, porque tem um filtro de ar que bloqueia pelo menos 95% das partículas em suspensão e ajuda na proteção contra doenças por transmissão aérea, como a coronavírus. As máscaras têm uma durabilidade de até 15 dias, no entanto, eram trocadas a cada novo turno das atividades, além de cada integrante ter recebido em seu kit uma máscara tipo *face shield*, que é um tipo de viseira que aumenta a proteção.

Figura 14 - Bolsas com os kits de proteção individual contra a COVID - 19



Figura 15 - Bolsas com os kits de proteção individual contra a COVID - 19



Fonte: Acervo da pesquisadora (2020).

Fonte: Acervo da pesquisadora (2020).

No dia 7 de novembro de 2020, o dia amanheceu chuvoso, era como receber bençãos dos céus. Sentia um frio na barriga, uma mistura de medo e entusiasmo. Na escola, a diretora, a coordenadora e minha mãe já estavam, desde bem cedinho, preparando o café da manhã⁶. Chegaram antes, abriram os portões da escola e foram acolhendo os/as educadores/as que chegavam do Povoado, bem como das cidades vizinhas. Eu e a Profa. Ms. Mayara chegamos às 8h e fiquei surpresa ao ver que todos e todas já nos esperavam. Saudamos os presentes, fizemos a distribuição das bolsas com os kits de proteção individual e foi servido o café.

⁶ Ressalto que todos os momentos de refeições, como a própria distribuição da água, foram feitos em recipientes individuais, lacrados e higienizados com álcool líquido 70°, bem como a água consumida foi distribuída em garrafinhas individuais de água mineral.

Figura 16 - Entrega dos Kits de Proteção Individual, Material de Leitura e anotação

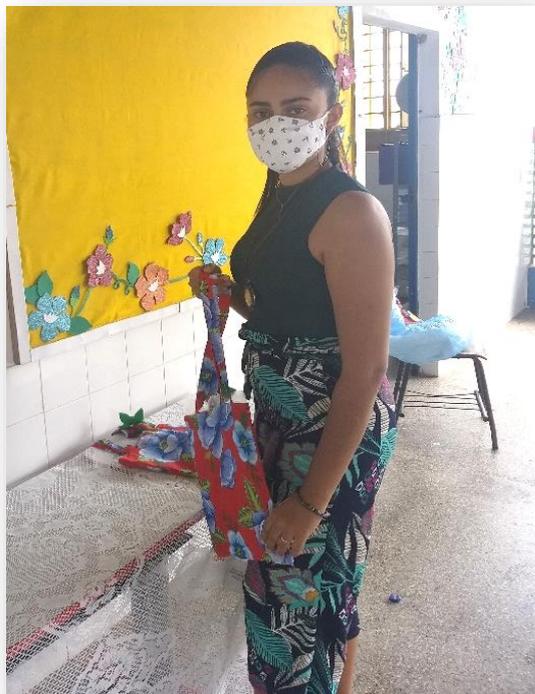


Figura 17 - Café da Manhã com os/as copesquisadores/as



Fonte: Acervo da pesquisadora (2020).

Fonte: Acervo da pesquisadora (2020).

Às 9h, já com todos/as alimentados/as e equipados/as, iniciamos o trajeto presencial do nosso Percorso com o acolhimento do grupo. Observa-se que uma pesquisa sociopoética realiza-se a partir da negociação, que é a primeira etapa, que teve início primeiramente de forma virtual e foi retomada agora presencialmente. Teve como finalidade explicar os objetivos da investigação, combinar a frequência dos encontros, assinar o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – TCLE (APÊNDICE A), negociar o território da pesquisa e definir o público-alvo/copesquisadores/as.

A oficina de negociação é um momento de utilização de dispositivos⁷ de modo a capturar gestos, opiniões, pensamentos e os discursos; utilizando técnicas como relaxamento, atividades corporais, técnicas sociopoéticas, experimentações artísticas, brincadeiras, dança, dinâmicas, sem a preocupação de produzir dados para a pesquisa, mas no intuito de inserir as possibilidades de criação e acolher o grupo-pesquisador. Esse momento permite aos

⁷ Da análise institucional, a sociopoética toma a ideia de dispositivo, como qualquer estrutura que admita tornar visível o que era escondido na vida comum, ideia que está no cerne da própria possibilidade de analisar, criticar e autocriticar.

copesquisadores/as se conhecerem, desprenderem-se, aumentar a confiança e aproximar-se da sociopoética, familiarizando-se para as futuras oficinas de produção de dados.

Em seguida, apresentei, na roda de conversa brevemente, o projeto de pesquisa: tema⁸, justificativa, problemática, quais os objetivos e as metas a serem alcançados na investigação, enfim, fui descrevendo do que se tratava esta pesquisa intitulada: “Formação docente em Sociopoética como metodologia sensível e inovadora na convivência escolar”, além de explicar quais seriam os passos do Percurso. Destaquei a importância do cuidado ético, da escuta sensível, reafirmando o compromisso de pesquisar coletivamente, com respeito, a fala do outro, e expliquei que eles poderiam sentir-se à vontade para deixar a pesquisa a qualquer tempo, sem nenhum empecilho. Os/As docentes presentes foram fazendo questionamentos acerca da pesquisa, como dar-se-iam as oficinas, sobre a privacidade, entre outras questões, que foram prontamente elucidadas.

Figura 18 - Roda de Conversa para Negociação da Pesquisa



Figura 19 - Roda de Conversa para Negociação da Pesquisa



Fonte: Acervo da pesquisadora (2020).

Fonte: Acervo da pesquisadora (2020).

Diante do exposto, foi enfatizada a importância do grupo-pesquisador, bem como do anonimato de cada um dos participantes. Não fizemos momentos de apresentações no início, uma vez que seus nomes verdadeiros seriam mantidos em anonimato, precisando, obrigatoriamente, usar pseudônimos, atendendo às exigências do Comitê de ética e Pesquisa da UFPI. Assim, no decorrer das atividades foi-lhes proporcionada uma outra forma de apresentação. Além disso, falei-lhes sobre minha posição de facilitadora e a da Profa. Ms.

⁸ [...] Mesmo quando o pesquisador oficial sugere o tema, é muito importante que esse seja bastante aberto, evitando induzir ângulos pré-definidos, pois será no curso da investigação que o grupo – incluindo o/a facilitador/a – irá descobrir os eixos de problematização que o assunto encerra (PETIT *et al.*, 2005, p. 10).

Mayara como cofacilitadora no processo da pesquisa, demonstrando quais seriam nossos papéis. Assim, foi instituído o grupo-pesquisador que iria participar de todo o procedimento de pesquisa, que nas palavras de Petit (2014), a sociopoética transpõe para dentro da pesquisa o dispositivo do grupo-pesquisador.

Assim, na pesquisa sociopoética, os pesquisadores oficiais se transformam em facilitadores de oficinas e convidam o público-alvo a se tornar copesquisadores de um tema-gerador, a partir de uma negociação conjunta. Os que aceitarem o convite passam a investigar com o pesquisador-facilitador e a participar, com poder de decisão compartilhado, de todo o processo de pesquisa, inclusive da análise dos dados e da socialização da investigação. (PETIT, 2014, p. 22-23).

Esse momento de negociação é também propício para a construção dos perfis dos copesquisadores, ou seja, eles podem expressar suas identidades, do que gostam, o que fazem, utilizando da fabricação de dispositivos estéticos, podendo falar sobre si através das produções, produzindo relatos orais e escritos no Diário de Itinerância, que foi utilizado para o registro de seus relatos durante o Percorso. Assim, ao final de cada oficina era reservado um momento para a escrita no Diário de Itinerância, que tem por função revelar a trajetória da pesquisa, os caminhos trilhados na tentativa de apreensão do tema investigado. Esse dispositivo ajuda a descrever os caminhos da pesquisa, pois vivifica as trilhas, possibilitando revelar as implicações, os afetos, os desejos, as dúvidas, os estranhamentos em relação à pesquisa. Acredito no diário como um elemento vivo na trajetória, responsável pela descrição de todos os aspectos. Aqui segui a sugestão de Gauthier (2012, p. 83) quando afirma que “é bom propor um grande caderno onde todos e todas, inclusive facilitadores (pesquisador oficial) podem escrever, colar, desenhar... tudo o que eles querem, em qualquer momento das sessões [...]”.

O Diário de Itinerância foi um “caderno inteligente” (Coletivo), que possuía folhas lisas e pautadas, que que podiam ser retiradas e recolocadas com facilidade, tendo, os copesquisadores, acesso livre a folhas avulsas a fim de expressarem suas ideias, pensamentos, desejos, angústias etc.; através de desenhos, paródias, manifestos, textos, poemas, entre outras formas que se sentissem à vontade. Gauthier (2012) ressalta a importância da escrita do diário coletivo, que foi adotado, além de propor, através de intervenções, trocas e leituras dos relatos escolhidos aleatoriamente durante as oficinas, ou seja, os Diários foram fluidos e nômades, pois passaram pelos demais sujeitos, que ainda puderam fazer relações com suas produções e falas a partir das criações de outros copesquisadores. Nesse aspecto, concordo com Barbier ao afirmar que:

Nada impede evidentemente que o diário de itinerância se socialize ainda mais se torne um diário de itinerância coletivo, isto é, redigido por um grupo ou um subgrupo. Nesse caso, o diário de itinerância coletivo representa o caderno de itinerância do grupo em direção à realização de seu objetivo. (BARBIER, 2007, p. 143).

Dessa forma, ao final desse primeiro momento expliquei que as produções seriam acompanhadas e registradas em audiograções, com o uso de filmagens e fotos feitas com o uso de celulares e máquinas fotográficas, e, posteriormente, transformados em narrativas. Destaco que todas as gravações, filmagens e registros fotográficos foram feitos com o uso de “bastão de self”, que é um suporte para celular com controle remoto, que nos permitiu manter a distância de 2m entre os copesquisadores e ainda assim conseguirmos gravar e fotografar seus trajetos na pesquisa.

Na negociação, após as explicações necessárias sobre o nosso trajeto da pesquisa, em um segundo momento, às 9h30, iniciamos o acolhimento dos copesquisadores com um trabalho de sensibilização corporal utilizando técnicas artísticas e de movimento. Esse foi um dos maiores desafios da pesquisa, pois estava habituada a realizar atividades de movimento em que todos podiam tocar-se, e agora precisei adaptar todo o planejamento para uma realidade de distanciamento social, mas que não perdesse a essência de vivenciar as técnicas e movimentos misturados com os outros corpos.

Em roda, foi colocada a música *Japurá River (Uakti) de Philip Glass* – Saudação africana, por meio da qual os/as docentes foram embalados/as, seguindo orientações sobre realizarem movimentos leves até mais energizantes, sendo convocados/as a caminhar pelo espaço da convivência na escola em plano baixo, médio e alto; em velocidades diferentes: devagar, rápido, correndo, de lado, de costas, sempre observando os outros e o espaço.

Figura 20 - Exercícios corporais em plano baixo pelos espaços da escola.



Fonte: Acervo da pesquisadora (2020).

Depois abrimos a roda e treinamos as formas de olhar para os espaços da escola, olhando para o lado direito; o esquerdo; para cima; para baixo; virar para a pessoa que está ao seu lado, percebendo as marcas dessa pessoa; mudar de lugar na roda e repetir as formas de olhar, ver, reparar no outro e na escola. Em seguida, fizemos um alongamento corporal para ir flexibilizando as articulações e percebendo o corpo como uma potência que se conecta com o espaço da convivência na escola.

Figura 21 - Alongamentos Corporais – Preparando o Corpo para a emersão na pesquisa



Fonte: Acervo da pesquisadora (2020).

Figura 22 - Alongamentos Corporais – Preparando o Corpo para a emersão na pesquisa



Fonte: Acervo da pesquisadora (2020).

Para a flexibilização dos pensamentos, realizei então nosso primeiro relaxamento, exercício de incitação do imaginário, do inconsciente, no qual nosso corpo é capaz de fazer um encontro consigo mesmo, num aprofundamento da imaginação, através do desprendimento do espaço. Para Gauthier (1999), os membros do grupo-pesquisador devem abaixar o nível de controle consciente, a fim de que se expressem os saberes submersos por suas histórias de vida.

Nesse momento, deitados em colchonetes, os/as copesquisadores preparam seus corpos, utilizando técnicas de respiração e relaxamento. Para Gauthier (2012), o importante nesse momento é que as pessoas parem de racionalizar tudo, deixando seus corpos sem censura, sem tempo para refletir, apenas vivenciar. Aqui o relaxamento foi realizado para pensarem nos nomes que os/as docentes queriam ser reconhecidos na pesquisa, sendo a criação do pseudônimo na Formação em sociopoética na relação com a convivência na escola, vivendo a primeira experiência de relaxamento. Segue abaixo o texto do relaxamento e o registro fotográfico:

Nesse momento, de olhos fechados, deite-se e acomode bem o corpo, respirando profundamente. Esqueça de tudo o que se passa lá fora. Concentre-se só no agora. No ar que passa pelos seus pulmões. Com as mãos espalmadas, sinta seu pulmão encher e esvaziar de ar. Feche os olhos, e de olhos fechados, sinta a energia do seu corpo. Deixe o corpo pesar sobre o chão, sinta seu corpo ficar bastante pesado. Aos poucos, comece a mexer os pés, estique sua coluna. Tateando as mãos sobre sua barriga, sinta seus órgãos. Sinta sua pele. Respire/Expire. Estique suas pernas lentamente em várias regiões, estique os braços. Sinta seu corpo relaxando lentamente. Massageie seu corpo, sinta (comece a mexer na sua barriga com as mãos, sentindo os órgãos que estão dentro dela, as suas vísceras, peguem-nas e movimentem-nas de um lado para outro, massageie o pescoço, massageie os braços. Abraze seu corpo, respire. De repente, você sente que seu corpo começa a se transformar, a diluir os contornos e você começa a sentir novas sensações, um outro ser está nascendo em você. Respire. Sinta. Todo ser que nasce recebe um nome. Qual seria o nome deste ser que está nascendo nessa pesquisa? Comece a pensar o nome desse ser. Quais as suas características? Esse ser tem sonhos, quais os sonhos? Tem desejos, quais os desejos neste curso de Formação em Sociopoética na relação com a convivência na escola? Agora, lentamente, apoiando suas mãos no chão, você vai abrir os olhos e vai se sentar próximo aos materiais, toque-os, veja-os e repare-os.

Figura 23 - Relaxamento corporal para a negociação da Pesquisa



Fonte: Acervo da Pesquisadora (2020).

Durante essa vivência, os/as copesquisadores/as receberam folhas de papel cartão tamanho A4, Hidrocores coloridos e lápis de cor para desenhar esse novo ser que havia se transformado para a Formação em sociopoética na relação com a convivência na escola. Durante o desenho, propus que pensassem: Como é o novo ser que vocês gostariam de ser? Quais suas características? Quais os sonhos deste novo ser que nasce? Quais os desejos nesse curso? Como é esse ser que tem este nome? Como eles percebem esse ser na formação docente em sociopoética na relação com a convivência na escola? Assim, desenharam e depois escreveram a experiência no diário de itinerância. Após alguns minutos, os/as copesquisadores/as foram estimulados/as a fazerem suas apresentações orais, agora como aquele novo ser, que possui um outro nome.⁹ Assim que iniciaram os relatos orais, veio à minha mente um trecho do poema “o Autorretrato”, de Mário Quintana, que acredito que define bem o significado desse novo ser que nasce a partir dessa pesquisa.

“No retrato que me faço
 - traço a traço -
 às vezes me pinto nuvem,
 às vezes me pinto árvore...
 às vezes me pinto coisas
 de que nem há mais lembrança...”

⁹ As produções e relatos encontram-se na seção 4.2 Perfil dos copesquisadores produzidos na negociação da pesquisa.

ou coisas que não existem
mas que um dia existirão...”

(Mário Quintana)

No terceiro momento da negociação da pesquisa, após as apresentações dos pseudônimos, expliquei que para nosso trajeto precisaríamos acionar nossas afecções. Foi então apresentado o vídeo “Caixa de Afecções”, dirigido por Carnielli (2014), sendo solicitado aos/às participantes que, sentados confortavelmente nos colchonetes ou carteiras, tentassem conectar-se ao vídeo. Para descrever o conceito de afecções utilizei as palavras de Gleizer que nos diz:

[...] a primeira definição: ‘Por afeto (affectum) entendo as afecções (affectiones) do corpo, pelas quais a potência de agir nesse corpo é aumentada ou diminuída [...], assim como as ideias dessas afecções’. Em primeiro lugar, nessa definição Espinosa atribui inequivocamente os afetos tanto ao corpo quanto à alma. Tanto as afecções que alteram a potência de agir do corpo, quanto às ideias destas afecções que alteram a potência de agir na alma, isto é, sua potência de pensar, são afetos [...]. Em segundo lugar, a primeira definição deixa claro que um afeto é uma afecção que faz variar positiva ou negativamente a potência de agir. Desta forma, uma afecção neutra, isto é, que deixa invariável a potência de agir, não tem dimensão afetiva. Assim, se todo afeto é uma afecção, nem toda afecção é um afeto. A variação positiva da potência de agir- ou seja, sua passagem a uma maior perfeição ou força de existir- constitui a alegria, enquanto sua variação negativa- isto é, sua passagem a uma menor perfeição ou força de existir constitui a tristeza. (GLEIZER, 2005, p. 33-35).

Nesse sentido, pedi que agora, pensando as afecções como potência de ação, que faz nossos corpos vibrarem, aumentando nossa capacidade de viver os problemas, dificuldades, pois nos leva a ação, os/as copesquisadores deveriam escolher materiais plásticos, entre os disponibilizados (papéis coloridos, linhas, fitas, aviamentos, botões, fita adesiva transparente, tecidos, cola de silicone, cola branca e a caixa de sapatos trazida de casa) para criar sua Caixa de Afecções, que os acompanharia durante toda a formação, como um local onde poderiam incluir aquilo que os afeta, tentando responder durante nosso trajeto aos questionamentos apresentados por mim, a facilitadora e os novos apresentados no vídeo: O que eu vejo? O que eu penso do que vejo? O que eu faço com o que eu penso do que eu vejo? No entanto, direcionando essas perguntas para suas memórias enquanto educador/a.

Segundo Carnielli (2014), a caixa de afecções é o espaço de arquivo para os objetos-corpos pensados nas suas experiências como educadores/as no mundo da vida pessoal e profissional, ideias, sensações, coisas, palavras que sejam significativas, que os/as tocaram, interrogaram, ou que sirvam de um suporte de memória, em suas vivências pelos territórios das práticas educativas. A caixa foi utilizada nessa pesquisa como suporte para a produção dos

Diários, em que ao final de cada experiência podiam acrescentar ou retirar conteúdos para reconectá-los/as ao vivido, propiciando um deslocamento e posterior recriação ou recontextualização das experiências.

Figura 24 - Construção das Caixas de Afecções



Fonte: Acervo da pesquisadora (2020).

Assim, em cada Caixa de afecções poderiam colocar os caminhos, atalhos e veredas no seu processo de constituição como educador/a, acrescentando objetos, registros, diários sobre os afetos que lhe envolveram – efeitos dos seus movimentos em busca de seu alvo de educar – mas, também, os que fossem ampliados durante a formação em sociopoética na relação com a convivência nas escolas, percebendo, nesse caminhar, que múltiplas coisas acontecem o tempo todo, em especial saberes produzidos em meio ao nosso encontro, que vão misturando-se e interconectando-se com outros saberes, ampliando seus contornos de professor/a. A seguir trago um exemplo de Diário construído a partir da Caixa de afecções, ilustrando a potência desse dispositivo:

Diário da copesquisadora Maria Cecília, Povoado Buriti do Castelo-PI, 8 de novembro de 2020

“Na minha Caixa de Afecções eu coloquei esse copinho amarelinho, foi um presente de uma aluna há mais ou menos dois anos atrás. Os objetos que os alunos me dão de presente são coisas especiais, porque mostram o carinho e o amor que eles sentem por mim, e esse carinho é o que nos faz seguir firmes e fortes. Quando eu olho para esse copo, me lembro o quanto eu sou amada pelos meus alunos e por mais que nós em algum momento estejamos enfrentando

situações difíceis, mas quando eu lembro que eu tenho um aluno que realmente gosta de mim, e diz: “- professora, você é muito importante para mim!” Isso é revigorante e faz com que eu realmente queira seguir essa trajetória. Então, ter o apoio dos nossos alunos é maravilhoso, é algo que faz com que nós tenhamos certeza de que estamos no lugar certo.”

Dessa forma, fomos percebendo, através dos relatos, que ensinar e aprender é habitar um conjunto de signos inicialmente dispersos no tempo e no espaço, que vamos resgatar e ampliar durante essa formação para o preenchimento da “caixa de afecções”. E é habitando o espaço da escola entre as pessoas, que percebemos que mais importante do que a sala de aula que habitamos, é onde em nós a sala de aula habita. Ou seja, quais as minhas implicações em realizar meu trabalho. O que da sala de aula há em nós, que carregamos pelos nossos trajetos? Assim é quando nos deixamos atravessar e redesenhar por outros com quem trabalhamos, os quais muitas vezes acabam instalando-se e se tornando parte de nós mesmos. A necessidade de viver em um ambiente escolar de trocas de experiências, motivação e resistência começava a configurar-se nos pensamentos dos/as educadores/as. Essa experiência corporificada e artística fez com que os mesmos mergulhassem nas lembranças da construção do “ser professor/a”, que está atrelada às marcas, aos gestos, aos afetos, às dores e à alegria no corpo, perpassando vários momentos de suas vidas. Como descreve Kastrup:

A corporificação do conhecimento, inclui, portanto, acoplamentos sociais, inclusive linguísticos, o que significa que o corpo não é apenas uma entidade biológica, mas é capaz de se inscrever e se marcar histórica e culturalmente. Todas essas ideias preparam o terreno para o desenvolvimento do segundo sentido da noção de atuação: invenção de mundo. Em resumo, a noção de atuação aponta para uma dimensão coletiva que comparece no corpo, ao mesmo tempo em que indica a participação do corpo na configuração do mundo que é partilhado pelo coletivo. (KASTRUP, 2008, p. 105).

Nesse sentido, os conhecimentos são como marcas sociais e culturais em nosso corpo, que foram escritas, tatuadas e coladas a partir das relações interativas, que são ao mesmo tempo individual e coletivo. Assim o corpo transita pelos dois lados, por meio das marcas que o constitui nas diversas aprendizagens possibilitadas pelas experiências que lhes atravessou, tocou e os/as fizeram vibrar. A formação em sociopoética em relação com a convivência nas escolas foi sendo apresentada pelos/as professores/as como uma possibilidade. Por isso que é preciso experimentar o processo de criação na educação. Educar é, portanto, a experimentação dos espaços e tempos da escola, percebendo o que nos rodeia e criando acontecimentos. E tudo isso ultrapassa o plano intelectual, pois a relação entre o professor e o seu campo de atuação está também no plano dos afetos.

Por fim, os traçados feitos em suas Caixas de afecções pelos/as docentes durante o curso

seriam a cartografia dos afetos vividos ao longo de sua carreira docente, que envolve sua capacidade de criação, sua arte de ser professor/a. Lembrando-os que seus saberes são ampliados ao ver, ouvir, sentir, tocar, falar sobre os problemas que permeiam suas práticas, propiciando, por meio da arte e da criação, a alegria de ensinar e aprender, ao promover a vez e voz de seus/suas alunos/as, ajudando-os/as em meio às adversidades do caminho.

Ao final da negociação, os/as docentes assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), uma exigência do Comitê de Ética da UFPI para a adesão voluntária na pesquisa e elucidações dos mesmos quanto aos objetivos do trabalho. O documento foi distribuído em duas cópias, das quais, uma ficou em posse dos copesquisadores e a outra foi arquivada por mim, pesquisadora oficial. No momento das assinaturas reforcei o sigilo do uso dos registros fotográficos e filmagens, sendo usados apenas para a produção da pesquisa, além de garantir aos mesmos o direito de desistirem a qualquer momento da pesquisa, sem que isso os comprometesse.

Finalizada a negociação, os/as copesquisadores colocaram seus diários nas Caixas de Afecções, com a tarefa de ir preenchendo-a com pertences da formação, que tivessem em casa ou que fossem construindo durante as oficinas. Encerramos, portanto, com um almoço, seguindo as recomendações sanitárias e as regras de distanciamento e nos despedimos para que pudessem descansar para o segundo momento das oficinas de produção de dados, no turno da tarde.

Na próxima seção, apresento os desenhos criados pelos/as copesquisadores/as para a descrição e apresentação de seus personagens, pensados e desenvolvidos para atender à tarefa de estabelecer pseudônimos, como forma de apresentação e construção de seus Perfis, englobando na sua composição os dados da inscrição presentes no *Google Formulários*. Além de trazer as transcrições dos diários produzidos sobre a negociação da pesquisa.

4.2 Perfil dos/as copesquisadores/as produzidos na negociação da pesquisa

Antes de apresentar o grupo-pesquisador em suas próprias palavras, destaco algo que foi bastante expressivo para essa construção. A questão levantada pelo grupo de Educadores/as devem construir uma postura dialógica em sala de aula, trabalhando o ato de aprender, fundamentado na consciência da realidade vivida pelos educandos, sem jamais reduzir-se ao simples conhecer de conteúdos, letras, palavras e frases vazias de significado, alheias ao mundo. A participação dos sujeitos no processo de ensino e aprendizagem leva à construção do conhecimento. Para Paulo Freire (2014, p. 162): “O diálogo tem significação

precisamente porque os sujeitos dialógicos não apenas conversam sua identidade, mas a defendem e assim crescem um com o outro”.

Viviane Mosé (2014) complementa essa ideia quando diz que não formamos pessoas, mas fragmentos desconectados. Vamos aprendendo as coisas específicas de cada matéria de ensino, mas ignoramos o todo, não ligamos para as relações humanas, sociais e planetárias. Vamos fazendo uma educação na qual até chegamos a esquecer quem somos, o que buscamos, muitas vezes seguindo os desejos e sonhos de outros, esquecendo-nos de nós.

Promovi, portanto, um relaxamento entre os/as copesquisadores/as para que, como educadores/as, pudessem fazer essa relação de suas experiências docentes com suas vidas, submetendo-se a pensar uma sala de aula que vai além de um projeto pedagógico, mas que pense a vida, transformando a educação que oprime, na educação que acolhe, favorecendo o exercício da cidadania. Assim, para apresentar o grupo-pesquisador em sua potência de existir como esse novo ser, trago um trecho do poema “*Identidade*”, de Mia Couto, em “*Raiz de Orvalho e Outros Poemas*”:

Identidade

*“Preciso ser um outro
para ser eu mesmo
Sou grão de rocha
Sou o vento que a desgasta
Sou pólen sem inseto
Sou areia sustentando
o sexo das árvores
Existo onde me desconheço
aguardando pelo meu passado
ansiando a esperança do futuro
No mundo que combato morro
no mundo por que luto nasço”.*

(Mia Couto – Raiz de Orvalho e Outros Poemas)

Logo abaixo, trago a descrição detalhada do Perfil dos/as docentes apresentadas no Formulário de Inscrição do *Google*, destacando, no Quadro 1 logo abaixo, primeiramente os dados compilados sobre idade, tempo de experiência, área de formação e área de atuação descritos pelos/as educadores/as no formulário de inscrição.

Quadro1 - Perfil etário e formativo dos/as professores/as da pesquisa

Copesquisador/a (Pseudônimo)	Idade	Tempo de Experiência	Área de Formação	Área de Atuação
Natália	32 anos	7 anos	Licenciatura em História	Geografia
Geovana	29 anos	7 anos	Licenciatura em Matemática	Matemática
Maria Cecília	23 anos	4 anos	Licenciatura em História	História
Caleb	21 anos	2 anos	Licenciatura em História	Libras e Projeto de Vida
Borboleta	45 anos	10 anos	Licenciatura em Matemática	Matemática e Geometria
Lucas	23 anos	3 anos	Licenciatura em Português	Português

Fonte: Dados da Pesquisa (2020).

Dentre as questões em torno da experiência docente presentes no formulário de inscrição, selecionei a “Por que escolheu ser professor/a?”, e no quadro a seguir apresento as respostas que os/as copesquisadores/as trouxeram:

Quadro 2 - Exposição da escolha em ser professor/a

Copesquisador/a (Pseudônimo)	Por que escolheu ser professor/a?
Natália	“Porque amo a arte de ensinar, me inspirei em professores maravilhosos que tive ao longo de minha vida escolar enquanto estudante e porque sempre sonhei em salvar vidas e para mim não só os médicos salvam vidas, para mim os professores são anjos que salvam vidas e que transformam a realidade de seus alunos.”
Geovana	“Por me identificar com a profissão.”
Maria Cecília	“Escolhi ser professora porque é uma das mais belas profissões! Saber que de alguma forma podemos ajudar a tornar o mundo um lugar melhor, é fantástico. Ademais, acredito que a educação tem um grande poder de transformação, e quero utilizar essa ferramenta para transformar a vida de meus alunos e de todos aqueles que estiverem dispostos a ter uma vida melhor e de tornar o mundo um lugar onde a educação seja prioridade!”
Caleb	“Por ser ótimo despertar o conhecimento em alguém. Por poder ajudar mais um ser pensante a se desenvolver como cidadão e enquanto um futuro profissional a vontade de aprender.”
Borboleta	“Porque amo a Educação.”
Lucas	“Sempre quis ser professor. Sempre me vi ensinando.”

Fonte: Dados da Pesquisa (2020).

Desse modo, as reflexões feitas sobre o ser professor/a atualmente, trazidas nas falas dos/as educadores/as, demonstram que precisamos repensar nossas organizações e práticas para transformar os modelos prontos, fixos, paralisantes, incrustados na nossa pele, utilizando ferramentas para transformar a vida de nossos/as alunos/as. Nos seus relatos orais, os/as

educadores/as complementam as falas sobre ser professor/a trazendo a formação e a convivência escolar como pontos importantes para serem repensados sobre a forma de ser educador/a, que solicita hoje, urgentemente, de seus profissionais, além de conhecerem a realidade, transformá-la. Destaco a seguir seus pensamentos em torno da formação Docente na relação com a convivência na escola:

Quadro 3 - Relatos sobre a Formação Docente em Relação a Convivência na escola

Copesquisador/a	Formação Docente na relação com a convivência na escola
Lucas	<p>“Então, a gente sabe que no espaço escolar acontece de um tudo. Para transformar esse espaço vai depender da forma como a escola trabalha e como os professores lidam com os conflitos. Eu acredito que na época que o Lucas estudava era diferente, era uma metodologia mais tradicional. Uma metodologia da qual os alunos eram muitas vezes submetidos a várias regras, sem o entendimento, sem uma discussão. Então o Lucas vivenciou de tudo na escola, desde bullying com o coleguinha, com outro aluno de outra série, até mesmo as pequenas discussões que acontecem mesmo devido a ser crianças e adolescentes. Então, hoje o Lucas como professor dentro da realidade escolar, o Lucas consegue perceber que não há tanto isso, mas não é que seja é radicalizado. Ainda há, mas hoje em dia as metodologias trabalham para entender o aluno, conversar com o aluno, trazer novos conhecimentos para que esse aluno possa entender e compreender melhor o ambiente escolar e evitar as práticas de violência. Tem duas vertentes no curso do Lucas. Uma delas vai para os conteúdos específicos, a disciplina que é português e também aulas pedagógicas que trazem esse conhecimento e essa discussão de trabalhar melhor forma. Lucas está sempre buscando novos conhecimentos, formas de aprofundar leituras sobre bullying e outras práticas que acontecem, que a gente percebe que tem nas escolas, estudo sobre essas manifestações violentas. E de uma certa forma a educação superior do Lucas tem ajudado sim ele a entender e buscar ir além. Até o momento o Lucas nunca presenciou uma grande discussão, principalmente, violência. Graças a Deus! O Lucas, nunca presenciou. Acredito que por sempre conversar, levar o diálogo aos alunos, sempre conversar com eles, sempre deixar eles a vontade. E sempre que surgir uma discussão que possa caracterizar uma violência, tentar convencer ambas as partes de que com a violência não se chega a lugar nenhum, mas sim, é por meio do estudo. Então converso, motivo eles que discutir é importante, mas que nunca tem que partir para a violência em si, tudo precisa passar pelo diálogo.”</p>
Borboleta	<p>“Minha formação me proporcionou mais conhecimento e autonomia para lher dar com as diversas questões que surgem no convívio escolar. Pois a borboleta é só alegria, e sempre disposta a aprender sempre mais.”</p>
Maria Cecília	<p>“Maria Cecília acredita numa educação transformadora, que possa ajudar não somente a sua família, mas a transformar a vida de muitas outras pessoas. Porque nós sabemos que existem sim muitas pessoas que precisam de ajuda para conseguirem ter um futuro. Tem pessoas que vivem sem perspectivas nenhuma. Então é preciso que tenhamos um olhar diferenciado, um olhar realmente de carinho para com essas pessoas. Maria Cecília ainda está concluindo a sua formação e já iniciou outra formação. E enquanto aluna de universidade, sempre pensou em formas de tentar resolver esses conflitos dentro da escola. Até porque Maria Cecília começou a atuar bem cedo nesse ambiente escolar como docente. Então Maria Cecília sempre busca formas de</p>

	<p>tentar resolver os problemas que tem dentro da escola. Sempre busca metodologias inovadoras para serem desenvolvidas dentro das suas aulas. Sempre faz aquilo que é possível para tentar ajudar os alunos da melhor forma possível. Bem, o que posso dizer que me marcou e continua me marcando até os dias de hoje é carinho, admiração que os meus alunos têm por mim. Isso é algo que desde o momento que eu entro na sala de aula, até o momento que eu estou em casa eu me sinto em outro mundo, eu posso dizer até dessa forma. Porque a cada dia que eu entro dentro de uma sala de aula, é como se fosse a primeira vez. Nunca é aquela coisa repetitiva, todo dia bate aquele friozinho na barriga, aquele nervosismo. Então, quando Maria Cecília entra na sala de aula e ver os alunos com aquele sorriso no rosto, aqueles alunos ali prontos para recebê-la com muito amor e carinho. Com certeza, essa é a melhor recompensa em ser professora. Além de Maria Cecília também já ter recebido algumas surpresas dos alunos. Isso é muito gratificante, é muito motivador. Faz com que a cada dia nós tenhamos mais forças para lutar e seguir em frente.”</p>
Natália	<p>“Minha formação em relação à convivência escolar, eu acho que me trouxe a questão do respeito, da empatia, do amor, porque hoje infelizmente a gente percebe que a gente vive numa sociedade muito preconceituosa. Em que as crianças praticam muito bullying uns com os outros. Principalmente a gente que trabalha com adolescente, já é um pouquinho mais complicado. Então eu acho que precisamos trazer para escola, assim uma forma diferente de enfrentar essas situações, com mais amor, com mais respeito, com mais empatia. Não penso, assim, em solucionar não, mais criar estratégias para lidar melhor com os conflitos. Natália já vivenciou aqui na escola situações de violências, aconteceu na sala de um outro colega. E assim, ela vivenciou, voltou para casa completamente chocada. Eu acredito que assim como os meus colegas que estavam na diretoria da escola nesse dia e presenciou e voltou assim para casa chocados, porque se tratava de criança de 11 anos. Aluno de sexto ano e assim foi uma situação que até então foi novidade. Ainda não tinha presenciado e me deixou assim chocada pela capacidade daquela criança de apenas 11 anos fazer aquilo com o coleguinha, fazendo ele passar por todo aquele constrangimento que aconteceu no dia.”</p>
Geovana	<p>“A trajetória da Geovana foi um pouco complicada desde o início, principalmente por conta da aceitação. O início foi meio conturbado, principalmente com relação aos pais. Era uma nova pessoa com um novo método de ensino e talvez tenha sido um pouco chocante. Geovana pensou até em desistir no início da carreira docente, mas ela se manteve firme e hoje ela continua na sala de aula, não desistiu. Continua lutando, querendo buscar novos métodos, melhorar. E é isso.”</p>

Fonte: Dados da Pesquisa (2020).

Os/As docentes apontaram para a necessidade de uma formação voltada para uma educação mais humanizada, com uma postura dialógica, que não seja tradicional ou mecânica, contribuindo para a transformação das realidades sociais que envolvem a escola e a comunidade. Afirmam em seus relatos a importância da formação como forma de adquirir novos conhecimentos; aprendendo, fazendo e refazendo seus trajetos metodológicos para melhor atender aos estudantes. Assim, podemos concluir que a docência e a pesquisa são indissociáveis para a práxis pedagógica de professores/as, que precisam permanecer em

processo constante de formação, buscando sempre novas possibilidades de tomada de consciência sobre sua sala de aula.

Ao final do formulário de inscrição e dos relatos orais pedi para que falassem sobre o que esperavam aprender em uma formação em sociopoética na relação com a convivência na escola. Solicitando que os/as docentes falassem um pouco sobre suas expectativas, como podemos observar no quadro abaixo:

Quadro 4 - Expectativas em torno da Formação em Sociopoética na relação com a Convivência na escola

Copesquisador/a	O que espera aprender em uma formação em sociopoética na relação com a convivência na escola?
Borboleta	“Pretendo conhecer mais sobre o tema e adquirir novos conhecimentos. Para que possa levar alegria para a escola. Pois a borboleta é alegre e sempre disposta a aprender mais.”
Lucas	“Então, o Lucas sempre busca novos conhecimentos, que possam mudar ainda mais suas práticas. Então se de repente em algum momento na sala de aula o Lucas perceber que precisa de uma nova metodologia para trabalhar com aqueles alunos, principalmente com adolescente, que é difícil. A gente acha que já sabe como lidar com adolescente, mas é sempre imprevisível. Então qualquer conhecimento que possa contribuir ainda mais para ele lidar com esse tipo de situação é importante para sua formação. E eu acredito que a sociopoética vai trazer essa experiência de melhorar um pouco do convívio, não só com os alunos mais com os demais colegas da mesma profissão.”
Maria Cecília	“Uma forma de dar início a realização dos seus sonhos é participando desse curso de formação docente em sociopoética como metodologia sensível e inovadora na convivência escolar. E formação de multiplicadores do método na escola. Essa formação tem como objetivo apresentar novas estratégias para serem utilizadas dentro do ambiente escolar. Após esse curso Maria Cecília poderá colocar em prática dentro das suas aulas, metodologias inovadoras, como uma forma de cativar cada vez mais os seus alunos, para que eles sejam não somente meros reprodutores de conteúdos, mas cidadãos críticos, autônomos, íntegros e capazes de construir um mundo cada vez melhor. Portanto, espero aprender novos métodos de construção coletiva do conhecimento, visando o reconhecimento da importância do corpo, da criatividade do tipo artística, considerando a dimensão ético-estética e política da produção do conhecimento.”
Natália	“Assim, esta formação docente em sociopoética é algo completamente novo para mim. Eu já vejo falar porque acompanho Vanessa no Facebook, vejo as postagens dela, mas é algo completamente novo. Mas com esta formação eu quero me tornar um ser humano melhor e principalmente me tornar uma profissional melhor para ajudar os meus alunos. Porque eu vejo a profissão do professor assim como a do médico, pois o médico ele salva vidas, e pra mim também o professor ele salva vidas. Então nesta formação Natália quer ser uma pessoa melhor, mas humana, para enxergar o aluno como um todo. Eu acho que ela já tenta fazer isso, ver o que o aluno está sentindo, mas conhecimento sempre é bom e ela quer melhorar muito mais. Pretendo assim, ser uma pessoa melhor, mais humana e mais preparada para a nossa nova realidade.”
Geovana	“Pretendo aprender métodos para tornar minha aula mais dinâmica e atraente. Geovana quer adquirir mesmo novas metodologias, os métodos que

	leve para sala de aula formas para tornar a aula mais atrativa. Fazer com que seus alunos sintam vontade de voltar e querer assistir mais aquela aula. Sentir a empolgação do aluno em vir pra escola e querer sempre vir mais.”
Caleb	“Algo relevante que me capacite e aprimore o meu entendimento sobre a educação.”

Fonte: Dados da Pesquisa (2020).

Sobre as expectativas em relação à formação em sociopoética, tonou-se explícito, pelos relatos dos/as professores/as, a necessidade de aprofundar-se no método, desenvolvendo formas criativas, alegres e atrativas de ensinar. Mas para tornar a sociopoética possível em sala, alguns apontam a importância do diálogo entre os/as educandos/as, principalmente nessa faixa etária de adolescentes, problematizando a educação, para assim consolidar melhor as propostas pedagógicas no processo de construção dos conhecimentos. Para explicar a importância dessa formação em sociopoética para o grupo-pesquisador, destaco a seguir o trecho de um dos diários que resume bem essa questão.

Diário Grupo-pesquisador, Povoado Buriti do Castelo, 7 de novembro de 2020

“Formação em Sociopoética é um processo que trabalha o movimento do corpo através de vários aspectos e de várias formas. E assim transforma ideias em conhecimentos para deixar nosso trabalho mais leve, alegre... É quebrar o conceito tradicional que continua a existir na sociedade como um todo. Precisamos ter conhecimento e mente abertas para inovar e coragem para pôr em prática.”

Logo abaixo, trago o perfil dos copesquisadores, descrito através dos diários, da compilação dos dados dos formulários de inscrição, dos desenhos criados pelos/as professores/as e os relatos orais que os/as descrevem como esses novos seres, e que trazem suas expectativas em relação a nossa formação, respondendo as questões presentes no relaxamento, que foram expressas tanto por desenho como por falas na plenária e pela escrita no diário de itinerância. Foi destacado na transcrição de seus relatos as seguintes questões: Como é o novo ser que vocês gostariam de ser? Quais as suas características? Quais os sonhos deste novo ser que nasce? Quais os desejos neste curso? Como é este ser que tem este nome? Como eles percebem esse ser na formação docente em sociopoética na relação com a convivência na escola? Ressalto que o perfil do copesquisador Caleb será apresentado apenas com os dados do formulário *Google*, pois o mesmo não pôde participar desse momento inicial de negociação presencial. É chegado então o momento de apresentar-lhes esse *ser-outro* da pesquisa, a partir das produções plásticas, relatos orais e diários.

Figura 25 - Produção plástica do perfil do/a copesquisador/a



Copesquisadora Geovana

(Descrição do Perfil a partir do compósito do Diário, relato oral e dados do Formulário *Google*).

“Geovana é uma menina muito tímida, que sente muita dificuldade, principalmente de falar de si mesma. Mas uma palavra que pode definir a Geovana é ser sonhadora. E no curso ela está procurando ser uma pessoa mais leve, mais alegre, buscar novos conhecimentos, novas medidas disso pra tornar o seu trabalho mais interessante e atrativo para que seus alunos se sintam empolgados em assistir a sua aula. E saiam motivados, querendo voltar com energia para minhas aulas. Ela também é uma pessoa que procura cultivar o amor, o respeito, a compreensão e o diálogo. Ela é uma pessoa mais observadora, mais ouvinte do que falante, ela prefere ouvir mais do que falar. Para adquirir novas ideias, novos pensamentos. Então essa é a Geovana. O sonho da Geovana é sentir o interesse do aluno em vir para a escola, de querer sempre está aqui e sentir que a aula é divertida, é alegre. Esse é o grande sonho da Geovana.”

Diário da copesquisadora Geovana

Povoado Buriti do Castelo-PI, 7 de novembro de 2020

“Geovana busca ser uma pessoa mais leve, mais alegre, está em busca de novos conhecimentos para aprimorar suas metodologias no trabalho, tornando-o mais interessante e atrativo. Às vezes, se sente um pouco perdida por isso vive em busca de se encontrar e a cada dia melhorar como pessoa em prol de sempre fazer o bem para os outros. Procura cultivar o amor, o respeito, a compreensão e o diálogo, atenta a novas ideias e pensamentos.”

Fonte: Acervo da pesquisadora e dados da pesquisa (2020).

Figura 26 - Produção plásticas do perfil do/a copesquisador/a



Copesquisadora Natália

(Descrição do Perfil a partir do compósito do Diário, relato oral e dados do Formulário Google)

“Bem, pessoal, esta nova pessoa que vocês acabam de conhecer é Natália. Quem é Natália? Natália é uma pessoa forte, paciente, determinada, guerreira, que está sempre buscando realizar os seus sonhos. Natália, ela começou a vida escolar muito tarde. Sua família, eu até costumo agora brincar, que a família de Natália era uma família nômade, ela não tinha habitação fixa, vivia se mudando de um lugar para o outro. E por isso ela só começou realmente a estudar com 9 anos de idade. Assim, eu escolhi esse nome para esta nova pessoa que eu estou me transformando hoje inspirado na minha avó paterna. Porque eu agradeço muito a ela, pois eu comecei a estudar por causa dela. Eu já com essa idade, com uma irmã de 5 anos, um de 11 e um de 14, nenhum estudava. E aí eu nunca entendi, porque que dos quatro ela escolheu a mim, né, para levar pra morar com ela na cidade e colocar na escola. Então assim

foi. Passei uma temporada morando com ela e hoje eu me inspiro nela porque ela é uma pessoa forte, guerreira batalhadora, que já tinha muitos problemas. Nessa época ela cuidava da mãe doente, era um filho com depressão aqui, era outro com depressão ali, mas ainda assim, ela quis pegar essa responsabilidade para ela. Então assim, Natália com 22 anos fez o primeiro vestibular, não conseguiu passar, estava com uma bebê pequena na época, amamentando. Entre as mamadas e cuidados com sua bebê, pegava o livro, estudava um pouquinho, aquele fole todo, mas não conseguiu. Porém, eu decidi que eu queria estudar, porque eu queria ser professora, sempre foi um sonho. Aí nessa época eu lembro que já casada e uma bebê pequena, eu resolvi entrar em uma instituição particular. E eu entrei com a cara e a coragem, com uma renda, de se eu não me engano na época de R\$ 364, 00 (reais), mesmo assim eu pagava R\$180,00 (reais) de mensalidade e meu marido ali trabalhando no que aparecia. Mas Natália começou a estudar, terminou este curso com muita luta. Quando ela estava finalizando este curso surgiu a oportunidade de trabalhar aqui em São Félix do Piauí - PI e ela abraçou com muita luta, com muita garra. Está aqui até hoje trabalhando. Em 2016, quis de novo fazer o vestibular porque eu queria ter um curso pela Universidade Federal do Piauí, consegui passar. Passei em terceiro lugar e iniciei agora o oitavo período. Com fé em Jesus daqui pra fevereiro Natália vai terminar este novo curso.”

Diário da copesquisadora Natália

Povoado Buriti do Castelo-PI, 7 de novembro de 2020

“Natália este novo ser em que acabo de me transformar é inspirado em minha avó paterna, pessoa forte, guerreira, já passou por muitas adversidades, mas sempre segue firme, forte e com amor. Assim, me vejo uma pessoa forte, determinada, que sempre busca a realização dos sonhos com paciência, com amor e com perseverança. Nesta formação em Sociopoética, busco me tornar um ser humano melhor e principalmente uma profissional melhor, que além de conteúdos trabalhe o aluno em sua totalidade. Vivemos em uma sociedade muito preconceituosa e precisamos mais do que nunca estarmos preparados para atuar com as diversas situações que surgem no ambiente escolar, portanto, precisamos ensinar nossos alunos a importância do respeito, a tolerância e a empatia para aprender a conviver com o outro.”

Fonte: Acervo da pesquisadora e dados da pesquisa (2020).

Figura 27 - Produção plástica do perfil do/a copesquisador/a



Copesquisadora Maria Cecília

(Descrição do Perfil a partir do compósito do Diário, relato oral e dados do Formulário Google).

“Meu nome é Maria Cecília, aqui está o meu desenho. Bem, quem é Maria Cecília? Maria Cecília é uma mulher forte, inteligente, sonhadora e que busca através da educação transformar a vida de muitas pessoas, que por algum motivo seguiram caminhos diferentes. Então essa é a Maria Cecília, uma mulher forte que através, é claro, da educação, tenta a cada dia mudar a realidade de muitos alunos/as. Que de certa forma e por alguns motivos não tiveram essa oportunidade, mas acredito eu que a melhor forma de tentar mudar o mundo é a gente realmente ajudar aqueles que precisam. E a melhor ajuda se dá através da educação. Maria Cecília vem de uma família humilde, mas que é uma família cheia de princípios. Uma família de pessoas fortes, guerreiras e que sempre viram na educação uma forma de transformação. Então essa transformação ela vem de dentro de cada um de nós. E Maria Cecília nunca se deixou levar pelas idas e vindas da vida. Ela sempre lutou para conseguir ter uma vida melhor, conseguir ter um futuro melhor. E Maria Cecília está aqui hoje, firme e forte, lutando, e Deus vai permitir que a cada dia Maria Cecília possa se tornar uma pessoa cada vez melhor. Maria Cecília é assim, é forte, ela cai, mas ela se levanta, nunca desiste e sempre luta firme e forte para realizar seus objetivos. Bem, e Maria Cecília enquanto aluna sempre foi uma menina tímida, mas aquela tímida que estava ali atenta as aulas, aos conteúdos. Sempre foi uma aluna que respeitou os professores, até porque foi um ensinamento repassado pelos seus pais. Maria Cecília sempre tratou seus professores como se fossem da sua família. É isso que Maria Cecília trouxe até os dias de hoje, esse respeito. Pois Maria Cecília em sala de aula foi uma aluna dedicada, educada e sempre acatou os desejos dos professores como uma forma não somente de não ser punida, mas por ser uma forma correta de agir dentro desse ambiente escolar”.

Diário da copesquisadora Maria Cecília

Povoado Buriti do Castelo-PI, 7 de novembro de 2020

“Maria Cecília é uma mulher forte, inteligente, sonhadora e que busca através da educação, transformar a vida de muitas pessoas que por algum motivo seguiram caminhos diferentes. Uma forma de dar início a realização de seus sonhos é participando da “Formação docente em Sociopoética como metodologia sensível e inovadora na convivência escolar e formação de multiplicadores do método na escola. Essa formação tem como objetivo apresentar novas estratégias para serem utilizadas dentro do ambiente escolar. Após esse curso, Maria Cecília, poderá colocar em prática, dentro das suas aulas, metodologias inovadoras como uma forma de cativar, cada vez mais os seus alunos, para que eles sejam não somente reprodutores de conteúdos, mas cidadãos críticos, autônomos, íntegros e capazes de construir um mundo cada vez melhor.”

Fonte: Acervo da pesquisadora e dados da pesquisa (2020).

Figura 28 - Produção plástica do perfil do/a copesquisador/a

Copesquisadora Borboleta

(Descrição do Perfil a partir do compósito do Diário, relato oral e dados do Formulário Google).

“Eu sou uma borboleta, alegre, divertida e que sempre procurar conhecimento. Buscando voar para procurar mais conhecimentos coloridos. Tudo isso é as características da borboleta. Eu gosto sempre de aprender, buscar sempre mais conhecimento, para transmitir melhor, para a convivência social. Na minha trajetória de estudo, no começo foi bem difícil, assim estudar, devido aqui no interior na época, não tinha como a gente ir para a cidade, aí demorou... A gente ia de caminhão para São Félix do Piauí-PI. Aquele trabalho todo. E quando tinha como ir, né. Pois quando chovia também era um período difícil, as estradas eram ruins. Aí foi bastante complicado, mas com tudo isso eu consegui. Graças a Deus! E minha família. Consegui estudar e até fazer faculdade, e fazer uma nova graduação agora. E também consegui passar num concurso da prefeitura. Graças a Deus e a meus estudos. A minha experiência escolar foi bastante proveitosa eu sempre gostei muito. E também assim, não sofri muito. Não assim alguma coisa na escola, não sofri. Mas sempre gosto de ensinar, gosto dos meus alunos e eles até me tratam bem também. E sempre só foi mais difícil mesmo na minha trajetória os meus estudos, mais difícil no começo, mas graças a Deus, agora está melhor. Com isso consegui passar, fiz minha graduação tanto em normal superior e agora em Licenciatura em matemática”.

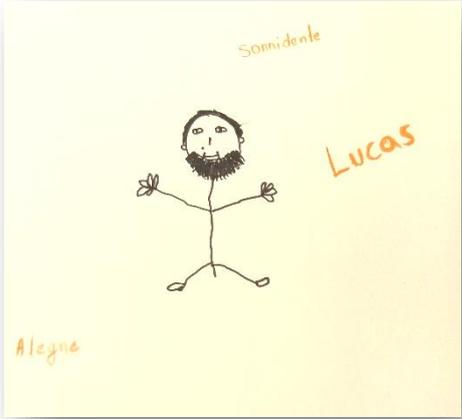
Diário da copesquisadora Borboleta

Povoado Buriti do Castelo-PI, 07 de novembro de 2020

“Sou uma borboleta, gosto de aprender sempre mais conhecimentos para transmitir melhora para a convivência escolar e na vida, andando sempre alegre e divertida. Tive dificuldades de estudar pois no lugar onde morava, o acesso era difícil. Mas mesmo com dificuldades consegui estudar e com isso consegui uma graduação e também passei em um concurso, o que era o sonho dos meus pais.”

Fonte: Acervo da pesquisadora e dados da pesquisa (2020).

Figura 29 - Produção plástica do perfil do/a copesquisador/a



Copesquisador Lucas

(Descrição do Perfil a partir do compósito do Diário, relato oral e dados do Formulário Google).

“Olá! Sou Lucas uma pessoa sorridente, uma pessoa alegre. O Lucas tem 23 anos, também está se formando e também já dá aula. O Lucas ele sempre gostou do ambiente escolar. O ambiente escolar sempre foi familiar. Então para ele foi normal está na sala de aula, ele nunca se viu fora da sala de aula. Então o Lucas é um apaixonado pela escola, gosta do que faz, está sempre em busca de novos saberes de novas metodologias e de práticas que possam melhorar ainda mais sua experiência em sala de aula e modificar o conhecimento que os alunos vão ter. E Lucas teve vários momentos que marcaram sua trajetória na escola, né. Desde as pequenas discussões com os colegas, de presenciar outras manifestações dentro das escolas. Mas isso sempre foi motivo do Lucas quando professor modificar e mudar essa realidade. De tornar a escola cada vez mais parceira, um ambiente familiar, se aproximar cada vez dos alunos, modificando essa realidade e transmitindo conhecimentos plurais para os alunos.”

Diário do copesquisador Lucas

Povoado Buriti do Castelo-PI, 07 de novembro de 2020

“Sou Lucas, tenho 23 anos, tenho em mim todos os sonhos: conquistar; ler o máximo de livros possíveis; viajar para lugares novos... Gosto de buscar novas experiências, novos desafios, de estar sempre bem-informado. Sou professor, é sem dúvida uma excelente profissão, o contato com o saber, transformar experiências, mudar vidas, formar pessoas melhores. Quando fazia o ensino regular algumas vezes presenciei manifestações de violências. Discussões entre os alunos por motivos simples.”

Fonte: Acervo da pesquisadora e dados da pesquisa (2020).

Figura 30 - Produção plástica do perfil do/a copesquisador/a

Copesquisador Caleb (Pseudônimo)
(Descrição do Perfil a partir do Formulário Google)

“Caleb tem 21 anos, está cursando Licenciatura em História, dando aulas do 6º ao 9º ano do ensino fundamental nas disciplinas de língua e projeto de vida. Trabalha como professor há 2 anos. E escolheu ser professor, por ser ótimo, por despertar o conhecimento em alguém. Por poder ajudar mais um ser pensante a se desenvolver como cidadão e enquanto um futuro profissional a vontade de aprender.”

Fonte: Acervo da pesquisadora e dados da pesquisa (2020).

**5 PESCURSO (PESQUISA + CURSO) FORMAÇÃO EM SOCIOPOÉTICA NA
RELAÇÃO COM A CONVIVÊNCIA NA ESCOLA: A POÉTICA DO GRUPO-
PESQUISADOR**

Figura 31 - Dispositivos artísticos das oficinas de produção dos dados



*“De tudo ficaram três coisas...
A certeza de que estamos começando...
A certeza de que é preciso continuar...
A certeza de que podemos ser interrompidos
antes de terminar...
Façamos da interrupção um caminho novo...
Da queda, um passo de dança...
Do medo, uma escada...
Do sonho, uma ponte...
Da procura, um encontro!”*

(Fernando Sabino)

Figura 32 - Dispositivos artísticos das oficinas de produção dos dados



Fonte: Acervo da pesquisadora (2020).

Nessa seção, discorro sobre o processo de criação das técnicas de produção de dados vivenciadas nesse Percorso, descrevendo primeiramente a técnica **A Cabaça e a Árvore da Formação em sociopoética na relação com a convivência na escola**, inspirada no mito da criação na cosmovisão africana. Em um segundo momento, a técnica **Objetos geradores da formação em Sociopoética na relação com a convivência na escola**, momento individual de produção de dados, técnica que foi inspirada no documentário “O lixo extraordinário” (2009) de Lucy Walker e Vick Muniz. Por fim, a técnica **Mandala da formação em Sociopoética na relação com a convivência na escola**, que é o desdobramento da anterior, sendo um momento de produção coletiva, inspirado na circularidade ancestral “Ubuntu”, que nos diz que só existimos por meio dos outros. Trazendo, assim, a transcrição dos relatos orais produzidos por meio das oficinas e as produções plásticas feitas pelos copesquisadores.

5.1 Caminhos na Cabaça da Formação em Sociopoética na relação com a convivência na escola: oficina de produção de dados

Após a oficina de negociação, realizei, na tarde do dia 7 de novembro de 2020, a partir das 14h30, a oficina de produção de dados que foi subdividida em dois momentos. O primeiro momento, a “*Cabaça da Formação em Sociopoética na relação com a Convivência na escola*”, produzido a partir da inspiração na pedagogia das encruzilhadas¹⁰, através do mito da cabaça e do Mito da Criação presente na cosmovisão africana, que tem uma função primordial nas relações dos seres humanos com o universo como um todo. Essa primeira etapa foi realizada de forma individual pelos copesquisadores. O segundo momento foi de produção coletiva, em que o grupo-pesquisador se reuniu para criar a “*Árvore da formação em sociopoética na relação com a convivência na escola*”, que aqui aparece como um desdobramento do primeiro momento, sendo seu complemento. A seguir, trago o mito “A Cabaça da Criação”, por ter sido uma das inspirações para essas duas técnicas, sendo uma história adaptada pela atriz Erika Coracini e pela cantora Verlúcia Nogueira, a partir do mito das Ya Mi e da criação do mundo, elaborado a partir do livro “Mitologias dos Orixás”¹¹, de Reginaldo Pradi.

¹⁰ RODRIGUES JÚNIOR, Luiz Rufino Rodrigues. Pedagogias das Encruzilhadas. **revista periferia**, v. 10, n. 1, jan./jun. 2018 - afrodiáspora e terreiros.

¹¹ PRADI, Reginaldo. Mitologias dos Orixás. São Paulo, Companhia das Letras, 2001.

A Cabaça da Criação¹²

Olorum, Senhor do céu, foi quem criou tudo: as árvores, os rios, os bichos. Mas, num certo dia, ele se sentiu muito sozinho e, por isso, resolveu criar seres iguais a ele. Então ele inventou a cabaça da criação. Usou argila, moldou, fez que fez e refez, tornou a moldar. Até que percebeu que não era capaz de fazer os seres sozinho, que precisava de ajuda para dar vida. E essa ajuda ele pediu às Ya Mi, "as mães ancestrais". As Ya Mi eram poderosas e temidas feiticeiras, donas de pássaros que cumpriam suas ordens. Elas traziam dentro de si a força feminina, que, assim como a terra, abraça, guarda e protege a semente até que esteja pronta para germinar. E juntos eles trabalharam: as Ya Mi cuidavam da cabaça da criação e Olorum dava o sopro que semeava a vida. Um completava o outro. É por tudo isso que Olorum decidiu dar a todas as outras mulheres o poder de gerar os seres humanos. As mulheres, enquanto geravam os seres, brincavam de fazer bonecos. Nessa brincadeira, elas colocavam todos os seus sonhos, pois acreditavam que quanto mais bonitos e bem costurados fossem esses bonecos, mais belos seriam os seres que iriam gerar. Seus bonecos eram de todos os tipos, tamanhos e cores. Foi assim que elas criaram as diferentes raças e nações. Sentadas, de pernas abertas, elas preservavam a vida.

Desse modo, para a produção de dados dentro das oficinas sociopoéticas experimentamos criações artísticas e relatos orais, seguindo um planejamento no qual constam as técnicas artísticas, bem como as técnicas corporais, gestuais e de relaxamento. O dispositivo na sociopoética é entendido como qualquer estrutura que admita tornar visível o que era escondido na vida comum. Ideia que possibilita a análise, crítica e autocrítica. Assim, os dispositivos são produções artísticas ou outros artifícios que estimulam o surgimento de inovações, de diferenças, de singularidades nas produções de dados, pois proporcionam a expressão da transversalidade das aspirações e poderes que atuam na vida.

Na Sociopoética os dados são produzidos pelos copesquisadores, ou seja, os sujeitos da pesquisa. Nesse sentido, temos esses dois processos de uma pesquisa Sociopoética, que se divide em: oficinas de produção e análise dos dados. Para as oficinas de produção de dados o/a pesquisador/a oficial (facilitador/a) seleciona e/ou cria técnicas de produção de dados que envolvem dispositivos artísticos de produção e conhecimentos através do corpo de maneira coletiva. No tangente à seleção das técnicas citadas nessas oficinas, O que orienta a escolha da técnica pelo facilitador é principalmente:

[...] que este se sinta à vontade com a mesma, geralmente por já ter familiaridade com sua utilização; a busca de diferentes linguagens, não necessariamente discursivas, lembrando que temos cinco sentidos; [...] que a técnica seja de fato um dispositivo, isto é, potencialmente gerador de dados não previsíveis, que permitam tocar a afetividade e o inconsciente envolvidos no pensamento. (PETIT, 2002, p. 43).

A elaboração das oficinas e dos dispositivos de produção de dados é um elemento

¹² Fonte: <https://www1.folha.uol.com.br/folhinha/>

essencial para a Sociopoética, pois elas devem causar o máximo de estranhamento aos copesquisadores, de modo que eles possam desenraizar seus referenciais, suas memórias, desterritorializando seus pensamentos. Para a Sociopoética, portanto, as oficinas funcionam como planos de imanência para a criação dos confetos (conceitos + afetos), levando os copesquisadores a problematizarem sobre o tema-gerador a partir de dispositivos artísticos levados ao grupo-pesquisador. Desse modo, Santos (2014) afirma que durante a realização das técnicas sociopoéticas é possível perceber as ambiguidades e as divergências existentes entre os/as copesquisadores/as, levando-os/as à reflexão e à criação, transferindo suas ideias e seus pensamentos do plano de imanência, no caso, da oficina de produção de dados, para o plano de consistência, que é o da criação de confetos. Segundo Petit:

[...] pede-se que os copesquisadores expressem numa linguagem simbólica e criativa, os seus conceitos referentes ao tema-gerador. Chamamos de confetos (conceitos + afeto) os conceitos produzidos mediante os dispositivos sociopoéticos, por estarem perpassados de razão, intuição, emoção, sensação. (PETIT, 2014, p. 33).

Sublinho que a sociopoética parte do princípio de que os dados são produzidos e não coletados, e ao falar em produção de conhecimento, remete-nos a um acúmulo dos processos de subjetivação resultantes do encontro de intensidades e de afetos. É um fato importante, pois quando adentramos ao campo da pesquisa e interagimos com os copesquisadores, trata-se de um encontro, que não deve ser compreendido apenas como encontros físicos, mas também de linguagens, de saberes, de experiências, de percepções, de valores, de conhecimentos e de crenças diversas. É pelo encontro que a sociopoética acontece, pois é uma abordagem metodológica do entre, que se faz de forma coletiva, de modo sensível, com criatividade e acolhimentos ético do outro.

Por considerarmos a produção de dados uma forma de conhecimento que se faz junto, sem distinção entre pesquisador/a oficial (facilitador/a) e sujeitos (copesquisadores/as), permite uma maior implicação dos sujeitos da pesquisa com o conhecimento construído e uma valorização deste conhecimento, pois eles/elas são vistos/as como pesquisadores/as, ou seja, protagonistas essenciais nesse processo.

Nesse contexto, a proposta do grupo-pesquisador valoriza o aspecto político da produção do conhecimento ao promover uma nova relação de forças e ao reverter o modelo baseado na verticalidade de um/a pesquisador/a, que interpreta a fala dos sujeitos, impondo sua palavra como final. Nesse momento, aquele que antes era passivo como objeto do saber, passa a ser sujeito ativo na produção de conhecimento acerca do tema-gerador. Sobre o grupo-

pesquisador, Gauthier define:

A instituição do grupo-pesquisador, no qual cada participante da pesquisa está ativo de todas as etapas dessa pesquisa (produção de dados, leituras analíticas e transversais desses dados, socialização...), e pode interferir no devir da pesquisa. Isso garante a chamada de formas variadas de racionalidade e a possibilidade de que outras fontes de conhecimento, não racionais e sim emocionais, intuitiva, sensíveis, imaginativa e motrizes, entrem em jogo. (GAUTHIER, 2010, p. 5).

Deste modo, retomamos na tarde do dia 7 de novembro de 2020, às 14h30, para as oficinas de produção de dados. Os/As copesquisadores/as foram acolhidos/as com um lanche, e renovamos a responsabilidade ética do grupo-pesquisador, além de reforçarmos os cuidados com a higiene, distribuindo novos kits de proteção. Para esse momento inicial, abrimos as Caixas de afecções e pedimos que inserissem os objetos que trouxeram de casa. Perguntei ao grupo-pesquisador se eles/as gostariam de ler os diários, e assim fizeram, escolheram os textos aleatoriamente para a leitura, depois pedi que destacassem duas palavras que chamassem sua atenção sobre nosso tema gerador e que gostariam de expressar no grupo. A seguir trago trechos das falas do grupo em torno da leitura dos Diários de Itinerância e das palavras escolhidas para descrever nossa formação.

Figura 33 - Leitura e escolha das Palavras nos Diários de Itinerância



Copesquisadora: “Eu destaquei as palavras *innovar* e *multiplicar*. Porque não adianta só inovar se a gente não vai pôr em prática. Então multiplicar é como praticar a inovação que a gente está conhecendo nessa formação.”

Fonte: Acervo da pesquisadora (2020).

Figura 34 - Leitura e escolha das Palavras nos Diários de Itinerância



Copesquisador: “No texto, duas palavras me chamaram atenção, que pertencem a trajetória que essa pessoa teve. Uma delas foi a palavra *aprender*, essa pessoa gosta de aprender para modificar suas relações com a escola e também de construir um conhecimento a mais. E outra palavra que me chamou a atenção foi o *sonho* dessa pessoa de ter uma graduação, então uma graduação para essa pessoa seria muito importante, pela dificuldade que ela enfrentou e também pela conquista dela de se tornar uma pessoa com grandes conhecimentos na área da qual a pessoa é formada.”

Fonte: Acervo da pesquisadora (2020).

Figura 35 - Leitura e escolha das Palavras nos Diários de Itinerância



Copesquisadora: “O que eu destaquei foi: *novos desafios* e também *transformar* a experiência. Novos desafios para sempre ser bem-informado, aí quando você é informado, poder transformar aquilo em experiência, renovando-se junto com outras pessoas.”

Fonte: Acervo da pesquisadora (2020).

Figura 36 - Leitura e escolha das Palavras nos Diários de Itinerância



Copesquisadora: Eu destaquei as palavras *amor* e *aprender*. *Amor* porque como sabemos é o mais belo de todos os sentimentos. É preciso que tenhamos amor consigo mesmo, amor pelo próximo. Para que assim possamos conviver de uma forma saudável e harmoniosa. E hoje acredito que nós estamos aqui desenvolvendo, sim, uma relação de amor e parceria, de aprendizado e de conhecimento. E a outra palavra foi *aprender*, porque esse é o nosso principal objetivo aqui. Aprender, buscar novas metodologias para está inovando cada vez mais com nossos alunos.

Fonte: Acervo da pesquisadora (2020).

Figura 37 - Leitura e escolha das Palavras nos Diários de Itinerância



Copesquisadora: “Eu destaquei nesse Diário a palavra perdida e compreensão. *Perdida* porque eu acho que de certa forma foi assim, pelo menos que eu me senti. Sem saber do que se tratava a sociopoética, sem saber como a gente ia aprender, de que forma iríamos aprender. E *compreensão* porque primeiro você precisa compreender tudo que está vindo para você, para você poder repassar para o outro.”

Fonte: Acervo da pesquisadora (2020).

Após as leituras e análises dos Diários de Itinerância coletivos fizemos atividades corporais e jogos teatrais para ativar o corpo. O primeiro momento foi para despertar com o ritmo-bate mão/bate coxa embalados através da música *Brincantes/Só +1 pouquinho* (Grupo *Barbatuques*). Dançamos no embalo com as mãos e com os pés em diversas direções e velocidades. Movimentamos o corpo subindo e descendo, flexionando os joelhos de várias formas, movimentando os braços de forma acelerada, batendo os pés no chão sentindo a intensidade do movimento e movimentando a cabeça em várias direções.

Depois utilizamos das técnicas do teatro, inspiradas em Augusto Boal, onde abrimos a escuta e a confiança, rompendo bloqueios emocionais e dando espaço para a imaginação livre. De pé, agora convidei-os/as para andar pelos espaços da escola e escolher uma parede. Virados para a parede, os/as copesquisadores foram estimulados a pensar como habitar o espaço da escola. Virados para a parede, com as mãos espalmadas, sempre respirando profundamente, pés juntos no chão, surge outro pensamento (a parede agora é o outro que eu toco sem agarrar, sem tencionar); nesse momento foram levados/as a pensar na posição do outro, do diferente em nossa vida profissional, dentro do espaço da escola.

Ainda nesse caminhar, foi proposto um exercício de visão, pedindo: (1) primeiro que todos olhem para o espaço em qualquer direção; (2) que todos olhem para dentro, de olhos fechados; (3) que olhem para si, de olhos abertos; (4) olhar para o outro e, por fim, (5) olhar para uma pessoa escolhida pela facilitadora; treinando os 5 olhares da vida. Vendo as sensações

dos olhares sobre si, sobre os outros e os olhares dos outros sobre nossos corpos.

Por fim, em outro momento os copesquisadores foram estimulados a caminhar pelos espaços da escola, cada vez mais rápido, trocando olhares, em silêncio absoluto, até a exaustão do corpo. Depois nesse movimento os/as copesquisadores foram provocados a pensarem em uma palavra sobre a formação em sociopoética na relação com convivência na escola. Nesse momento, trabalhamos mais dois sentidos do corpo: a fala e a audição, repetindo progressivamente a palavra escolhida, indo do volume mais baixo até o mais alto, que é o grito (Nessa proposta utilizamos uma sequência sonora de 1 a 30).

Depois pedi que se acomodassem nos colchonetes dispostos no chão para iniciarmos nosso relaxamento. De acordo com Gauthier (2012), é importante esse momento, pois permite uma marca ritualística no grupo-pesquisador, como também favorece a confiança, o encontro. O relaxamento associa-se à percepção consciente da respiração, que nos aproxima a um estado de sono no qual expressamos o que vai perpassando nossos pensamentos. Para Gauthier (2012, p. 82): “Qualquer facilitador pode trabalhar com essa técnica. O importante é que a produção dos dados aconteça imediatamente, quando os copesquisadores estão no melhor do relaxamento, com a mente a mais vazia possível”.

Para esse momento de relaxamento utilizei (Sons da natureza), somado ao texto da Viagem imaginária, intitulado: “A Cabaça da Formação em Sociopoética na relação com a convivência na escola”. Deitados confortavelmente em colchonetes, iniciamos o relaxamento através da leitura do texto, predispondo o corpo, a intuição, as sensações para a produção de sentidos. Assim foram instruídos que ficassem deitados com as costas eretas e as mãos distantes uma da outra e de olhos fechados. Vamos nos preparar para uma viagem imaginária sobre a formação em sociopoética na relação com a convivência nas escolas. Nesse momento, fiz a leitura do seguinte texto:

Figura 38 - Relaxamento da Técnica das Cabaças da Formação em Sociopoética na relação com a convivência na escola



Fonte: Acervo da pesquisadora (2020).

Narrativa da viagem imaginária:

As Cabaças da Formação em Sociopoética na relação com a convivência na escola

Feche os olhos e respire profundamente por 3 vezes. Agora você vai preparar o seu corpo para uma viagem imaginária. Prepare seu corpo para essa viagem. **RESPIRE** prestando atenção aos movimentos do diafragma. Inspire. Expire. Relaxe. Esqueça as tarefas lá fora. Entregue-se a sua imaginação. Imagine que você agora começa a sair do lugar que está. Comece a movimentar-se. Você deve sair do lugar e começar a movimentar-se... Você deve dirigir-se ao lugar da Formação em Sociopoética na relação com a convivência na escola. Para isto, você começa a sair do lugar que está. E foi saindo do lugar, que ao movimentar-se algo te surpreende, e te impede de continuar. Você é interrompido/a, algo não te deixa caminhar em direção ao lugar da Formação em sociopoética na relação com a convivência na escola. **Que problema é esse que te impede de seguir em direção ao lugar dessa formação? Como é esse problema?** Respire, expire, respire... **Aos poucos, chega um aliado ou seriam aliados, que potencializam seu corpo. Quem é esse aliado?** O que ele faz para potencializar seu corpo? Aos poucos, você volta a movimentar-se. E, ao longe, avista uma ponte e se aproxima da ponte para chegar ao lugar da Formação em Sociopoética na relação com a convivência na escola... Atravesse a ponte. Olhando ao redor, você começa a adentrar aquele lugar. No centro, há uma grande árvore. Ela é ancestral e sagrada. Você se senta ao pé da árvore e descansa da viagem. Fecha os olhos e adormece. Mas uma voz te chama. Seria um sonho? Você escuta uma voz que sai da árvore. Ela te diz: Este lugar é o lugar das cabaças! Aqui há muitas cabaças de todos os tamanhos e formatos. Você pergunta: Como assim cabaças? Eu estou procurando o lugar da Formação em Sociopoética. Você sabe onde fica esse lugar? A **árvore ancestral** te diz: se veio buscar algo, se você quer saber de algo, as cabaças hão de te responder. Elas têm toda sabedoria no seu interior. E disse ainda: cada **cabaça** é um microcosmo. A cabaça contém todo o universo. No seu interior, há tudo que nos alimenta e nos enche de sabedoria ancestral. Quando alguém toca na cabaça algo acontece. Quem toca a cabaça passa a ter poderes. Por isso, pegue a tua cabaça da Formação em Sociopoética. Toque nela, aproxime-se da cabaça. Você agora possui poderes. **Que poderes você ganha com a cabaça da Formação em Sociopoética?** Veja as marcas na cabaça. Siga os seus traçados. Com a ponta dos dedos, perceba a formação em sociopoética na relação com a convivência na escola. Quais os problemas dessa formação? E quem são os aliados que potencializam seu corpo nessa formação em sociopoética? Assim, cheia de mistérios e oráculos, você vai mexendo seu corpo e acordando desta viagem imaginária ao Lugar da Formação em Sociopoética na relação com a convivência na escola. Respire fundo 3x e abra os olhos. Agora você começa a voltar da viagem com a proposta de registrar sua experiência. Mexa seus pés, pernas, mãos, braços...

Após a viagem, convidei os/as copesquisadores/as para a produção individual da Cabaça da Formação em Sociopoética na relação com a convivência na escola. Assim, solicitei para cada um escolher sua cabaça. Em seguida, com a cabaça escolhida em mãos, pedi para seguirem sentindo com as pontas dos dedos as marcas presentes na cabaça, enquanto iam tateando a cabaça, eu ia pedindo-lhes para que tentassem localizar onde se encontram os problemas e os aliados (a resistência, a potência, o que eles criam para enfrentar os problemas) da formação em sociopoética na relação com a convivência na escola. Solicitei que sentissem a cabaça sobre a pele, percebendo sua magia.

A cofacilitadora Mayara já havia distribuído hidrocores permanentes de cor preta, pedindo para que seguissem os trajetos, suas emoções ao sentir a cabaça como algo misterioso, microcosmo potente para a formação em sociopoética na relação com a convivência na escola. No segundo momento, entreguei hidrocores permanentes de cor azul e solicitei que marcassem com aquela nova cor apenas os *problemas* da formação em sociopoética, pensando em um nome ao problema. Pedi que enquanto marcassem esses problemas, refletissem que relação eles/elas percebem deste problema com relação à convivência na escola.

Finalmente, com a ajuda da cofacilitadora Mayara, solicitamos que sentissem também os *aliados* da formação em sociopoética. E assim marcassem com hidrocor permanente de cor vermelha os aliados. Dando um nome ao aliado também. Depois de marcados os aliados, mais uma vez pedi que refletissem qual relação há entre esse aliado com a convivência na escola. Por fim, questioneei: Que nome você daria para a cabaça da formação em sociopoética na relação com a convivência na escola? Entregamos assim, eu e a cofacilitadora Mayara, folhas de papel cartão A4, para que colocassem suas cabaças, nomeando-as, não esquecendo de escrever no papel o nome dos problemas e aliados pensados durante o trajeto. Pedi então que cada um fotografasse sua cabaça no ângulo que gostaria que ela fosse visualizada. É importante destacar que os materiais utilizados nessa primeira etapa da técnica foram: papel cartão tamanho A4, hidrocores permanentes nas cores preta, azul e vermelha e cabaças de tamanhos variados.

Figura 39 - Técnica da Cabaça da Formação em Sociopoética na relação com a convivência na escola



Figura 40 - Técnica da Cabaça da Formação em Sociopoética na relação com a convivência na escola



Fonte: Acervo da pesquisadora (2020).

Fonte: Acervo da pesquisadora (2020).

A seguir, seguem os registros fotográficos das cabaças feitos pelos/as copesquisadores/as, as identificações das produções individuais e os diários sobre a técnica “A cabaça da formação em sociopoética na relação com a convivência na escola”.

Figura 41 - Formação em Sociopoética Cabaça Desafio na relação com a Convivência na escola



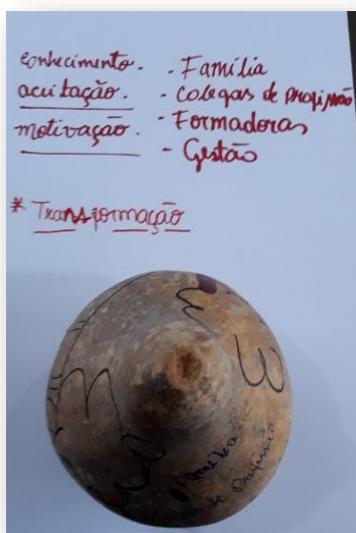
Diário da copesquisadora Borboleta

Povoado Buriti do Castelo, 7 de novembro de 2020

“Hoje à tarde fiz uma viagem bem diferente, pois nessa viagem aconteceu vários momentos, uns momentos de alegria, de obstáculos e também de medo. Com isso, precisei de várias pessoas que me auxiliassem, tais como, professores e família, para poder sair, pois na vida da gente sempre precisamos de pessoas que nos dê coragem, determinação, conhecimento e alegria para prosseguir na vida. Portanto isso é como uma árvore que tens seus frutos bons e ruins, só precisamos retirar aquilo que não é bom e agregar só coisas boas que são amizade, coragem, resistência e conhecimento.”

Fonte: Dados da Pesquisa (2020).

Figura 42 - Formação em Sociopoética Cabaça Conhecimento na relação com a Convivência na escola



Fonte: Dados da Pesquisa (2020).

Uma cabaça aberta para aprender, para conhecer, para viver novas experiências e repassar para meus alunos. Encontrei algumas barreiras pelo caminho, como aceitação, porque sabemos que existem muitas rejeições por parte da família, do aluno e da própria gestão escolar em aceitar o novo. Porém Natália é uma pessoa forte e determinada que não desiste daquilo que acredita e sairá desta formação mais segura, mais preparada para atuar perante as diversas situações que surgem no ambiente escolar; e assim transformar a realidade dos meus alunos, construindo uma aprendizagem mais prazerosa e significativa.”

Diário da copesquisadora Natália

Povoado Buriti do Castelo, 7 de novembro de 2020

“Hoje vivenciei uma experiência maravilhosa, fiz uma viagem linda onde pude reviver momentos que me fizeram feliz e me ajudaram a me tornar a pessoa que sou hoje e, portanto, são lembranças que guardo com muito carinho. Voltando desta viagem, fui convidada a participar de uma formação docente em sociopoética como metodologia sensível e inovadora na convivência escolar. De início estranhei por não ter conhecimento acerca do tema, mas aceitei porque estou sempre em busca de conhecimento, de novos, métodos para aplicar em minha prática, com o objetivo de melhorar cada vez mais o meu trabalho. Para participar desta formação tive como aliados minha família que sempre me apoiam e estão ao meu lado na busca da realização dos meus sonhos; as formadoras que com todo cuidado e carinho trouxeram esta formação para nós; meus colegas de profissão com quem sempre troco experiências e a

Figura 43 - Formação em Sociopoética Cabaça Coragem na relação com a convivência na escola



Fonte: Dados da Pesquisa (2020).

Diário da copesquisadora Geovana

Povoado Buriti do Castelo, 7 de novembro de 2020

“Durante a viagem chamei minha cabaça de coragem, pois ela é necessária para enfrentar os desafios e obstáculos que surgirem no caminho. Uma barreira encontrada durante a viagem foi a incompreensão, juntamente com desvalorização e não reconhecimento do trabalho desenvolvido. Em meio as barreiras encontramos os aliados como a determinação e o conhecimento, que os dois juntos nos permitem seguir em frente enfrentando os obstáculos encontrados no caminho percorrido.”

Figura 44 - Formação em Sociopoética Cabaça Determinação na relação com a Convivência nas escolas



Fonte: Dados da Pesquisa (2020)

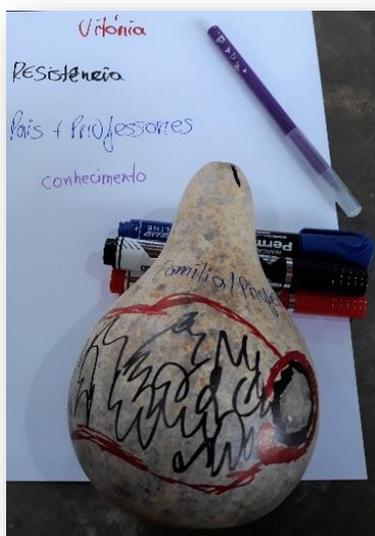
assim, tenha conseguido atingir a vitória. Ao juntar todos os elementos citados com os demais colegas do grupo, cheguei à conclusão de que nossa união aliada a formação em sociopoética pode contribuir de forma significativa para mudar a realidade de nossos alunos, inserindo dentro do contexto escolar metodologias inovadoras.”

Diário da copesquisadora Maria Cecília

Povoado Buriti do Castelo, 7 de novembro de 2020

“A viagem que realizei foi um pouco conturbada, mas graças a presença de alguns aliados consegui chegar ao meu destino. Os problemas que encontrei foram o medo e a incompreensão; o medo está relacionado, principalmente a inovação, o uso de metodologias inovadoras em sala de aula, já que há uma grande rejeição por parte das famílias e muitas vezes até do próprio grupo gestor. Para resolver todos os problemas que surgiram ao longo do trajeto contei com a ajuda de alguns aliados, como a força e a transformação. Foram esses aliados que contribuíram para que a “cabaça determinação”, tenha se mantido firme durante toda a jornada e

Figura 45 - Formação em Sociopoética Cabaça Vitória na relação com a Convivência na escola



Fonte: Dados da Pesquisa (2020)

Diário do copesquisador Lucas

Povoado Buriti do Castelo, 7 de novembro de 2020

“Toda viagem carrega duas certezas: uma chamada de tudo aquilo que corresponde as nossas expectativas e a outra carregada dos momentos que não saíram como planejado. Na escola, acontece a mesma coisa, há momentos de construção de ideias e de críticas negativas as práticas. Toda nova ideia desenvolvida na escola, encontra obstáculos que variam entre os pais e/ou responsáveis pelos alunos, pelos professores, enfim, múltiplos obstáculos. Nesse contexto, a escola tem que se manter firme e focada em práticas que tragam melhorias na construção do saber. Desse modo, saber melhorar com os erros para superar e tornar a experiência melhor ao aluno. Logo, os pais são agentes importantes no sentido de buscar entender as mudanças que o mundo vem sofrendo, e superar as concepções tradicionalistas. Assim, a escola é palco para a formação e construção dos múltiplos conhecimentos. Para isso, superar as barreiras, é fundamental para ampliação do conhecimento.”

5.2 A árvore da Formação em Sociopoética na relação com a Convivência na Escola

No segundo momento da técnica, que é o desdobramento do primeiro, pedi aos/as copesquisadores/as para reunir as cabaças criadas individualmente na “*A árvore da Formação em Sociopoética na Relação com a Convivência na Escola*”, sendo agora um momento de criação coletiva. Para isso, deveriam olhar as cabaças, percebendo os elementos e palavras que foram destacados, observando os nomes das cabaças, bem como dos problemas e aliados na relação com a convivência na escola, que deveriam formar agora uma grande árvore das cabaças, percebendo durante o processo, as dificuldades e as estratégias que precisariam ser pensadas, já que agora tratava-se de uma criação de várias mãos e ideias diferentes. Na hora da produção, foi combinado com os/as educadores/as de permanecerem em silêncio. Desse modo, não poderiam conversar sobre suas ideias, nem verbalizar e/ou planejar, apenas irem construindo a partir do que fosse lhes afetando, inclusive interferindo artisticamente nas propostas de outras pessoas que fossem chamando sua atenção. Para essa produção foram disponibilizados os seguintes materiais: papéis peso 40, papéis crepons coloridos, lápis de cor, botões, materiais de aviamento, tintas coloridas, hidrocores, fitas adesivas e colas.

Figura 46 - Materiais e produção da Árvore das Cabaças



Figura 47 - Materiais e produção da Árvore das Cabaças



Fonte: Acervo da pesquisadora (2020).

Fonte: Acervo da pesquisadora (2020).

Durante a criação, cada um foi colocando também targetas próximas das cabaças, com nome dado à cabaça da formação em sociopoética em relação à convivência na escola, nome

do problema, nome do aliado. Depois da árvore pronta, pedimos que ficassem de pé e olhassem a produção, observando o resultado final e todas aquelas formações cabaças reunidas, com seus problemas e aliados. Durante esse momento de ver, reparar, olhar para o que fizeram, solicitei ainda que juntos percebessem o que há de comum e o que há de diferente naquela produção.

Assim, ao final, abrimos a roda de conversa na qual cada um/uma falou da experiência, de sua cabaça, dos problemas, aliados, poderes da formação em sociopoética na relação com a convivência, e também da árvore das cabaças da formação em sociopoética na relação com a convivência. Durante os relatos, fui lançando questionamentos, tais como: Se a cabaça (usando o nome da cabaça dado pelos mesmos) fosse a formação em sociopoética como ela seria? Onde está a potência da árvore da Formação em Sociopoética na relação com a convivência na escola? Como a sua cabaça conecta-se com as outras cabaças na formação? Qual a relação da sua cabaça com a convivência na escola? Entre outras. A partir das questões disparadoras, o grupo foi realizando os relatos livremente sobre essa vivência, desde a viagem imaginária até a criação da árvore. A seguir, apresento o registro fotográfico de A árvore das Cabaças da Formação em Sociopoética na relação com a convivência na escola. Os relatos orais de todas as produções serão posteriormente analisados por mim e os resultados trazidos na última seção desta tese.

Figura 48 - Árvore das Cabaças da Formação em Sociopoética na Relação com a Convivência na Escola



Fonte: Acervo da pesquisadora (2020).

A seguir, o trecho de um dos diários dessa experiência do grupo-pesquisador, que resume bem esse momento de criação com o uso das técnicas A Cabaça e a Árvore da Formação em Sociopoética na relação com a convivência na escola.

Diário grupo-pesquisador, Povoado Buriti do Castelo, 7 de novembro de 2020

“Hoje fiquei a pensar: Qual a cor que devo pintar a convivência na escola em uma formação em sociopoética? Teria essa formação uma única cor ou seria multicolorida ou até mesmo sem cor? E o desafio maior seria pintar, rabiscar uma cabaça da formação em sociopoética em meio aos problemas, aliados e poderes da convivência na escola, por meio das marcas que se mostrem e escondam-se numa profundidade emergida em sensibilidade que somente pode ser tateada pelo construtor dessa cabaça de formação em sociopoética na relação com a convivência na escola que pode ser com uma ou muitas cores e sem cores também. A cabaça formação em Sociopoética é aberta ao imprevisível, relacionado à convivência na escola que pode acontecer e transformar-se de múltiplas formas em desafios, determinação, coragem, vitória e conhecimentos de muitas cabaças que se conectam na árvore ancestral das cabaças que emerge a magia da Formação em Sociopoética com poderes da Convivência na Escola.”

Finalizamos esse primeiro dia de Percurso pensando na construção de uma educação rizomática, que acontece a partir da invenção, das experiências e criação de conceitos através da arte. Como atividade extraclasse os/as docentes, agora copesquisadores/as, receberam sacos plásticos higienizados de 50l e foram instruídos a pegar, ver, reparar e colher objetos geradores da sua estima, que pudessem ser utilizados na oficina de produção de dados do segundo dia de Percurso, podendo assim serem destruídos, sendo transformados em outras coisas, produzindo novos sentidos. Além de trazerem objetos para sua “Caixa de Afecções”.

5.3 Objetos geradores e a Mandala da formação em Sociopoética na relação com a convivência na escola: produção de dados

No dia 8 de novembro de 2020, iniciamos nosso segundo dia de formação acolhendo os/as copesquisadores/as com um café da manhã, às 8h. Enquanto iam chegando ao espaço da escola, eu e a cofacilitadora Mayara recolhíamos os objetos geradores trazidos de casa e já íamos fazendo a higienização dos objetos com álcool 70°. Iniciamos então o segundo dia de oficinas, ativando os corpos dos/as copesquisadores/as, potencializando e fomentando em seus corpos o despertar para a criação e invenção, de outras formas de pensar a educação e a produção do conhecimento, abrindo caminho para práticas educativas inventivas perpassadas por novos saberes.

Nesse caso, os/as copesquisadores/as possibilitaram a seus corpos passarem por um

espaço de criação que é da escola, do/a educador/a, mas que também é compartilhado no encontro com o outro, que partilha saberes e nos faz produzir novas experiências. E como dizem Deleuze e Parnet (1998), um espaço de criação envolve uma longa preparação. Portanto, preparar o corpo faz-se necessário. Segundo Kastrup (2007, p. 27): “A invenção, implica uma duração, no trabalho com restos, uma separação que ocorre no avesso do plano das formas visíveis. Ela é uma prática de tateio, de experimentação, e é nessa experimentação que se dá o choque, mais ou menos inesperado, com a matéria”.

Todavia, é importante explicar mais profundamente as experiências desse trajeto, que iniciaram no momento de planejamento dessa oficina, em que escolhi o dispositivo dos objetos geradores inspirada em uma experiência desenvolvida pela Profa. Dra. Shara Jane Adad e pela Profa. Dra. Socorro Borges, da Universidade Federal do Piauí (UFPI), com pedagogas em formação inicial, sendo pensada a partir dos Poemas de Manoel de Barros, no documentário biográfico do poeta “Só dez por cento é mentira (2008), direção de Pedro César. Movidas ainda pela influência do documentário “O Lixo Extraordinário” (2009), direção de Lucy Walker e do artista visual Vick Muniz, que se passa em um dos maiores aterros sanitários do mundo: o Jardim Gramado, na periferia do Rio de Janeiro que revela o poder da arte para a criação.

A outra inspiração para esse momento de produção de dados vem da mandala, termo que se origina do Sânscrito, língua cultural clássica indiana, significando círculo, estando esta forma mandálica presente no cosmos e nas diversas formas de seres. Pensar um dispositivo nessa circularidade da mandala é muito importante, pois tem essa conexão com a convivência escolar e esse processo de movimento, pois só existimos por meio do encontro com os outros, e quando pensamos no ambiente escolar, essa interconectividade precisa ser provocada para que possamos voltar a perceber a interdependência que temos uns com os outros. A mandala faz-me lembrar da ética da filosofia africana sobre o trabalho cooperativo, o que traz a importância do fazer coletivo, em equipe, fazer juntos com/entre as pessoas de um grupo. Segundo Gauthier:

Se mudarmos a nossa mandala e enxergarmos os conhecimentos como impermanentes, fluídos e interdependentes, podemos, em certas regiões do real metodicamente investigadas, descrever as interações entre esses conhecimentos; suas traduções uns em outros, suas relações, revelando aos poucos os fios que percorrem. (GAUTHIER, 2012, p. 37).

A Sociopoética tem uma preocupação metodológica com a mobilização do inconsciente, que se torna fonte de produção, pois aciona o que muitas vezes estava escondido, possibilitando a transmissão do que estava recalcado. Nessa técnica, os objetos geradores e a mandala da

formação em sociopoética na relação com a convivência na escola, os/as copesquisadores/as foram levados/as a acessar seus inconscientes, pelo estranhamento de coletar objetos, manipular e observar suas características. Fazendo com que suas percepções de mundo se ampliassem numa tarefa descolonizadora de pensamentos e produtora de potência.

Figura 49 - Mandala da Formação em Sociopoética na Relação com a convivência na escola



Fonte: Acervo da pesquisadora (2020).

Foi a partir dessa descolonização do pensamento e do estranhamento que dá vida ao inconsciente que experimentamos esses dispositivos. Na potência desse entrelugar, os/as copesquisadores/as reuniram suas subjetividades no encontro com as falas dos outros, podendo interferir e ou complementar sempre que iam sentindo-se tocados a participar. Essa oficina perpassou assim princípios da cosmovisão africana, tais como a ancestralidade, circularidade e em reflexões necessárias para se pensar a formação e a convivência escolar. Assim, irei demonstrar os passos que nos levaram à verbalização prazerosa e respeitosa, que se revelam na importância da escuta sensível, que contribui para a aceitação e o respeito incondicional do outro. Como diz Adad (2011, p. 237): “A escuta sensível não julga, não mede, não compara. Ela compreende, entretanto, sem aderir às opiniões ou se identificar com o outro, com o que é anunciado ou praticado”.

Na oficina, após uma pequena pausa, iniciamos nosso momento de invenção, convidando os/as copesquisadores/as a fazerem alongamentos corporais a fim de ativar o corpo. Nesse momento, tivemos o cuidado ético renovado como necessário para nossas pesquisas, em que devemos cuidar uns dos outros com empatia, pois recebemos um novo membro, “Caleb”, que veio acompanhar-nos nesse trajeto, sendo, portanto, acolhido dentro da noção ética e respeitosa da sociopoética.

Assim, ao som de músicas lentas instrumentais iniciamos o alongamento com exercícios do Yoga, convidando o corpo para o autoconhecimento, ao refinamento da percepção da nossa autoimagem e da nossa relação com o outro, com o mundo. Alongamos o corpo através de exercícios de respiração e equilíbrio, levando-os/as a flexionarem o corpo em vários sentidos, sentindo suas possibilidades com um encontro consigo, ativado pela respiração e concentração, esticando os braços para cima, tocando a ponta dos pés, sentindo a ponta dos dedos levemente escorregando pelas mãos, flexionando as pernas e joelhos, abraçando o corpo. Sempre respirando e mantendo a concentração. Solicitei aos/às copesquisadores/as que sentissem a escola com o corpo todo.

Depois, andando livremente pelos espaços da escola, foram percebendo os detalhes daquele lugar, seus corredores, cantina, salas de aula, pátio, espaços abertos, banheiros. Nesse trajeto, foram seguindo alguns desafios, andando de lado, de costas, correndo, de olhos fechados e sentindo a experiência, nesse encontro pelos espaços. Ao retornarem ao pátio, foi desenvolvida a Técnica corporal dos espelhos, inspirada nas técnicas do Teatro do Oprimido, de Boal, na qual um/a copesquisador/a era o espelho, e o outro o reflexo. E assim foram criando expressões gestuais e corporais para serem repetidas entre espelho e reflexo. Nesse fluxo de interação com o corpo do outro, pedi que trocassem de lugar durante essa técnica para senti-la com todas as pessoas presentes.

Assim, através de exercícios corporais, alongamentos e procedimentos das artes cênicas, preparamos o corpo para o momento do relaxamento, através de uma viagem imaginária, na qual pedi que os/as educadores/as desacelerassem o corpo, preparando-o para uma viagem. Dessa forma, solicitei que, sentados à vontade nos colchonetes, com as costas eretas e as mãos distantes um da outra e de olhos fechados, fossem predispondo o corpo, a intuição, as sensações, para a produção de sentidos. Cada participante realizou uma viagem imaginária sobre os objetos geradores da formação em sociopoética na relação com a convivência na escola, conduzidos pela fala da facilitadora e de música instrumental.

Figura 50 - Viagem Imaginária dos Objetos Geradores da Formação em Sociopoética na relação com a Convivência na escola



Fonte: Acervo da pesquisadora (2020).

Segue abaixo o roteiro da viagem, a Narrativa da viagem imaginária: Os Objetos Geradores da Formação em Sociopoética na relação com a convivência na escola.

Nesse momento, vamos nos preparar para fazer uma viagem imaginária. Sentados, com as pernas dobradas, os braços estendidos, vamos fechar os olhos e respirar 3 vezes, profundamente. Imagine uma luz radiante que vem do alto, envolvendo todo o seu corpo e penetrando em todos os seus sentidos. Essa luz te faz adentrar para o objeto gerador da formação em sociopoética na relação com a convivência na escola. Vamos tocar, sentir o objeto gerador da formação em sociopoética na relação com a convivência na escola, aproveitando bem todos os momentos, experimentando cada sensação vivida. Vamos andar rápido com o pensamento, bem rápido, muito rápido, olhar para os lados. Observe os caminhos que te fazem perceber esse objeto gerador da sua formação. Respire profundamente. Imagine como você vai fazer para visualizar esse objeto gerador da sua formação em sociopoética na relação com a convivência na escola. Respire. **Que objeto é esse? O que ele diz para você sobre a formação em sociopoética na relação com a convivência na escola?** Essa mesma luz te transporta para a formação em sociopoética. Você caminha por ela, e, de repente, cai em uma mandala, e você enxerga aquele objeto de uma outra forma. Essa imagem nova do objeto torna o seu corpo leve, muito leve, forte, muito forte, cheio de força para fazer um mergulho na sua formação em sociopoética na relação com a convivência na escola. **O que esse objeto fala sobre a formação em sociopoética? Como é ver os desafios da escola nessa mandala da formação em sociopoética na relação com a convivência na escola?** Respire profundamente (3x). **O que esses objetos falam sobre os problemas da formação em sociopoética? O que potencializa seus corpos ao caminhar por essa mandala da formação em sociopoética na relação com a convivência na escola?** Respire. Expire. Sinta o ar entrar nos pulmões. Respire. Aos poucos você começa a voltar da viagem, mexendo os pés lentamente, mexa as pernas e os braços. Respire profundamente, abra os olhos. Não converse com ninguém para não perder a concentração.

Ao retornarem do relaxamento, requisitei que cada copesquisador/a escolhesse até 5 objetos geradores para a intervenção artística. Desse modo, já com os objetos escolhidos, sentados nos colchonetes, pedi que, de olhos fechados, percebessem as sensações ao tocarem

os objetos, ao aproximarem os objetos na pele. Indagando: Como é passar o objeto por debaixo dos braços ou tocá-lo com as pontas dos dedos dos pés? Você consegue passar esse objeto por debaixo dos braços? (se esse objeto fosse a formação em sociopoética como seria esse objeto?).

Figura 51 a 56 - As sensações na pele dos Objetos geradores da Formação em Sociopoética na relação com a Convivência na Escola



Fonte: Acervo da pesquisadora (2020)

Após esse momento, os/as copesquisadores/as foram convidados a unir esses objetos geradores para dar vida ao objeto da formação em sociopoética na relação com a convivência na escola. Foram disponibilizados os seguintes materiais: objetos, papel peso 40, revistas velhas, grude (mistura com goma, vinagre e água que é usada como cola), tintas de artesanato de cores diversas, rolos de pintura e fita adesiva transparente. Passado esse momento de criação dos objetos geradores, pedi que todos/as guardassem seus objetos para que pudéssemos iniciar a segunda etapa de criação.

Em seguida, solicitei que cada um/uma escolhesse uma lã com cores diferentes para dançarmos em ciranda, ao som das músicas *Ciranda das flores e Cirandeiro*. Essa ciranda era peculiar, pois seguimos o embalo da ciranda, estávamos em círculo, mas sem dar as mãos. Nesse momento, com lãs coloridas, os/as copesquisadores/as foram convidados a construir uma mandala, percorrendo o espaço, seguindo o embalo da ciranda, deixando os fios de lã pelo caminho. Esses movimentos seguiam vários trajetos em planos baixo, médio e alto iam traçando as linhas da formação em sociopoética na relação com a convivência na escola. E assim foram Andando de costas, de lado, saltando, correndo, enfim, dançando. Fomos aos poucos colorindo o espaço, trazendo linhas, passos, pensamentos, que iam se expressando nesse desenho de fios que se enrolavam e formavam a mandala pelo chão da escola, que os conectavam, mesmo estando distantes e sem estarem de mãos dadas.

Figura 57 e 58 - Ciranda Emaranhando as linhas para a criação da mandala da Formação em Sociopoética na relação com a convivência na escola.



Fonte: Acervo da pesquisadora (2020).

Percebi que, durante a ciranda, alguns novelos de lã acabaram antes dos demais. Fui então requerendo que pegassem novos novelos e que eles fossem agora arremessados uns aos outros, de forma que ninguém ficasse sem fios durante os embalos da ciranda. E assim fomos fazendo a roda girar entre as pessoas do grupo-pesquisador.

Ao final da ciranda, convidei-os para resgatar seus objetos geradores, nomeando-os e inserindo-os sob as linhas da mandala. Ao misturar os objetos nessa mandala da formação em sociopoética na relação com a convivência na escola o grupo-pesquisador foi instigado a também nomear a mandala. Iniciaram então um debate, discutindo algumas possibilidades, e após uns 5 minutos de conversa, eis que surge o consenso, a mandala chamar-se-ia “*Circopoética*”. Observei que o momento de produção artística trouxe muita potência, pois causou estranhamento, desnaturalizando as ideias do grupo-pesquisador sobre elementos para a formação em sociopoética na relação com a convivência na escola, conforme podemos ler nos relatos de alguns dos Diários de Itinerância do grupo-pesquisador.

Diário do Grupo-pesquisador, Povoado Buriti do Castelo, 8 de novembro de 2020

“Hoje vivi uma experiência muito interessante, onde pude me permitir: criar, inventar, imaginar e dar vida a um objeto que chamei de alegria. Chamado de alegria porque precisamos da alegria para viver, para enfrentar os desafios que surgem durante nossa caminhada. Junto com os nossos colegas criamos uma mandala que chamamos de circopoética. Nesta mandala podemos perceber a grande diversidade existente no ambiente escolar, pois como sabemos são pessoas diferentes, com histórias diferentes, com modos de vidas diferentes e que precisamos estar preparados para atuar nessas situações. Podemos perceber também a importância das parcerias, da união, do trabalho em equipe para solucionar todos os problemas que surgem no decorrer do processo de ensino-aprendizagem.”

Diário do Grupo-pesquisador, Povoado Buriti do Castelo, 8 de novembro de 2020

“O momento vivido foi muito marcante para todos nós, pois nos unimos para construir a mandala “Circopoética”. Essa é uma mandala muito colorida, repleta de vários sentimentos, e representa alguns elementos necessários para nossa convivência na escola. Dentro da mandala há uma árvore chamada de “árvore do amor”; essa criação faz referência a união entre família e escola, já que essa parceria é primordial para que os nossos alunos consigam se desenvolver de forma saudável. Momentos como esse de formação em sociopoética nos mostram e ensinam que é possível aprender de várias formas e que a afetividade pode e deve ser trabalhada em todas as disciplinas. Um outro fator muito importante foi a socialização de informações, onde cada docente presente relatou as suas experiências em sala de aula apresentando também os desafios enfrentados no exercício da docência.”

Diário do Grupo-pesquisador, Povoado Buriti do Castelo, 8 de novembro de 2020

“O momento vivido nessa manhã, mostrou a relação entre o objeto e a mandala com a convivência na escola, onde foi visto os desafios e obstáculos enfrentados no ambiente escolar, pelos espaços

vazios formados na construção da mandala. Mas que também pode ser observado os meios de enfrentar os problemas representados pelo entrelaço das linhas, simbolizando a união entre a comunidade escolar, as cores simbolizando a alegria e a diversidade de ideias, de opiniões que permitem tornar o espaço escolar mais harmonioso de conviver.”

Mediante o exposto, após a produção da mandala e da inserção dos objetos geradores, os/as docentes foram convidados/as para a socialização dos sentidos atribuídos à criação produzida, fazendo as interligações com as falas uns dos outros, descrevendo também os elementos nos outros objetos que lhes chamaram a atenção, além de destacar em seus relatos características dos objetos para falar sobre a formação em sociopoética na relação com a convivência na escola. À medida que socializavam seus pensamentos, foram problematizando os buracos entre os fios de lã que formavam a mandala, percebendo assim os espaços vazios da formação, os ocos e lacunas que existem em relação à convivência nas escolas.

Foi interessante perceber o deslocamento do grupo pela mandala, pois muitos deles/as resolveram andar por ela enquanto falavam das suas experiências. Foram, portanto, sentindo a potência da mesma, girando por entre seus espaços e pertencendo entre aquelas linhas e lugares formados pelas mesmas. Ao caminharem sobre os fios, apontando detalhes de seus objetos, sentiam seus corpos energizar-se, conectando-se a todos os demais objetos, pois agora todos faziam parte da grande Circopoética, como algo que passasse a ser indissociável, pois pertencia a um círculo de convivência que tem início e meio, mas não tem fim, uma vez que as possibilidades de enfrentar os desafios iam sendo costuradas entre esses fios, dando novos significados.

O grupo-pesquisador expressou o movimento da formação em sociopoética como uma possibilidade de transformação da realidade escolar, trazendo experiências significativas de criação. Porém, as falas foram atravessadas também pelos problemas da convivência na escola. Finalizando, trago os relatos do grupo-pesquisador, falas que estão unidas, pois pertencem agora ao coletivo, já que iam misturando-se no complemento e interferências uns dos outros. Sempre que se sentiam atraídos pelas falas dos colegas, iam costurando as ideias. O que resumo com o pensamento do grupo-pesquisador, destacando quantos aprendizados significativos foram proporcionados com a Formação em Sociopoética, atravessada pelos problemas da convivência na escola na contemporaneidade.

A seguir, trago os registros fotográficos dos objetos geradores produzidos pelo grupo-pesquisador durante a oficina, com seus respectivos nomes. Além dos relatos orais que envolvem a potência dessas duas técnicas, “Os objetos geradores e A mandala Circopoética da Formação em sociopoética na relação com a convivência na escola”. Lembrando que todas

essas produções serão posteriormente analisadas por mim e os resultados trazidos nas seções finais desta tese.

Figuras 59 a 64 - Objetos Geradores da Formação em Sociopoética na relação com a convivência na escola



Veja



Diversidades



Alegria



Árvore do Amor



Muquirama



Palco da Imaginação

Antecipo que foi possível constatar, a partir dos relatos, o quanto a sociopoética é potente para os processos de ensino e aprendizagem, pois é capaz de atravessar os pensamentos por intensidades vindas das afecções dos/as docentes. Daí a importância da formação em sociopoética na relação com a convivência na escola, pois estimulou a percepção aguçada, a sensibilidade do/a professor/a para repensar seu fazer em sala de aula. Assim, pude observar que é preciso estimular os/as docentes a dar atenção à criatividade na rotina escolar, transformando seu fazer pedagógico através da invenção, transformando tudo o que o/a rodeia e que se faz problema dentro das escolas e altera a dinâmica de suas práticas educativas.

Nossas oficinas de produção de dados permitiram, assim, que o grupo-pesquisador vivenciasse um processo de formação contínua voltado para o exercício da profissão dentro de uma perspectiva da docência-pesquisa, que busca sempre estar atualizando-se às necessidades do cotidiano. Como nos diz Kastrup (2007, p. 19): “A criatividade é uma habilidade, um desempenho. Ela é entendida como estando a serviço da solução de problemas, e, portanto, da inteligência, atuando aí apenas como um fator de divergência em relação às soluções habituais”.

Em síntese, os relatos orais dos/as copesquisadores/as trazem seus conceitos e pensamentos sem censura, pois esses/as sentiram-se livres na elaboração de suas falas, de tal modo que se misturaram, pois atravessavam o pensamento do grupo e assim foram apresentadas juntas. A mandala Circopoética e seus objetos geradores potencializaram, portanto, razão, emoção, intuição, que estão presentes nesse “entrelugares” das falas e suas subjetividades.

Consequentemente, a conexão entre a sociopoética, a escola e os/as professores/as como protagonistas da educação revelaram elementos essenciais e enfatizaram a necessidade de produzir outros saberes para a resolução dos problemas, que passem pela reinvenção, pelas experiências da vida e às parcerias entre formação, escola, gestão, família, comunidade, professores/as e estudantes. Porque o discurso da convivência na escola, o científico e a produção de saberes para resolução dos problemas e desafios, devem ser pensados na grande mistura da realidade. A mandala Circopoética cumpriu assim sua função e permitiu-lhes perceber o entrelaçamento entre o entendimento do que os/as afeta pela união e força da invenção e da criação dos objetos presentes que fortalecem as experiências coletivas. Tais conexões permitiram olhar as relações, os vazios, as linhas para repensar a escola e suas práticas educativas.

Os objetos criados, portanto, são e fazem parte de um ambiente escolar fragmentado e fluido, que na pesquisa permite-nos ver e ouvir os/as educadores/as, que através dos contornos dados pela arte, pela criação de um objeto, tornaram-se pesquisadores/as, sendo capazes de ligar suas invenções, suas histórias de vida, dando vez e voz aos esquecimentos e aos silenciamentos

da Educação, para assim abordar com atenção os detalhes, o que estava encoberto e invisível.

Encerramos essa manhã de produção de dados com a distribuição de um texto para análise, intitulado **A Sociopoética e os cinco princípios** (ADAD, 2014), com tamanho da fonte ampliada. Expliquei então aos/às copesquisadores/as que teriam como atividade a leitura e análise dos princípios da sociopoética, e cada um/a ficaria com um dos princípios, destacando o que mais chamasse a sua atenção, bem como as principais características e ou palavras-chave. Importante ressaltar que o primeiro princípio foi estudado por mais de um participante, já que o grupo era composto por 6 professores/as. Assim, encerramos esse turno da formação servindo o almoço e dando uma pausa para que pudessem fazer as leituras individuais do texto.

5.4 A Sociopoética e os cinco princípios como Potência Inventiva nas Escolas

Finalizamos nosso Percurso (Pesquisa + Curso) “Formação docente em sociopoética como metodologia sensível e inovadora na convivência escolar e formação de multiplicadores do método na escola” na tarde do dia 8 de novembro de 2020, às 15h, com uma palestra e discussão textual com o tema: “A Sociopoética e os cinco princípios como Potência Inventiva nas Escolas”, ministrada por mim (facilitadora) e pela sociopoeta Profa. Ms. Mayara Danyelle Rodrigues de Oliveira (cofacilitadora).

Destaco que o mais interessante desse momento foi levar aos docentes a ideia de que se aprende a abordagem sociopoética fazendo sociopoética, pois durante o trajeto da pesquisa eles/elas perguntavam e estranhavam que tínhamos iniciado um curso sobre uma nova metodologia, mas não tínhamos ensinado seus conceitos, princípios e objetivos, o que os/as levava a questionar-se: O que é a sociopoética? Quais seus objetivos? Como trabalhar com essa metodologia em sala de aula?

Todo esse processo foi proposital, porque se aprende sociopoética fazendo, a partir mesmo das questões, e não das respostas. Não existe uma fórmula certa ou errada, existem apenas princípios que nos guiam e que podem também serem recriados a partir das necessidades dos grupos, que nos levam a experimentar a sociopoética de múltiplas formas. Em vista disso, nós não iniciamos a formação em sociopoética dando pistas teóricas do que ela seria, pois antes de tudo é preciso senti-la, é preciso emocionar-se, é preciso movimentar o corpo, é preciso acionar dispositivos artísticos que nos levem a lugares não conscientes para que possamos sentir e falar com mais liberdade. O estranhamento desde o início da formação é necessário para a produção de conhecimento, pois no início estavam todos fechados, e a partir do momento que foram criando, através das experiências nas oficinas, trouxeram falas potentes; e essa formação

em sociopoética, ela desejava justamente isso, transformar para conhecer.

Assim, passei a palavra para a professora Ms. Mayara Danyelle, também conhecida como a palhaça Bromélia, que além de sociopoeta é filha da própria região, o que gerou ainda mais potência para nossa formação, pois hoje é professora, mas que a pouco tempo atrás era estudante nas próprias escolas daquele lugar, vindo falar não como alguém de fora da realidade, mas sim como alguém que viveu de perto as experiências no chão daquela própria escola, sobre a importância da formação em sociopoética. Assim, trago agora a transcrição de um trecho importante de seu discurso:

Eu tenho formação em Sociopoética desde 2012, eu tenho 7 anos de sociopoética e eu participei de várias pesquisas de mestrado, de doutorado e todas essas pesquisas com o método Sociopoético na qual na maioria das vezes eu fui facilitadora. Elas me ensinaram muito sobre a minha prática, sobre o meu fazer, sobre o processo de invenção de cada pesquisa ser é algo diferente, cada vivência é algo novo e isso que eu estou vivenciado com a Profª. Ms. Vanessa é algo diferente de tudo que a gente já fez antes. Então cada pesquisa, ela traz esse elemento novo para nós mesmos, a gente tendo tantas experiências, a gente já consegue enriquecer e se transformar cada vez mais e hoje eu estava conversando com a Vanessa o quanto a gente vai percebendo essas transformações, essas singularidades que a gente percebe em cada grupo. Cada grupo-pesquisador é único, cada grupo-pesquisador é algo novo, cada pesquisador/a vai vivenciando neste processo que a gente vai se construindo e percebendo essa coletividade que vocês foram construindo ao longo dessa pesquisa. Não vou dizer que essa pesquisa iniciou ontem, o início dela foi bem antes porque se a gente for analisar os laços, os caminhos, as veredas, todas as trilhas que nos levam e que nos trouxeram até aqui, a gente não pode dizer que ela começou ontem, que tem vários caminhos que nos trouxeram até aqui. Depois vocês podem rememorar, lembrar cada um a seu modo, a sua maneira, de como cada um chegou até aqui, de como cada um foi se entrelaçando, se misturando, colocando linha, tirando linha, misturando linha dentro desse grupo. E assim eu sou sociopoeta, sei fazer sociopoética e gosto do que eu faço, então eu sempre gosto de quando eu vou falar da sociopoética, dizer que tenho a formação, sei fazer e gosto de fazer, é fácil? Não. Não é fácil ser sociopoeta, é preciso ter entrega com tudo que a gente faz, mas a entrega com a sociopoética é uma entrega profunda, vocês perceberam ao vivenciar essa formação que é necessário ter a entrega, que é necessário ter uma entrega, uma confiança que vocês vão adquirindo no processo. Aqui, enquanto cofacilitadora, essa entrega é muito forte também, é necessário realmente você se entregar, é necessário você arriscar, você planeja, mas é necessário você arriscar, você tem que ver aquele processo de criação se transformando e deixar que ele exista, não tentando dar a forma certa, a forma correta que muitas das vezes a gente quer dar, muitas das vezes a gente pensa assim: Que um círculo só pode ser redondo, mas aí vocês criaram uma mandala que inicialmente era circular, mas que se transformou em uma lona, alguém já tinha visto uma mandala dessa forma? (COFACILITADORA MAYARA DANYELLE, 2020).

Essa fala inicial da Profa. Ms. Mayara já foi disparadora de muitos atravessamentos, pois é importante perceber a sociopoética como algo além da teoria, uma vez que ela é um

método que se faz nas experiências, a partir de técnicas artísticas que procuram revelar o que estava escondido, o não dito. Segundo Gauthier (2012), a sociopoética possibilita-nos dar vez e voz ao que estava marginalizado, como atores principais, ou seja, protagonistas essenciais para a criação do conhecimento.

Sabemos que nosso conhecimento educacional, que perpassa nossas práticas educativas, comportamentos, modelou-nos em um casulo, um corpo educador/a que se prende às palavras, aos conceitos e às visões naturalizadas de mundo que, hoje, não nos permitem alcançar a fluidez e o movimento dos diversos espaços e tempos que nos rodeiam. Sobre essa necessidade de outras modelagens e a ruptura desse casulo, desse corpo educador/a fechado, precisamos ser mais sensíveis, flexíveis, múltiplos e hábeis para conviver com a diversidade de acontecimentos, que proliferam por todos os lados e em todos os momentos.

Durante nossas falas na palestra destacamos a pessoa do/a professor/a pesquisador/a da sociopoética, mas destacando que é preciso compreender que a mesma não tem uma forma única, um mapa de como fazer sociopoética na educação escolar, pois cada professor/a pesquisador/a vai sendo afetado de forma diferente pelos princípios. Por exemplo: Por que pesquisar com o corpo todo? Desde o início de nossa formação acadêmica vivenciamos um educar e aprender muito endurecido, enrijecido. Com a sociopoética lembramos que temos um corpo e que podemos usá-lo como elemento de formação de aprendizagem com processo de invenção. Esse corpo existe, e muitas vezes a gente o esquece em cima de uma cadeira, dentro de uma forma de ser, de existir, e a gente esquece que esse corpo existe, e às vezes, quando esse corpo exige movimentos na sala de aula, nós imediatamente e mecanicamente somos levados a engessar os corpos de nossos/as alunos/as em carteiras por várias horas. Por quê? Porque na nossa formação já foi cartografado que o lugar do corpo é na cadeira, e quando o/a menino/a levanta, ele/ela desestabiliza o/a professor/a, porque não nos ensinaram que o/a menino/a tem que se levantar-se, que eles/elas podem levantar.

Que os/as estudantes podem aprender em pé, que podem aprender de cócoras, e às vezes até com maior alegria do que o aprender sentado. É preciso compreender que o/a discente pode também sentar no chão, e que isso também é aprender e poderá levá-los/as a aprender até mais do que sentados, inertes, sem movimentar seus corpos, sentados em cadeiras enfileiradas, com conteúdos fragmentados, que parecem falar sobre tudo, menos da vida, em aulas de 50 minutos nas quais as disciplinas não conversam, não interagem e, por isso, causam problemas de aprendizagem, já que o ideal seria demonstrar que as aprendizagens são múltiplas, líquidas e que precisam escorregar umas nas outras para que façam sentido, é o que chamamos na academia de transdisciplinaridade e de ensino transversal.

Logo, prosseguimos nessa roda de conversa, durante esse Percorso, tentando desconstruir isso, e demonstrando que na educação a gente precisa ver que tem um corpo, a gente só ver que tem um corpo quando a gente sente o corpo. E aqui na sociopoética enxergamos durante esses dois dias que temos um corpo na escola, mas é um corpo que precisa ser inteiro, vivo, que pensa, que existe e que faz, que transforma, que acontece e que se movimenta, que se mexe. E a gente precisa aprender a educar com esse movimento, porque enquanto a gente não aprender a educar com esse movimento, vamos continuar violentando na escola, pois ela continuará sem fazer sentido, apenas sendo uma grande fábrica de pessoas.

Nessa perspectiva, é que a Sociopoética nos fala de um/a pesquisador/a e de um/a educador/a de corpo todo nas suas relações cotidianas. De maneira que possamos pensar uma educação que nos permita repensar a disposição das carteiras, pensar o corpo, criar novas possibilidades de ministrar um conteúdo, trabalhando assim, de forma mais livre, mais autônoma; passando a produzir conhecimento compartilhado, misturando-se às crianças e aos/às adolescentes, bem como aos demais sujeitos da escola, que podem contribuir e envolver-se nas práticas educativas, pois se sentiram motivados. Com essa formação, queremos, portanto, educadores/as que produzam uma Educação que não separa a cabeça do resto do corpo. O corpo todo pensa. A emoção, os sentidos e a intuição pensam, e não só a razão. Como nos diz Gauthier (1999, p. 23): “O corpo de cada de um de nós é uma forma de vida, que por ter uma história [...] e raízes ancestrais ainda atuantes, vivas, irradiantes, sabe muitas coisas – algumas claras, outras escuras e outras claras-escuras. Assim, podemos afirmar que o corpo pensa”.

Levamos o grupo-pesquisador a mais uma vez lembrar da mandala Circopoética que produziram juntos, com objetos, cores, fios, tons, e que de repente transformou-se em uma imensa lona de circo. E o que o circo nos leva a pensar de imediato? Na alegria, no movimento, no equilíbrio, em malabares, em rir juntos, em surpreender-se e até mesmo fazer mágica, e assim também é preciso criar uma Educação capaz de acrescentar elementos dessa Mandala Circopoética no corpo inteiro, através da Sociopoética, colaborando com um melhor entendimento sobre o nosso tempo, sobre as inúmeras produções de sentido, os mais variados acontecimentos com os quais nos defrontamos constantemente, e que acontecem numa velocidade e numa fragmentação sem precedentes entre as várias histórias de vida. Percebi nos relatos que os/as educadores/as estão a cada dia defrontando-se com as mais diversas situações e desafios trazidos por seus alunos/as; por conseguinte, é preciso sair da cadeira, tem que se mexer, e até mesmo fazer mágica para reinventar a escola, para que seja abrigo, e não prisão.

Faz-se necessário, portanto, uma formação em sociopoética para transformar a Educação, de maneira mais inclusiva, que se estenda e produza outros usos para os corpos de

seus educadores e educandos, que eles/elas sintam-se à vontade para criar. Uma Educação em movimento com um corpo leve, dançante, alegre, com profissionais capazes de ensinar e aprender uns com os outros. No início, até ouvimos que o que estávamos fazendo não era educação, mas precisamos persistir em um corpo educador/a implicado, próximo e aberto ao novo, aos acontecimentos e capaz de, com suas práticas educativas, dar visibilidade às criações que estão sendo gestadas em meio às heterogeneidades das ruas, das praças, dos bairros, de sua cidade. Que se deixe, assim como uma criança, viver os acontecimentos quando acontecem, trazendo a possibilidade de viver as experiências, além dos conteúdos científicos, criando novos conceitos a partir da própria realidade na qual está inserido. Não podemos manter a imagem do/a educador/a de diagnósticos prontos, que não consegue encontrar as possibilidades de mudanças no planejamento diário, seguindo sempre o mesmo caminho. É preciso compreender que as coisas mudam constantemente, e é justamente nisso que está a riqueza da educação, na produção de novos valores, de novos significados, novos conhecimentos, pois somos capazes de questionar valores arraigados, preconceituosos, moralizantes e desmoralizantes, banalizados, e mostrar a diferença. Para exemplificar melhor esse momento, trago um trecho da fala da Prof^a. Ms. Mayara, sobre sua experiência como educadora.

Eu lembrava do seguinte: que eu sou a professora da alegria, e a minha sala de aula é isso, eu nunca cheguei um dia na minha sala de aula sem sorrir, todos os dias que sou professora, todos os dias estou esplendorosa. Claro que não! Teve dias que eu estava azeda, tinha dias que eu estava doce, tinha dias que eu não estava, tinha dias que eu estava, mas todos os dias eu estava feliz. Porque acredito na alegria de estar na sala de aula. “Professora quando a senhora chega aqui tudo se transforma, as portas se abrem quando a senhora chega aqui”. Eu nunca cheguei na sala de aula pra baixo, triste. Já teve dias que cheguei na sala de aula que tinha problema com minha casa, com a minha família, com as pessoas que amo, tinha problema que eu não sabia como resolver, mas eu estava em outro espaço dentro daquele tempo da sala de aula e eu ensinava para eles também porque muitas das vezes os alunos chegam e querem descontar no professor, e a gente não pode deixar isso acontecer, da mesma forma que a gente não pode violentar, a gente não pode deixar os alunos nos violentar. Então muita das vezes a gente tem que tomar esse cuidado na sala de aula, eu falava da importância disso, era um elemento que eu trazia para eles, mas queria que eles trouxessem, então essa educação com o corpo, esse elemento de com o corpo todo está presente na sua prática é um momento de muita sensibilidade, de muita entrega, mas também de muita reflexão do que você está fazendo de como você está fazendo, eu reflito e refletia muito sobre isso, sobre minha prática, sobre o meu fazer, e todas as vezes que vou fazer meus planejamentos eu penso: “- Olha eu sou a professora da alegria, quer dizer que tem dia que eu não vou ficar uma arara que eu vou ficar triste, mas eu tenho que lembrar que professora eu sou, porque essa professora vai dizer para mim como eu fazer, como eu sou e poder acontecer esse processo de transformação. (COFACILITADORA MAYARA DANYELLE, 2020).

Adad (2004) já nos advertia sobre esse outro modo de educar, que produza um profissional de corpo inteiro e que, acima de tudo, consiga manter o propósito de não falar em nome e nem no lugar dos outros. Uma Educação que ajude seus profissionais a sair do lugar, apresentando-se mais acessível, possibilitando a produção de encontros até então impossíveis, que só se tornam possíveis quando permitimos o corpo pensar em todos os seus sentidos, cheirando, ouvindo, tocando, falando e vendo a educação com todos e para todos. Com educadores que façam autoanálise de suas práticas e escolhas. Trazendo à tona o que nos move e o que nos paralisa para podermos fundar uma Educação distante das idealizações, mas associada às práticas cotidianas dos sujeitos envolvidos e sem nenhuma hierarquização ou discriminação entre os diferentes tipos de saberes produzidos, abrindo espaços para o diferente em sala de aula.

Nessa discussão em torno da Sociopoética e de seus princípios, após falarmos bastante da importância de fazer uma Educação com o corpo todo, trouxemos os demais princípios para o debate, dando abertura agora para a discussão do texto, que resumo da seguinte forma: o primeiro princípio trata da *produção coletiva do conhecimento*, em que cada um/uma pode experimentar esse princípio participando ativamente da pesquisa, inclusive, dos seus devires, potencializando formas variadas de racionalidades em suas falas e outras fontes de conhecimento não racionais, emocionais, intuitivas, sensíveis, imaginativas e motrizes, proporcionadas durante as oficinas de produção de dados.

O segundo princípio trata da *valorização das culturas dominadas e de resistências*, principalmente no que significa pensar a partir de outras maneiras de produzir saberes não eurocêntricos, patriarcais, sexistas e racistas de culturas marginalizadas pela colonização capitalista. Destaca que a Sociopoética assume postura sociopolítica de pensar, conhecer, pesquisar e aprender junto com as culturas de resistência – intenção epistemológica de descolonização do conhecimento, realçando a abordagem intercultural de ciência, com a valorização da diversidade de saberes de culturas historicamente violadas e excluídas (GAUTHIER, 2012).

Outro princípio importante destacado durante nossa palestra foi de que os sociopoetas aprendem a pensar, conhecer, pesquisar, aprender com o corpo todo, o que já foi apontado na discussão acima e que nos chama a atenção para a formação de um/a educador/a que utilize as potências do corpo em sala, pois ele pensa, conhece, emociona-se, sente, intui, dança, imagina; reconhecendo que o corpo fala e que precisamos do movimento e dessas falas dos estudantes para fazer a educação, para planejar a aula a partir do que é próprio da vida.

Esse princípio dialoga diretamente com o quarto, que privilegia as *formas artísticas de*

produção dos dados, que expressam a capacidade criadora do corpo, revelando fontes não conscientes de conhecimento, potencializando a capacidade criadora e inventiva dos professores/as envolvidos/as na pesquisa. Por fim, falamos sobre o quinto princípio, que destaca a *responsabilidade ética, política, noética e espiritual* no processo de pesquisa, possibilitando a produção de desejos, de devires, possibilitando, nas palavras de Adad:

A relação do ser humano consigo mesmo, com os outros, e com a natureza. Envolve também o cuidar na pesquisa na medida em que pesquisar é entender um pouco do silêncio, do mistério da morte no pesquisar, no viver, no vivenciar. Assim, a espiritualidade no pesquisar toma uma forma iniciática por meio da descoberta de que nosso saber é abertura para um não saber radical. (ADAD, 2014, p. 56).

Assim, nesse entrelaço dos princípios, junto com os/as copesquisadores/as, fomos discutindo o texto de forma dinâmica, pedindo que cada um/a falasse abertamente sobre o que mais chamou sua atenção nessa construção coletiva que perpassa o corpo todo, trazendo à tona as questões e sujeitos marginalizados, através do uso da arte e com respeito ético. Destacaram que os princípios são indissociáveis, pois sentiram que juntos trouxeram à tona muitas das palavras que até então não conseguiam expressar; e que foi necessário acionar todos no processo, mesmo sem conhecê-los anteriormente. Nesse momento, os/as copesquisadores/as pegaram o gancho e foram apontando suas impressões sobre aspectos da última oficina para discutir os princípios, apontando o que mais havia chamado sua atenção, como podemos ver nos trechos dos relatos do grupo-pesquisador a seguir:

Quando participei da oficina dos objetos geradores. Ah eu não fiquei pensando muito não, eu fiquei com a curiosidade de saber o que eu poderia criar usando aqueles objetos, como eu ia criar um objeto com uma bolsa e ao mesmo tempo eu tinha um ramo de flor, um botão, uma revista. O que criar usando aquelas coisas, que sentido eu dava para aquilo, eu fui só montando acabou que apareceu um palco, ficou um caminho e ao mesmo tempo eu chamei de palco da imaginação. Assim, pensando nessa formação em sociopoética, na relação com a convivência na escola, criei esse objeto, no sentido de dar abertura para a arte, para a imaginação na escola. E agora descobri o sentido de tudo que fui produzindo, quando conheci os princípios da sociopoética. (GRUPO-PESQUISADOR, 2020).

Bem, inicialmente eu escolhi os objetos; eu tinha uma proposta totalmente diferente, mas quando vocês falaram que a gente não poderia utilizar a tesoura, aí eu pensei... então eu vou agora mudar a minha produção. Eu tentei fazer uma ligação entre família e escola por isso nasceu a árvore do amor. Eu coloquei aquela garrafa como símbolo do amor daí eu fui formando as laterais da árvore e se formos observar ela tem o formato do coração representa justamente o amor que é necessário para que essa relação exista e deu tudo certo, apesar dos poucos recursos, nós utilizamos a criatividade e conseguimos atender nossos objetivos. Assim, percebi que é super possível

criar outras formas de ensinar, mesmo com poucos recursos e que possibilitam debater e discutir com profundidade sobre várias temáticas, como vivemos aqui. (GRUPO-PESQUISADOR, 2020).

Interessante pensar nesse princípio da arte. Pois agora percebi o propósito depois de ter feito e vivido essa técnica é que eu pude assimilar. E olhando para meu objeto resumiria agora os óculos como a visão, que envolve sempre procurar melhorar a prática; a panela como a base, a família e toda aquela carcaça fora como o ambiente escolar completo que precisa estar junto e só veio tomar sentido depois que eu produzi de verdade. (GRUPO-PESQUISADOR, 2020).

Eu no início, quando fui escolher os objetos, eu já sabia que era para criar algo, porém eu não tinha nenhuma noção do que eu ia fazer com eles, eu escolhi assim objetos aleatórios, mas coisas que eu gostava e aí quando a gente recebeu o material de arte eu fiquei um pouco perdida por a gente não ter a tesoura, a cola, por ter que usar o grude e eu fiquei um pouco perdida, eu pensei, pensei... eu vou unir coisas que eu gosto que me deixam feliz que me traz mais alegrias, aí eu comecei a desenhar as plantas que eu gosto, coloquei os peixinhos, fiz alguns enfeites que eu gosto e coloquei uma bolsa que também eu adoro que traz alegria e representa alegria, que eu criei. Assim, refleti que quando a gente vem para a escola, para nosso trabalho, precisa deixar todos os nossos problemas e desafios que a gente tem também em casa com a família com a convivência de modo geral, precisa deixar lá e trazer para cá, a alegria, se transformar em um novo ser. Aqui todo dia quando a gente chega, é uma nova pessoa e sai também um nova pessoa, transformando todo o conhecimento que você adquire, porque as vezes você estuda, planeja sua aula, se prepara e aí você começa a falar e o aluno lhe traz um conhecimento novo completamente fora daquele contexto que você planejou, aí você sai uma nova pessoa. (GRUPO-PESQUISADOR, 2020).

A gente não tinha ideia, acho que todo mundo pensa que o problema ele é um só, não sei se vocês recordam, muitas pessoas julgam a família, eu acho que o problema não é só a família, os amigos, é todos. E a gente sabe que o fazer educativo o conhecimento não é só da escola e aí uma fala da Mayara me fez refletir, não pode mandar o aluno se sentar, quem já se viu. Quer dizer, lembra daquela nossa escola que os nossos professores foram formados assim, que a gente viveu assim e agora eu vejo isso que o conhecimento vem de todos os lados e todas as formas, não existe uma só forma até pode. Não justifica que vai funcionar como João, o aluno pode aprender em casa. A gente está muito atrelado as nossas vivências que nos inspirou um dia então a falta desse abrandamento deles afeta na gente fica fechado então qualquer novo conhecimento já vai modificar nossa forma de agir, vocês viram como vocês ficaram quando a Mayara disse não se pode mandar o aluno sentar e eu concordo. As vezes o João gosta de ficar em pé, é o jeito mais fácil dele aprender, deve ser chato sentar-se na cadeira, como eu já estou doendo de está sentado. (GRUPO-PESQUISADOR, 2020).

Eu também refleti muito dessa fala da Mayara e da Vanessa porque eu também faço isso com a minha filha, às vezes ela quer fazer uma tarefa ali perto de mim em uma cadeirinha e eu não deixo, às vezes ela quer fazer no quarto dela na cama, no chão e eu não deixo, você vai fazer sentada na mesa, eu faço isso com ela, eu não vou mentir. Para mim eu coloco ali na minha mente que a melhor forma dela aprender é ali sentada na mesa, até o vídeo que a professora dela posta ela diz: - Mãe, eu vou me deitar ali na minha

cama. E eu digo não você vai assistir sentada. E aí hoje, partir de hoje eu vou mudar eu não vou fazer mais isso com ela e a gente faz com o aluno não adianta dizer que a gente não faz, quando ele levanta eu digo se senta. Porque a gente ainda está acostumado com aquele sistema de organização quadrado, é as fileiras.... (GRUPO-PESQUISADOR, 2020).

E aí quando a Mayara e Vanessa falaram que eu lembrei de uma experiência que tive com uma professora do meu filho porque eu sempre pergunto aos professores se ele está se comportando bem e ela disse ele até está, mas ele se levanta demais da cadeira, como se levantar fosse um crime, e aí o aluno é punido por se levantar da cadeira. O professor está, como vocês falaram, violentando o aluno. A gente não pode proibir que ele levante, o aluno pode aprender deitado, sentado, pode aprender de pé, o professor pode ensinar cantando, dançando é das diversas formas e aí essa aceitação que deve existir por parte da escola por parte dos pais que o aprender pode acontecer de jeitos diferentes cada pessoa é única e pode aprender de modos diferentes. (GRUPO-PESQUISADOR, 2020).

Justamente aquela questão de deixar... Eu acho que meus colegas já vivenciaram na escola de deixar o aluno a vontade que pode aprender de outro jeito, a gente tem uma turma, eu posso falar? A gente tem uma turma que a maioria dos alunos gostavam de ficar assim... sabe assim com a cadeira (cadeira inclinada), a gente deixava e a gente foi instruído a dizer para aquele aluno de que quando ele sentasse assim, não era para ele sentar assim, mandar eles ficar assim (cadeira reta) porque eles tinham que ficar assim, então tem aquela questão de querer deixar o aluno à vontade e vim aquela ordem maior e dizer que não, que tinham que ficar sentadinhos corretamente. Então é uma coisa que tinha que ser algo mais aberto, e eu lembrei que na sala de aula tinha uma mesa no fundo e eu lembrei que o aluno perguntou se ele podia se deitar na mesa, e eu pode meu filho pode deitar à vontade. Mas eles ficam com medo de dizer essas coisas porque aí vem algo maior e chega ali e ver o menino deitado na cadeira e agora o que vai acontecer.... (GRUPO-PESQUISADOR, 2020).

Pronto! Uma outra questão é que assim que eu entrei na universidade eu fiquei besta igual a essa fala da Mayara. O professor nunca me disse assim: “_ Ei, ninguém pode sair, não”. A gente sai na hora que quer e a aula continua, eu tentei fazer isso, mas eu recebi aquela linda frase de que não pode deixar o aluno sair só pode sair na hora do intervalo, agora só na hora do recreio. Eu fiquei consciente, quer dizer que se ele passar por uma necessidade ele só pode sair na hora do recreio então algumas coisas que a gente idealiza na escola libertadora que não é uma falsa metodologia de uma nova metodologia que não é. Então assim se a escola é um lugar de conhecimento de libertação como eu posso dizer para o meu aluno que para ele sair da sala ele tem que ter minha autorização e eu fico na sala sem me sentir à vontade, nem no ensino médio eu pude fazer isso. Quando penso a relação disso com a convivência na escola. Lembro que a convivência tem que ser pautada na liberdade, a gente ainda está enraizado de que a escola é o lugar sagrado para aprender e não é, hoje em dia você pode formar seu filho até melhor que qualquer escola com o Google, basta dedicação, porque vídeo aula lá tem, e material exemplar lá tem e aí onde entra a escola nisso tudo, na convivência, mas como é essa convivência? É aceitar as diferenças, é aceitar que mudou, a escola muda a cada dia, vivemos em uma era digital a escola tem que tá nesse pensamento contemporâneo não dar para a gente viver na escola tradicional. (GRUPO-PESQUISADOR, 2020).

A gente participa dessas capacitações para a gente ter uma ideia, para a gente repassar, uns diz umas coisas, outros dizem outra eu sempre digo assim: “Eu não vou fazer que é para não ter problema com ninguém”. Porque essa história de menino na hora que levantar de dizer te senta menino, isso aí é normal ou quando a coordenadora chegar e o menino estiver deitado a gente já fica pensando por que acontece medo dizer tia vou deitar-me, mas a gestão fica pensando, professor estava na sala e deixa o menino deitar porque não tem o conhecimento dele está sentado aqui daquele jeito e pronto. (GRUPO-PESQUISADOR, 2020).

Muitos professores dizem que a escola é a segunda casa, mas se a escola é a segunda casa, porque eu não posso andar descalço, porque eu não posso ir ao banheiro na hora que eu sinto vontade, por que eu não posso me sentar no chão e se deitar? Então eles questionam tudo isso, então não adianta a gente querer prender os alunos naquele método tradicional porque não funciona, e aí é deixar os alunos a sentar no chão e nós professores aprendermos a sentar junto com eles. A fazer com que ele continue seguindo essa linha tradicionalista que mantém o aluno sentadinho prestando atenção que ele não pode falar que ele não pode se sentar de uma forma diferente porque vai quebrar a cadeira, e a gente por mais que queira deixar o aluno livre a gente acaba sendo pressionado que não, a continuar com esse método tradicionalista, e qual a relação que você faz desse problema com a convivência na escola? Continuar com aquela pensamento de deixar o aluno livre para que ele aflore seus pensamentos ele acaba tendo a oportunidade de ter novas ideias, de ter um posicionamento crítico de aflorar as ideias deles, acaba ficando preso que tem que ser daquele jeito mecanizado que não tem como expandir meus conhecimentos meus meios de... Outro tópico que eu consigo ver nesta convivência é que a escola ainda está presa a uma certa formalidade, o professor tem que está bem vestido, o professor tem que estar de calça, o professor tem que estar com a roupa bem certinha, o aluno tem que estar de farda. Nas escolas americanas os alunos não usam uniforme, então assim lá é a maior potência do mundo e lá não se tem uniforme. Outro ponto, a escola ainda está centrada na formalidade, na estilística na escola, as cadeiras têm que estar alinhada, limpa. O aluno produz o material em uma aula de arte e o lixo fica para uma pessoa da limpeza, para as meninas da limpeza fazer, o aluno não pode, não reorganiza aquele lixo. No Japão, se as crianças produzem algo, elas são responsáveis pela limpeza. Eu vou em partes, os alunos hoje não são instruídos a cuidar do seu próprio material, a cuidar do seu próprio espaço, porque a gente ainda está atrelado a uma certa formalidade na escola a gente é julgado até pela roupa que está na escola, muitas vezes a sala de aula é quadrada, os alunos têm que ser quadrados, mas nós temos que ter uma metodologia redonda, como? Não tem como fazer, só a bandeira do Brasil que tem o redondo e o quadrado e a gente sabe que não funciona. Justamente o problema está nesta postura quadrada que tem que acabar. E outra coisa que consigo pensar a escola precisa mostrar uma qualidade, a escola precisa mostrar normalidade, então tudo que saia da zona de conforto, da zona da limpeza de tudo certinho é visto como anormal e a gente sabe que não é assim então a gente é visto todo dia que a gente não pode confundir certas coisas, então precisa ter organização, tua forma de organização tem que ser igual a minha? Não! Às vezes eu gosto das coisas assim, mas se a escola impõe que todas as formas de organização têm que ser assim. Quer dizer a gente está dando liberdade aos alunos? Não! Então eu vejo muita formalidade e o que na verdade a gente tem que ter é ensinar o aluno se comportar diante de qualquer cenário saber se organizar, saber se expressar, de várias formas em um retângulo, em um triângulo, em um

quadrado, em um zigue-zague, é provocar manifestação porque se eu digo uma forma que eu já fui ensinado, não vai ter aprendido eu vou está só repassando aquilo que eu já aprendi, vocês conseguem entender que existe uma certa formalidade na escola? Do certinho porque dá certo, porque já foi assim não tem como transformar uma sala quadrada. Esse certinho ele atrapalha em certas partes quando ele não é libertador, então o professor ele tem que ter essa sagacidade de mudar a sala de aula conforme ele ache certo de que os alunos compreendam da melhor forma por exemplo: foi citado se passa o pessoal da gestão e tem uma quantidade de alunos em pé, automaticamente acredita-se que aquele professor não cumpriu sua missão, está tendo folia, e às vezes não é assim, vocês conseguem me entender? Então é complicado, a convivência, ela tem que ser pensando, não existe uma forma certa, existem vários caminhos a se chegar em uma solução. Existem vários caminhos não é só uma, às vezes tem que subir, tem que descer, tem que fazer uma curva, tem que fazer um zigue-zague. Tem aluno que aprende mais, quando você põe uma atividade, e que um outro colega explica, pois às vezes o professor não teve a metodologia para chegar naquele aluno. Mas que muitas vezes acontece, pois aquele aluno fica calado para não constranger o professor, vocês conseguem me entender? Às vezes um aluno aprende muito mais em uma atividade que ele consegue fazer em dupla, em grupo do que só aquele jeito tradicional, eu vou explicar complemento nominal e vou exemplificar as vezes não funciona o aluno tem que entender e o entender de cada um é diferente. (GRUPO-PESQUISADOR, 2020).

Entendemos, assim, que a Sociopoética é metodologia sensível para pesquisar-se com/entre as diferenças, em meio às experiências diversas de nossos/as alunos/as, mobilizadoras de uma educação que nos toque, nos transforme, nos torne sujeitos empáticos, para que assim possamos reinventar os espaços, os discursos e as práticas centralizadoras de poder, que dominam, excluem e exterminam. Ou seja, ao realizar-se essa abordagem de pesquisa, transbordamos as fronteiras que limitam, possibilitando abrir espaço para aprender movimentando o corpo todo em sala de aula, e não só falando, mas ouvindo as experiências enriquecedoras dos nossos próprios alunos/as. Dessa forma, concordamos com Gauthier (2003, p. 302) ao afirmar que “[...] tecer-juntos, é uma criação coletiva de um intertexto, de um tecido onde se cruzam os saberes, na esperança da emergência de uma roupa nova, nunca vista: de um conhecimento inovador.”

No segundo momento, continuamos a discussão do texto com a proposição de montarmos um mapa conceitual em torno dos cinco princípios da sociopoética, a partir dos trechos e/ou palavras-chave que os/as professores/as haviam destacado durante a leitura. Então distribuímos cola branca, folhas de papel madeira, hidrocores e fitas para que montassem essa cartografia poética de forma coletiva. O grupo-pesquisador foi pensando as estratégias, observando os encontros, as divergências e o que se complementava nesse trajeto, observando, lendo e relendo as frases que iam formando-se.

Figura 65 - Construção do mapa conceitual sobre os Cinco Princípios da Sociopoética



Fonte: Acervo da pesquisadora (2020)

Ao finalizarem a construção do Mapa Conceitual, pedi que refletissem todos os aspectos experienciados durante nosso Percurso, e que juntos formassem os “Cinco Princípios da Formação em Sociopoética na relação com a Convivência na Escola”. Que iriam, a partir de então, fazer parte de suas práticas educativas diárias no ambiente escolar, com/entre os estudantes, através da magia da Sociopoética. Dessa maneira, experimentando o processo de criação dos princípios, os/as educadores/as foram percebendo os problemas e potencialidades que rodeiam seu fazer pedagógico, que surgem através dos acontecimentos e que precisam passar a ser investigados em suas práticas educativas dentro do plano dos afetos.

Enfim, ao percorrer os caminhos, atalhos, linhas e trajetos desenhados em meio às palavras, o grupo-pesquisador foi traçando as linhas e registrando os novos princípios da escola, desenvolvendo uma cartografia da sensibilidade para afectos e perceptos através da metodologia Sociopoética que lhes envolveu. Nesse caminhar, os conhecimentos foram produzidos e foram misturando-se e interconectando-se; mestiçando-se como num rizoma, através da proliferação de múltiplas conexões, que deram sentido e significado aos novos princípios. Abrimos então a roda de conversa e, sentados nos colchonetes, cada um/a falou sobre os princípios criados, decidindo entre eles/elas que cada participante ficaria responsável por caracterizar apenas um dos princípios, sendo apenas o primeiro comentado por dois/duas copesquisadores/as.

A prática da cartografia nesse processo de criação dos novos cinco princípios envolveu basicamente a estratégia de formação de desejos no campo social para a promoção de mudanças no ambiente escolar. Sendo importante destacar a atenção dos/as docentes à criação de estratégias dentro do campo do desejo, buscando mudanças para a transformação do educar em um fenômeno existencial, que promove a criação de mundos sensíveis, capazes de acolher os processos de produção da realidade fora das amarras de representação estanque, dando-lhes sentido através do fluxo das intensidades da convivência na escola.

Assim, nossa experiência cartográfica contribuiu para o aprofundamento dos cinco princípios, através da mistura entre as matérias, as composições da linguagem do grupo-pesquisador, que favoreceram as intensidades a partir do encontro com outros corpos da escola. Revelando, nessa cartografia, elementos para transcender o que está cristalizado, formando uma geofilosofia dos afetos, inventando pontes para a travessia a novas linguagens educativas dentro do espaço da escola, em especial na Escola Pública Municipal Presidente Castelo Branco. Os cinco princípios criados e os relatos orais do grupo-pesquisador sobre essa experiência cartográfica são transcritos a seguir:

Quadro 5 - Os cinco princípios da formação em Sociopoética na relação com a convivência na escola

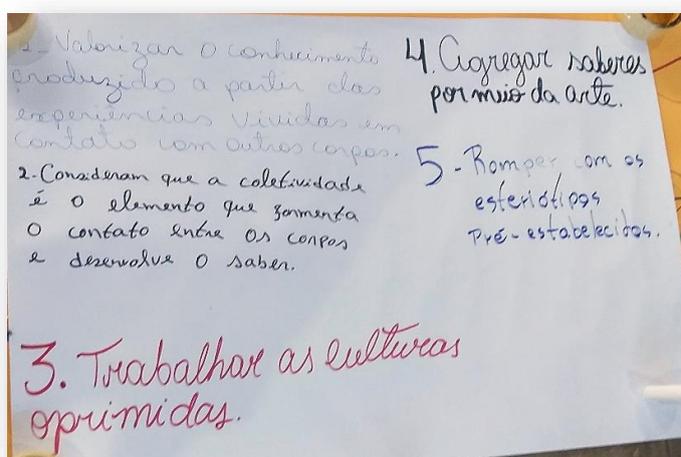
<p>1º Valorizar o conhecimento produzido a partir das experiências vividas em contato com outros corpos</p>	<p>“Eu acho assim, que depois dessa tarde de hoje, eu acho que toda a formação passou a fazer sentido, eu acho que todo mundo, todos os meus colegas entenderam por que estão aqui. Eu comecei a entender depois dessa tarde de hoje. Não vou mentir até hoje à tarde eu estava pensando como eu poderia trabalhar sociopoética em sala de aula, como eu ia utilizar os conhecimentos adquiridos nesta formação, mas depois dessa tarde de hoje, essa formação fez todo o sentido para mim. O que eu aprendi que não é só um conhecimento que você repassa explicando um texto, assistindo um vídeo que você pode construir o conhecimento com o seu corpo com os movimentos, a gente viu que quando você manda o aluno sentar como a gente discutiu, porque você acredita que ele só vai aprender sentado, mas a gente viu aqui todos nós juntos que a gente pode aprender sentado, deitado, de olhos fechados, pulando, abaixado. Existe diversas formas de aprender, então a gente tem que valorizar esse conhecimento que é aprendido com o nosso corpo. Então a gente viu que a gente vai sair daqui outras pessoas. E quem aqui ficou sentado fazendo atividades e lendo teorias, nenhum. E a gente aprendeu muitas coisas eu acredito que é nesse sentido. Esse conhecimento com o corpo. A sociopoética nos faz pensar uma outra atribuição dada ao corpo, a gente pensa no corpo, o corpo e a mente e a gente viram ao longo desses dois dias que o corpo pode ter outras atribuições. Então a lição que fica é romper aquele paradigma que só a mente é capaz de reproduzir e reconhecer esse conhecimento, o contato com o objeto, com o corpo em uma roda traz outra sensação e outros conhecimentos, a gente consegue perceber coisas que normalmente a gente não perceberia então a ideia que eu vou ter da sociopoética é uma outra atribuição dada ao corpo, o corpo que sente as emoções e as significações dadas ao corpo que não se esbarra só na mente.” (GRUPO-PESQUISADOR, 2020).</p>
	<p>“Temos aqui o princípio 2: considerar que a coletividade é o elemento que fomenta o contato entre os corpos e desenvolve o saber. E foi justamente o que vivemos</p>

<p>2º Considerar que a coletividade é o elemento que fomenta o contato entre os corpos e desenvolve o saber</p>	<p>durante toda essa formação, esse princípio da coletividade, que é algo muito importante não só na nossa vivência enquanto escola, em sala de aula, mas na nossa vida, na nossa convivência diária. Essa coletividade, principalmente na sala de aula, é algo que ainda é um pouco difícil de ser conquistado e de ser resolvido porque alguns alunos têm resistência de trabalhar em equipe; de estar juntos com os colegas pelo fato de sermos pessoas únicas, diferentes, de cada um ter a sua opinião, que é uma forma de pensar que os alunos não aceitam muito bem essas questões, mas precisamos sim trabalhar esse princípio da coletividade principalmente em sala de aula.” (GRUPO-PESQUISADOR, 2020).</p>
<p>3º Trabalhar as culturas oprimidas</p>	<p>“Trabalhar as culturas oprimidas, porque a gente sabe, né, que o preconceito e a discriminação são muito fortes. E assim, essas culturas elas foram oprimidas durante muitos anos na nossa história e elas ainda são oprimidas até hoje. Como eu falei aqui para os colegas, a minha filha passou 4 anos para ser destaque na escola onde ela estuda, e a minha filha, não é porque sou mãe, mas ela é muito linda. Mas a gestão da escola, eu digo a gestão porque lá as escolhas partem mais da gestão, já criou nas duas crianças um estereótipo de meninas perfeitas que fazem tudo, não sei, mas criaram nela, e assim, eu não deixo ela perceber que fizeram isso, mas ela está crescendo e com o passar do tempo ela descobriu por ela mesmo, mas eu digo para ela que o papel dela também foi importante, eu sempre tento valorizar o que ela foi proposta a fazer, mas ela passou 4 anos esperando, mas eu acho que a gente tem que quebrar, né? esses rótulos e trabalhar isso, até porque a gente, eu estou falando que a gente sabe que até a família tem esse tipo de preconceito, porque já vivenciamos aqui família dizer fulano não vai fazer trabalho com fulano e você sabe o motivo, às vezes por causa da cor e da família daquela criança, que culpa aquela criança por pertencer a uma família desestruturada, onde a mãe bebe e faz diversas coisas que aquela outra família não considera correta, ela não tem culpa nenhuma, é só uma criança, e aqui a gente já vivenciou diversos tipos de situação. Então eu acho que a gente tem que trabalhar essas culturas oprimidas, trabalhar a mente das crianças, para que mais na frente a gente possa ter um futuro melhor para viver, porque assim é muito difícil porque no início a minha filha era muito preconceituosa, meu marido é negro e ela é assim, saiu misturada, nem é branca e não é negra, eu digo para ela que ela é negra, mas no início, quando ela era pequena, ela tinha muito preconceito. Ela dizia que o pai dela era marrom e ela ficava muito valente se dissesse que o pai dela era negro, mas eu trabalhei com ela, conversei com a professora dela, que me ajudou muito na época, eu disse para ela que me ajudasse a trabalhar esse preconceito que ela não gostava se dissesse que o pai dela era negro, a avó que era a minha sogra também ajudou, e aí graças a Deus ela entendeu e não tem mais esse tipo de preconceito, mas eu tive muito trabalho para desmanchar e tirar isso da cabeça dela, mas infelizmente só o que a gente ver. O que acontece é que temos que trabalhar com os nossos jovens, com as crianças e adolescentes essa questão das culturas oprimidas porque elas são oprimidas até hoje.” (GRUPO-PESQUISADOR, 2020).</p>
<p>4º Agregar saberes por meio da arte</p>	<p>“Eu vou começar com o princípio 4, que é agregar saberes por meio da arte. Então não importa se é uma aula de português, matemática, história. Eu acho que a arte entra muito bem, ela trabalha uma parte do ser humano bem criativa. Ela estimula o nosso cérebro. E seria muito interessante se a gente tivesse estímulo dos gestores e principalmente dos governantes para que a arte entrasse em qualquer matéria, nem que ela estivesse em um espaço pequeno para a gente desenvolver essa parte da criatividade do aluno na produção de conhecimentos.” (GRUPO-PESQUISADOR, 2020).</p>
<p>5º Romper com os estereótipos</p>	<p>“O que tem para completar o que a Nathalia estava falando sobre as culturas oprimidas, o princípio cinco, que é romper com os estereótipos estabelecidos. Romper com aquela coisa que a princesa tem que ser aquela menina bonita e</p>

preestabelecidos	perfeita da escola. Romper com aquela coisa de que a princesa Isabel não pode ser aquela menina negra quando se vai para um desfile, ou quando não pode ser a baliza, uma estrelinha para não ficar desengonçada, ou porque a porta bandeira não pode ser uma menina baixa, tem que ser a mais alta da escola, ou apresentar um seminário tem que ser a mais inteligente a que tira a maior nota. Então a gente precisa estar rompendo com esses estereótipos, e incentivar que todos são capazes dentro da escola, de que todos podem fazer tudo. De que a princesa pode, de que a baliza que está na frente, pode ser uma menina mais gordinha, que todos eles, independente do corpo, da raça e da cor, podem desenvolver qualquer papel dentro da escola.” (GRUPO-PESQUISADOR, 2020).
-------------------------	---

Fonte: Dados da pesquisa (2020).

Figuras 66 - Os Cinco Princípios da Formação em Sociopoética na relação com a convivência na escola



Fonte: Acervo da pesquisadora (2020).

A partir dos cinco princípios criados pelos/as copesquisadores/as, pautados/as e inspirados/as na Sociopoética, chegamos ao final das vivências do Percorso com a certeza de que a Educação precisa dessas experimentações com o corpo todo, através da arte, provocando em professores/as a sensibilidade de construir outras imagens sobre crianças e adolescentes, abrindo espaços de diálogo que possam dar voz e vez àqueles/as que, ao longo da história, foram excluídos e silenciados por não pertencerem a um padrão ou comportamento considerado o ideal na escola. Educadores/as precisam manter um papel de mediadores das relações interculturais, o que não elimina os conflitos, mas dá visibilidade a todas as expressões de ser criança e adolescente na escola, assim, reconhecendo o diferente e interagindo com o mesmo, possibilita o acolhimento das diversidades. Segundo Candau:

Nesta perspectiva, é necessário ultrapassar uma visão romântica do diálogo intercultural e enfrentar os conflitos e desafios que supõe. Situações de discriminação e preconceito estão com frequência presentes no cotidiano escolar e muitas vezes são ignoradas, encaradas como brincadeiras. É importante não negá-las, e sem reconhecê-las e trabalhá-las, tanto no diálogo

interpessoal como em momentos de reflexão coletiva, a partir das situações concretas que manifestem no cotidiano. (CANDAU, 2008, p. 32).

Faz-se necessário, pois, uma Educação inclusiva, que se estenda e produza outros usos para os corpos de seus educadores e educandos, com respeito às diferenças, favorecendo experiências de produção cultural que sejam ligada à vida cotidiana. Uma Educação em movimento com o corpo todo e com profissionais capazes de encontrarem-se com os outros através dos afetos. Um corpo educador implicado, próximo e aberto ao novo, aos acontecimentos, e capaz de, com suas práticas, dar visibilidade às criações que nesse caso em particular estão sendo gestadas no meio multifacetado das ruas, das praças, nas brincadeiras no açude, nas rodas de conversa nas matas, na roça, no andar de bicicleta pelas vielas.

Todavia, nessa nova pedagogia dos afetos é necessário ser capaz de transformar as práticas educativas, indo além de uma atitude de respeito e tolerância com as diversidades, mas mediando interações e problematizando as situações, dialogando com a realidade de alunos/as, contribuindo para a desconstrução de preconceitos e estereótipos. Possibilitando que crianças e adolescentes vivam os episódios educativos com a produção de novos valores, de novos significados, pois eles são capazes de questionar valores arraigados, preconceituosos, moralizantes e desmoralizantes do outro, abrindo caminho para conviver com as diferenças.

Em virtude dos fatos e princípios mencionados pelo grupo-pesquisador, precisamos construir uma nova Educação, que produza um profissional de corpo inteiro e que, acima de tudo, consiga manter o propósito de não falar em nome e nem no lugar dos outros. Nesse sentido, com uma dimensão política democrática e autônoma, pois sob a esfera da inclusão, exatamente porque permite diluir hierarquias e misturar-se com os outros, diferentes de si, tornando-se por isso mesmo mais criativa, atenta ao mundo e a seus acontecimentos. Uma escola aberta às diferenças e que discuta as violências nela presentes, de modo a criar e favorecer uma mudança significativa na prática docente. Para Sposito (2003, p. 221): “A escola cessa lentamente de ser modelada somente pelos critérios da sociabilidade adulta e vê penetrar os critérios de sociabilidade de adolescente, exigindo um modo peculiar de compreensão e estudo”. A concepção de Sposito (2003) aponta que o novo público que frequenta a escola constrói, no seu interior, um universo cada vez mais autônomo de interações, fazendo oposição à ação normalizadora da escola.

Logo, a escola contemporânea, mesmo em meio a uma dimensão conservadora e excludente, constitui-se em uma possibilidade de liberdade com a produção de encontros ditos impossíveis, começa a inovar em suas práticas pedagógicas, e apesar das ambiguidades intrínsecas presentes no espaço escolar cercado por contradições e conflitos, é resistência,

trazendo alternativas para a realidade. Para Alarcão (2001, p. 70) “[...] a escola é uma instituição dinâmica de quem a sociedade exige respostas (criações). Em face dessas exigências, para as quais muitas vezes a escola não tem soluções, o que gera conflitos, não é suficiente contar com professores reflexivos[...]”.

Compreende-se, portanto, que no cotidiano escolar, as crianças e adolescentes levam na “mochila” suas próprias experiências sociais vivenciadas nos mais diferentes tempos e espaços. Por outro lado, a escola também apresenta especificidades próprias, não sendo uma realidade homogênea, onde tentamos invisibilizar as diferenças. No entanto, os processos educativos precisam valorizar as diferenças, trabalhando-as na escola. Nessa perspectiva, a realidade escolar aparece mediada, no cotidiano, pela elaboração ou reelaboração permanente dos processos educativos. Segundo Dayrell:

A sala de aula também se torna um espaço onde é visível a tensão entre o ser jovem e o ser aluno. Nela ocorre uma complexa trama de relações de alianças e conflitos entre alunos e entre estes e os professores, com imposições de normas e estratégias individuais e coletivas de transgressão. Nesse cotidiano, o jovem aluno vivencia a ambigüidade entre seguir as regras escolares e cumprir as demandas exigidas pelos docentes, orientadas pela visão do “bom aluno”, e, ao mesmo tempo, afirmar a subjetividade juvenil por meio de interações, posturas e valores que orientam a ação do seu grupo. (DAYRELL, 2007, p. 1121).

A escola, dessa forma, não é o único lugar da educação, e talvez nem seja o mais adequado. Em razão de todos esses fatos, a aprendizagem vem ultrapassando as fronteiras das escolas, e dá-se a todos os momentos e lugares. Como nos diz Larrosa (2017, p. 249): “A educação já não está protegida pelos muros da escola, porque diz-se, há muito tempo pulou esses muros. [...] A educação diz-se, se confundi com a vida e, portanto, nada pode resistir à pedagogização geral da existência”. A escola atual precisa entender os conhecimentos como provisórios, estimulando as mudanças nas relações de poder, fazendo com que professores/as e alunos/as pensem na produção do conhecimento numa relação horizontalizada, considerando o que os estudantes trazem para fazer relação aos conteúdos.

Repensar a escola como um espaço vivo de produção de saberes, de valorização da leitura, escrita, pesquisa, arte, cultura, tornará a convivência amorosa, ética e democrática, conforme trazem as experiências com a Sociopoética, que deseja inspirar os educadores/as a relacionarem seus conteúdos, independente da área de ensino, com as situações vivenciadas por crianças e adolescentes, para que se reconheçam dentro das aprendizagens diárias como sujeitos ativos. Desenvolvendo uma educação com alegria, que possa intervir nas realidades, reunindo a educação não formal e as experiências, as aprendizagens e principalmente ao currículo

escolar, estimulando o gosto por aprender.

Pensando nesses aspectos, ao final do curso de formação propus uma roda de conversa em formato de autoavaliação, na qual os/as professores/as refletissem sobre suas práticas na escola e o que poderiam transformar a partir dos conhecimentos adquiridos no Pcurso. Reconstruindo assim, um projeto de escola capaz de valorizar as aprendizagens subjetivas dos discentes, por meio de aulas expositivas e dialogadas, que tornem as atividades escolares dinâmicas e interessantes. Nesse processo, a formação continuada aparece como um leque de possibilidades para uma reorganização da escola e das suas práticas educativas. A seguir trago as transcrições das falas dos/as docentes sobre o Pcurso, onde apontam os pontos positivos e negativos na promoção da Sociopoética dentro do espaço escolar.

Quadro 6 - Avaliação do Pcurso (Pesquisa + curso) “Formação docente em sociopoética como metodologia sensível e inovadora na convivência escolar e formação de multiplicadores do método na escola” realizada pelos/as copesquisadores/as

Copesquisadora Natália

“Eu acho assim, que depois dessa tarde de hoje, toda essa formação passou a ter sentido, pois acredito que todo mundo, todos os meus colegas entenderam porque estão aqui, eu comecei a entender depois dessa tarde de hoje, pois não vou mentir, pois até essa tarde de hoje eu ainda estava pensando: Como eu poderia trabalhar a sociopoética dentro da sala de aula? Como eu iria utilizar os conhecimentos adquiridos nessa formação? Mas depois dessa tarde de hoje, essa formação fez todo o sentido pra mim. e o que foi que eu aprendi? Que não é só através do conhecimento que você repassa, explicando um conteúdo, explicando um texto, assistindo um vídeo que se aprende. Pois você pode construir conhecimentos com o seu corpo, com os movimentos. A gente viu que, quando você manda o aluno sentar, como a gente discutiu, porque você acredita que ele só vai aprender sentado, mas a gente viu aqui, todos nós juntos, que a gente pode aprender deitado, sentados, de olhos fechados, pulando, abaixado, ou seja, existem várias formas de aprender. Então a gente precisa valorizar esse conhecimento que é aprendido com o nosso corpo, e a gente viu que vamos sair daqui outras pessoas, a gente aprendeu muitas coisas, e quem aqui ficou sentado fazendo atividade e só lendo teorias? Nenhum! E a gente aprendeu muitas coisas então eu acredito na formação em sociopoética nesse sentido, desse conhecimento com o corpo.”

Copesquisador Lucas

“A sociopoética, ela nos faz refletir, nos faz pensar uma outra atribuição dada ao corpo, a gente pensa no corpo, o corpo-mente e a gente viu nesses dois dias, que o corpo tem outras atribuições, que a gente pode ter outras formas de conhecimento utilizando o corpo, então a lição que fica, é muitas das vezes é romper com aquele paradigma de que só a mente é capaz de produzir e reconhecer o conhecimento. O contato com o objeto, o contato com o corpo em uma roda, traz outras sensações e outros conhecimentos. Onde a gente consegue perceber coisas que normalmente a gente não perceberia. Então, a ideia que eu vou ter da sociopoética é de uma outra atribuição dada ao corpo. O corpo que sente as emoções é... as significações dadas ao corpo que não se esbarra só na mente. E o que eu gostei nessa formação em sociopoética foi justamente isso, dela poder nos alertar, ou seja, ela nos alerta sobre a para ir além do conhecimento tradicional. De que através do corpo eu consigo ter emoções, sentir, perceber, trabalhar de outras formas e diversificar as formas de conhecimento. Um ponto negativo, seria trazer esses conhecimentos para sala de aula, pois em nem todo conteúdo vai ser possível, nem todo momento vai ser possível, até converter os alunos de todos esses saberes, é um processo. Como as formadoras falaram, vocês têm que estar lendo, não é fácil, isso daqui não é o

suficiente, pois a gente tem que ir além. Tem que estudar, tem que dentro desse conhecimento criar sua própria metodologia, que para cada um de nós é diferente, pois a gente lida de forma diferente com nossas turmas. E o que eu estranhei nessa formação foi que no início a gente não foi levado a nenhum conceito, então a ideia que a gente tinha de sociopoética, ela se transformou hoje, antes era um campo abstrato, era um acampo que a gente não fazia ideia. Mas a partir das atividades, como movimentar o corpo, de mudar as estratégias do corpo, num momento você está correndo, no outro você está descansando, no outro você está alto, no outro você está numa posição mais baixa e essas mudanças, e por exemplo o toque com os objetos, tudo isso foi se concretizando, era tudo estranho, e hoje se tornou libertador, a gente consegue entender tudo isso, a gente não caiu de paraquedas hoje, hoje a gente chegou em terra firme de avião no chão.”

Copesquisadora Maria Cecília

“Bem, o que eu gostei nessa formação é o fato de saber que meu corpo é capaz de produzir conhecimento, que até então era algo que eu não tinha conhecimento, então meu corpo ser capaz de produzir conhecimento, quando ele está ativo, foi algo magnífico, principalmente quando estamos trabalhando de forma coletiva com os nossos colegas. Diante dessa formação, algo que me fez eu mudar meu pensamento foi a questão de que por mais que eu não tenha habilidades artísticas, mas que eu consigo criar, eu consigo utilizar minha imaginação para eu criar qualquer coisa que eu realmente tenha o desejo, como foi o caso dos objetos que nós criamos hoje, a maioria dos colegas aqui presentes disseram que não tem habilidades artísticas, mas utilizando sua criatividade e sua imaginação conseguiram, sim, desenvolver o trabalho que lhes foi proposto. Tem um ponto que posso dizer que não gostei inicialmente, foi justamente o fato de não saber do que se tratava a sociopoética, eu até tinha pesquisado, mas tudo era muito vago, eu não tinha o conceito específico da sociopoética é isso para eu chegar aqui e já sabendo, então inicialmente, nós começamos com as atividades práticas, e nós achávamos que estávamos sabendo de tudo que estava acontecendo, mas pela manhã conversamos e gente mais até agora não foi definido um conceito do que é a sociopoética?; Qual o objeto de estudo da sociopoética? E nós ficamos formulando vários conceitos e vários objetos que nos incluísse, dizemos nós somos objetos de estudo da sociopoética. Ficamos formulando e hoje na parte da tarde, o que não é habitual, pois nós estávamos acostumados a primeiramente trabalhar a teoria e depois a prática, veio para fechar, esse momento, depois de tudo que foi vivenciado e hoje através desses conceitos, é que nós finalmente conseguimos entender o que é a sociopoética e qual a sua importância. E que hoje nós somos reprodutores e multiplicadores da sociopoética, que com certeza a partir de todas essas vivências, nós conseguiremos trabalhar de uma forma bem mais harmoniosa em sala de aula.”

Copesquisadora Geovana

“Eu vou começar lá desde o início, pois a gente veio sem saber o que seria a sociopoética, pelo menos no meu ponto de vista, e com o passar do tempo e com o passar das atividades desenvolvidas, o que estava acontecendo, a gente foi tentando associar através das atividades desenvolvidas o que seria a sociopoética, não sei nem se o conceito que eu acho que é, é realmente. Mas eu acho que a sociopoética ela está para trabalhar com o que o nosso corpo pode oferecer, com o que a arte pode desenvolver de novo, ou seja, trabalhar com a arte, trabalhar com o corpo, com a leveza, com o a energia que o ambiente pode nos transmitir. Eu acho que a sociopoética está aí para trabalhar com isso, nos ajudando a dar uma forma mais leve de trabalhar. E isso foi assim um ponto positivo para gente, que pode até a gente levar para a sala de aula, está levando para sala de aula a arte, trabalhando com a arte, mostrar o que o nosso corpo pode ser capaz de fazer para melhorar os conhecimentos. E o estranho que eu acho que foi para todos eles, é que de início a gente venho perdido e não foi dado logo de início o que seria a sociopoética e hoje quando a gente estava lendo os princípios. No princípio 1 eu li e lembrei: há então é por isso que elas não chegaram já dizendo que é isso ou aquilo, porque elas nos abrem a oportunidade de dar o nosso pensamento e de compartilhar as ideias sobre o que está sendo acontecido, então foi por isso que elas já não chegaram falando sociopoética é isso, é aquilo. Então foi o estranho, mas depois chegou a ficar claro que a sociopoética trabalha isso, ela não já traz um pensamento pronto, eu vou jogar isso para a Geovana e ela vai absorver isso, ela abre portas para gente expor nossas ideias, compartilhar nossas ideias com o grupo e compartilhar os

conhecimentos adquiridos, então esse foi um aprendizado que foi bom e vou levar esse conhecimento para minha prática na escola.”

Copesquisador Caleb

“Então pelo pouco que eu aprendi hoje, que eu pude compreender o que meus colegas já falaram, a sociopoética ela trabalha a questão do corpo, trabalha com a questão de romper com os conceitos que já estão bem firmados, conceitos que a gente podemos dizer que já estão bem obsoletos, e que já não produzem tanto saber. E umas das coisas que mais me chamou atenção foi que eu possa pedir para meus alunos, durante um exame, durante uma prova, foi que eles se sintam à vontade para poder realizar aquela prova, pois as vezes alguns estão até nervosos ao fazer o teste e eu possa muito bem até respeitando o regulamento da escola, deixar que se sentem mais confortáveis, podem até mesmo ficar numa posição bem diferente, da que a gente é obrigado a passar para eles pra sentar de uma única forma. Então com a sociopoética o que eu pude aprender disso e que ela não fugindo tanto do padrão, a gente pode pedir coisas simples, que eles façam um movimento com o corpo, que eles aprendam de uma maneira diferente. O que eu gostei foi justamente isso, essa parte aí de que eu posso dar liberdade ao meu aluno, que eu possa dar uma liberdade que as vezes ele realmente pede: _ “Professor, eu posso ficar só um tempinho aqui em pé. Pode?” E respondemos logo: _ pode não, senta! _ “Professor só um pouquinho, eu posso sair e ir ali ao banheiro?” Respondemos logo: _ não, tem cinco minutos aqui pra acabar a aula e você ir. Então refleti que eu posso dar uma liberdade maior, eu posso trabalhar com o corpo, posso utilizar os ambientes externos, porque a gente não pode ficar só preso ao ambiente interno, as quatro paredes da escola, dentro da sala de aula. Como as professoras Mayara e Vanessa falaram, a rua, ela tem muito a nos mostrar, a gente muito o que entender, aprender e ensinar, sobre as paisagens e cenários, então o que eu gostei foi isso. O que eu não gostei foi justamente chegar aéreo aqui, foi igual como os outros colegas, mas depois já me adaptei a situação, comecei a compreender um pouco e aí mais à frente a gente vai compreendendo mais e o que eu estranhei também foi isso, foi o que eu não gostei e estranhei, foi justamente isso, de chegar tão aéreo, mas descobri que é dessa maneira que a sociopoética acontece.”

Copesquisadora Borboleta

“A sociopoética é valorizar o que há de bom, é trabalhar com mais alegria, movimentando o corpo, e abrindo oportunidades assim com a mente, com tudo, com o corpo todo. O que eu não gostei, foi de falar muito, assim, eu não gosto não. E daqui das atividades, tudo eu gostei, sendo o que eu mais gostei foi de fazer os trabalhos e tudo que envolveu essas coisas de movimentos, pois essas coisas eu gosto muito de fazer, pois amo me movimentar. Já na hora de se expressar é que eu não gosto muito, pois não sou boa de se expressar através da fala, mas fazer esses trabalhos e escrever é comigo mesmo. Eu gostei dos dois dias de tudo, mas o que eu não gostei foi só na hora de se expressar que eu não sou muito chegada. Eu não sei um conceito sobre a sociopoética bem definido, mas eu acredito que a sociopoética seja valorizar o corpo, não só trabalhar o corpo físico em si, mais também a mente, ligando assim o corpo todo, para assim se trabalhar com mais alegria, envolvendo todos os aspectos que temos dentro de nós.”

Esse momento de avaliação foi bastante intenso e significativo para esse Percurso, pois como afirma Gauthier (2012), o processo de autoavaliação contínua durante as oficinas de produção de dados é um dispositivo rico, já que traz um espaço de criticidade, que às vezes, durante a fala, não emitimos, podendo ser usado como suporte, o que René Barbier (2006) chama de “diário de itinerância”. Nesse lugar podemos nos perder e nos reencontrar com as palavras, que também foi bastante utilizado em nossa formação, tornando-se um potente analisador da pesquisa, o que contribui para a criação dos conhecimentos. Segundo Gauthier (2012, p. 84): “O diário de itinerância é realmente um instrumento maravilhoso, pois o tempo

institucional da pesquisa é limitado e dificilmente pode-se consagrar muito tempo à avaliação. Ele condensa os desejos e críticas. A seguir, expomos trechos complementando as falas dos copesquisadores, escritos em alguns de seus diários, em que descrevem e fazem sua avaliação, agora de modo escrito, do Percurso e dos conceitos criados em torno da formação em sociopoética na relação com a convivência na escola durante esses dias do curso:

Diário Grupo-pesquisador, Povoado Buriti do Castelo, 8 de novembro de 2020

“As atividades desenvolvidas foram bastantes produtivas e enriquecedoras, havendo o compartilhamento de experiências por parte das formadoras Vanessa e Mayara. Vivemos momentos únicos, onde construímos os cinco princípios da sociopoética para serem utilizados na convivência escolar. Os princípios criados buscam apresentar novas formas de aprender e ensinar, por meio do uso do corpo e da coletividade. Por fim, cada docente relatou o que gostou e o que não gostou na formação, e assim, finalizamos o encontro com uma ciranda.”

Diário Grupo-pesquisador, Povoado Buriti do Castelo, 8 de novembro de 2020

“As experiências de hoje foram esclarecedoras, onde podemos concluir que a sociopoética nos dar possibilidade de explorar a arte dentro da sala de aula e agregá-la como metodologia de ensino tornando-a mais atrativo, assim como o uso do movimento do corpo, as diversas formas como o mesmo pode ser utilizado no ensino aprendido, fugindo do método tradicionalista que impulsiona o ensino a ser algo mecânico.”

Figura 67 - Finalização do Percurso com a Ciranda da Convivência na Escola



Fonte: Arquivo Pessoal da Pesquisadora, 2020

Após a escrita dos diários, finalizamos o Percurso com uma ciranda ao som das músicas *tá caindo fulô* (interpretação da Banda Casa de Farinha) e *O que é, o que é?* (interpretação de Gonzaguinha), confraternizando e reiterando o compromisso de reinventarmos a escola, tornando-a mais afetiva e acolhedora. Depois distribuímos livros sobre formação docente e diversidades na educação e os certificados do curso realizado em parceria com o Observatório de Juventudes, Cultura de Paz e Violências na escola (OBJUVE) e o Núcleo de Estudo e Pesquisa em Educação, Gênero e Cidadania (NEPEGECI), sob a coordenação da Profa. Dra. Shara Jane Holanda Costa Adad.

Esse Percurso, com certeza foi um acontecimento, inspirando educadores/as e levando-os/as a refletir sobre suas práticas educativas e a necessidade de uma formação continuada que possibilite condições que passem pelo campo do desejo, expondo, assim, as ideias, os pensamentos e sonhos para uma convivência afetiva na escola, dentro de uma lógica dialógica e participativa onde todos possam integrar-se às escolhas e demandas desse universo. Em suas falas, os/as copesquisadores/as relataram a importância de serem ouvidos, possibilitando reorientações e mudanças diante das realidades vividas dentro da escola. Sendo suas ideias levantadas em torno do respeito, no sentido de combater e prevenir as violências, de modo a projetarem uma educação que valorize as diversidades e diferenças, descobrindo na convivência com o outro experiências sensíveis e inovadoras, que rompam com as normatizações e sistemas disciplinares que tendem a reforçar as diferenças de forma negativa na escola.

Nesse sentido, as falas do grupo-pesquisador trazem potência de vida para pensar a escola. Nas palavras de Schöpke (2004), a originalidade de um pensador, para nós, deve ser medida pela qualidade e intensidade de seus afetos e pela força de conexão entre suas ideias. O que a formação em sociopoética pode trazer à tona, através da produção de conhecimentos coletivos que evidenciaram os problemas e potências da convivência na escola, além das possíveis resistências através da formação continuada em sociopoética, contribuindo para que os educadores/as formassem e repensassem formas de trabalhar com as diferenças.

Na próxima seção, apresento como se deram as análises classificatórias dos relatos orais resultantes das oficinas dentro do Percurso, para refletirmos sobre os problemas, potências, desafios, possibilidades e resultados apontados pelo pensamento do grupo para transformar a educação.

6 LINHAS QUE SE CRUZAM: CARTOGRAFIAS POÉTICAS DO GRUPO- PESQUISADOR

Figura 68 - Emaranhado das Linhas na Mandala Circopoética



Fonte: Acervo da pesquisadora (2020).

O apanhador de desperdícios (Manoel de Barros)

*“Uso a palavra para compor meus silêncios.
 Não gosto das palavras
 fatigadas de informar.
 Dou mais respeito
 às que vivem de barriga no chão
 tipo água pedra sapo.
 Entendo bem o sotaque das águas
 Dou respeito às coisas desimportantes
 e aos seres desimportantes.
 Prezo insetos mais que aviões.
 Prezo a velocidade
 das tartarugas mais que a dos mísseis.
 Tenho em mim um atraso de nascença.
 Eu fui aparelhado
 para gostar de passarinhos.
 Tenho abundância de ser feliz por isso.
 Meu quintal é maior do que o mundo.
 Sou um apanhador de desperdícios:
 Amo os restos
 como as boas moscas.
 Queria que a minha voz tivesse um formato
 de canto.
 Porque eu não sou da informática:
 eu sou da invencionática.
 Só uso a palavra para compor meus silêncios.”*

Esse, eu diria que é o momento mais delicado e complexo de uma pesquisa sociopoética, devido à exigência e o olhar cuidadoso aos detalhes, pois agora, como pesquisadora (facilitadora), debruço-me sobre a diversidade e complexidade de dados produzidos pelo grupo-pesquisador, em seus relatos orais, para responder aos objetivos da pesquisa, buscando as linhas que perpassam o pensamento do grupo-pesquisador diante do tema gerador. Sendo necessário,

um estudo atento, rigoroso e preciso, na solidão, de como se organizam os dados da pesquisa. Sempre lidamos com a hipótese de que o grupo-pesquisador é um ser só, um filósofo. Não se trata de descobrir o *que* pensa esse filósofo, mas *como* ele pensa. Realizar um mapa desse cérebro! (GAUTHIER, 2012, p. 92).

Desse modo, na semana seguinte à efetivação do Percurso, realizei primeiramente um estudo sobre as fotografias e produções artísticas dos/as copesquisadores/as. Importante ressaltar a relevância de fazer essas observações antes das transcrições das narrativas orais, para não se deixar influenciar. Assim, com todo o material espalhado pelo chão da minha sala, fui traçando o pensamento do grupo através do que via, reparava, tocava, descobrindo o que esses objetos, criações e fotografias podiam comunicar sobre o tema gerador da pesquisa, usando da intuição.

No entanto, preciso apontar que no trajeto da pesquisa não houve o momento de contra-análise, em que o grupo-pesquisador estuda criticamente as hipóteses da facilitadora sobre seu pensamento. E aqui abro um parêntese para a descrição dos motivos. Primeiramente, o ano de 2021, que estávamos esperançosos que se tornasse o ano do fim da pandemia, na verdade chegou com a segunda onda da COVID-19, e com variantes do vírus com maior poder de transmissibilidade, que acenderam o sinal de alerta para a Organização Mundial da Saúde (OMS). Os números de mortes no país, no mês de abril de 2021, já superaram todo o ano de 2020, sendo, em média, mais de 1.000 óbitos por dia, pela doença. Outro motivo a destacar é que a campanha de vacinação no Brasil teve início tardio, além de contar com reduzidos números de doses, o que gerou desmotivação e a manutenção do ensino na modalidade remota, com decreto de fechamento de todas as escolas públicas no país. Desse modo, devido ao caos instalado, não poderia colocar a integridade física dos participantes em risco. Surgiu então, como alternativa, realizar esse momento de forma *on-line*, o que caiu por terra antes mesmo de tentarmos, pois fiz um levantamento que constatou que mais da metade dos/as professores/as não possuíam *internet* de qualidade em suas próprias residências, além do recurso na região ser bastante instável, o que impossibilitou a continuidade dessa etapa da pesquisa, mesmo de forma virtual.

Desse modo, tive que manter o foco nos dados produzidos no Percurso. Assim, decidi por realizar o estudo das imagens, que foi realizado para o aprofundamento de minhas percepções em torno dos relatos orais. Em seguida, iniciei a transcrição detalhada e rigorosa de todos os relatos orais produzidos durante as oficinas, esquecendo totalmente quem foi o autor, pois como Gauthier (2012) afirma, as falas representam um único filósofo.

Essa cartografia do pensamento do grupo-pesquisador foi realizada pela categorização através dos dados produzidos durante as oficinas, onde reuni todos os relatos sem me preocupar com quem os narrou, organizando-os a partir das semelhanças, divergências, oposições e confluências. Portanto, analisar os dados é acompanhar o pensamento dos/as copesquisadores/as, revelando o inconsciente do grupo, tentando descobrir e apontar as relações sobre o que pensam, fazendo livres associações entre o que é próprio de si e dos outros, através das experiências produzidas durante as técnicas em torno de um tema gerador. Assim, essa etapa da pesquisa sociopoética é um mapa das ideias e conceitos criados pelo grupo-pesquisador, que são cartografadas pela facilitadora da pesquisa.

Outrossim, observei as categorias que englobam o tema gerador e as questões que norteiam a pesquisa, através dos cruzamentos das ideias, dividindo-as em grupos que se complementam, opõem-se, divergem e que constroem até mesmo ideias ambíguas. Portanto, a abordagem Sociopoética possibilitou-me criar conhecimentos previstos, mas, sobretudo, os inesperados, que vieram à tona para compor esse cenário e para montar o resultado desta pesquisa (SANTOS, 2014). Resumindo, na análise classificatória, nas ideias complementares, os sentidos são convergentes, e, na maioria das vezes, ampliam as primeiras ideias ao serem misturadas umas com as outras; as divergentes são ideias que falam do mesmo assunto, entretanto, têm sentidos distintos; as opostas são ideias binárias e as ambíguas são pensamentos paradoxais que ocorrem no meio de um mesmo enunciado.

Nesse processo de leitura e análise dos relatos orais, faço uso da teoria de Gilles Deleuze e Félix Guattari (1995) para explicar o modo de “fazer ciência” através da Sociopoética, onde traçamos as linhas de uma experiência à outra, em meio à heterogeneidade. Lembrando que se trata do estudo sobre vários corpos, que têm seus pensamentos atravessados, agrupados, que geram conhecimentos através da criação de saberes e experiências destacadas nas leituras dos dados produzidos pela pesquisa. Procurei, portanto, interpretar e entender as falas dos participantes nas suas práticas. De acordo com Gauthier:

Nenhuma teoria nem mito desvelará a verdade ou o sentido escondido da realidade pesquisada. Não somos os portadores da luz frente à escuridão da vida. Experimentamos nossas “verdades” provisórias com as “verdades” de

outros, costuramos sentidos heterogêneos, descobrimos novas perguntas, inventamos novos conceitos, que inquietarão, ou não, os leitores e leitoras, lhes dando, ou não, vontade de dialogar criticamente conosco, de transformar a realidade a partir dos nossos resultados ou de pesquisar mais, até contra nós. [...] a pesquisa sociopoética é uma odisséia, uma viagem talvez pretenda somente substituir enigmas grosseiros e individuais por outros, coletivos e mais refinados. (GAUTHIER, 1999, p. 39-40).

Destaco que as análises dos relatos orais foram feitas através da análise classificatória, através da qual fui descortinando o imaginário e o pensamento do grupo-pesquisador. A seguir, apresento as linhas do pensamento dos/as copesquisadores/as que mais se destacaram durante as experiências com as técnicas desdobradas em dois momentos, sendo eles: **A Cabaça e a Árvore da Formação em Sociopoética na relação com a convivência na escola** e as técnicas **Objetos geradores e a mandala da formação em sociopoética na relação com a convivência na escola**, de onde surgiram as duas principais categorias dessa pesquisa, numeradas logo abaixo:

1. Formação Docente em Sociopoética;
2. Convivência escolar.

Identificadas as categorias através do estudo do conjunto dos pensamentos, montei a primeira estrutura de análise, usando os códigos (F) para formação em Sociopoética e (C) para convivência nas escolas, comparando e apontando as ideias do grupo-pesquisador em torno dessas duas categorias principais, traçando os caminhos e estruturas do grupo. A seguir, trago um exemplo ilustrativo dessa primeira etapa de categorização:

Quadro 7 - Identificação das categorias nos relatos orais de cada copesquisador/a

Copesquisador Lucas
<p>(F - Formação em Sociopoética) “Bom, essa árvore como um todo, todos os seus conceitos aqui, quando pensamos ela dentro da sociopoética o que ela tem para nos dizer é assim... Eu diria que é acreditar, acreditar em si, modificar as nossas experiências, refletir sobre o nosso ensino, a forma como a gente ver as coisas dentro da escola. Sempre puxar para uma outra visão e sempre trabalhar de maneira inovadora, sempre buscar no aluno o próprio entendimento dele o princípio do faz ele querer ir para a escola, entendeu? A escola é muito além do que um espaço para o conhecimento tradicional. Então seria muito bom, e na verdade é bom em algumas escolas, quando se trabalha a questão de ajudar o aluno no próprio conhecimento. Ajudar o aluno a entender as relações do lugar que ele está inserido. E o conhecimento que a gente conhece de forma tradicional é uma consequência dessa harmonia que a gente pode estar trabalhando, entendendo o aluno no contexto que ele está.”</p> <p>(C – Convivência na escola) “Bom, a convivência na escola, ela precisa ser pacífica. E por mais que temos ideologias diferentes, pensamentos diferentes, situações em que os alunos se encontram, condições sociais diferentes. Dentro daquele mesmo espaço tem que ter harmonia. As ideias por mais divergentes elas têm que no final daquele dia, final daquela pauta, daquela discussão, elas têm que uma entender a parte da outra. Então tem que ter esse espírito de harmonização na escola.”</p>

Fonte: Dados da Pesquisa (2020).

Em um segundo momento, conforme mencionado anteriormente, cada ideia recebe um código referente à categoria. O passo seguinte foi colocá-las em um único arquivo, no qual as falas em torno de cada categoria foram numeradas em sequência. Com isso em mente, outro quadro foi criado para acomodar todas as ideias que se referem à mesma categoria, de acordo com o exemplo a seguir:

Quadro 8 - Compilação das ideias em torno de uma mesma categoria

Categoria (F): Formação em Sociopoética
<p>1. “Acho que todos nós, como professores, idealizamos algo, e na prática as coisas são diferentes.” (F)</p>
<p>2. “A gente aprende! Eu tenho que ficar mais perto, para a gente ver. Eu chamei minha “<i>cabaça de vitória</i>”, porque eu acredito que é a soma das experiências boas e ruins. No final, o que importa é aquilo que a gente aprende, e é sempre uma vitória. As experiências ruins também vêm para nos ensinar, nos motivar a seguir um caminho melhor, diferente do que a gente havia feito.” (F)</p>
<p>3. “Bom, essa árvore como um todo, todos os seus conceitos aqui, quando pensamos ela dentro da sociopoética, o que ela tem para nos dizer é assim... Eu diria que é acreditar, acreditar em si, modificar as nossas experiências, refletir sobre o nosso ensino, a forma como a gente ver as coisas dentro da escola. Sempre puxar para uma outra visão e sempre trabalhar de maneira inovadora, sempre buscar no aluno o próprio entendimento dele o princípio do faz ele querer ir para a escola, entendeu? A escola é muito além do que um espaço para o conhecimento tradicional. Então seria muito bom, e na verdade é bom em algumas escolas, quando se trabalha a questão de ajudar o aluno no próprio conhecimento. Ajudar o aluno a entender as relações do lugar que ele está inserido. E o conhecimento que a gente conhece de forma tradicional é uma consequência dessa harmonia que a gente pode estar trabalhando, entendendo o aluno no contexto que ele está.” (F)</p>

Após a categorização das ideias descritas e enumeradas em sequência, realizei o cruzamento das ideias dentro de uma mesma categoria, sendo organizadas a partir das ideias codificadas em sequência, em cada categoria, que são divididas em: complementares, divergentes, ambíguas ou opostas. Sendo ideias complementares quando convergem para criar outra ideia sobre o objeto de estudo com um sentido mais amplo; as divergentes falam do mesmo tema, entretanto, atribuindo sentidos diferentes; as opostas são ideias binárias sobre o mesmo tema; e as ambíguas revelam o paradoxo presente no discurso do/a mesmo/a copesquisador/a. Como nos explica Gauthier (2012, p. 93): “É assim que pretendemos revelar algo do inconsciente desse grande cérebro coletivo que é o grupo-pesquisador: apontando relações invisíveis entre os conteúdos, os dados”. Vejamos um exemplo no quadro a seguir:

Quadro 9 - Cruzamento de ideias dentro de uma mesma categoria

Categoria (C): Convivência na escola
<p>IDEIAS OPOSTAS</p> <p>5. “Uma mandala que ver que na escola tem que vir com alegria e precisa também levar alegria. Essa mandala tem cor, tem o gostar, na relação com a convivência onde se ver um trabalho com alegria, e deixar em casa os problemas, pensar que se deixou em casa um filho doente ou se brigou com o marido, com a mulher ou com a mãe, isso tem que ficar em casa, e a partir do momento que entrar na escola ser outra pessoa, que vai lidar com pessoas diferentes, com histórias, e que precisa ser alegre. Essa mandala fortalece a alegria, a união, a parceria entre a equipe, entre a escola como um todo, para desenvolver o trabalho. A união, a alegria é que potencializa o corpo na escola. O amor, a imaginação, a leveza que ajuda a potencializar as coisas, isso tudo ajuda a tentar melhorar um pouco a convivência na escola, deixando todos mais fortes.”</p> <p>6. “Aquela convivência na formação docente que está sempre buscando formas de inovar dentro da escola, buscando formas de apoiar, de ajudar, de incentivar da melhor forma possível os colegas para que desenvolvam um bom trabalho com todos os alunos porque muitas vezes o professor chega na escola com muitos problemas. Somos seres humanos e não adianta dizer que quando se chega na escola, os problemas acabam. Porque não é fácil, se sabe que muitas vezes na escola se encontra alunos também que estão passando por problemas. E aquele problema querendo ou não a gente absorve. Muitas vezes se chega um pouco deprimido, mas quando olha para o lado e ver o colega te incentivando, dizendo: _ “Calma! Isso vai dar certo. Você é alguém capaz”, transforma o dia, pois o que falta realmente é alguém e/ou uma palavra para motivar – motivação diante das adversidades de se persistir, continuar firme, forte e determinado para que tudo dê certo, para resolver, para lidarmos com todas essas situações, é preciso ter força como uma única família.”</p> <p>Análise: As ideias 5 e 6 são opostas, pois a primeira fala que não se deve levar problemas de casa para a escola; já a segunda considera que se leva problemas para a escola. Ambas destacam como ruim o fato de trazer-se problemas de casa para a escola, porque não é fácil, pois inclusive os próprios alunos levam problemas para a escola.</p>

O cruzamento das ideias permite que os confetos apareçam e, por sua vez, aumentem o conhecimento, as crenças e os conflitos dos/as copesquisadores/as frente ao tema gerador. Nesse sentido, para realizar essa intersecção entre os pensamentos, o/a pesquisador/a deve suspender qualquer tipo de julgamento. Segundo Silva (2017), na Sociopoética as narrativas dos sujeitos da pesquisa assumem performance poética, porque possibilitam dialogar com o corpo todo através da arte, do campo da sensibilidade, com a filosofia, com a ciência, com a terra e com outros saberes da experiência. Todavia, é preciso destacar a produção dos confetos (conceitos + afetos), que são possibilitados nas experiências de construção dos dados da pesquisa durante as oficinas e que estão diretamente implicados com a vida dos/as copesquisadores/as.

Esse momento caracteriza-se como uma criação, uma *poiesis*, onde o “confeto” torna-se a mistura de conceito e afeto criado pelo grupo-pesquisador. Os confetos são permeados de razão, intuição e emoção. Segundo Gauthier (2012, p. 77): “[...] os confetos aparecem somente no momento em que facilitadores estudam o pensamento do grupo-pesquisador como se fosse

obra de um só cérebro, pois é preciso realizar oposições e ligações entre dados para elaborar um confeto original”.

Os confetos contribuem na percepção dos problemas e das potencialidades do corpo de professores/as nas práticas educativas do contemporâneo, que acontece em meio à vida, através do aprendizado pela imanência, que desliza dentro e fora dos muros da escola, numa pedagogia que se reinventa. Dessa forma, ao selecionar os confetos, transversalizamos num campo de imanência, como afirmam Deleuze e Guattari (*apud* SCHÖPKE, 2004, p. 131-132), a filosofia não é uma simples arte de inventar, de produzir os conceitos, ela é uma disciplina rigorosa, que tem como função primordial a criação de novos conceitos. Um conceito não é criado do nada, isto é, “[...] cada conceito remete a outros conceitos, não somente em sua história, mas em seu devir ou suas conexões presentes”. Existem duas grandes características da filosofia construtivista: “[...] traçar um plano e criar conceitos [...]”, e assim qualquer pessoa pode ser um filósofo e criar conceitos que sempre se remetem a outros, que pressupõe um plano de imanência. (DELEUZE; GUATTARI *apud* SCHÖPKE, 2004, p. 131-132).

Nesse sentido, todos nós somos capazes de criar planos de imanência, pois tudo isso tem a ver com as nossas práticas cotidianas, e com as vivências nos vários âmbitos sociais. Ao pensar em nossas vivências, que envolvem problemas e potencialidades, percebemos aí que um problema é o objeto da ideia, e é ele que faz nascer outros problemas, e isso também pode ser remetido aos conceitos que apontam para outros conceitos, em um círculo sem fim, que gera conhecimento e potência criadora (SANTOS, 2014). Assim, através dos relatos orais criei confetos e devires. As narrativas dos/as copesquisadores/as refletem o pensamento coletivo produzido por um filósofo, que é o grupo-pesquisador, pois a teoria nasce dessa relação, do próprio campo de imanência da vida, que se traduz em conceitos metafóricos que representam o “entrelugares” das subjetividades do grupo, tornando-os protagonistas essenciais para a criação. A imanência opõe-se à transcendência:

[...] ou seja, pensar não necessita nenhuma aspiração à verticalidade, a um fundamento absoluto, um princípio superior e eterno, nem a posse de capacidades reflexivas inesgotáveis, a contemplação de generalizações abstratas ou a encenação de debates infinitos. Começamos a filosofar quando filtramos o caos sem perder o infinito das questões, ou seja, quando criamos o plano de imanência. (GAUTHIER, 2005, p. 258).

Assim, a pesquisa Sociopoética permite-nos explicar experiências do cotidiano, que nos ajudam a descobrir os altos e baixos, as ambiguidades e as divergências existentes, sendo necessário levar o grupo à reflexão e à criação, transferindo suas ideias e seus pensamentos do plano de imanência para o plano de consistência, que é o da criação de conceitos. Esses

conceitos são criados a partir da transversalização das divergências, dos binarismos, dos paradoxos e subjetividades, formando um rizoma do pensamento que nos possibilita romper com as hierarquizações, conectando as várias ideias heterogêneas do grupo, numa multiplicidade de elementos que não se reduzem a uma única forma de ver ou interpretar, estando dentro de linhas de fuga que apontam para várias direções, numa cartografia com entradas múltiplas, garantindo o surgimento de novos territórios. Os conceitos ladrilham:

[...] ocupam ou povoam o plano, pedaço por pedaço, enquanto o próprio plano é o meio indivisível em que os conceitos se distribuem sem romper-lhe a integridade, a continuidade: eles ocupam sem cortar (a cifra do conceito não é um número), ou se distribuem sem dividir. O plano é como um deserto que os conceitos povoam sem partilhar [...] é o plano que assegura o ajuste dos conceitos, com conexões sempre crescentes, e são os conceitos que asseguram o povoamento do plano sobre uma curvatura renovada, sempre variável. (DELEUZE, 1992, p.46-47).

Nesse sentido, criei conceitos de uma educação rizomática, trazidos nos relatos orais de professores/as nas múltiplas linhas de fuga e nas várias possibilidades de conexões, percepções, olhares; em devires transversais, produzindo conceitos polifônicos e desterritorializados perpassados por afetos. Deste modo, emaranhei-me entre os conceitos e saberes produzidos por educadores/as, numa tentativa de trazer o corpo inteiro para a Educação, em que foram capazes de dissolver valores naturalizados através da autoanálise de suas práticas educativas. Enfim, tornando-se capazes de produzir para si um corpo sensível, que se deixe afetar pelas intensidades da vida em busca da transformação da escola, superando fronteiras, permitindo conhecimentos inusitados e inesperados.

Os conceitos e conceitos produzidos por educadores/as de crianças e adolescentes da educação básica possibilitaram pensar as experiências como afetamento, proporcionando a capacidade de invenção e criação envolvendo todos os sujeitos da educação, com ênfase no cotidiano escolar, em vista da superação de um trabalho introspectivo e solitário para uma prática das subjetividades, que transversalmente atingem a escola em um entrelugar marcado pela pluralidade, pelo diálogo e pelas convivências nas práticas educativas. Segundo a análise de Kastrup (2007, p. 19): “A criatividade é uma habilidade, um desempenho. Ela é entendida como estado a serviço da solução de problemas, e portanto da inteligência, atuando aí apenas como um fator de divergência em relação às soluções habituais”.

É, então, por meio das experiências e do tempo que surge a invenção, um trabalho com restos, através da memória, uma preparação do fazer pedagógico, que ocorre ao avesso do plano das formas visíveis (KASTRUP, 2007). Desse modo, pode-se destacar que os conceitos criados durante as oficinas foram permeados de afetos, portanto, resultantes das intensidades que

percorrem os corpos e da fusão entre arte, filosofia e invensão. Ao mesmo tempo, é um misto de razão, intuição, emoção, sensação. Sobre confeto, Guathier (2012, p. 77) ressalta que “não pretendemos criar conceitos, preferimos deixar essa tarefa aos filósofos profissionais. [...] Assim, criamos a palavra ‘confeito’ para nomear essas misturas íntimas de conceito e afeto que o grupo-pesquisador vai criando”. Destacamos, então, que os confetos:

[...] são mais do que enunciados intelectuais, são a expressão de experiências coletivas que implicam o corpo sensível, portanto, uma forma potente de pensamento que não se limita à razão. Os conceitos, portanto, podem ser poéticos e/ou metafóricos, miscigenados, interferências. Geralmente, anarquizam referências prévias. (PETIT; ADAD, 2018, p. 143).

Assim, após a descrição do processo metodológico da pesquisa e da análise do pensamento do grupo-pesquisador sobre o tema gerador: Formação docente em Sociopoética como metodologia sensível e inovadora na convivência escolar, organizo e apresento, do sétimo ao décimo capítulos, as 4 (quatro) dimensões do pensamento do grupo sobre as exigências necessárias a um educar para a sensibilidade e inovação da formação em Sociopoética na relação com a convivência na escola. As dimensões que constituem o pensamento do grupo são: Formação em Sociopoética na relação com a convivência na escola exige sensibilidade para aceitação do novo; Formação em Sociopoética na relação com a convivência na escola exige parcerias para transcriar a escola; Formação em Sociopoética na relação com a convivência na escola exige a aceitação do novo a partir da família; Formação em Sociopoética na relação com a convivência na escola exige aceitação do novo para descolonizar a educação.

Essas dimensões foram abordadas através das questões que perpassam as práticas educativas e constituíram o pensamento dos/as professores/as no momento das oficinas. As ideias do grupo-pesquisador, combinadas com a teoria, envolvem a questão da sensibilidade e inovação para aceitação do novo. Mas como pensar isso na escola? Como a abordagem Sociopoética será implementada a partir da aceitação do novo dentro da escola? As respostas a essas indagações estão embasadas nas análises do pensamento do grupo-pesquisador, traçadas nos trajetos finais dessa pesquisa. Nesse sentido, os confetos, os conceitos desterritorializados e os problemas deste grupo-pesquisador foram capazes de realizar um movimento de descolonização do pensamento, ao pensarem a escola problematizando a reprodução dos conteúdos, situando os desafios, possibilidades e resultados, que demandam uma educação sensível e inovadora, voltada para o cuidado de si e do outro, numa perspectiva ética, afetiva, coletiva e amorosa.

7 FORMAÇÃO EM SOCIOPOÉTICA NA RELAÇÃO COM A CONVIVÊNCIA NA ESCOLA EXIGE SENSIBILIDADE PARA A ACEITAÇÃO DO NOVO

Figura 69 - Mandala-Circopoética-VEJA



Fonte: Acervo da pesquisadora/Dados da pesquisa (2020).

Escova (Manoel de Barros)

Eu tinha vontade de fazer como os dois homens que vi sentados na terra escovando osso. No começo achei que aqueles homens não batiam bem. Porque ficavam sentados na terra o dia inteiro escovando osso. Depois aprendi que aqueles homens eram arqueólogos. E que eles faziam o serviço de escovar ossos por amor. E que eles queriam encontrar nos ossos vestígios de antigas civilizações que estariam enterradas por séculos naquele chão. Logo pensei de escovar palavras. Porque eu havia lido em algum lugar que as palavras eram conchas de clamores antigos. Eu queria ir atrás dos clamores antigos que estariam guardados dentro das palavras. Eu já sabia também que as palavras possuem no corpo muitas oralidades remontadas e muitas significâncias remontadas. Eu queria escovar as palavras para escutar o primeiro esgar de cada uma. Para escutar os primeiros sons, mesmo que ainda bígrafos. Comecei a fazer isso sentado em minha escrivaninha. Passava horas inteiras, dias inteiros fechado no quarto, trancado, a escovar palavras. Logo a turma perguntou: o que eu fazia o dia inteiro trancado naquele quarto? Eu respondia a eles, meio entressonhado, que eu estava escovando palavras. Eles acharam que eu não batia bem. Então eu joguei a escova fora.

Pesquisar com a Sociopoética é criação. Esse método de produção do conhecimento com o corpo todo e com a poética, da imaginação, dos sentidos, da emoção e da intuição torna-se fonte inesgotável para a construção de novos saberes e não-saberes, abrindo caminhos que ecoam para as expressões de um mundo ainda não decifrado, escrito, lido, vasculhado. Nesse Percorso de Formação docente em sociopoética como metodologia sensível e inovadora para a convivência escolar, podemos aprender com Manoel de Barros, que para a formação de educadores-pesquisadores de sua prática educativa é preciso aprender a escovar as palavras, como recita no poema, “[...] Logo pensei de escovar palavras. Porque eu havia lido em algum lugar que as palavras eram conchas de clamores antigos. Eu queria ir atrás dos clamores antigos que estariam guardados dentro das palavras” (BARROS, 2010). Assim, escovando as palavras do grupo-pesquisador, evidencia-se seus clamores e a importância da construção de novos conceitos na educação como forma de estranhar as palavras, reproduzindo-as de um outro modo. Como um lugar de resistência que se constituiu a partir dos atravessamentos dentro das relações sociais que dão origem a novas práticas educativas. Nas palavras de Gauthier:

Uma questão fundamental da pesquisa em ciências sociais e humanas é sabermos ouvir o silêncio dentro das palavras. Ir além da dualidade na qual sempre estão presos os conceitos. Isso, além de paradoxal, já que as ciências e o pensamento em geral são feitos de ou se referem a conceitos, é impossível. Mas é assim que deve ser. (GAUTHIER, 2021, p. 55).

Destarte, partilho do pensamento de Deleuze (1992, p. 31), de que “[...] os conceitos são centros de vibrações, cada um em si mesmo e uns em relação aos outros. É por isso que ressoa, em lugar de se seguir ou se corresponder”. O vibrar das linguagens diferentes nos leva a superar as limitações, em que fragmentos das palavras não compõem quebra-cabeças, pois formam conceitos com variadas possibilidades de conexões, renovando os conhecimentos.

É pelas possibilidades de criações mais ousadas, a partir da produção coletiva de confetos desterritorializados e polifônicos; valorizando o acontecimento, o estranhamento por meio de técnicas artísticas, tendo o corpo como fonte coletiva de construção do conhecimento que a Sociopoética questiona, da sua forma, os padrões científicos predominantes e faz uma relação com a filosofia de Deleuze e Guattari (1992), sendo a fusão entre arte, filosofia e ciência, em que aparecem os confetos, ou seja, “[...] perceptos (intensidades de percepção) estéticos e afetos criam um estar no-mundo, que já favorece a emergência de figuras sensíveis, emocionais, intuitivas e estéticas, ativas como pensamento” (GAUTHIER, 2005, p. 258). Desse modo, confetos são as expressões das experiências coletivas implicadas no corpo, que fluem pelo pensamento do grupo-pesquisador como potência, com o intuito de transformar para conhecer.

Por consequência, foi analisando cada palavra escovada nesse trajeto da pesquisa que convido-os a produzir novos sentidos, a partir do olhar de educadores/as sobre suas práticas educativas, através de conceitos e confetos e de suas múltiplas relações com o tema gerador “Formação Docente em Sociopoética como Metodologia Sensível e Inovadora para a convivência escolar”, por meio dos relatos produzidos durante nossas oficinas no Percurso (Pesquisa+Curso), que possui um propósito autoformador de construção coletiva do conhecimento e de aproximação e interação entre a escola, a comunidade e a Universidade.

Nossas oficinas sociopoéticas foram estruturadas através de diferentes linguagens artísticas, que objetivaram principalmente provocar a escuta sensível, investigar a imaginação e facilitar a produção de múltiplas ideias e conceitos acerca do tema gerador. Notamos que a invenção através da arte facilita a comunicação, pois essas experimentações recompõem nossas memórias mais profundas, superando as limitações das linguagens formais através do estranhamento com o uso de técnicas que expandem as possibilidades de expressão dos sujeitos participantes desse processo de produção de conhecimento.

Faz-se urgência, nesse caso, de educadores/pesquisadores, inovadores e sensíveis, que reflitam outras maneiras de convivência dentro e fora do ambiente escolar. Evidencia-se, que através da formação em sociopoética busquei provocar os/as docentes a refletirem e criarem práticas educativas inventivas dentro do processo de ensino e aprendizagem, pensando novas formas de conhecer, fazer, aprender, conviver e ser; lembrando que as aprendizagens acontecem no encontro com o outro, com o diferente. Desse modo, a sociopoética seria um tipo de formação inventiva pós-abissal, pois cria experiências a partir dos sentidos, da sensibilidade e da inovação pois,

[...] a verdade é que sem os sentidos não existem sensações, sem sensações não existem emoções, sem emoções não há percepções, e sem percepções não haveria mundo tal como ele se nos apresenta e nós nos apresentamos a ele. Sem os sentidos seria impossível aquecer a razão, como recomendam as epistemologias do Sul, gerando assim o sentir-pensar, o *corazonar* que permite a transformação do mundo num universo concebido como uma responsabilidade pessoal. (SANTOS, 2018, p. 275-276).

Compreendo, assim, que a formação docente em sociopoética, por permitir o uso das experiências individuais na construção de seu planejamento, cria as experiências de reciprocidade, pois ajuda o coletivo a ver, ouvir, sentir o outro como alguém importante para minhas aprendizagens, ou seja, mesmo em corpos e contextos diferentes, que habitualmente geram as desigualdades e diferenças sociais, seria agora possível, através dessa nova abordagem de conhecimentos, existir uma possibilidade de abertura ao mundo, sendo resistência frente às

linguagens e comportamentos dominantes, possibilitando o acesso às linguagens das diversidades interculturais, através dos sentidos, da sensibilidade e da inovação; dando espaço à ciência pós-abissal, que se interessa pelo invisível, lutando para torná-lo visível, investigando as situações diversas, ampliando as perspectivas de saberes, indo além do que já está normalizado.

Temos aqui, portanto, a criação de uma nova pedagogia, que pretende surpreender as escolas tradicionais, através da invenção, diminuindo, e por que não, eliminando as barreiras das vítimas de exclusão, provocando olhares diferentes sobre as outras culturas, que por consequência, aciona a escuta sensível, ouvindo-se a si mesmo e ao outro, extraindo dessa relação o que há de mais positivo. Abre a necessidade para que educadores/as procurem ouvir mais as vozes do silêncio, que às vezes fala com os olhos, pois não se sentem no direito da palavra, e aqui está a importância de observar-se a dinâmica escolar no dia a dia, todos os dias, de forma profunda, observando as distâncias que intimidam, causam medo em crianças e adolescentes que não possuem lugares de fala dentro do espaço escolar. Identifica-se, assim, que as palavras ecoam de diversas formas, por isso, a necessidade do preparo e da abertura, trazendo a liberdade para que as palavras sejam mesmo escovadas, que se escutem os clamores, os murmúrios, os gestos, e até as coisas não ditas.

Precisamos quebrar as linhas com os modelos instituídos, que tentam engessar a educação, pois conforme Gallo (2012, p. 2): “[...] este controle do aprendizado através do ensino, leva a uma homogeneização: o objetivo é que todos aprendam as mesmas coisas, da mesma maneira”. As experiências científicas sozinhas são incompletas, captando apenas a matéria, de forma repetida. Já as experiências integrais, denominadas de intuição, são capazes de apreender o tempo, ultrapassando os limites (KASTRUP, 2007).

Diante do exposto, acredito que a formação inventiva surge como um dos desafios a serem superados, sendo um lugar de aprendizagem, que vai além da aquisição de habilidades e competências para ensinar, mas que possa tornar-se um “laboratório de criação”, que desenvolva uma formação conectada à educação, às filosofias das diversidades/diferenças, ao desenvolvimento cognitivo, através da arte e da convivência. Nesse processo, o grupo-pesquisador realça que é preciso superar o medo de inovar, sendo a formação em sociopoética apontada como uma forma de experimentação que favorece inserir o novo e ter abertura para novas metodologias, que fortalecem o grupo a ponto de poder falar de si mesmo e também ouvir os outros com sensibilidade.

Desse modo, para vivenciar uma convivência na escola sensível e inovadora o grupo-pesquisador criou o confeto **Formação em Sociopoética-Cabaça-Desafio-Mistura**, que é a

formação docente que mistura as cabaças, novas experiências, novas ideias, sendo elas conhecimento, determinação, aceitação e motivação. Nessa mistura das cabaças da formação em Sociopoética usando a matemática, vai somar: primeiro a motivação com desafio, depois junta-se a motivação com a transformação, e a terceira soma-se a coragem e o conhecimento. Junta todas e soma, isso dá uma ideia mais nova que, no final, o resultado tem que ser aceitação.

Nesse caso, o confeto **Formação em Sociopoética-Cabaça-Desafio-Mistura** fornece uma série de dimensões para descrever o que é preciso adicionar às experiências docentes para resolver o problema da aceitação do novo junto aos problemas da convivência escolar. No entanto, essa formação esbarra em situações de confusão e incertezas, que os/as docentes enfrentam no desenvolvimento das atividades cotidianas. Já que ao adentrarem a sala de aula, professores/as percebem que os problemas não podem ser solucionados apenas através da aplicação de teorias e técnicas aprendidas de forma tradicional na academia, pois os problemas são complexos e desafiam a solução por meio da técnica.

Esse confeto apresenta as características necessárias para a aceitação dessa formação em sociopoética, que é nova para a escola. Mas que tipo de formação é essa? Os/As docentes respondem que seria aquela que junta tudo e que olha o contexto do/a aluno/a e que se volta mais harmoniosa para trabalhar com o ensino tradicional (conhecimento herdado historicamente pela humanidade), pois observem bem o exemplo destacado anteriormente, dar para viver e trabalhar a matemática na escola pensando a convivência a partir de uma formação em sociopoética (sensível, inovadora e potencializadora do corpo).

Sobre essa questão, Zeichner (1992, p.126) destaca que a formação de professores/as precisa da “[...] *reflexão-na-ação* refere-se aos processos de pensamento que se realizam no decorrer da ação, sempre que os professores têm necessidade de reenquadrar uma situação problemática à luz da informação obtida a partir da *ação*, desenvolvendo experiências para conseguir respostas mais adequadas”. Deste modo, o grupo-pesquisador sugere a utilização de novas metodologias como a sociopoética, que é defendida como uma forma de resistência ao medo, como destacam no relato a seguir:

Bem, o medo ele sempre vai existir, principalmente nesse convívio no ambiente escolar. Mas é preciso também enfrentarmos esse medo para que possamos seguir em frente, mostrar que essas novas metodologias estão aí justamente para despertar os nossos alunos para o conhecimento. Mostrar que você não consegue aprender somente com o professor ali na frente com aquele método tradicional explicando conteúdo. Mas que é possível aprender das mais diversas formas. (GRUPO-PESQUISADOR, 2020).

Sendo assim, os/as educadores/as destacaram em seus relatos a formação em

sociopoética como potência, algo que nunca havia sido experimentado na escola e que lhes permite pensar e planejar trabalhos diversificados, trabalhando no sentido de buscar fazer sempre o melhor, levando experiências transformadoras através de práticas educativas capazes de criar novos conhecimentos, que aliados a mudanças dos conteúdos e das práticas, promoverá o ensino reflexivo, instigando capacidades de autoanálise, de modo a melhorar a convivência escolar.

No confeto **Formação em Sociopoética-Cabaça-Desafio-Mistura** a formação docente é mistura, e isso é um desafio, pois soma-se a alguns elementos tais como: motivação com o desafio; depois a motivação alia-se à transformação, que se soma à coragem e ao conhecimento, e o resultado de tudo isso são as experiências, as ideias, conhecimentos, que ganham força pela determinação, motivação aspectos necessários para a aceitação do novo. Seguindo o pensamento do grupo-pesquisador sobre a potência da formação em sociopoética, destacaram:

O que eu posso tirar dessa formação eu vejo a transformação. A partir do momento que a gente terminar, concluir, ver a transformação na forma de ensinar e de motivar, para a gente ver e trazer isso para essa nova forma de aprender. (GRUPO-PESQUISADOR, 2020).

Observa-se, na fala dos/as copesquisadores/as, o desejo em transformar a educação através do uso de novas metodologias, pois os processos de formação de professores/as nas academias acabam por, muitas vezes, reduzirem a aquisição de conhecimentos técnico-científicos, a reprodução de conteúdos e informações, tendo em vista as avaliações e seus resultados obtidos ao final de um ano letivo. Pensar, portanto, uma formação inventiva como a sociopoética, promove a ruptura com modos cartesianos, produzindo um território de intervenção ligado à ética, à estética e à política, promovendo outras formas de habitar, de pensar e de fazer a educação, criando um campo de conhecimento como uma obra de arte. Entendendo, assim, a formação em sociopoética como uma pedagogia da sensibilidade, disposta a viver as experiências, atendendo às diferenças, através dos encontros com as várias formas de expressão, que precisam de um lugar para existir.

A propósito, pensar na prática profissional, é constatar que docentes adquirem saberes experienciais por meio das vivências cotidianas no ambiente escolar, nas relações entre os estudantes, colegas de trabalho, dentre outros sujeitos dentro e fora da escola. Na prática, esses saberes tornam-se insuficientes, precisando de um aprofundamento constante, teórico-prático, através da formação continuada. Necessitando que a formação docente seja ativa e contínua, com professores/as aprendizes. (TARDIF, 2014).

Assim, complementando as ideias da **Formação em Sociopoética-Cabaça-Desafio-**

Mistura, o grupo-pesquisador, ao produzir a árvore das cabaças, trouxe com muita força essa questão da quebra com o tradicional para a entrada de novas formas de habitar o espaço escolar e fazer educação, apontando a Sociopoética como luta, capaz de fazer com que educadores/as tornem-se comprometidos na defesa de novas propostas metodológicas, que transformem a escola num espaço cultural e formador, num espaço de estímulos e encontros, que está presente no confeto **Formação em Sociopoética-árvore-das-cabaças**, sendo a formação docente-árvore como um todo, a junção de todos os conceitos que, quando se misturam com as outras cabaças, ficam coragem para enfrentar os desafios, determinação pra adquirir conhecimentos e alcançar a vitória. Sem esquecer da transformação no meio do caminho, pois pensar a árvore dentro da formação em sociopoética é acreditar em si, modificar as experiências, refletir sobre o ensino, a forma como se vê as coisas dentro da escola. Como relataram: “Inserir novos conhecimentos é um desafio por conta da aceitação do novo”, destacando:

A escola, é muito além do que um espaço para o conhecimento tradicional. Precisamos dentro da escola, puxar para outra visão, trabalhar de maneira inovadora e buscar no aluno o próprio entendimento e o princípio do que faz ele querer ir para a escola. Então seria trabalhar a questão de ajudar o aluno no próprio conhecimento, de o ajudar a entender as relações do lugar que está inserido. E o conhecimento que a gente conhece de forma tradicional é uma consequência dessa harmonia que a gente pode estar trabalhando, entendendo o aluno no contexto que ele está. (GRUPO-PESQUISADOR, 2020).

Esse processo de **Formação em Sociopoética-árvore-das-cabaças** permite-nos, enquanto educadores/as, questionar sobre os problemas das crianças e adolescentes durante as atividades curriculares, estimulando a criação de outros modos para solucionar os problemas presentes em situações cotidianas. Como proposto por Foucault (2006), necessitamos de uma estética da existência abrindo espaço para conceitos, experiências e a arte para um raciocínio sensível. Incluindo nas experiências de uma formação inventiva gestos, fazeres, afetos, ritmos, sensações, valores, que aproximam as relações entre docentes e discentes de forma artesanal, sendo aprendizes de um conhecer inventivo, que se faz mediado pela arte, pelas políticas de cognição, pela estética da existência, por uma formação inventiva que se exerce em oficinas.

Dessa maneira, o confeto **Formação em Sociopoética-árvore-das-cabaças** complementa a ideia do confeto **Formação em Sociopoética-Cabaça-Desafio-Mistura**, pois destaca que, frente à inovação educativa, faz-se necessário perceber a escola como lugar de transformação, superando os modelos tradicionais através da motivação, lutando contra as exclusões e violências; pela participação entre seus pares; como capacidade reflexiva do grupo. Diante do exposto, o desenvolvimento da formação contínua torna-se “elemento de estímulo

pelas melhorias sociais e profissionais e como promotora do estabelecimento de novos modelos relacionais na prática da formação das relações de trabalho” (IMBERNÓN, 2010, p. 49). Nessa trilha, a escola precisa da inovação através da arte como mecanismo de formação e comunicação contra as práticas de exclusões sociais pois:

A arte é a linguagem das sensações, que faz entrar nas palavras, nas cores, nos sons ou nas pedras. [...] A arte desfaz a tríplice organização das percepções, afecções e opiniões, que substitui por um monumento composto de perceptos, de afectos e de blocos de sensações que fazem as vezes de linguagem. O escritor se serve de palavras, mas criando uma sintaxe que as introduz na sensação, e que faz gaguejar a língua corrente, ou tremer, ou gritar, ou mesmo cantar: é o estilo, o “tom”, a linguagem das sensações ou a língua estrangeira na língua, a que solicita um povo por vir [...]. (DELEUZE; GUATTARI, 1992, p. 208).

Nesse caso, as oficinas vivenciadas no trajeto dessa pesquisa cumpriram o objetivo de exercer o lugar de diálogo para a formação inventiva de educadores/as sensíveis e inovadores, proporcionando a criação através da arte, gerando as múltiplas linhas do pensamento do grupo-pesquisador, onde forjamos as problemáticas que se apresentam no ambiente escolar, em suas diversas formas, para aprendermos a lidar com o inusitado, o imprevisível, que não nos ensinam nas Universidades, são aprendizagens das experiências. Uma formação inventiva, portanto, é potência de criação, evidenciada pelas subjetividades, ferramentas indispensáveis para a invenção de si e do mundo de formas diversas, sendo resistência aos modelos instituídos e falidos. Pensar as experiências artísticas na escola pode inovar trazendo outras formas de viver o espaço escolar, afetando os modos de nos relacionar, conviver, inventar, partilhar afetos e traçar percursos sensíveis.

Educadores lidam diariamente com estudantes de condições sociais, econômicas, políticas, psicológicas e físicas as mais diversas. Sensibilizar a atividade profissional de professores/as promoveria o crescimento intelectual e afetivo, capaz de provocar mudanças (GIESTA, 2001). Nesta dimensão da convivência, o grupo-pesquisador levantou a ideia de trabalhar com a participação de todos de forma afetiva, destacando:

Até porque como a gente sabe a violência é grande. E quanto mais você trabalhar afetividade, o respeito, o amor com as crianças, desde a educação infantil até o ensino fundamental, até a última etapa do ensino fundamental. Eu acho que a gente vai construir um lugar muito melhor para a gente viver, para a gente trabalhar também. Então a relação da cabaça conhecimento com a convivência na escola está na relação do aprender, conhecer cada vez mais, conhecer o outro, se conhecer. (GRUPO-PESQUISADOR-2020).

Como podemos perceber no relato acima, o sistema social produz as violências e, desse

modo, precisamos trabalhar na escola a afetividade, o respeito, o amor, pois todos sinalizam a escola como o lugar capaz de resolver os problemas. No entanto, esquecem que as interações perpassam vários espaços e que não podemos pensar na escola como esse lugar isolado, onde se resolvem os problemas sociais, pois como destacaram os/as docentes, a verdade é que a escola precisa de respeito, de recursos e da responsabilidade social como um todo para que a educação realmente aconteça. Desse modo, a sociedade demanda repensar a escola com amorosidade, indo fundo nas questões, observando a falta de condições, os problemas. Precisamos parar de transferir a culpa para a escola de toda a obrigação com a educação e começar a construir saberes que ultrapassem os currículos e que se aproximem da construção da vida. Como já venho destacando, é necessário sair desse espaço e ampliar nosso olhar para a escola como um projeto social, abandonando essa engenharia de produção de corpos normais, percebendo que a educação extrapola os muros escolares, vinculando os conteúdos ao que acontece no cotidiano, como base para refletir e questionar aspectos da nossa vida em sociedade.

Nas falas foi possível comprovar que professores/as entendem a importância de envolver os anseios e interesses das crianças e adolescentes nas práticas educativas para a convivência na escola, desprendendo-se dos programas curriculares que focam apenas nos conteúdos tradicionais, de forma a favorecer aos estudantes a aquisição de saberes próprios de suas experiências, deixando de ser meros receptores, para serem criadores dos conhecimentos. No entanto, para que aconteça a construção de conhecimentos pelos/as alunos/as, o grupo-pesquisador demonstrou ser necessário o confeto **Formação em sociopoética-cabaça-coragem**, é uma formação docente leve e alegre, que se mantenha firme, determinada e corajosa para desenvolver o trabalho que se desenvolve na escola, enfrentando os desafios que vêm, que não são poucos, e sempre em busca de conhecimentos.

Logo, a **Formação em sociopoética-cabaça-coragem** destaca as características de como se desenvolve um trabalho que possui a sociopoética como metodologia sensível e inovadora como centro da relação com a convivência na escola, frisando a alegria, a leveza, a firmeza, a determinação e a coragem como emoções que nos auxiliam, enquanto educadores/as, a desenvolver o desejo de persistir, lembrando que não só individualmente, mas principalmente coletivamente, mobilizando conhecimentos, conceitos e pensamentos de todos que fazem a escola para formular métodos de ensinar e aprender impregnados de emoções, afetos e sentimentos.

A partir da **Formação em sociopoética-cabaça-coragem** podemos reportar-nos a Corazza (2013), quando abre a seguinte indagação: “- Como criar uma artistagem docente?”

Uma forma docente potente para a variação social, que estuda, aprende, ensina, compõe, canta, lê, que é multiplicidade produzida na ensinartista, essa arte da alegria na formação. Respondendo à indagação através da fala do grupo-pesquisador, essa artistagem docente que significa uma formação com alegria estaria justamente na promoção de uma **Formação em sociopoética-cabaça-coragem**, destacando que a mesma é leve e alegre, e mesmo quando passamos por problemas, conseguimos nos manter firmes e com coragem para desenvolver um bom trabalho na escola.

Ao problematizar esse aspecto da alegria na formação docente em sociopoética na relação com a convivência na escola, o grupo-pesquisador também criou o confeto **Mandala-circopoética-alegria**, é uma mandala que vê que na escola tem que vir com alegria e precisa também levar alegria. Essa mandala tem cor, tem o gostar, na relação com a convivência, em que se vê um trabalho com alegria, deixando em casa os problemas. Pensar que se deixou em casa um filho doente ou se brigou com o marido, com a mulher ou com a mãe, isso tem que ficar em casa, e a partir do momento que entrar na escola, ser outra pessoa, que vai lidar com pessoas diferentes, com histórias, e que precisa ser alegre. Essa mandala fortalece a alegria, a união, a parceria entre a equipe, entre a escola como um todo, para desenvolver o trabalho. A união e a alegria é que potencializam o corpo na escola. O amor, a imaginação, a leveza, que ajuda a potencializar as coisas, isso tudo ajuda a tentar melhorar um pouco a convivência na escola, deixando todos mais fortes.

Para Deleuze (1998, p. 56): “O humor é atonal, absolutamente imperceptível, faz uma coisa fluir. Está sempre no meio, a caminho. Nunca retrocede, está na superfície, o humor é uma arte dos acontecimentos puros”. Dessa maneira, a **Formação em sociopoética-cabaça-coragem** complementa o pensamento do grupo-pesquisador no confeto **Mandala-circopoética-alegria**, pois ambas apresentam a formação em sociopoética como potência para experimentar a alegria em nossas ações pedagógicas, promovendo a autoestima de discentes, livrando-os do controle normatizador, evitando assim a promoção e divulgação de hábitos cristalizados. Destacando que a melhor performance não pode ser garantida pelo domínio de técnicas para ensinar e aprender, ou seja, não é repetição mecânica. Isso significa que existem agentes fluindo e o aprendizado sempre envolve fluxos paralelos. Aprender com alegria requer habilidades para enfrentar os desafios cotidianos, exige saber lidar com os devires, exige determinação e coragem, pois a aprendizagem é esse lugar de trocas, é ser capaz de construir conhecimentos através das perguntas e ser sensível às mudanças em nossa cognição atual, necessárias para atender às demandas da contemporaneidade.

Assim, pensando a educação por outras rotas, pela estética da existência, para além dos

muros escolares e da formação Universitária. Na convivência entre educadores/as, os desejos de motivação são a potência para permitir a criação. Quando você tem o apoio dos colegas de trabalho, torna-se capaz de trabalhar, mesmo diante das adversidades. Uma experiência viva possibilita perceber que existem maneiras plurais de educar, que passam pelo campo de pensamentos coletivos que nos ajudam a somar e agregar pela motivação dos colegas de trabalho, fortalecendo os laços, superando os obstáculos, incluindo novos conceitos e ações que contribuem para a formação. Seria importante aqui o *corazonar*, que:

É sempre um exercício de auto-aprendizagem, uma vez que a mudança do nosso entendimento da luta acompanha a par e passo a mudança do nosso entendimento de nós mesmos. *Corazonar* significa assumir uma responsabilidade pessoal acrescida de entender e mudar o mundo. (SANTOS, 2018, p. 180).

Como podemos constatar nas falas dos/as docentes, sabemos que muitos são os desafios enfrentados para propor mudanças educativas na sociedade contemporânea. Palavras como inovação, uso de tecnologias, novas metodologias, informação e sensibilidade constituem a realidade de sua formação atual. Porém, professores/as defrontam-se, ainda, com uma formação tradicional, porque a escola é organizada para tais práticas, muitas vezes impondo modelos, aumentando as dificuldades. O grupo destaca que um dos problemas que os/as levam à desmotivação para a implementação de novas metodologias é a falta de reconhecimento pelo trabalho docente. Sobre isso apontaram:

Eu coloquei a incompreensão, mas a gente pode ver também a falta de reconhecimento do trabalho da gente. Eu acho que é algo que paralisa a gente. Eu acho que a gente não ter o reconhecimento do nosso trabalho pode levar a gente a se desmotivar. Fazendo com que a gente não tenha um desempenho esperado durante o trabalho. Acho que quando a gente é reconhecido dá um ânimo maior, que a gente venha desenvolver um trabalho cada vez melhor. Se a gente não tem esse reconhecimento e apenas a desvalorização, a gente não produz um trabalho como tem que ser. (GRUPO-PESQUISADOR, 2020).

Percebemos a necessidade de reconhecer o valor do trabalho docente, pois esses/as profissionais sentem-se desprestigiados. Deleuze e Parnet (1998, p. 145) apresentam o conceito de linhas de fuga como sendo: “Indivíduos ou grupos, somos feitos de linhas, e tais linhas são de natureza bem diversa”. Essas linhas formam um rizoma, sem começo ou fim, que se atravessa como campo coletivo de forças, que nos auxilia a criar outros modos de ser e fazer, através de experiências afetivas capazes de transformar a educação. No entanto, nos relatos, os/as docentes destacam que, muitas vezes, não lançam mão de várias técnicas e metodologias inovadoras pela insegurança, mesmo sendo um desejo expresso; ainda ficam incomodados por

acreditarem que não seriam aceitos pelos colegas, famílias, gestores e a comunidade. Em suas falas, fica perceptível que a escola não fornece espaços para a inovação através de experimentações, frustrando-os muitas vezes, já que gostariam de inovar, mas acabam não fazendo por medo. Desse modo, o percurso de formação em Sociopoética proporcionou a autoanálise dos/as professores/as de crianças e adolescentes sobre essa questão.

Por isso, cabe destacar que as práticas educativas sensíveis e inovadoras no cotidiano, na vida escolar, desestabilizam, mudam os/as docentes e os/as alunos/as de lugar, pois atravessam as necessidades do coletivo de forças, pensamentos opostos, tensões e negociações. Propondo pensar a escola, produzindo coletivamente um território de experimentação que, por sua vez, intervém e modifica o cotidiano do trabalho docente e as próprias vidas dos educadores/as, que juntos podem mobilizar-se para, em meio às tensões da rotina, os hábitos, irem desenvolvendo ideias, afetos e motivações, favorecendo outras maneiras de entender, sentir e agir no dia a dia e nas discussões.

Em oposição ao confeto **Mandala-circopoética-alegria**, de que não se deve levar os problemas para a escola, surge então o confeto **Convivência-Cabaça-Determinação na escola**, é aquela convivência na formação docente que está sempre buscando formas de inovar dentro da escola, buscando formas de apoiar, de ajudar, de incentivar da melhor forma possível os colegas, para que desenvolvam um bom trabalho com todos/as os/as alunos, porque muitas vezes o professor chega à escola com muitos problemas. Somos seres humanos, e não adianta dizer que quando se chega à escola os problemas acabam, porque não é fácil. Sabemos que muitas vezes, na escola, encontramos alunos/as que também estão passando por problemas. E aquele problema, querendo ou não, a gente absorve. Muitas vezes, chegamos um pouco deprimidos, mas quando olhamos para o lado e vemos o colega incentivando-nos, dizendo: _ Calma! Isso vai dar certo. Você é alguém capaz?_. Isso transforma o dia, pois o que falta realmente é alguém e/ou uma palavra para motivar – motivação diante das adversidades, persistir, continuar firme, forte e determinado para que tudo dê certo. A fim de resolver, lidarmos com todas essas situações, é preciso ter força, como se fôssemos uma única família. Como podemos observar, não existe um consenso sobre essa ideia entre o grupo-pesquisador, pois no confeto **Mandala-circopoética-alegria**, falou-se que não se deve levar problema pra escola. Já no confeto **Convivência-Cabaça-Determinação na escola**, eles/as consideram que se leva os problemas para a escola, até porque não é fácil, pois até quando o aluno chega com problemas, o/a professor/a acaba absorvendo. Ou seja, são ideias opostas de se pensar a relação com os problemas externos a escola.

Denota-se que o conceito de família exposto aqui pelo grupo-pesquisador não é o de família nuclear, mas sim como de pensar a escola como espaço de corresponsabilidade, e essa noção de “única família” pode ser usada para caracterizar as práticas educativas dos/as educadores/as, demonstrando que o ensino não é uma tarefa isolada, e nenhum/a professor/a deve frustrar-se caso não compreenda certos conhecimentos, pois o processo de formação docente precisa ser contínuo e contar com a cooperação de todos, desde as crianças e adolescentes, passando por todos que o influenciam em seu educar. A instituição escolar tem um papel muito forte, por ser o espaço onde passam a maior parte do tempo.

Sabemos das dificuldades em sala de aula, às quais os/as docentes estão expostos, e que muitas vezes não conseguem expressar seus próprios pensamentos, ideias e sentimentos, deixando também de buscar outras fontes teóricas como inspiração, pois sentem medo de implementar novas metodologias sensíveis e inovadoras, e não terem a aceitação do novo pelos colegas de trabalho, gestores/as, alunos/as, famílias e a comunidade. Portanto, essa ideia de ter força como “única família” na formação em sociopoética, na relação com a convivência na escola, é entender que o processo de planejamento do ensino e aprendizagem no ambiente escolar deve ocorrer desde a escolha dos conteúdos, passando pelas experiências da prática e indo até a avaliação, de forma a haver uma sensibilização de todos os sujeitos da escola para constituir um trabalho coletivo, cooperativo e compartilhado. Nesse sentido, essa força que vem do *corazonar* “transmite um sentimento de relação comunitária, superando-se a cultura do individualismo, ao adotar como estratégia o diálogo”. (ADAD; SANTOS; SILVA, 2021, p. 699).

Ao nível sociocultural, *corazonar* pressupõe a expectativa da aceitação da partilha de riscos no grupo social. Por outras palavras, longe de ser reactivo, o *corazonar* é um agir criativo que visa a resolução de problemas. Pressupõe uma familiaridade latente que aumenta com a sua explicação. Essa familiaridade inclui muitas vezes memórias partilhadas de opressão e de sofrimento injusto. (SANTOS, 2018, p. 180).

Diante do exposto, o confeto **Convivência-Cabaça-Determinação na escola** nos faz pensar a formação docente em sociopoética na relação com a convivência na escola como a formação que precisa ser construída a partir do compartilhamento dos conhecimentos, através da promoção do diálogo, sendo uma abordagem preocupada com uma construção coletiva, e quando pensada dentro da escola, precisa acontecer em equipe de professores/as, explorando as questões importantes do cotidiano, a partir das várias visões de mundos, na perspectiva de abranger e acolher as ideias plurais na construção dos debates em sala de aula.

No entanto, evidencia-se que é exatamente nisso que há uma enorme dificuldade,

apontada na fala de educadores/as, a relação entre os/as colegas de profissão, sendo vista como uma questão analisada como um problema a ser superado. As relações docentes através da criação de um ambiente harmônico e motivacional, promovem o trabalho em grupo e a colaboração na resolução dos problemas, de modo que docentes habituem-se a partilhar os seus conhecimentos e desenvolver estratégias de análise conjunta de situações cotidianas. Podendo aqui aplicar-se o conceito de rizoma nessa relação, que poderia intensificar o conhecimento de formas verticais e horizontais em ações interdisciplinares e transdisciplinares capazes de vencer as resistências, compartilhando saberes e reconhecendo o conhecimento do outro, possibilitando um trânsito de aprendizagem entre eles/elas, pensando a educação como um conjunto de acontecimentos (GALLO, 2003). A relação que o grupo-pesquisador faz entre resistência e motivação para aplicar a **Formação em sociopoética-cabaça-coragem** na relação com a **Convivência-Cabaça-Determinação na escola** é de que ela precisa ser pacífica. Como no exemplo a seguir:

Bom, a convivência na escola, ela precisa ser pacífica. E por mais que tenhamos ideologias diferentes, pensamentos diferentes, situações em que os alunos se encontram, condições sociais diferentes. Dentro daquele mesmo espaço tem que ter harmonia. As ideias por mais divergentes elas têm que no final daquele dia, no final daquela pauta, daquela discussão, elas têm que uma entender a parte da outra. Então tem que ter esse espírito de harmonização na escola. (GRUPO-PESQUISADOR, 2020).

Segundo Zeichner (1992, p. 120): “[...] um dos problemas mais importantes da formação de professores é o nosso isolamento em pequenas comunidades compostas por colegas que partilham orientações idênticas, o que empobrece o debate e as interações”. Todavia, a colaboração entre docentes é apontada na fala do grupo como essencial para o desenvolvimento de apoio entre eles/elas que, dessa forma, podem contribuir mutuamente no processo de conhecimento, encorajando e reconhecendo, e ao mesmo tempo valorizando o trabalho dos colegas. Desse modo, a prática educativa é entendida fundamentalmente como um processo de socialização no cotidiano escolar, pois quando o profissional revela-se flexível e aberto às ideias dos demais, novas teorias são construídas, conceitos, instrumentos, nesse cenário de interações práticas, desencadeando uma mudança radical, promovendo a qualidade do ensino na escola numa perspectiva inovadora.

Nesse sentido, pensando em um trabalho cooperativo entre os colegas de profissão, o grupo-filósofo apontou que o confeto **Convivência-cabaça-vitória** é aquela convivência que a escola consegue pensar todo mundo ali dentro e quer trabalhar em melhorias. Isso é uma vitória, pois auxilia no resultado de cada um desses pontos: dos problemas, dos desafios e dos aliados.

Porque por mais que tenhamos ideias diferentes, temos propostas políticas na escola que nem todos concordam, que pensam diferente, mas é acreditar que quando todos se dão as mãos e pensam em conjunto, no coletivo, colocando ali no papel os pontos positivos e os negativos e vendo quais vão pesar mais na balança, de modo que se tem uma vitória quando se superam os desafios. Então todo fazer educativo, no final, tem que resultar numa vitória positiva aos alunos, à família, a sociedade.

Compreende-se que a direção da educação escolar precisa de novas rotas, fugindo desse espaço de reprodução, de transmissão e acúmulo de conteúdos, para um espaço de motivação e estímulos de novas ideias, de invenção aproximando-se da realidade, que requer pessoas criativas, autônomas, sensíveis, educadas para dar conta de uma sociedade global. Ou seja, não dá para se manter um estilo de educação bancária, que deposita e armazena para avaliar, mas incentivar o conhecimento, criando novos modos de viver e educar é uma exigência contemporânea (FREIRE, 2016). Sobre essa questão, o grupo-pesquisador aponta para algumas dificuldades na inserção do novo:

Na convivência escolar o medo se dá justamente na questão de inserir o novo, na questão de mostrar metodologias inovadoras. Porque sempre há uma grande rejeição, principalmente por parte da família em achar que o professor não está desempenhando o seu papel, a sua função da formação como deveria. (GRUPO-PESQUISADOR, 2020).

Tendo em vista o relato, requerem-se mudanças no sistema educativo, pois educadores/as, cada vez mais, lançam mão de modificar seus métodos de ensino, devido a grande pressão familiar, que causa insegurança, fazendo com que os mesmos foquem seu fazer no desenvolvimento de atividades e conteúdos que possuem como função principal a preocupação de não perder tempo com outros debates, focando plenamente em desenvolver o programa anual e manter a ordem, garantindo atitudes de alunos/as favoráveis à comunicação e reprodução dos conhecimentos já padronizados, o que precisa ser repensado pois:

Ao meu ver, devemos partir de coisas bem básicas. Desde crianças estamos formatados e formatadas, pela escola, pela família, pela mídia etc. (tudo o que a Análise Institucional chama de “instituição” educativa, conforme Lourau, 1993) até o mais íntimo do nosso corpo, por sermos submissos às redes de desejo, poder e saber dominantes. Com essas padronizações só pode morrer a criatividade, e nossa capacidade de criticar – de termos um olhar crítico – se torna extremamente limitada ao que nosso consciente pode atingir. (GAUTHIER, 2021, p. 48).

Essas circunstâncias limitam a ação pedagógica dos/as professores/as a preparar exercícios que envolvam todas as atividades preestabelecidas, porque eles acabam tendo por

sintetizar suas funções a serem responsáveis por manter a disciplina na sala de aula e fazer com que os alunos aprendam os conteúdos obrigatórios da matriz curricular. Isso lhes causa medo e angústia, porque acabam não tendo tempo, nem espaço para aprofundar os problemas trazidos pela classe, nem negociar novos conhecimentos curriculares a partir do que vivenciam na vida cotidiana. Sobre essa questão de preparar-se para enfrentar os conflitos causados por essa fragilidade na tomada de decisões pedagógicas, o grupo-pesquisador assinala como solução a liberdade a autonomia docente:

A gente precisa estar livre, estar aberto para receber as novas demandas, as novas situações que vão vir, pois a gente sabe que tem dia que é mais calmo, tem dia que é mais difícil, tem dias que eles estão calmos, e tem dias que você pensa: “- meu Deus, será que eles não estão bem? Estão sentindo alguma coisa?” Então acho que é preciso se montar, se renascer, estar vazio para resolver ou acolher os problemas e as situações que vão surgir. (GRUPO-PESQUISADOR, 2020).

Como vimos, educadores/as relataram a necessidade de liberdade para o fazer docente, sendo importante a presença de espaços vazios para que haja um renascimento de suas ações, pois como destacaram no confeto **Convivência-cabaça-vitória**, mesmo quando estão ligados ao Projeto Pedagógico da escola, que nem todos concordam, no qual é necessário um foco no cumprimento dos conteúdos programáticos, que acaba não deixando tempo e espaço para as inovações, para os debates sobre problemas trazidos pelos discentes. É preciso reagir à própria pressão familiar pelo cumprimento do programa curricular e a aprovação ao final do ano letivo, pois constata-se ser necessário superar esses desafios, desenvolvendo um processo contínuo de construção de práticas educativas sensíveis e inovadoras, que crie espaços de discussão e debate coletivos, trazendo a cooperação entre os pares, ao invés de um fazer isolado.

Os/As professores/as enfatizaram ainda que necessitam do conhecimento de novos métodos, que abarquem o conhecimento de ideologias, histórias de vida, interesses subjetivos e práticas educativas com base na realidade dentro e fora da sala de aula, contribuindo, desse modo, com a sua formação contínua, fortalecendo e tornando possível a implementação de projetos sensíveis e inovadores, que no final, resultarão numa vitória positiva para as famílias, os/as estudantes, professores/as e a comunidade. Como defende Nóvoa (1991, p. 67): “[...] não há ensino sem uma renovação permanente dos meios pedagógicos, sem uma concepção cotidiana de novos materiais [...] os professores encontram-se perante uma atividade constante de produção e invenção”. Até porque é inegável que o ensino participativo é um dos únicos métodos de ensino que podem realmente gerar entusiasmo na sala de aula e fazer com que alunos/as e professores/as tenham a alegria de ensinar e aprender, pois é através da

combinação de pensamento crítico e diálogo que se pode criar uma sala de aula inovadora e realmente alcançar uma vitória.

Isto é, estimulando e desenvolvendo o gosto pela alegria, contra toda forma de discriminação, preconceito e exclusão, dentro e fora da escola, estando atentos também ao espaço familiar. Esse efeito complementar é sugerido através do confeto **Formação em sociopoética-cabide-da-muquirama**, que é uma formação docente-cabide, um suporte, um sustentáculo que deixa os/as professores/as mais preparados/as para lidar com as diversidades, os problemas, os desafios que vão surgir no meio do nosso caminho e que sabemos que sempre vão existir; então o cabide da muquirama seria um objeto para dar força e coragem para enfrentar as situações. Temos problemas sim, até em casa, com dois filhos, existe problemas, imagine com 10, 15 crianças e adolescentes diferentes! Mas graças a Deus, aqui também somos muito amados, muito respeitados!

O confeto **Formação em sociopoética-cabide-da-muquirama** tem relação com a dedicação na docência, explicando que vale ressaltar que a experiência docente deve nos despertar, inspirar e desenvolver a capacidade do gosto, da alegria, sem a qual a prática educativa perder-se-á. É esse poder misterioso, às vezes chamado de vocação, que explica que, apesar dos contratempos, a maior parte dos docentes permanece lutando. Suas responsabilidades e funções educacionais não são apenas mantidas, mas também cumpridas, como dever pela educação.

Assim sendo, faz-se necessária uma educação não normalizadora, que como descrito anteriormente, seja um verdadeiro “laboratório de criação”, fornecendo experiências entre alunos/as e professores/as, tendo como potência a inovação e, conseqüentemente, os novos conhecimentos, que precisam estar ligados tanto ao interior como ao exterior da escola para que abranjam os comportamentos sociais para o desenvolvimento cognitivo dos estudantes. Observamos que para compreendermos os motivos que fazem da escola hoje um espaço de reprodução dos valores hegemônicos, é necessário sair desse espaço, ampliar nosso olhar para a própria forma como a sociedade produz as verdades sobre o que deve ser reproduzido. Demanda-se aprender a sair dos muros escolares para que, ao entrar nesse espaço, possamos senti-lo de uma outra forma, pois ainda estamos muito atrelados a um modelo único e,

Aqui se encontra o perigo das escolas: de tanto ensinarem o que o passado legou – e ensinarem bem – fazem os alunos se esquecerem de que seu destino não é o passado cristalizado em saber, mas um futuro que se abre como vazio, um não-saber que somente pode ser explorado com as asas do pensamento. Compreende-se então que Bartlhes tenha dito que, seguindo-se ao tempo em

que se ensina o que se sabe, deve chegar o tempo quando se ensina o que não se sabe. (ALVES, 2004, p. 62).

Mediante o exposto, os fios do pensamento do grupo-pesquisador apontam para reclamar-se por essa saída, pelos espaços vazios, que o confeto **Convivência-cabaça-vitória** já sinalizou, demonstrando a potência de vivenciar experiências coletivas, de mãos dadas, evidenciando atividades de refletir, pensar, aprender com o tempo/espaços diversos. Nos formamos nos lugares de convivência e com pessoas de tempos diferentes. Como aponta Alves (2004, p. 59): “Aquilo que um dia eu não sabia me foi ensinado; aprendi com o corpo e esqueci com a cabeça”. É curioso pensarmos nesse aprendizado coletivo, que se faz com o corpo todo e em todos os lugares. A seguir, podemos ver esse destaque no diário do grupo-pesquisador sobre a importância desses lugares de convivência para a formação em sociopoética:

Diário Grupo-pesquisador, Povoado Buriti do Castelo, 8 de novembro de 2020

“A Sociopoética nos faz perceber o corpo como uma parte do fazer, do produzir conhecimento. O corpo não pode estar restrito somente a mente, existe outras formas de produzir, registrar e perceber as coisas do mundo, uma delas, é o conhecimento. As sensações também são um indicativo da percepção do conhecimento, de reflexão, dos sons. Outrossim, o conhecimento oriundo das práticas sociopoéticas é a convivência em grupo, ou seja, está em contato com culturas, ideologias diferentes é outra forma de conceber o conhecimento. Em resumo, a sociopoética é corpo como movimento fundamental para o conhecimento.”

Identifica-se, conforme Costa (2019), que precisamos encarar o desafio de desmontar as conjecturas de neutralidade nas quais o processo educativo e o espaço escolar alicerçaram-se, o que será viável somente quando o corpo docente, funcionários, a gestão e as famílias ampliarem seus olhares, não somente para as interações que acontecem dentro dos muros escolares, mas para a relação que elas têm com o que acontece fora deles, pois aqueles/as que se inserem nas instituições escolares trazem consigo valores, ideologias e normas que fazem parte de seus corpos e suas identidades dentro e fora da escola.

Constata-se a relevância de adentrar a novos espaços, sair da sala de aula, perceber o que nos afeta no entorno, na vida. Habitar a escola através das vivências e percepções coletivas, desmontando as formas enraizadas a partir de uma outra realidade que nos acompanha, que nos tem sentido e significado por fazer parte do nosso cotidiano, dentro dos espaços e interações coletivas. É preciso fazer da escola um ambiente do pensamento e de conhecimentos coletivos, preocupado com a realidade, olhando e valorizando outras formas de formação. Compartilho das palavras do grupo-pesquisador, que parte da necessidade da escuta e acolhimento às diversidades, reconhecendo o pensamento coletivo como uma força e potência para o

renascimento de um outro modelo de escola, recriando lugares para outras culturas, sem perder a nossa. Como podemos constatar a seguir, no diário do grupo-pesquisador:

Diário Grupo-pesquisador, Povoado Buriti do Castelo, 8 de novembro de 2020

“O Pensamento coletivo é algo que deve ser preservado nas instituições de ensino. A coletividade é a maior missão da escola. Tornar os sujeitos seres pensantes, interpretar situações, conviver e aceitar as culturas, as ideologias e sua postura religiosa. Afinal a escola é um espaço de convivência e responsável pela construção do conhecimento. Nesse sentido, as criações humanas nascem das inquietações, das ausências, e principalmente da necessidade de formas de facilitadores para suas atividades do dia a dia. Ou seja, é quando o homem torna-se insatisfeito com o mundo ao seu redor, ele é colocado em um estado de descoberta à mudança. Afinal, a criação, ou melhor, o processo criativo surge por meio de uma viagem, na qual o sujeito beira o campo da imaginação para desenvolver suas ideias. Nessa viagem, o imaginário começa a ganhar formas, traços e torna-se real.”

Em torno dessa problemática, e complementando a ideia presente nos confetos **Convivência-cabaça-vitória** e **Convivência-Cabaça-Determinação na escola**, surge então o confeto **Convivência na escola-Força-Botõesinhos**, é a convivência na escola, que vem da força dos botõesinhos unidos, que é quando se trabalha em equipe, se deixa o individualismo de lado e se busca ajuda no colega, quando se passa por dificuldades. Essa convivência automaticamente nos fortalece, porque por mais que isso pareça ser algo comum, mas ainda não é, infelizmente, há muita resistência por parte de alguns professores em pedir ajuda ao colega para realizar suas atividades. Mas é preciso ter essa união, ter essa parceria para que tudo dê certo.

Observa-se que esse é um trabalho botõesinho, que é pequeno, do dia a dia, é quase invisível, por ser uma micropolítica expressa nas ações do cotidiano. Inspirada em Gallo (2002), essa educação menor, ou seja, esses botõesinhos, teria pelo menos três características, sendo a primeira a *desterritorialização* dos processos educativos, que seria capaz de nos afastar da educação maior como máquina de controle, que nos impõe como educar, ou seja, a desterritorialização seria a resistência contra as normas de uma educação maior, sendo capaz de abrir espaços no ensino em sala de aula que escapem ao controle. Como segunda característica, o autor aponta a *ramificação política*, que seria como trincheiras de resistência, capazes de promover uma política do cotidiano a partir das relações entre os sujeitos da escola, criando rizomas entre alunos/as e professores/as, mantendo os projetos educativos em aberto para o debate, gerando novas multiplicidades de conhecimentos como consequência dessa conexão. Por fim, o autor aponta como terceira característica o *valor coletivo*, que seria uma aposta na multiplicidade, sem a menor possibilidade de pensar-se em um trabalho isolado, pois

essa prática é coletiva. Dessa maneira,

A educação menor é uma aposta nas multiplicidades, que rizomaticamente se conectam e interconectam, gerando novas multiplicidades. Assim, todo ato singular se coletiviza e todo ato coletivo se singulariza. Num rizoma, as singularidades desenvolvem devires que implicam em hecceidades. Não há sujeitos, não há objetos, não há ações centradas em um ou outro; há projetos, acontecimentos, individuações sem sujeito. Todo projeto é coletivo. Todo valor é coletivo. Todo fracasso também. (GALLO, 2002, p. 176).

Contudo, é preciso destacar que ainda é difícil para muitos docentes a quebra com essa educação maior e normalizadora, passando a compreender que precisamos estar abertos ao novo, até porque continuamos aprendendo durante toda a vida, sendo a profissão docente algo incompleto, inacabado, que precisamos da motivação e do olhar do outro para construir novas aprendizagens. É no plano coletivo que a formação docente em sociopoética acontece, sendo necessária a interação e reflexão de nossas ações. Sendo os espaços vazios formas de fabricarmos respostas aos problemas. Formação contínua não se trata de soma de saberes; na verdade, é lugar de criação para novos saberes profissionais, que são indispensáveis, uma vez que não há soluções pré-elaboradas para os problemas didáticos, educativos, afetivos e da convivência.

Nesse trajeto, o grupo-pesquisador trouxe o confeto **Formação em sociopoética-círculo-que-sempre-vai-faltar-uma-parte**, é um círculo que ainda não está todo preenchido, ainda há espaços! Esses espaços-no-círculo-que-sempre-vai-faltar-uma-parte fazem com que se pense, repense e viaje. O espaço vazio não deve ser encarado como algo a ser sempre preenchido, muitos deles precisam, e outros não, pois o contexto escolar é muito grande e se faz além do que normalmente é atribuído ao professor. Por mais que se faça, sempre vai faltar uma parte, mas não se deve pensar que é um obstáculo que tenha que se voltar para corrigir, às vezes, pode ser a natureza daquilo que se faz e que nem sempre se vai conseguir preencher 100%. O espaço na formação docente é necessário para deixar aquela ideia de que o mundo não para e a gente deve sempre continuar indo além.

Em consequência disso, os espaços vazios da **Formação em sociopoética-círculo-que-sempre-vai-faltar-uma-parte** são sensíveis e potentes, ou seja, uma vacuidade criadora, que na concepção de Gauthier (2012), seria o equilíbrio necessário para enfrentar os desafios, num mundo repleto de dificuldades. O círculo, nessa formação, está ligado à noção de ciranda vivenciada durante a oficina, e que se trata de uma brincadeira de roda coletiva, na qual se pode dançar e cantar de forma comunitária, pois a mesma não discrimina, não tem preconceito quanto a gênero, sexualidade, raça/etnia, idade, condição socioeconômica dos integrantes,

assim como não há limite para o número de participantes, qualquer pessoa pode adentrar. Começa com uma pequena roda e, à medida que as pessoas dançam, a roda vai aumentando gradativamente, abrindo o círculo, girando e segurando nas mãos das pessoas que já se encontram dançando, seguindo o ritmo e o compasso das canções. Sendo importante ressaltar que essas pessoas são livres para entrar ou sair do círculo a qualquer hora, sem problema algum.

Assim, percebemos a potência da **Formação em sociopoética-círculo-que-sempre-vai-faltar-uma-parte**, pois evidencia que a escola precisa ser esse espaço vivo de aprendizagem, aliás, a escola também precisa (des)aprender muita coisa, estando aberta como a ciranda, a cultura da escuta, do diálogo, da alegria, do respeito às diferenças, às diversidades e às experiências sensíveis; estando aberta aos acontecimentos, acolhendo infinitos pensamentos, sentimentos e sensações. Onde educadores/as sintam-se livres para criar metodologias sensíveis, para adentrar ao círculo de opiniões dos diversos participantes da escola, possibilitando as trocas de saberes, como também podendo não seguir estratégias de ensino impostas, nas quais não se reconhece, sendo livre para entrar ou sair da roda, acolhendo aprendizagens importantes para sua formação docente, respeitando as diferenças de ideias, pensamentos e opiniões.

A formação de professores/as, inventivos/as e reflexivos/as assume de fato um papel central na construção de novas aprendizagens e na construção de práticas educativas na contemporaneidade, para que experimentemos na invenção outros modos de conviver com as diversidades, desterritorializando o que se tem engessado na formação, transformando em linhas de fuga com espaços para criação, movimentos e afecções. Como destacaram os/as docentes, é preciso recriar-se, dentro de um processo criador que é em grupo, sempre no coletivo, percebendo que ser educador/a é ser inacabado, sempre em busca de novas soluções.

Então eu vejo como eu falei, eu vejo nessa árvore a diversidade. A gente sabe que na escola surgem essas necessidades. Cada aluno é diferente e aí surge assim muitas questões com relação a diferença de opiniões. Um modo de pensar, de agir, o gosto. Cada um gosta de uma coisa diferente, uma que gosta de maturidade e outro já não gosta. Então essa árvore ela representa a diversidade que a gente vê em sala de aula. Aqui no início um queria fazer de um jeito, o outro “Não, vamos fazer assim”. E aí a gente percebe a importância de deixar cada pessoa ser o que ela é, ser única. (GRUPO-PESQUISADOR, 2020).

Percebemos que as formações inventivas, como no caso da sociopoética, que são trabalhadas através de oficinas, contribuem para pensar outras formas de nos relacionar no espaço escolar, afetando os modos de conviver, partilhar, inventar saberes, através de percursos

sensíveis. A Sociopoética vem, portanto, provocar educadores/as a promoverem práticas que nos desestabilizem, nos desloquem de lugares previsíveis, preenchendo alguns dos espaços vazios e deixando outros abertos para uma formação plural; intervindo no corpo coletivo, sendo uma mistura de formas de ser e fazer, com tesões e negociações sensíveis.

Como exemplo, temos o confeto **Formação em sociopoética-circopoética-espaços-vazios**, é a mandala dos espaços vazios, que necessita aprender a desaprender na relação com a convivência na escola, na qual encontram-se os desafios diários da escola, tais como: as parcerias, a convivência com os colegas, com as famílias, precisando saber identificar um problema de um aluno e saber solucionar aquele problema. Então, os espaços vazios são os desafios e os problemas que se encontram diariamente.

O confeto **Formação em sociopoética-circopoética-espaços-vazios** traz uma ideia diferente da descrita no confeto **Formação em sociopoética-círculo-que-sempre-vai-faltar-uma-parte**, pois, lá os espaços vazios são potência de criação, podendo ser preenchidos ou não, onde não é pensado como um obstáculo que tenha que se voltar para corrigir, pois não é necessário preencher 100%, uma vez que os vazios nos ajudam a perceber a formação docente como um processo inacabado. Já no confeto **Formação em sociopoética-circopoética-espaços-vazios**, o grupo-pesquisador aponta os espaços vazios como os desafios e problemas a serem superados, vendo nas cores e no entrelace das linhas as ideias diferentes que causam os desafios, surgindo a necessidade da união de toda a equipe para tentar diminuir cada vez mais esse vazios-problemas. O que demonstra que não existe um consenso sobre os espaços vazios na formação da visão dos/as educadores/as do grupo-pesquisador.

Diante do exposto, neste momento, realço a importância de refletirmos sobre os espaços vazios trazidos em ambos os confetos, e pensá-los na Formação em Sociopoética na relação com a convivência na escola como uma possibilidade de raspar, escovar, lixar clichês de resultados já organizados, para construir novas metodologias para a educação, a partir das experiências, burilando esteticamente conceitos, afectos, perceptos, linhas do pensamento do grupo-pesquisador, que destacam multiplicidades de ações educativas para a desterritorialização, reterritorialização e territorialização da educação. Pensar a convivência na escola através de uma formação em sociopoética é, nesse caso, abrir espaços para educadores/as criarem e permanecerem com garra, educando apesar dos fatores adversos, procurando fazer da docência uma experiência de criação acima dos problemas. O ato de criação faz da pesquisa-docência e da vida de cada educador uma obra de arte, sendo:

[...] Aquele que cria é aquele que adota um ponto de vista criador. Aquele que raspa, escova, faxina os clichês do senso comum e das formas legitimadas. Aquele que enfrenta o desafio de explicar suas criações, sem apelar para uma instância criadora, superior e extrínseca a ele e a seu fazer. [...] Aquele educador que sabe que a criação é sempre um processo de auto-criação, de criação de si; ou seja, um diferenciar, diferenciando-se. (CORAZZA, 2013, p. 97-98).

Nessa perspectiva, é assim que enxergo os/as educadores/as desta pesquisa, como alguém capaz da criação de si, diferenciando-se através da pesquisa-docência, que surge como um dos modelos não só de solução dos problemas escolares, mas sendo uma forma de promover as desterritorializações na educação, privilegiando as experimentações dentro das possibilidades educacionais, utilizando metodologias sensíveis e inovadoras como a Sociopoética, através da fluidez criadora, em detrimento de modelos e normas formais, sem medo da incompletude, pois é pelos vazios que surge o desejo de buscar, criar sempre o melhor para a transformação da educação. Esse novo modelo de ensino, que tem a sociopoética como carta náutica, valoriza as multiplicidades e torna-se resistência contra a mesmice, reinventando e traçando novas rotas de conhecimentos, ligadas às realidades contemporâneas de discentes.

Ou seja, a **Formação em sociopoética-círculo-que-sempre-vai-faltar-uma-parte** destaca que criar na educação exige ferramentas, novas palavras, outros modos de olhar e ver através da criação e inovação, através do campo da experimentação, exercitando e conhecendo novas possibilidades educacionais. Uma formação inventiva, que potencializa a educação, valorizando a multiplicidade, extraíndo saberes dos acontecimentos, através de uma espécie de projetos de criação capazes de gerar a desnaturalização das competências técnico-científicas, desconstruindo verdades absolutas. As experiências aqui precisam ser problematizadas para que a aprendizagem aconteça, entendendo que educadores/as e educandos/as não são sujeitos diferentes, mas sim, que fazem parte de uma mesma rede de interação, pois “[...] o ensino tem de deixar de ser apenas uma função, uma especialização, uma profissão e voltar a se tornar uma tarefa política por excelência, uma missão de transmissão de estratégias para a vida”. (MORIN; CIURANA; MOTTA, 2003, p. 48)

Em vista disso, como possibilidade para uma educação do futuro, surge a pesquisa-docência como uma forma de recriação dos conhecimentos, que segundo a **Formação em sociopoética-mandala-circopoética-espacos-vazios**, permite incorporar novos saberes profissionais, o que é indispensável nos dias atuais, uma vez que os saberes da prática não podem ser ensinados; professores/as vivem sempre o confronto da procura de soluções para os problemas educativos. Para Tardif (2014), os saberes profissionais são plurais, compósitos, heterogêneos, pois trazem à tona, no próprio exercício do trabalho, conhecimentos e

manifestações do saber-fazer e saber-ser bem diversificados e oriundos de fontes diversas e de naturezas diferentes. Assim, a pesquisa-docência apresenta-se como uma formação inventiva, que oferece possibilidades de ensino e aprendizagem para a produção do novo, criando condições diversificadas de trabalhar os conteúdos, educando para a vida, valorizando as formas de ser, favorecendo as culturas e as subjetividades.

Sobre essa necessidade de uma formação inventiva capaz de recriar-se, temos o confeto **Formação em sociopoética-escova-renascimento**, é a formação docente que precisa renascer a cada dia, limpando a mente, a alma para realmente renascer. A experiência que se vive hoje com toda a escola, a equipe e os alunos já não servem para o amanhã, e precisa renascer, e precisa de um vazio, porque embora se vá para novas turmas, e viver uma nova experiência, mas cada dia é novo, cada dia é uma experiência nova, então precisa renascer a cada dia. Precisa limpar a alma, limpar a mente e esquecer o que passou hoje, e voltar amanhã vazio, para encher-se novamente, e assim é um processo que se leva para a vida, essa relação com a escova.

O confeto **Formação em sociopoética-escova-renascimento** complementa as ideias do grupo-pesquisador destacadas no confeto **Formação em sociopoética-círculo-que-sempre-vai-faltar-uma-parte**, pois realça o pensamento de manter espaços vazios para a construção da educação, possibilitando limpar e criar espaços para o novo. Sendo importante que educadores/as realizem um diagnóstico e planejamento de suas ações pensando nos discentes, indo além das “receitas” ou “manuais” curriculares, mantendo espaços vazios para serem preenchidos durante o processo de ensino e aprendizagem, usando métodos de ensino que levem a processos de conscientização e libertação das ideias, colocando em funcionamento outros modos de educar, criar, estudar, ensinar e aprender, que não sejam mera repetição de práticas pedagógicas ultrapassadas.

Por um outro lado, o grupo-pesquisador elabora o confeto **Formação em Sociopoética-limpeza**, é a formação docente que na condição de escova, vê o que faz parte da vida. Então trazendo para a formação em sociopoética dentro da escola, a escova teria a função de limpar a sujeira que nos deixa mal, pois às vezes não sai como se quer, e tem que fazer essa limpeza na mente, nas ações que frustram e causam más situações. Então é necessário limpar nossa alma acadêmica. Esse processo de limpeza presente na **Formação em Sociopoética-limpeza** é diferente do anterior, porque nesse caso a limpeza despotencializa porque não percebe o processo de criação, devido às expectativas individuais. Não sai como eu quero, mas precisa sair como eu quero? O que sai precisa ser valorizado? O que acontece é criado independentemente do meu querer. A ideia da frustração acontece porque se cria expectativas ao construir planejamentos fechados em torno dos conteúdos em sala de aula, que acabam

dizendo como deve ser, e se perde o processo de criação que está sendo gestado, porque criou-se uma ideia fixa do que deveria ser, não abrindo espaços para os vazios da criação, que estão nas trocas entre os vários sujeitos presentes na dinâmica escolar.

Seguindo esse fluxo do pensamento do grupo-pesquisador, dentre os problemas da convivência ligados à **Formação em sociopoética-escova-renascimento** e **Formação em Sociopoética-limpeza**, na formulação da trilha de novas ideias para trabalhar com crianças e adolescentes do ensino fundamental, os/as docentes destacaram a emergência de uma ligação e a disponibilidade de recursos e conversas para a implementação do confeto **Convivência na escola-escova**, é a convivência fundamental, pois ao escovar, dar a ver, dar espaço ao que se encontra na escola, é a escova que gera espaços vazios, dando lugar para: culturas diferentes, ideologias diferentes, e acaba esbarrando nas ideologias uns dos outros. Sendo preciso fazer essa limpeza do pensamento, essa limpeza de que não necessariamente tem-se que levantar a mesma bandeira, assim como nem todo mundo tem que pensar igual, talvez porque sempre tem que se renovar, purificar mesmo os pensamentos e entender o outro; é mais ou menos nessa concepção.

Como observamos, essa formação em sociopoética gera esta **Convivência na escola-escova**, que levanta como questão remover o pensamento conservador, porém, através de uma pureza-diversa, que é diferente do sentido fascista, que liga pureza ao que é homogêneo; aqui a pureza-diversa não permite uma única história, promovendo, assim, a invenção de novas aprendizagens, através da mutabilidade de pensamentos, provocando experiências para culturas, ideias, pensamentos diversos, limpando essa anestesia que nos imobiliza diante da banalização de condutas preconceituosas, que acabam sendo regularizadas pela normalização. É importante percebermos que estamos em constante processo de aprendizagem, sendo assim, somos inventivos e precisamos dar lugar à sensibilidade, ao desenvolvimento cognitivo e para nossa existência.

Reflete-se que nossas subjetividades individuais, com raízes em nossas histórias de vida, podem ser reconfiguradas, criando novos sentidos. Enquanto educadores/as, é necessário permanecermos abertos a mudanças, problematizando as situações de convivência, criando, como filósofos, novos conceitos para ultrapassar as fronteiras. Para Schöpke:

[...] ou seja, ele pode ou não criar formas de existência, pode ser ou não capaz de criar um pensamento que subverta toda uma antiga ordem, mas ele inegavelmente cria conceitos e, em seu plano de imanência, tais conceitos existem e subsistem independentemente do mundo exterior. (SCHÖPKE, 2004, p. 137).

Nesse sentido, esta formação em sociopoética como metodologia sensível e inovadora para a convivência escolar pautada nos princípios de pesquisar, ensinar e aprender coletivamente, com o corpo todo, com a valorização das culturas de grupos silenciados e de resistências, com o uso de dispositivos artísticos, com responsabilidade ética, política, noética e espiritual, estabelece uma diferença primordial nos processos educativos, pois descondiciona a percepção arraigada e constrói outros modos de pensar, longe dos habituais modos de existir naturalizados e reproduzidos em nosso fazer pedagógico, especialmente os (pre)conceitos arraigados sobre o outro, o diferente.

Essa formação, portanto, tem um valor antropológico, por relacionar-se com o mundo, com os outros, consigo mesmo; tendo o prazer em ensinar a sensibilidade em educar e o desejo de aprender como elementos fundamentais da vida escolar. Conforme Charlot (2013), entendendo que o problema não é de motivação, mas de mobilização, despertando nos estudantes, educadores, gestores e comunidade um movimento interno, dentro de si, de sempre procurar aprender e ensinar de forma afetiva.

8 FORMAÇÃO EM SOCIOPOÉTICA NA RELAÇÃO COM A CONVIVÊNCIA NA ESCOLA EXIGE PARCERIAS PARA TRANSCRIAR A ESCOLA

*Há escolas que são gaiolas. Há escolas que são asas.
Escolas que são gaiolas existem para que os pássaros desaprendam a arte do voo.
Pássaros engaiolados são pássaros sob controle.
Engaiolados, o seu dono pode levá-las para onde quiser.
Pássaros engaiolados sempre têm um dono.
Deixaram de ser pássaros.
Porque a essência dos pássaros é o voo.
Escolas que são asas não amam pássaros engaiolados.
O que elas amam são os pássaros em voo.
Existem para dar aos pássaros coragem para voar.
Ensinar o voo, isso elas não podem fazer, porque o voo já nasce dentro dos pássaros.
O voo não pode ser ensinado. Só pode ser encorajado.*

(Rubem Alves)

Sair por aí transcriando ou estranhando o mundo é, para o/a educador/a e para a sociopoética, repensar o conhecimento consagrado para abrir a possibilidade para o voo ao novo. Como diz Rubem Alves (2001): “O voo não pode ser ensinado. Só pode ser encorajado”. Logo, o problema é visualizar outros caminhos possíveis, nos quais exista uma ciência capaz de dissolver valores naturalizados e, sobretudo, que faça autoanálise de suas práticas e escolhas, que permita a emoção movimentar o pensamento, sendo força de criação para outros ritmos e passos que nos levem a inspirar nossos/as alunos/as a criarem asas e alçarem voos para a invenção.

Devemos, enquanto professores/as, adentrar, analisar o nosso envolvimento com a escola e com as pessoas que atravessam esse espaço de ensino, pois durante o trajeto de nossas vidas, travamos relações com várias instituições de pertencimento, porém, nem sempre analisamos como o nosso olhar é influenciado pelos vínculos que estabelecemos com cada uma delas, tais como a família, escola, comunidade etc. Somos atravessados constantemente, no ambiente escolar, por influências internas e externas, conscientes e inconscientes, sendo essencial que os conhecimentos tenham sentido e respondam aos nossos problemas.

Necessitamos, pois, trazer à tona o que nos move e o que nos paralisa, para podermos fundar uma educação distante das idealizações, mais associada às práticas cotidianas dos sujeitos envolvidos, e sem hierarquizações entre os diferentes tipos de saberes produzidos em sociedade, permitindo-nos um processo de aprender com o mundo, com os outros, consigo mesmo; deslocando-se o máximo possível pelas experiências sociais. Por isso, a formação em

sociopoética desvenda as redes e as amarras institucionais que nos transpassam, sendo um convite para aprendermos além dos muros. Ademais, é preciso que, enquanto educadores/as, possamos perceber que aprendemos coisas fundamentais dentro e fora da escola. São coisas específicas, que fazem parte do cotidiano, que devemos respeitar e inserir os vários lugares e situações de aprendizagens em nossa prática educativa (CHARLOT, 2013). Como podemos perceber na autoanálise do grupo-pesquisador exposta no diário a seguir:

Diário Grupo-pesquisador, Povoado Buriti do Castelo, 8 de novembro de 2020

“A sociopoética me trouxe a compreensão do quanto é necessário se repensar num ensino e num ambiente escolar que pode fugir dos padrões estabelecidos a décadas, em benefício da inclusão, do saber e do desenvolvimento de competências e habilidades. Cabe a todos buscar novos métodos, isso tanto docentes, quanto o grupo gestor. Buscar ao máximo o conhecimento em novas áreas para que o ensino, a escola como um ser, não se torne refém de alguns conceitos enferrujados. Agradeço muitíssimo as professoras Vanessa e Mayara pela nova experiência adquirida e conhecimentos compartilhados.”

Nesse sentido, a escola urge pela desnaturalização das práticas, contribuindo para a construção de novos caminhos para habitar e circular por este ambiente de aprendizagem. Como educadores/as, sabemos que os estudantes só aprendem de verdade aquilo que faz sentido para sua vida, e é dever da escola despertar o desejo de aprender através de saberes diversos, não apenas científicos, mas que elaborem um projeto pedagógico que perceba o entorno, sua comunidade, o que está presente no cotidiano de crianças e adolescentes, valorizando a bagagem que cada um já traz preenchida, como gatilho para as aprendizagens. O confeto a seguir fala dessa necessidade de abrir espaço para as diversidades para que aconteçam mudanças por meio do desmonte da formação, como já conhecemos, entendendo que a **Convivência na escola-árvore-diversidade-de-cada-um** é a árvore que a gente logo vê nela a diversidade, a criatividade, a ideia de cada um, porque cada ser humano é único e diferente, e a gente vê nela a diversidade, leva tudo que foi construído em grupo, e por isso ela é tão diferente.

O confeto **Convivência na escola-árvore-diversidade-de-cada-um** faz-nos perceber outros modos de pensar as práticas educativas na relação com a convivência, tendo as diversidades e diferenças como dispositivo de criação, que desafiam as formas instituídas, criam as ramificações que se juntam em novos fios, capazes de potencializar novas abordagens. Por outro lado, é importante destacarmos a ideia de Deleuze (1992) sobre a aula como paixão, como um ensaio, que de alguma forma, experimentamos no início da nossa carreira, e que vamos perdendo essa motivação, por várias razões. Para o autor, é nos agenciamentos que encontraríamos pontos de junção dos processos subjetivos:

Não buscaríamos origens mesmo perdidas ou rasuradas, mas pegariamos as coisas onde elas crescem, pelo meio: rachar as coisas, rachar as palavras. Não buscaríamos o eterno, ainda que fosse a eternidade do tempo, mas a formação do novo, a emergência ou o que Foucault chamou de “atualidade”. (DELEUZE, 1992, p. 113).

Precisamos nos apaixonar e fazer com que os estudantes apaixonem-se pelos estudos, pelos conhecimentos e pelos acontecimentos vivenciados no cotidiano. A prática docente precisa estar atrelada às realidades dos discentes, em meio às suas incertezas, desafios, singularidades, sendo a sala de aula um anexo da vida real, um espaço de emoção. Diante dos aspectos problematizados pelo grupo, refletem o problema de inserir uma formação em sociopoética na escola, especificando alguns problemas, sendo uma das problemáticas apontadas pelos/as educadores/as, exatamente a aceitação de novas metodologias, muitas vezes pelos próprios discentes, que acabam desanimando os/as docentes. Esses/as, descrevem na **Formação em Sociopoética-árvore-aceitação-na-sala-de-aula** é a aceitação como problema que é muito difícil, porque eu sempre tento levar texto para motivar, levar dinâmica, e assim, quando você tenta, chega na sala toda animada, às vezes gasta tempo, gasta até dinheiro produzindo material, e aí quando você chega que fala, vem o aluno e diz: “Ah tia, essa daí eu já conheço, não precisa nem fazer”. Aí você volta assim, acabada. É um problema a questão da aceitação do novo.

Hoje em dia existe uma carga muito pesada sobre os/as professores/as, como destaca o confeto **Formação em Sociopoética-árvore-aceitação-na-sala-de-aula**. Para os/as profissionais, muitas crianças e adolescentes consideram o ensino uma obrigação do/a professor/a, e quando possuem dificuldades, não observam o esforço e a dedicação dos/as professores/as, culpabilizando-os/as pela nota ruim, ou por não entenderem determinado conteúdo. Esse pensamento de ir a escola apenas para passar de ano faz com que os/as discentes distanciem-se da verdadeira atividade intelectual, que acontece através das relações. E acabam por não valorizar o esforço dos/as docentes de proporcionar experiências diversas, criando novas formas de conhecer, que não sejam apenas as determinadas pelos currículos, mas também, transversalizando o ensino.

Sendo assim, o grupo-pesquisador elencou um novo problema, que é o de introduzir na escola a autonomia da profissão docente, que perpassa o campo da complexidade, incertezas, singularidade e conflito de valores. Como sabemos, trabalhar coletivamente é uma luta permanente para resolver problemas, possibilitando repostas bem-sucedidas; no entanto, é um desafio constante, devido aos arranjos necessários entre especialistas e os sujeitos da escola.

Contudo, refletir sobre os desafios encarados por professores/as traz à tona as tensões e

contradições de um/a profissional que sonha em tornar a escola um lugar de trocas de aprendizagens, mas que se sente obrigado/a a cumprir um papel de dar notas aos/às alunos/as. As mudanças só são possíveis nas travessias das experiências na formação continuada, que nos transformam, abrindo caminhos para o desconhecido, pois elas têm a ver com o não-saber, com o limite do que conhecemos. Possibilita-nos desenvolver o pensamento reflexivo na formação, de modo que, professores/as compreendam que o processo formativo não acontece por acumulação (de cursos, de técnicas e ou saberes), mas parte do trabalho de refletir sua prática educativa criticamente, tendo em vista uma (re)construção permanente de sua identidade profissional.

Na sociedade contemporânea, o docente trabalha nessa encruzilhada que está a realidade da escola, com problemas graves: econômicos, sociais e culturais, que passam tanto pelo caminho de formação de estudantes como também pela formação de educadores/as que nela atuam. Na escola que temos, prima-se pela dominação, e não pelo sensível; situação caótica, pois não se aprende a viver, a vida parece uma aprendizagem ignorada para os saberes escolares.

Nesse sentido, defendemos uma transformação que passa pelo potencial da autoformação, na invenção de si e de suas ações boas ou ruins, que nos permitem incorporar saberes às nossas experiências. Deste modo, o grupo-pesquisador, em oposição ao confeto **Formação em Sociopoética-árvore-aceitação-na-sala-de-aula**, elabora o confeto **Formação em Sociopoética-Cabaça-Vitória**, que é a soma das experiências boas e ruins na formação docente. No final, o que importa é aquilo que a gente aprende, é sempre uma vitória. As experiências ruins também vêm para nos ensinar, motivar-nos a seguir um caminho melhor, diferente do que a gente havia feito.

Aqui observamos que não existe um consenso entre os/as professores/as, pois para uns, na **Formação em Sociopoética-árvore-aceitação-na-sala-de-aula**, é muito chato aceitar tudo, porque o aluno não aceita, e isso é difícil, pois deixa os/as educadores/as acabados/as, chateados/as com essa situação. Já na **Formação em Sociopoética-Cabaça-Vitória**, tudo pode ser uma vitória, até mesmo as experiências ruins, ou seja, aqui existe uma contradição entre esses dois confetos.

O confeto **Formação em Sociopoética-Cabaça-Vitória** evidencia que a educação é um processo permanente, que não acontece por acumulação, mas pelas experiências; sendo elas boas ou ruins, trazem conhecimento. De acordo com esse confeto, mudanças pedagógicas para o enfrentamento dos problemas do cotidiano precisam ser promovidas e encorajadas para melhoria da qualidade do ensino. O grupo-pesquisador continuou afetado e complementou esse confeto, dizendo:

Quando temos conhecimento nos tornamos pessoas mais corajosas para que assim possamos chegar à vitória. Então há essa conexão entre essas cabaças dessa forma. A transformação ela vai acontecer através da busca por conhecimento. Esse conhecimento nos torna pessoas mais corajosas para que assim possamos atingir e chegar a essa vitória. (GRUPO-PESQUISADOR, 2020).

Entende-se, desse modo, a formação docente na convivência como sendo algo além dos conteúdos, diz respeito ao dia a dia, às experiências da sala de aula. A resposta a essa questão depende, obviamente, da forma com que se trabalha outros modelos, diversificando a prática de formação, que passa pela experimentação, pela inovação, pelo ensaio de outros modos de fazer. No entanto, como explica Nóvoa (1992, p. 28): “As escolas não podem mudar sem o empenho dos professores; e estes não podem mudar sem uma transformação das instituições em que trabalham”. Assim, o grupo-pesquisador retratou outro problema que os/as paralisam, dificultando a introdução da formação em sociopoética no cotidiano da escola. Nas palavras do grupo-pesquisador, afirmaram:

Sobre os problemas... a forma que a gente pode pensar enquanto escola é na limitação de recursos, por exemplo. Paralisa bastante, a gente fica limitado aos poucos materiais que a escola fornece. Às vezes a gente tem que tirar do próprio bolso pra complementar, mas sempre a gente vai ficar naquela barreira de que poderia fazer mais, mas a gente não tem os recursos suficientes. (GRUPO-PESQUISADOR-2020).

Refletindo sobre essa problemática apontada pelos docentes, precisamos nos perguntar: “O que precisamos para educar?”. Cabe destacar, que a sociopoética pretende demonstrar, através de oficinas, que o problema não é o recurso, é uma questão de ter-se um novo olhar sobre os recursos disponíveis, percebendo a potencialidade do que podemos colher no próprio ambiente. Uma vez que não é necessário sala de aula para fazer educação, pois é possível fazer escola até mesmo debaixo dos umbuzeiros da praça, usando dos recursos que temos. É preciso, na educação para o século XXI, atividades que percebam que reduzir, reutilizar e reciclar, dando novo sentido às sucatas e aos materiais, que para muitos seriam lixo; recriando e aproveitando os recursos, transformando-os em matéria-prima, além de trabalhar vários conceitos e conteúdos. Podemos ressaltar a importância da própria preservação ambiental, e ao habitar outros espaços da comunidade como sala de aula, ainda teremos a possibilidade do contato com a natureza, embaixo da sombra das árvores.

Observa-se que se abre mão de práticas e experiências transformadoras para convivência escolar em prol de conteúdos programáticos, muitas vezes inúteis para a vida. Sendo assim, a formação inventiva como uma maneira de formar pelo desmanchamento daquilo que se instala como dificuldade, fazendo com que repensemos as experiências através do desenvolvimento de

outros modos de fazer. É pelo imprevisto que se vive a potência dos acontecimentos (DIAS, 2012). São muitos os desafios que impossibilitam o trabalho docente, mas é preciso compreender que esse processo de formação é infinito, sendo necessário trabalharmos as ideias coletivas, através de conversas, leituras, afetos, que nos levem a experienciar outros modos de pensar e fazer a educação contemporaneamente. Seguindo esse pensamento, o grupo-pesquisador ressalta que o/a professor/a precisa, portanto, ser maleável:

Como falei o professor deve ser maleável e flexível, fazendo uma comparação com cada um desses espaços aqui, que tem cada um tamanho diferente e a gente tem que saber se encaixar nele, ou seja, em cada situação. A escola tem construído uma estrutura muito mais flexível, maleável para lidar com esses espaços vazios. Cada problema desses é uma história e uma situação diferente, tem todo um contexto diferente, e é por isso que o contexto escolar precisa ser maleável e flexível. (GRUPO-PESQUISADOR, 2020).

Sobre isso, o grupo-pesquisador destaca que a formação em sociopoética torna-se uma possibilidade de construir uma prática educativa mais humana, que busca conhecimentos fora desse ambiente, trazendo potência. “‘Habitar’ a sala de aula significa formar esse espaço de acordo com gostos, opções, margens de manobra; considerar alternativas, eleger algumas e descartar outras” (DUSSEL, 2003, p. 24). Nesse sentido, o trabalho pedagógico é um ato performático, marcado por formas de invenção, especificidade e crítica, percebendo-se como algo que precisa ser maleável e flexível; próximo ao contexto e interesse de todos. Como destacado no diário do grupo-pesquisador a seguir.

Diário do Grupo-pesquisador, Povoado Buriti do Castelo, 8 de novembro de 2020

“Hoje a minha consciência sobre a convivência escolar, se fortaleceu, pois através das atividades desenvolvidas pude perceber que é necessário, por mais desafiador que possa ser o ambiente escolar, ser maleável, flexível, apto a se adequar as situações. Construí um objeto que trouxe ao momento várias reflexões e simbologias que foram aplicadas ao ambiente escolar. Existe uma necessidade de sempre está se modelando, ajustando, repensando e buscando. Isso acaba por tornar a escola mais acolhedora e inclusiva. Então fazer algo sempre será melhor do que não fazer”.

Os/As docentes continuaram suas reflexões, apontando ainda que na formação em sociopoética o problema pode ser também a questão do medo de buscar o novo, porém, assinalam que vão precisar mudar, estando abertos/as a novas aprendizagens, conhecendo os conteúdos, trabalhando-os de forma que levem os/as estudantes a argumentar, pesquisar, conquistar novas visões, pois as experiências de aprendizagem necessitam passar por outras situações, que envolvam jogos, brincadeiras, visitas de campo, projetos, debates. Segundo a linha do pensamento docente, infelizmente, o medo acaba por diminuir as possibilidades de

inovação, devido a não aceitação, o que acaba impedindo a comunicação e interação com novas práticas, como eles destacam no relato a seguir:

[...] O medo de buscar o novo. E por que esse medo de buscar o novo? É a questão mesmo da não aceitação, como foi dito. Não só por parte da família, mas muitas vezes por parte até do próprio grupo gestor da escola. Quando se trata de metodologias inovadoras sempre há um certo medo por parte dos professores em tentar colocar em prática. Porque muitas vezes dá muita resistência e aí tudo que é novo causa um certo estranhamento. Então, isso de certa forma prende o professor, faz com que ele se mantenha naquele sistema tradicional, justamente pelo medo de não ser aceito, de ser visto como alguém que, como é que eu posso dizer, alguém que de certa forma não está desempenhando o seu papel da forma correta. Que como foi dito pela nossa colega, muitas vezes quando o professor chega com uma ideia nova e está executando ali em sala de aula, automaticamente pensam: “o professor está fazendo aquilo porque é preguiçoso, não quer trabalhar”. E aí o aluno chega em casa contando aos pais que naquele dia o professor levou uma metodologia nova, a aula foi diferente, o pai diz: - “Não meu filho, isso não é aula. Seu professor está lá simplesmente para ganhar dinheiro e não está trabalhando da forma como deveria.” Então é esse medo que muitas vezes nos impede de seguir em frente, de tentarmos ser profissionais cada vez melhores. (GRUPO-PESQUISADOR, 2020).

A visão dos/as educadores/as é de que até gostariam de inovar, mas não o fazem por medo. Apontam para uma direção que merece destaque: Será que o contexto escolar favorece a acomodação e a rotina? Identifica-se que os problemas acabam reduzindo as chances de inovação, até mesmo pela não aceitação, reduzindo a sensibilidade para a criação no ambiente escolar. E se quisermos mudança, é importante deslocarmo-nos do lugar, buscando válvulas de escape como a sociopoética, que atualizem a formação docente. Além disso, olhar para o que nos acontece em meio às experiências, de maneira a afetar e ser afetado.

Como podemos notar nos relatos dos/as educadores/as, a descolonização do pensamento para a inserção de saberes do cotidiano escolar voltados para a interrogação sobre formação docente, práticas educativas e a convivência escolar não tem sido fácil. Muitas são as barreiras enfrentadas para uma mudança de linguagem e comportamentos, frente aos saberes instituídos, que precisam passar por um processo de conquista de uma nova escrita, linguagem, currículos, significados, invenções, experiências e de ressignificação capazes de eliminar estruturas nos espaços físicos, sociais e culturais das escolas. Como afirmam os/as educadores/as, a escola precisa tornar-se um espaço educativo e democrático que leve em consideração os direitos e as necessidades de todos; resistindo à normalização, construindo métodos eficazes para a quebra das opressões. De acordo com a filosofia do grupo-pesquisador:

Então, esse problema implica porque o professor fica limitado, então ele fica limitado entre uma metodologia desafiadora, uma metodologia que trabalhe,

que consiga interpretar o aluno, que consiga fazer com que o aluno se compreenda, que o aluno consiga entender os conceitos de uma forma não tradicional. Mas o professor ele abre mão desse conhecimento, como a gente está aqui numa capacitação para ingressar aquela ideia, como eu já falei antes. Aquela ideia tradicionalista de que o aluno precisa ter aquele conhecimento decorativo para obter uma nota. Então, eu peço que a gente tente se libertar daquelas correntes tradicionalistas, aquelas correntes ainda carregadas de uma avaliação objetiva, subjetiva, perguntas diretas, perguntas indiretas. Porque a gente deixa de lado infinitas possibilidades de se trabalhar a educação de um jeito diferente. De interpretar todo o contexto educacional, a gente ainda tá atrelado ao conceito da escola primária. Aquela evolução fraca. (GRUPO-PESQUISADOR, 2020).

Contata-se que a escola precisa de respeito, precisa de recursos, precisa do apoio da comunidade encontrando tempo para trabalhar coletivamente de forma criativa. Por outro lado, educadores/as sentem-se desvalorizados, pois a escola acaba sendo o lugar onde, em condições precárias, precisam dar aulas, cumprir com os conteúdos e atividades exigidos de forma técnica, o que muitas vezes não possibilita discutir e aprimorar suas ações; e mesmo quando buscam criar dinâmicas de transformação das rotinas, acabam não tendo apoio. Nesse complexo contexto em que se encontram inseridos, o grupo-pesquisador destaca seus desafios:

E esse desafio eu o chamei de incompreensão que posso citar outro ainda que é parecido com a incompreensão, que é a desvalorização, falta de conhecimento, de reconhecimento do que a gente faz. Eu acho que hoje a gente precisaria ser reconhecido um pouco mais, e isso a gente está vendo que está ficando um pouco sem isso. A valorização do nosso trabalho está faltando um pouco isso. Não só financeiramente, da gente mesmo reconhecer que fez um bom trabalho, se esforçou para fazer aquela aula legal, que você se esforçou para desenvolver o seu trabalho. (GRUPO-PESQUISADOR, 2020).

Nessa perspectiva, para subsidiar os relatos do grupo-pesquisador, concordo com Larrosa (2016), quando destaca que afirmar e viver as experiências nos permite libertar-nos de certas verdades, possibilitando perceber o quanto é desafiador viver em uma sociedade que tenta aprisionar cotidianamente as pessoas em um padrão, que não corresponde ao que de fato ocorre na realidade, na dinâmica das relações sociais, como assevera que:

A experiência, a possibilidade de que algo aconteça ou nos toque, requer um gesto de interrupção, um gesto que é quase impossível nos tempos que correm: requer parar para pensar, parar para olhar, parar para escutar, pensar mais devagar, olhar mais devagar, e escutar mais devagar; para suspender a opinião, suspender o juízo, suspender a vontade, suspender o automatismo da ação, cultivar a atenção e a delicadeza, abrir os olhos e os ouvidos, falar sobre o que nos acontece, aprender a lentidão, escutar aos outros, cultivar a arte do encontro, calar muito, ter paciência e dar-se tempo e espaço. (LARROSA, 2016, p. 25).

Constata-se que a escola hoje tem passado pela dissolução de pensamentos, pois ela não é mais o único lugar de aprendizagem, o que se tornou ainda mais intenso no atual período de pandemia da COVID-19, quando o espaço da casa, através da *internet*, tornou-se escola. Pensando assim, observamos que as aprendizagens atualmente, além do que em qualquer outro tempo, ultrapassam as fronteiras da escola e se dão em todos os lugares, e acreditamos que em todos os momentos. A aprendizagem não está mais dentro dos muros escolares, as rachaduras desses muros há muito tempo já o vêm exaurindo, pois, a educação confunde-se com a vida e, nesse sentido, precisa ser repensada a partir da experimentação, como algo que nos toca e que requer a interrupção, a partir da inovação, para que surjam novas possibilidades. Nas palavras de Larrosa (2017, p. 252): “Desenhar a escola é olhar para a escola, escutar a escola, sentir a escola, prestar atenção na escola, sem se deixar seduzir ou distrair pelos ornamentos, pelo que a escola não é”.

Desse modo, o grupo-pesquisador continua esse debate expondo que a escola não enfatiza o desenvolvimento das habilidades e saberes de informar-se, reconstruindo os conhecimentos com a quebra da educação cartesiana. Verificamos, na verdade, que é urgente a necessidade de uma prática transformadora, que envolva um trabalho de autoanálise, autoconhecimento de nossas realidades, afetando-se ao pensar suas próprias aprendizagens, que são necessárias para a (re)configuração da escola. Como destacaram no confeto **Formação em Sociopoética cabaça-aberta-para-novos-conhecimentos**, é o que lhe faz seguir em frente, o que lhe faz buscar a cada dia ser uma pessoa melhor, para que assim possamos atingir nossos objetivos. É uma cabaça mais aberta para novos conhecimentos, uma nova forma de ensinar e aprender, abrindo esse tipo de informação para os alunos, para a família, para que eles percebam a importância de trabalhar essa nova forma.

Como característica da **Formação em Sociopoética cabaça-aberta-para-novos-conhecimentos**, estendemos que a cabaça é aberta; no entanto, como a escola nasce fechada às metodologias inovadoras e sensíveis, é interessante pensar, o que significa dizer que para ter abertura na escola é preciso que a gente ensine, que aprenda a abrir a cabaça-escola, porque ela não está aberta, ou seja, a escola tradicional precisa de ajuda, precisa de determinação, força, coragem, motivação para trabalhar novos conhecimentos.

Nessa perspectiva, posso inferir, nesse confeto, que um dos modos de operar a resistência sobre novos conhecimentos é estabelecendo alianças positivas com os discentes, com os docentes, a equipe gestora e os/as demais funcionários, além da família e da comunidade em que a escola está inserida, fazendo emergir uma possibilidade de decisões que todos participem, tornando a escola um espaço vivo e horizontalizado, onde suas ideias e saberes

aproximem-se de todos os envolvidos. Dessa maneira, uma **Formação em Sociopoética cabaça-aberta-para-novos-conhecimentos** é capaz de abrir a escola e dar outra direção aos problemas, buscando ultrapassar os limites e resistências, construindo pontes e transpondo os limites do ensino tradicional. Diante do exposto, ensinar e aprender na escola torna-se ter convicção de que as mudanças são possíveis e necessárias para uma formação inventiva, pois no nosso caso,

[...] as questões da aprendizagem e da formação não têm relação com a adaptação a um mundo preexistente, mas, ao contrário, com a problematização desse mundo que poderia ser concebida como preexistente, como dado desde sempre, como natural. A aprendizagem inventiva remete à invenção de mundos, à invenção de novas realidades. (KASTRUP, 2012, p. 53).

Dessa maneira, a junção da **Formação em Sociopoética cabaça-aberta-para-novos-conhecimentos** sinaliza que educadores/as precisam trabalhar aliados/as na construção de uma maneira de pensar diferentemente dos processos de conhecimento, encontrando resistência para levá-los/as a outras direções, em meio às subjetividades, através de práticas concretas e de novos conceitos. Nessa direção, o grupo-pesquisador apontou que ao pensarmos a escola e a convivência entre crianças, adolescentes e professores/as, precisamos fazer travessias e ultrapassar fronteiras que nos separam, tendo como aliados para a convivência escolar, a força e a determinação:

Como aliado também eu coloquei a força, porque é preciso ter muita força para resistir, para passar por todos esses problemas. E também como aliado coloquei a determinação. Quando você tem força e determinação, você é capaz de transformar; transformar sua realidade e a realidade daqueles que convivem com você, principalmente no caso de nossos alunos. A força e a determinação elas nos fazem buscar sempre o melhor para os nossos alunos, por mais que eu tenha alguém ali dizendo que não é para ser feito daquela forma. Alguém te criticando, mas a vontade de fazer o melhor para o seu aluno é o que vai prevalecer. Então essa força, é esse poder de transformação que nos motiva a sermos profissionais melhores e tentarmos mudar cada vez mais a realidade dos nossos alunos. (GRUPO-PESQUISADOR, 2020).

Nesse ponto, a **Formação em Sociopoética cabaça-aberta-para-novos-conhecimentos** procura entender os efeitos concretos que o uso da técnica gera na sociedade contemporânea e na cognição dos indivíduos que participam das instituições escolares. Entendendo que é através da pluralidade de perspectivas e subjetividades que potencializamos a liberdade. Dessa maneira, o pensamento através de parcerias, torna-se muito mais poderoso do que simplificar os pensamentos de cada grupo, fugindo do que nos aprisiona, para a criação do novo. Eis que testamos o diferencial da sociopoética, ao proporcionar o afloramento de questões do próprio grupo-pesquisador. Gauthier (2021, p. 52-53) realça que, “[...] Talvez eu

tenha criado a Sociopoética como desafio, meio de superar esse trauma institucional que age como interdição de pensar, que mata a criatividade e no qual o senso crítico só pode se limitar a uma reação ao aspecto opressivo do instituído”.

Por conseguinte, é necessário propor, através da sociopoética, contruir novas formas de fazer a escola, pensando seus problemas coletivamente, ressignificando seus conteúdos e conceitos, tornando-os possibilidade de intervenção no cotidiano, quebrando o silenciamento das novas gerações, verificando na escola as formas de pensamento, mais do que conteúdos. Os conceitos são inventados, produzidos e precisam ser reinventados para operar em situações atuais, que pedem novas linguagens. Aqui está o cerne da questão, observar que a formação de professores/as através da criação de novos conceitos tem papel fundamental, uma vez que não podemos pensar em uma formação docente em sociopoética na relação com a convivência na escola, sem antes fazer as mudanças, o que será feito mesmo durante as práticas educativas, esforçando-se para produzir e inserir as inovações na busca por melhores caminhos para a transformação da escola. Evidenciando o que foi dito, observei nos relatos o destaque para as parcerias no fazer educativo, para o atravessamento de situações difíceis. Coadunando com essa ideia, o grupo-pesquisador descreveu:

Eu vejo a parceria na forma como a gente fez a mandala, no entrelaçado das linhas, eu vejo a parceria. Acho que é a parceria que potencializa tudo que vamos fazer, eu acho que em tudo que a gente vai fazer nós precisamos de parceria. Se eu vim pra cá, eu precisei de uma parceria, precisei do meu esposo, da minha irmã, da minha mãe, que cuidam da minha filha. Então, na escola não é diferente, na escola você também precisa de parcerias com o gestor municipal e com toda a gestão que é quem vai trazer os materiais e tudo que você precisa para desenvolver o seu trabalho, então na vida a gente precisa de parcerias. Hoje aqui trazendo para a formação em sociopoética, nós precisamos de parcerias, parcerias como vocês que são as formadoras, parcerias com os colegas para desenvolver as atividades, então eu vejo que o que nos potencializa é a parceria, a união para fazer acontecer as coisas. (GRUPO-PESQUISADOR, 2020).

A gestão da escola aparece como uma parceria essencial para as modificações da escola, sendo descrita como um espaço para atender e dar suporte aos professores/as em suas atividades de ensino, ajudando-os/as a enfrentar os desafios e proporcionando a atualização educacional. No entanto, durante os relatos, esse setor é descrito muitas vezes como essencialmente burocrático, incorporando um conceito de "supervisão". A fim de rever seu comportamento, a gestão deve favorecer uma proposta pedagógica e um plano de ensino consistentes, que sejam significativos para todos que convivem nesse ambiente. Definir princípios e conceitos, espaços e tempos, selecionar conteúdos, exercícios e propostas de acordo com as necessidades da

comunidade. A gestão precisa estar preparada e aceitar novos problemas e novas possibilidades. Sobre esse aspecto, os docentes descreveram:

Então eu vejo que quando a gestão dá a mão, e todos começam a pensar de maneira diferente, mas que chegam num consenso pode resolver o problema ou tentar amenizar, claro também com a ajuda dos pais e/ou responsáveis pelas crianças, adolescentes, pelos alunos. (GRUPO-PESQUISADOR, 2020).

Na visão de Freire (2016), essas parcerias entre estudantes, gestores, professores, família e comunidade tem como principal ferramenta o diálogo, que continuamente nos convida para repensar e refazer nossas práticas pedagógicas, que se baseia na composição global das pessoas, nas histórias de vida e nas experiências presentes no ambiente escolar. Ao pronunciar a palavra, pronunciamos o mundo e nos tornamos seres humanos, e é no poder da palavra que se concentra nossa ação e reflexão. Só através do diálogo baseado no amor é possível estabelecer uma pedagogia ética, política, social, baseada na crítica, na consciência e na liberdade, e responder às várias opressões que ainda existem em nossa sociedade. Sobre isso, os/as educadores/as produziram o seguinte relato:

Eu já ouvi alguém discutindo que a escola só ensina, que a escola só passa conteúdo. Mas, só que a escola também passa valor que vai ser útil para quando ele se tornar um cidadão adulto, mas que já passa a valer desde quando ele está vivendo na sociedade. (GRUPO-PESQUISADOR, 2020).

Verificamos, a partir dessa fala, que a formação em sociopoética pode ser uma alternativa não tradicional, que evidencia conhecimentos úteis para a vida, capazes de ultrapassar problemas da convivência na escola, permitindo-nos um novo olhar, mais aguçado, mais humano, criativo, capaz de buscar conhecimentos fora da caixinha da sala de aula e das disciplinas escolares, explorando o que os outros espaços podem oferecer. Rompendo com a valorização dos modelos homogêneos, passando a valorizar a heterogeneidade, valorizando as multiplicidades das diferenças, sendo a sociopoética uma formação grupal, que como dispositivo provoca desterritorializações, que mobilizam linhas sobre o que até então, não era visibilizado na escola.

Na sociopoética, o uso de dispositivos inclui trabalhar essas linhas para provocar acontecimentos, identificar pontos de tensão, evitar repetições, aumentar os sentidos e promover a ruptura com o modelo tradicional no espaço escolar. Desse modo, no relato observamos que os aliados são importantes na prática educativa, e os/as educadores/as ponderaram e disseram que há como ocorrer modificações nesse agir, a partir do auxílio dessa nova figura, que pode trazer mais empatia:

E daí veio os aliados, veio um monte de gente atrás de mim, na minha viagem, tentando empurrar a barreira da incompreensão e eu chamei essa ajuda de determinação. Que a gente precisa ter a determinação também para enfrentar todos os desafios, todos os percalços e seguir em frente. Além da determinação eu botei o aliado como conhecimento. Que através do conhecimento a gente consegue enfrentar qualquer barreira, até mesmo de argumentar em algum percalço que vier. Ter o conhecimento nos ajuda seguir em frente. (GRUPO-PESQUISADOR, 2020).

Para Freire (1996), ensinar exige aceitar riscos, o desafio do novo, rejeitando qualquer forma de discriminação que separe as pessoas, ou seja, exige um respeito e parcerias entre os sujeitos. É saber que faz parte de um processo inacabado, por isso sempre é possível intervir na realidade da escola para modificá-la. É importante que professores/as e alunos/as sejam curiosos. Portanto, é necessário proporcionar experiências e oportunidades. Docentes precisam estar dispostos/as a ouvir, falar, permitir que sua turma participe ativamente dos discursos, debates e decisões, para que possam entender os anseios de seus/suas alunos/as, através de práticas educativas cooperativas. Entendendo que “[...] como professor devo saber que sem a curiosidade que me move, que me inquieta, que me insere na busca, não aprendo nem ensino.” (FREIRE, 1996, p. 85). Seguindo esse pensamento, o grupo-pesquisador reforça a relevância das parcerias para enfrentar e disseminar essas modificações na convivência escolar,

E tiro como lição de tudo isso que a gente fez que por mais que tenha parcerias, tenha união, se você também dê o seu melhor, se doar para fazer algo que pode, mesmo que não saia nunca 100% perfeito, pois sempre vai faltar alguma coisa. Mas, é por que você falhou? Não. É porque é muito difícil, mas para isso existem as parcerias, a família, existem todos os envolvidos nesses processos para conseguir chegar no resultado. (GRUPO-PESQUISADOR, 2020).

Dessa forma, compreende-se que educar precisa passar por um processo transversal de criação, que o modelo atual de escola vem nos roubando a possibilidade de experiências, impedindo a realização de uma prática educativa que pense no cuidado, na resolução dos conflitos, através do diálogo. “[...] Em termos pedagógicos, não ultrapassamos uma concepção ou representação de prática educativa como técnica, separando-nos do seu real sentido e da sua condição visceral de imanência.” (SILVA, 2021, p. 33). Constatamos que para estabelecer-se uma prática educativa como experiência é preciso unir-se, conectar-se com a emoção, possibilitar a educadores/as e a educandos/as a capacidade de inventar/criar todos os dias na escola.

Nesse movimento de acolhimento às ideias, problemas, afetos, afecções e parcerias dos indivíduos surgiu o confeto **Convivência na escola-copo-mistura-de-sentimentos**, é

composto por uma mistura de sentimentos que será derivada de cada um de nós que estamos aqui. Às vezes chegamos deprimidos, cada um trazendo seus problemas de casa, e vamos misturando esses sentimentos, mas quando estamos juntos, nesse momento de união conseguimos fortalecer-nos cada vez mais, para que possamos, através dessa formação, levar mais estratégias para a sala de aula. Nesse confeto, os/as docentes observaram que é necessário um caminho mais leve e inclusivo, que os/as aproximem dos estudantes durante o fazer educativo, o que está conectado ao confeto **Convivência na escola-palco da imaginação-espço-livre**, é um espaço livre para o/a aluno/a expor suas ideias, o seu ponto crítico diante de uma determinada situação, e que ele/a possa ser livre para pensar e para agir.

Respalhada nessa fala tão significativa, ousou acreditar na resistência, na criação como lugar de mudança do pensamento cartesiano, cedendo lugar a novas experiências e aliados, para levarmos os sentimentos, a razão e os afetos para invenção de um novo educar, e não mais para adaptação ao que vem pronto e imposto. Como identificamos no confeto **Convivência na escola-palco da imaginação-espço-livre**, é imprescindível um espaço livre como um palco, onde todos possam expressar suas opiniões, pois ensinar é um ato teatral.

[...] E é esse aspecto do nosso trabalho que proporciona espaço para as mudanças, a invenção e as alterações espontâneas que podem atuar como catalisadoras para evidenciar os aspectos únicos de cada turma. Para abraçar o aspecto teatral do ensino, temos de interagir com a “plateia”, de pensar na questão da reciprocidade. [...] Esse trabalho deve ser catalisador que conclame todos os presentes a se engajarem cada vez mais, a se tornar partes ativas no aprendizado. (HOOKS, 2017, p. 21-22).

Nesse sentido, ao analisarmos o confeto **Convivência na escola-palco da imaginação-espço-livre**, podemos perceber e sintetizar bem o quanto uma nova bagagem de conhecimentos, estratégias e técnicas de ensino são essenciais para a formação de habilidades e saberes para ensinar, onde crianças e adolescentes podem observar, analisar, atuar e refletir. Nesse caso, é notório como o conhecimento é expresso várias vezes pelos docentes como força motriz para inovação, tanto a respeito da prática pedagógica de educadores/as, como no que se refere ao desenvolvimento dos/as estudantes. Sobre essa questão, o grupo-pesquisador assinala o confeto **Formação docente-circopoética na relação com a convivência**, que é a formação docente-ciranda formada pela união de ideias diversificadas, coloridas, relacionadas com os sentimentos misturados, que podem ser transmitidos por cores, pois ninguém pensa igual na escola. Entretanto, as ideias diferentes chegam e se complementam. O ser diferente metamorfoseia a harmonia, e a harmonia faz os diferentes. Por exemplo,

É uma ciranda bem diversificada e bem colorida que podemos relacionar com os sentimentos, por exemplo o vermelho como o amor, o verde como sendo a alegria que ao trazer para a minha convivência dentro da escola, nós sabemos que o ambiente escolar é um local onde há também essa mistura de sentimentos, principalmente pelo fato de lidarmos com crianças e adolescentes, e nessa fase é tudo mais complexo, muitas vezes eles chegam na escola deprimidos, outras vezes chegam eufóricos, então cabe ao professor lidar com esses contextos. Muitas vezes chegam com raiva e chateados e temos que tentar saber lidar com essas situações. (GRUPO-PESQUISADOR, 2020).

Esse educar no confeto **Formação docente-circopoética na relação com a convivência**, descrito pelo grupo-pesquisador, seria como um exercício metodológico do diálogo, do cuidado consigo e com o outro na construção de conhecimentos plurais, ligados aos sentimentos, às emoções e aos valores. Propor uma educação afetiva leva os indivíduos a compreenderem as diferenças, respeitar as diversidades e necessidades de experiências educativas que interagem com as ideias do cotidiano, indo além dos conteúdos. Como foi destacado no confeto **Formação em Sociopoética mandala-soluções-problemas-diversos**, é um círculo com todos nós, com soluções e problemas diversos na vida da gente. A mandala é potencializada pela força e a união de todos nós, a união faz a força. Quando a gente vai trabalhar, temos que trabalhar com união, força e amor para resolver os problemas na vida escolar.

Segundo Freire (1996, p. 56-57): “O educador que, ‘castra’ a curiosidade do educando em nome da eficácia da memorização mecânica do ensino dos conteúdos, tolhe a liberdade do educando, a sua capacidade de aventurar-se. Não forma, domestica”. O problema é conseguirmos modificar nossas ações, dando destaque a um novo modo de pensar, a um novo modelo de existência. Não se trata aqui de encontrar culpados para os erros da educação e nem de nos prender a possibilidades de vida dentro de uma individualidade dominante. Trata-se de suscitar acontecimentos:

Acreditar no mundo é o que mais nos falta; nós perdemos completamente o mundo, nos desapossaram dele. Acreditar no mundo significa principalmente suscitar acontecimentos, mesmo pequenos, que escapem ao controle, ou engendrar novos espaços-tempos, mesmo de superfície ou volume reduzidos. É o que você chama de pietàs. É o nível de cada tentativa que se avaliam a capacidade de resistência ou, ao contrário, a submissão a um controle. Necessitamos mesmo tempo de criação e povo. (DELEUZE, 1992, p. 218).

Deleuze (1992) leva-nos a refletir outras formas de pensar o ensino-aprendizagem, demonstrando que não podemos mais admitir o ensino como uma simples tentativa de “imprimir” signos aos estudantes, direcionando as aprendizagens à assimilação de conteúdos

objetivos. Educadores/as lançam conteúdos aos alunos, que julgam ser interessantes e úteis para o cumprimento do programa escolar, o que por outro lado, provoca o desinteresse e descaso dos/as alunos/as, que se sentem excluídos. O ensino, portanto, como resistência, precisa ser acontecimento, é a própria “máquina de guerra”, que não é fechado e único, reproduzindo verdades absolutas, mas sim, que aprende desfazendo, ou seja, afetando-se (DELEUZE; GUATTARI, 1995). Pensamos no ensino através da sociopoética como um espaço que cria condições para que todos os sujeitos da escola possam compartilhar suas expressões como “máquinas de guerra” contra um amontoado de conteúdos ligados a um modelo da minoria.

Entende-se a **Formação em Sociopoética mandala-soluções-problemas-diversos** como um lugar que cria condições para que todos tenham experiências que possam modificar as respostas prontas, desenvolvidas em um mundo sem questões; desenhando linhas de fuga ao controle, criando espaços de comunicação como ferramentas para criação de versões de mundos que vão além da versão oficial transmitida pela escola. O ensino através da sociopoética como resistência para desarranjar a ordem, a disciplina e o controle, trata-se de novas subjetividades. Assim, através das experiências, produzir novas aprendizagens a partir do que nos afeta, que inclusive está no campo de nossos desejos em aprender, possibilitando a criação. Assim, esse confeto considera que,

Toda experiência de aprendizagem se inicia com uma experiência afetiva. É a fome que põe em funcionamento o aparelho pensador. Fome é afeto. O pensamento nasce do afeto, nasce da fome. Não confundir afeto com beijinhos e carinhos. Afeto, do latim *affecare*, quer dizer “ir atrás”. O afeto é movimento da alma em busca do objeto de sua fome. É o eros platônico, a fome que faz a alma voar em busca do fruto sonhado. (ALVES, 2004, p. 52).

Essas ideias permitem-nos exercitar as funções dos afetos, fazendo com que os/as educadores/as reflitam como profissionais inventivos/as suas ações e tomadas de decisões, percorrendo rizomas de significações culturais dos discentes, praticando a pesquisa e o fazer educacional de forma poética. Dito de outro modo, na prática educativa de professores/as, eles/as enfrentam problemas complexos, dentro de situações incertas e desconhecidas, nos quais precisam repensar suas rotinas para abraçar e unir-se às causas do cotidiano, que vão além da técnica. Sendo de importância primordial a **Convivência na escola-palco da imaginação-espaço-livre**, pois é preciso compreender os processos de ensino e aprendizagem a partir do contexto em que estão inseridos; a fim de desencadear as mudanças necessárias nos programas e planejamentos; promover um espaço acolhedor e a qualidade do ensino na escola, numa perspectiva sensível e inovadora, que priorize o acolhimento das ideias dos/as estudantes. Nesse sentido, o grupo-pesquisador sublinha alguns problemas, que demonstram o quanto precisamos

alinhar essas relações, vejamos:

Os problemas nunca vão acabar dentro do ambiente escolar, vamos sempre está estudando para lidar com essas situações. E essas situações às vezes também são as mais simples, como o aluno não entregar uma tarefa a tempo, então o professor tem que saber se adequar a essas situações também porque você não sabe o que o aluno está passando, então isso conta bastante. (GRUPO-PESQUISADOR, 2020).

Podemos inferir desse relato, que trabalhar as relações na escola é uma posição difícil, uma conquista que passa por muitas barreiras, principalmente de valores e ideologias que se impõem, por isso, torna-se um trabalho árduo de quebra de modelos hegemônicos e tradicionais a partir de outras atitudes, outras ações. Isso não é simples, por isso precisa ser feito diariamente um trabalho de “formiguinha”, resistindo o tempo todo. Não se pode permanecer com as ambivalências sobre as concepções de docentes e discentes dentro das ações educativas, pois a renovação de saberes é um fato, sendo necessário o conhecimento da realidade da escola.

Reconhece-se, assim, que docentes precisam estar abertos a um aperfeiçoamento contínuo, desenvolvendo suas ações pedagógicas de maneira coletiva e cooperativa, executando o planejamento a partir das trocas de experiências e conhecimentos, favorecendo as decisões justas e adequadas ao contexto histórico e social dos discentes. Trata-se justamente de não se prender ao individualismo padronizado, significa suscitar acontecimentos, criando formas de pensar transdisciplinarmente a multiplicidade de mundos.

Complementando a ideia da **Convivência na escola-palco da imaginação-espaço-livre**, os/as docentes sinalizam que para a renovação de valores e conhecimentos, que possam melhorar as aprendizagens dos estudantes, não apenas o cognitivo, mas sobretudo o emocional, o afetivo e o social, necessitamos dar visibilidade ao exposto no confeto **Convivência na escola-CD-árvore-do-amor**, que é a convivência-CD na árvore do amor, que se fosse a convivência dentro da escola seria iluminada, refletindo a ideia de nossos/as alunos/as, um CD que está aberto para adquirir novos conhecimentos, porque o conhecimento é justamente a alma que podemos tentar usar para transformar a realidade dos/as nossos/as alunos/as. Então, acredito que é a gente está aberto/a e apto/a a adquirir novos conhecimentos para tentar ser um ser humano melhor.

Aqui se encontra a importância das experiências que possibilitam a autoformação através do diálogo nas redes coletivas de professores/as, que contribuem para a produção de saberes que dão base a um exercício da autonomia da profissão docente. Pois como se acham sozinhos e sobrecarregados com as responsabilidades de educar, percebem que os problemas da prática docente estão dentro de um terreno maior, que é o da complexidade, conflitos,

singularidades, ou seja, “as situações que os professores são obrigados a enfrentar (e resolver) apresentam características únicas, exigindo, portanto, respostas únicas: o profissional competente possui capacidades de autodesenvolvimento reflexivo.” (NÓVOA, 1992, p. 27). Por fim, temos que, na verdade, aprender e sermos alfabetizados na cultura das crianças e adolescentes, da comunidade, durante toda a nossa experiência de vida nessa profissão, para que possamos compreender os desejos e as necessidades sociais, agindo com amorosidade e diálogo, reconhecendo os saberes plurais presentes no cotidiano das pessoas.

Desse modo, a formação em sociopoética surge como um componente de mudança, em conexão com setores da intervenção, produzindo-se dentro do esforço da inovação e sensibilidade para a transformação da escola, em que todos os sujeitos possam participar ativamente, tornando-se protagonistas, incorporando a experiência sob a forma de *habitus* e habilidades, de saber-fazer. Por isso, torna-se imprescindível construir modelos de educação que priorizem a convivência escolar, pensando modelos inovadores e sensíveis de formação de professores/as, construindo um entre-lugar, um lugar de ligação entre a cultura das crianças e adolescentes e a cultura da escola, um lugar de diálogo, que reforce a presença e a possibilidade de entrelaçamentos que vão muito além do ensino tradicional, valorizando os conhecimentos e experiências de todos. Este ponto é particularmente importante, pois é preciso que se compreenda que só se faz educação com um conhecimento experiencial da diversidade de famílias e das comunidades de seus discentes. Dessa maneira, sobre a formação em sociopoética, destacaram:

Bom, eu acredito que duas palavras me chamaram atenção nessa formação. Primeiro é a resistência que a escola tem que ter de não deixar mais uma vez que a escola se encolha naquele sistema tradicionalista. Então a escola tem que ter essa resistência de tentar motivar os alunos, motivar os pais, todo mundo. Nessa árvore, a resistência tá no topo, tem que tá acima de tudo. A determinação é outra palavra que chama atenção porque a escola precisa dessa determinação. De todo dia está trabalhando, trazendo motivações aos professores, seu grupo de gestores e também aos alunos. (GRUPO-PESQUISADOR, 2020).

Nesse sentido, ninguém constrói sua prática educativa fora de um contexto social, político, econômico, cultural, entre outros fatores; o indivíduo é um agente social que se relaciona com as condições objetivas e estruturais do espaço social em que vive. Esses valores e costumes, na maioria das vezes, são percebidos como naturais e orientam nossas formas de nos relacionar com o mundo, agindo por meio de um *habitus*, conjunto de valores e costumes, incorporados desde o nascimento, através da convivência familiar e da vivência no grupo de origem. Como nos explica Bourdieu:

[...] o *habitus* engendra práticas ajustadas a uma determinada ordem, isto é, percebidas e apreciadas por aquele que as realiza, e também pelos outros, como sendo justas, correctas e adequadas, sem serem o produto da obediência a uma ordem no sentido imperativo, a uma norma ou às regras do direito. (BOURDIEU, 2003, p. 207-208).

Vislumbra-se que a aprendizagem é um processo dinâmico, ligado a uma heterogeneidade, no qual precisamos estar abertos às novas aprendizagens, e, nesse caso, encontrar as lacunas, os vazios no sistema dominante, assumindo uma postura emancipatória. Observando que educar não é dominar conteúdos, mas compreender as subjetividades presentes nesse ato humanizado. Paulo Freire (2016) critica o modelo tradicional de educação, descrevendo-o como concepção “bancária”, em que a única margem de ação que se oferece aos educandos é a de receberem depósitos, guardá-los e arquivá-los, ignorando uma formação humana, sustentada pela passividade e reprodução.

Esse modelo conteudista limita as ações educativas, tornando a escola um espaço isolado, que não conversa e interage com a vida de alunos/as; portanto, educar hoje trata-se de aprender a conviver com as diferenças, o que implica lidar com as aptidões e dificuldades de cada discente, administrando as relações entre eles/as, os conflitos, os encontros, a relação com a família, de modo que a aprendizagem aconteça articulada ao desenvolvimento integral, respeitando as diferenças, os desejos individuais, os saberes e habilidades diversos, levando em conta as relações humanas e a vida coletiva. Precisamos, desse modo, de uma escola que se inspire na definição de Rubem Alves, apresentada no livro “A escola com que sempre sonhei, sem imaginar que pudesse existir”:

[...] que compreenda como os saberes são gerados e nascem. Uma escola em que o saber vá nascendo das perguntas que o corpo faz. Uma escola que o ponto de referência não seja o programa oficial a ser cumprido (inutilmente), mas o corpo da criança que vive, admira, encanta-se, espanta-se, pergunta, enfia o dedo, prova com a boca, erra, machuca-se, brinca. Uma escola que seja iluminada pelo brilho dos inícios. (ALVES, 2012, p. 75).

Finalmente, fechando esse debate, acredito que o respeito “às educações” é a qualidade máxima da convivência democrática e harmoniosa, que pode possibilitar a transformação da realidade escolar, indispensável para a qualidade da educação, tornando a escola um lugar agradável de formação humana. Por isso, não seria nenhuma impropriedade afirmar que para além de ensinar conteúdos, a escola deve ter como finalidade contribuir, por meio da atividade pedagógica, para que alunos/as e professores/as tornem-se pessoas felizes. Criando práticas educativas que busquem a participação de todos, através do diálogo, abrindo o espaço escolar para a criatividade comunitária, recebendo a todos/as, inclusive as famílias, para discutir o que

acontece na escola, com reuniões que promovam conteúdos alternativos para as vivências escolares dentro dos princípios das diversidades, diferenças e convivência afetiva. Há consenso, nas pesquisas sobre a convivência, que é preciso criar sintonia entre as várias expressões da cultura dos estudantes e das escolas, sendo necessária uma educação que propicie participação cidadã e respeito às diversidades. (ABRAMOVAY; CASTRO, 2006; JARES, 2008).

9 FORMAÇÃO EM SOCIOPOÉTICA NA RELAÇÃO COM A CONVIVÊNCIA NA ESCOLA EXIGE A ACEITAÇÃO DO NOVO A PARTIR DA FAMÍLIA

*A mãe reparou que o menino
gostava mais do vazio, do que do cheio.
Falava que vazios são maiores e até infinitos.*

(Manoel de Barros)

Nesse processo, com esperança seguimos em busca dos vazios infinitos para novas práticas, novas experiências através da sociopoética como formação inventiva, que contribui no diagnóstico das situações do dia a dia, na escolha de novas estratégias e na reflexão sobre a ação de docentes. Durante nosso trajeto de investigação e vivências, o grupo-pesquisador argumentou que existem barreiras que acabam por desestimular a implementação de novas metodologias em relação com a convivência escolar, que provoquem situações de aprendizagem através de oficinas, visitas de campo, dramatizações, debates, passeios, feiras de ciências, gincanas etc; que sabemos que contribuem para um aprendizado espontâneo dos discentes. No entanto, os pais aparecem nesse momento, nos relatos, com ambivalências, ou seja, com uma dupla função, podendo ser aliados na formação em sociopoética na relação com a convivência na escola, mas também um problema para efetivar novas metodologias sensíveis e inovadoras aos projetos educativos. Como podemos analisar a seguir:

Os pais podem ser também um dos problemas porque eles ainda veem a escola, eles querem ver a escola do modo tradicional. Porque ainda está atrelado aquela questão como eu falei já antes. Mas os pais também ao mesmo tempo eles tem dupla função. Além deles está lá exigindo da escola aquele sistema tradicional que lhes foi acostumado, mas eles também podem, junto com a escola, podem libertar esses pais e fazer que esses pais entendam que o mundo mudou. O nosso sistema de conhecimento mudou, existem outras formas de se obter conhecimento. Eu acredito que um dos aliados pode ser os pais. Os pais sim, os pais têm que entender que hoje tudo mudou. Então, até a forma de se obter conhecimento mudou. Então, eu vejo que os problemas eles podem ser encontrados nessas lacunas aqui na minha obra que eu fiz, porque há o distanciamento entre família e a escola que nós temos que tentar solucionar. (GRUPO-PESQUISADOR, 2020).

Nessa direção, o grupo-pesquisador apontou ainda, em suas falas, os pais como a base que precisa preparar as crianças e adolescentes para a vida, enfrentando os desafios diários, construindo o hábito de conversar com seus/suas filhos/as. Os/As educadores/as destacam que o acompanhamento dos estudos pelas famílias é muito importante e exige uma preocupação

constante não só com as atividades escolares e notas, mas principalmente com os afetos e a convivência, favorecendo espaços e relações de confiança para que eles falem de seus sentimentos, questões pessoais, conflitos; aflorando uma confiança que é necessária para promover o bom desenvolvimento como cidadãos. A partir desse fator, os/as docentes apontaram alguns dos desafios nos valores perpassados pelas famílias, que acabam interferindo na instituição escolar, descritos no confeto **Formação em Sociopoética-Cabaça-desafio-aceitação do novo**, é uma formação docente na qual estão os problemas da aceitação do novo, que provocam medo no/a professor/a. A aceitação do novo surge como um problema. Dessa forma, o grupo-pesquisador traz como exemplo:

Por exemplo a matemática que é uma disciplina mais tradicional, que os conteúdos são mais difíceis de encontrar metodologias novas para renovar. Quando se traz uma metodologia inovadora, por exemplo, um bingo, que seja diferente, os meninos acham bom. Mas quando chegam em casa e contam para as mães. E dizem: - “Fizeram só isso em matemática?” Aí tem hora que fica; Ó meu Deus! Quer renovar, inovar, mas não consegue devido à família, quer fazer ao menos uma coisa diferente, ao menos uma vez. Entretanto, a dificuldade de aceitar é mais da família, pois os alunos entre si, eles gostam. Mas quando chegam em casa contando se não tiver atividades para fazerem, aí perguntam: - “Qual foi a disciplina que não teve?”. Se dizer, por exemplo, matemática, ficam as mães questionando por que fez só isso. No entanto, os alunos em si, acham bom, acham até melhor, porque tirou aquele tradicional de ficar só explicando mesmo. (GRUPO-PESQUISADOR, 2020).

Segundo Giesta (2001), compreende-se que a falta de apoio dos pais e o ônus de transferir todas as obrigações educacionais para a escola tornam esse espaço um fardo, dificultando as atividades de ensino e aprendizagem, na opinião de educadores/as. À vista disso, constata-se que a responsabilidade pela educação deve ser dividida por todos, pois se educa e aprende através da família, da rua, da influência do grupo de amigos, pela televisão, pela *internet*, e, é claro que pela escola, ou seja, cada instituição e pessoa que perpassam a vida dos/as estudantes terá um peso e significado na sua formação. Por isso, a escola precisa estar ligada à comunidade, reconhecendo que existem outras formas de aprender.

No que diz respeito à educação, não deixa dúvidas de que as famílias, a comunidade e as escolas são instituições poderosas, que influenciam a educação de crianças e adolescentes. Atualmente, as famílias estão mudando suas funções educacionais, depositando e exigindo que as escolas assumam maiores obrigações; e as escolas, por sua vez, tiveram que passar por transformações, estando hoje em meio a uma crise de funções. Esse acúmulo de funções é muito preocupante, pois percebe-se, como consequência, até mesmo o aumento das violências:

Aqui no interior, era muito bom, muito tranquilo, onde as crianças eram felizes, eram livres. Coisa que você não ver mais hoje por causa da violência, você nunca sabe quem é capaz de fazer ou não, o mal para uma criança. Às vezes até dentro de casa, é o só que a gente ver. (GRUPO-PESQUISADOR, 2020).

Os/As educadores/as assinalaram que a estrutura familiar pode ser uma das causas diretas do comportamento dos/as "alunos/as problemáticos/as", considerando a participação dos familiares muito importante no processo educacional. Nos relatos, o grupo-pesquisador traz como um dos problemas mais frequentes na relação entre família e escola a falta de acompanhamento dos membros da família e de imposição de regras na educação dos filhos, o que piorou bastante, principalmente na atualidade, em tempos de ensino remoto, devido à pandemia do coronavírus.

E como problema assim para essa nova forma de ensinar, eu vejo a aceitação dos alunos, da família como eu já coloquei antes. É muito difícil, você tenta trazer algo novo, tanto em sala de aula, quando a gente estava tendo aula de forma presencial, quanto agora nessas aulas remotas. Você tem que motivar, trazer algo novo. Você grava o vídeo ali com toda empolgação, assiste, acha o seu vídeo maravilhoso. Mas aí ó, não tem nenhum retorno, nem do aluno, nem da família que quase todos os pais estão inseridos nos grupos. Assim, que eu vejo, a aceitação, quando a gente leva algo novo para eles. Eu vejo como problema essa aceitação e a motivação. Porque eles precisam ser motivados e a gente também, porque quando a gente tenta fazer algo diferente e não suste nenhum efeito aí a gente fica desmotivado. (GRUPO-PESQUISADOR, 2020).

Portanto, para os/as educadores/as, mudanças na escola precisam ter início e serem motivadas pelas famílias, pois cada vez mais consideram o processo de ensino-aprendizagem como uma mercadoria. Como vimos, o sentimento expresso por professores/as ao falarem sobre as mudanças em seus métodos de ensino, é de que possuem medo, por ficarem preocupados/as com a inaceitabilidade dos pais, dos/as gestores/as, e até mesmo em alguns momentos, dos/as próprios/as alunos/as. O sentimento que fica é de cobrança e desmotivação, pois é como se os/as estudantes não fossem à escola para aprender, mas apenas para passar de ano, sem que haja a preocupação com a formação humana. A preocupação das famílias é com a manutenção do ensino tradicional, da forma que são acostumados, tendo como foco a aprovação com boas notas ao final do ano letivo. Esse tipo de exame vem sendo estimulado cada vez mais cedo, desde a educação infantil, e suas propostas de educação impositivas. Essa pressão, que se inicia cada vez mais cedo, causa sofrimento, conforme foi descrito pelos/as educadores/as:

Quando eu observo esses espaços vazios na mandala podemos atribuir a ausência da família na escola, aos desafios que enfrentamos diariamente no exercício da docência, pois ser professor é muito difícil e inclui muitos

desafios, mas Deus sempre nos dar força para seguirmos firmes e fortes. Os desafios como foi dito podemos atribuir ao fato da inovação, porque muitas das vezes dizem que inovar é preciso, mas quando o professor tenta inovar ele é criticado, seja pelo gestor ou pela família, porque muitas vezes eles pensam que o papel do professor é só chegar na escola e repassar conteúdo para as avaliações. Aquele professor que tenta diversificar, que tenta ser diferente ou tenta mostrar que é possível aprender de diversas formas é criticado e o professor de certa forma se retrai um pouco, e ao invés de florir ele, muitas vezes, ele vai murchar, diante dessas situações que causam sofrimento. (GRUPO-PESQUISADOR, 2020).

Madalena Freire (2014) aborda a avaliação como esse instrumento que busca mais o fracasso do que a aprendizagem das crianças e adolescentes na escola, abrindo o debate para a necessidade de uma outra realidade, que acolha, que valorize o saber. “Partir do que ele sabe, valorizar o que ele sabe para poder ensinar o que ele ainda não conhece” (FREIRE, 2014, p. 246). Com efeito, um dos grandes erros das famílias em relação à escola é aproximar-se dos/as filhos/as apenas quando chegam as notas das avaliações, com o interesse focado apenas no resultado. Essa cobrança não parte apenas das famílias, muitas vezes os/as próprios/as professores/as usam a nota para exercer poder, sem observar os conflitos pessoais, os sentimentos e situações que aquele/a estudante pode estar passando naquele momento. O grupo-pesquisador colabora com essa reflexão dizendo:

Isso acontece não só com os pais, mas, muitas vezes os professores têm esse pensamento e acredita que o aluno bom é aquele que ao final do mês tira uma nota 10,0 e que aquele aluno que obteve um 5,0 ou 6,0 não teve aprendido, pois ele relaciona o aprendizado a uma nota máxima. Então não são só os pais que tem essa percepção, muitos professores também, o que é uma tristeza, por que as vezes no dia da avaliação tem aquele aluno que no dia da avaliação viu um pai agredindo a mãe, ou está passando por um problema, e obviamente ele não vai conseguir se concentrar e conseqüentemente tirou uma nota baixa, o que não significa dizer que aquela criança ou adolescente não obteve nenhum aprendizado, significa somente que ele não estava passando por um momento bom, o que acontece até com nós que somos adultos. As vezes em um concurso no qual a gente não consegue se concentrar, conseqüentemente nós tiraremos uma nota baixa. Então não somente os pais, mas os professores, alguns pensam dessa forma, embora a gente não possa generalizar. (GRUPO-PESQUISADOR, 2020).

Sobre a pressão dos processos de avaliação escolar, deve-se considerar que crianças e adolescentes possuem diferentes habilidades, motivação, ritmo, estilo de aprendizagem, desenvolvimento e dificuldades, entendendo-os como seres únicos, que aprendem de forma e tempos diversos. Não valorizar essa diversidade significa negar os desafios constantes da educação, por não adequarem seus sistemas avaliativos. O modo de avaliar os/as alunos/as vem sendo usado como exame e supõe um mecanismo para o exercício de poder, que disciplina os corpos pois,

O exame não se contenta em sancionar um aprendizado; é um de seus fatores permanentes: sustenta-o segundo um ritual de poder constantemente renovado. O exame permite ao mestre, ao mesmo tempo em que transmite seu saber, levantar um campo de conhecimentos sobre seus alunos. (FOUCAULT, 2014, p. 183).

Salienta-se que embora a avaliação seja uma prática social abrangente, tem sido utilizada como atribuição de desempenho há anos, com o objetivo de promover ou reprovar alunos/as, classificando-os/as como capazes ou incapazes, sendo a preocupação principal da avaliação no processo educativo, o foco nos resultados finais e não nas aprendizagens ao longo do processo, esquecendo do seu papel principal, que é a formação para a cidadania, para o trabalho e para a vida. No entanto, as avaliações tornam-se uma das primeiras preocupações das famílias, pois ainda estão muito ligadas à noção da reprodução mecânica de conteúdos, com a preocupação com as notas. Nesse sentido, observamos que o objetivo da educação inverte-se e torna-se tirar boas notas e passar ao final do ano letivo, classificando e quantificando as qualidades de crianças e adolescentes.

Segundo Gallo (2003, p. 101): “Para disciplinar e controlar, a escola faz uso do mecanismo de *avaliação*, também recoberto de mil argumentos didático-pedagógicos, mas outra marca indelével do poder e do controle”. Quanto a essa questão, o grupo-pesquisador ponderou e apontou a aceitação dos pais como um dos fatores de impedimento da implementação da abordagem sociopoética, devido a essa cobrança constante pelo desenvolvimento de toda a matriz curricular, tendo como foco os resultados positivos das avaliações de seus filhos e filhas, o que muitas vezes limita novas metodologias, pois os/as docentes acabam sentindo-se diminuídos/as, como descrito a seguir:

Uma outra questão que talvez complique a execução de uma sociopoética de forma geral na escola é a não aceitação dos pais. Os pais ainda veem a escola como um sistema tradicional, e eles sempre tentam diminuir o professor que tem metodologias diferentes, metodologias que saem do tradicional. Porque ainda os pais estão reféns da ideia de pontuação, meu filho precisa de “X” nota para passar no final do ano e isso atrapalha toda uma questão mais abrangente no sentido de trabalhar o aluno como um todo. (GRUPO-PESQUISADOR, 2020).

Nesse caso, o sucesso e o fracasso escolar ultrapassam os assuntos pedagógicos, uma vez que trazem consequências para os/as estudantes, que são obrigados/as a obter uma média para serem considerados aprovados ou reprovados ao final do ano. Desse modo, os/as discentes vivem cada vez mais o espaço escolar dentro de uma perspectiva da nota, e não da aprendizagem. Como destaca Charlot (2013, p. 108), os/as alunos/as “[...]Não vão para a escola para aprender, mas para tirar boas notas e passar de ano, sejam quais forem os meios utilizados,

às vezes, com o respaldo dos pais”. Assim, o papel do/a professor/a está cada dia mais desafiador, pois esse/a profissional precisa ter coragem para implementar novas metodologias, mesmo com a não aceitação das famílias, precisando superar essa questão para gerenciar os problemas que surgem diariamente entre as crianças e adolescentes; não desistindo de ensinar e acreditar no potencial de cada um, apesar dos resultados das avaliações, persistindo em explicar melhor o conteúdo e até mesmo estar atento/as às alterações de comportamento.

Portanto, pensar em uma educação inovadora é reconstruir também os modelos de avaliação, trazendo-os para atender aos novos desafios de educandos/as. Reavaliar não só as atividades das diferentes disciplinas curriculares ministradas pelos/as professores/as, mas reconstruir a percepção internalizada também nos/as alunos/as e pais, indo ao encontro de uma transdisciplinaridade e a implementação de um ensino transversal que percebam as disciplinas como um espaço de explicar e dar sentido à realidade, pois seus conteúdos estão inseridos nas diferentes interpretações da nossa vida cotidiana, devendo proporcionar, caminhar junto com as nossas diferentes experiências.

No contexto atual, como podemos notar nas falas do grupo-pesquisador, existem graves problemas de interação entre a família e a escola, que deveriam ser, na verdade, as principais instituições de mediação entre alunos/as e a sociedade, auxiliando na construção das subjetividades de forma amorosa. No entanto, podemos observar que tanto a escola quanto a família vivem hoje um momento de certa confusão no que se refere ao desempenho de suas funções. Uma das principais queixas de professores/as é que a família não tem cumprido seu papel de formadora, deixando a cargo da escola toda a responsabilidade pela educação dos/as filhos/as. Existem até deficiências emocionais que afetam e comprometem as relações. Os/As docentes propõem uma reflexão sobre esses comportamentos, promovendo o diálogo, a cooperação e as trocas, atitudes cercadas pelo amor, como traçaram a seguir:

Onde há amor há automaticamente tudo que é necessário para a gente conseguir seguir firmes e fortes, então o amor dentro da escola é primordial, pois a partir do momento em que conseguimos plantar o amor pela educação dentro dos nossos alunos, apesar que eles não tenham uma base sólida, eles conseguirão de alguma forma ter uma perspectiva de futuro, de tentar ser uma pessoa melhor. Porque existem os alunos que vem para a escola sem perspectiva nenhuma, então se o professor conseguir plantar essa sementinha que é o amor em cada um de nossos alunos, eu tenho certeza de que eles serão pessoas melhores, e conseguirão sim, ter um futuro diferente. (GRUPO-PESQUISADOR, 2020).

Logo, é imprescindível que o ambiente escolar torne-se um espaço de interação e valorização da existência e participação de todos. Reconhecer realmente que todos/as estão

influenciando e contribuindo para o desenvolvimento do ensino e aprendizagem na sala de aula é um recurso essencial para o planejamento, bem como o uso de atividades que estejam próximas da realidade da comunidade e das famílias presentes na dinâmica escolar. Usá-los de maneira construtiva pode melhorar a capacidade da escola de criar uma comunidade de aprendizagem aberta aos conhecimentos multifacetados. Compreende-se que na verdade é preciso fazer educações, percebendo as práticas educativas como coletivas, como descreve Brandão:

Da família à comunidade, a educação existe difusa em todos os mundos sociais, entre as incontáveis práticas dos mistérios do aprender; primeiro, sem classes de alunos, sem livros e sem professores especialistas; mais adiante com escolas, salas, professores e métodos pedagógicos. A educação pode existir livre e, entre todos, pode ser uma das maneiras que as pessoas criam para tornar comum, como saber, como idéia, como crença, aquilo que é comunitário como bem, como trabalho ou como vida. (BRANDÃO, 2007, p. 10).

Destarte, entendemos que a renovação das práticas educativas através do apoio e incentivo das famílias promoverá um processo de educação participativa, que envolve debates sobre a integração e inclusão social. Nesse sentido, entendemos a formação em sociopoética como a própria educação, sendo assim, não depende apenas da escola e de seus/suas professores/as, pois essa prática pode ser realizada nos mais diversos ambientes, incluindo famílias, comunidades, locais de lazer, e nos mais diversos locais de socialização. Por outro lado, para o desenvolvimento de uma formação em sociopoética na relação com a convivência na escola é preciso conectá-la ao comportamento coletivo e institucional, que não é necessariamente consistente apenas com a atuação do professor, mas requer diversas ações dos demais sujeitos sociais (gestores, alunos, famílias) para a realização de novas metodologias sensíveis e inovadoras para trabalhar os conteúdos e alcançar os resultados educativos. Essa união de sujeitos através da convivência promove “educações”, estabelece a autêntica comunicação de aprendizagens, que se faz com e entre as pessoas. Nesse contexto, podemos então nos perguntar “Por que há fracassos na escola?”

Porque muitas vezes ela não relaciona o espaço escolar com outro espaço não escolar, não formal. A primeira unidade de aprendizagem é a família, é o entrono. Se não há um diálogo, uma conectividade muito forte entre essa primeira comunidade de aprendizagem e a segunda, que é a escola, a escola vai fracassar. Por isso precisa dos pais para ter êxito. (MOSÉ, 2014, p. 128-129).

Para nos explicar melhor essa situação surgiu o confeto **Convivência na escola-árvore do amor-união**, é a formação docente-árvore do amor que precisa da união ou parceria

da escola com a família, que é algo de extrema importância para que os alunos consigam desenvolver-se e atingir seus objetivos. É preciso que haja cada vez mais essa aproximação, isso acontecer cada vez mais, pois os pais devem frequentar a escola para saber como seus filhos estão, saber quem são os/as professores/as dos seus filhos, porque tem pais que nem sabem quem são os/as professores/as dos seus filhos, e nem conhecem os/as colegas dos seus filhos, eles se negam a participar da vida dos/as filhos/as. Até porque pelo fato de ser um lugar pequeno, acredita-se que seja mais fácil de a pessoa acordar e tirar 10 a 15 minutos do seu dia para conhecer a sala de aula, para saber quem são os/as professores/as ou como seus filhos estão se comportando, e não só ir à escola em um momento de ameaça, ou um momento em que vier uma reclamação. É vir como uma coisa espontânea, um momento especial, que faz parte da rotina da família. Complementando esse pensamento do confeto **Convivência na escola-árvore do amor-união**, o grupo-pesquisador traz uma crítica sobre essa ausência da família na escola:

Aqui tenho a árvore do amor e ela representa a união entre a família e a escola, que é justamente o que é necessário para fortalecer esse processo de ensino e aprendizagem, assim como essa união ela é necessária, é a forma de resolver os problemas, no entanto, a família muitas das vezes torna-se o problema, pois muitas das vezes há um distanciamento entre família e escola. E querendo ou não, nós que vivemos numa comunidade pequena nós sabemos dessa ausência da família na escola, como foi dito pelo nosso colega inicialmente, muitas vezes a família vai até a escola no dia de uma reunião por conta de ameaça, pois se não forem o Bolsa Família será cortado. Então eles não vão porque é a escola do filho e é uma honra fazer parte da vida do filho, mas porque está sendo ameaçado. Não há tanto interesse da família de fazer parte da vida escolar de seus filhos, de ir à escola com frequência, uma vez na semana para ver a sala de aula, saber como está o filho, se ele está se desenvolvendo da maneira correta. Infelizmente não há esse tipo de convivência da família no ambiente escolar. (GRUPO-PESQUISADOR, 2020).

Desse modo, o confeto **Convivência na escola-árvore do amor-união** destaca a importância de trabalhar em equipe, de forma cooperativa com as famílias. O grupo-pesquisador demonstra como um dos principais problemas do processo de ensino-aprendizagem esta lacuna entre a família e a escola, o que se repete em muitas de suas falas, sendo um conflito que apresenta graves consequências. Estes dois sistemas tradicionais de educação: a família e escola, é como se estivessem revessando a culpa pelas perdas de valores, os problemas da convivência, o consequente aumento das violências nas relações sociais, entre outros fatores, mas sem que ninguém realmente queira assumir para si a responsabilidade.

Assim, o grupo-pesquisador teceu os fios dos conflitos entre as famílias-escolas no confeto **Convivência na escola-árvore do amor-união** como uma das principais causas dos

problemas da convivência escolar. De acordo com a filosofia do grupo, precisamos de uma atitude favorável à participação das famílias na convivência escolar, bem como na organização das atividades escolares. Isso tornar-se-á possível através do confeto **Formação em Sociopoética-Cabaça-Determinação-Comunidade-Pequena**, é uma formação docente aberta a novas ideias, aberta para absorver novos conhecimentos para que possa tentar transformar a realidade de seus alunos, a realidade da sua comunidade, pois vivemos em uma comunidade pequena. Então é como viver em uma única família; é preciso tentar mudar não só nossos/as alunos/as, mas a forma como eles/as pensam, também tentar mudar a família e a comunidade de uma forma geral.

Retornamos aqui a noção estudada anteriormente nos confetos **Convivência-cabaça-vitória**, **Convivência-Cabaça-Determinação na escola** e **Convivência na escola-Força-Botõezinhos** que traziam uma referência marcante de trabalho em equipe entre os professores/as; mas agora, através do confeto **Formação em Sociopoética-Cabaça-Determinação-Comunidade-Pequena**, o grupo-pesquisador quer demonstrar, em especial, a relevância da participação da família e da comunidade como essenciais para a aceitação do novo.

O confeto **Formação em Sociopoética-Cabaça-Determinação-Comunidade-Pequena** também está ligado a essa noção de trabalho cooperativo, uma vez que pensa o espaço escolar como aldeia, pois como descrevem, trata-se de um lugar pequeno, que é como se todos fizessem parte de uma única família. Como nos lembra Boakari (2018, p. 6) em entrevista à revista *Revestrês*, aldeia seria viver com “solidariedade, responsabilidade conjunta, significa que uma pessoa só é uma pessoa por meio de outras pessoas, é uma humanidade para com os outros”. É extremamente forte trazer essa noção de aldeia e a relação de uma responsabilidade conjunta, para pensar a escola, no confeto **Formação em Sociopoética-Cabaça-Determinação-Comunidade-Pequena**, pois acredito que pela proximidade das casas, da escola, dos lugares de convivência, por até mesmo, muitas vezes dividirmos o mesmo quintal, sem cercas ou muros, essa relação deveria ser de maior proximidade, intimidade e relevância, já que se trata de vivências com liberdade, em um lugar tão pequeno, que as turmas de estudantes não ultrapassam 10 a 15 alunos/as, somando-se ainda ao fator de ser um lugar que, apesar do aumento das violências, ainda é um espaço onde as crianças e os/as adolescentes são livres, um privilégio para os novos tempos. Portanto, o grupo-pesquisador declara ser desmotivador o descaso das famílias em participar da escola e do acompanhamento da educação de seus/suas filhos/as, sendo esta comunidade pequena. Assim sendo, acreditam que deveria existir uma relação mais aproximada entre as pessoas.

Foi possível identificar que o papel da família e da comunidade é decisivo, tendo que participar da formação, e não jogar a responsabilidade só na escola. Todavia, é preciso também se adaptar às novas exigências dos tempos, sendo capaz de criar novas práticas educativas, novas metodologias, formando estudantes capazes de ter os instrumentos necessários para transformar a realidade, mediados/as pela junção da cultura juvenil e a cultura escolar. Nesse caso, é indiscutível que quando a família acompanha a educação dos/as filhos/as, o resultado do processo educativo é melhor do que quando os/as abandonam como responsabilidade apenas da escola e dos/as docentes. Nesse sentido, o grupo-pesquisador revelou:

Eu trago a família na raiz da árvore, pois a família é o berço. Quando a gente pensa que a criança tem o primeiro contato com o mundo é através da família. O primeiro contato com a leitura, o primeiro contato com o conhecimento vem da família. Então eles têm que ver na família essa motivação, eles têm que ver na família, como é que eu posso dizer, eles têm que ver na família essas características, essa mudança, essa atitude. E a família também ela tem que acolher esse aluno, a família tem que acolher seus filhos, ensinar, educá-los. Claro, em conjunto com a escola também. (GRUPO-PESQUISADOR, 2020).

Os/As educadores/as alertam que a escola precisa do envolvimento das famílias, que elas reservem, efetivamente, um tempo para participarem da vida de seus filhos/as nas atividades escolares, incluindo a participação nos planejamentos escolares, sendo também responsáveis pelas decisões e pela escolha dos conteúdos a serem trabalhados, buscando melhores alternativas para o funcionamento da escola, nunca abrindo mão do diálogo e interação com a escola. Reconhece-se, assim, a necessidade de Pais que dialoguem com suas crianças e adolescentes como um hábito cotidiano, e que assumam o dever de ensinar seus/suas filhos/as a serem felizes, e não apenas bem-sucedidos/as. É unânime nessa discussão a impotência das famílias, pois,

O professorado outorga à situação das famílias uma importância principal ao surgimento de condutas violentas do alunado em particular conflitos, em geral – causalidade que se concretiza na indiferença ou falta de colaboração das famílias com sua função docente, ao mesmo tempo em que constata seu escasso envolvimento na vida da escola [...]. (JARES, 2008, p. 198).

Nos relatos, os/as educadores/as revelam que os pais precisam participar da escola, e não apenas ficarem no portão; precisam entrar naquele espaço, envolver-se com as atividades, verificar se a escola está limpa, como é a sala de aula dos/as filhos/as, quem são seus/suas professores/as. A falta de colaboração das famílias no processo de ensino-aprendizagem no espaço escolar é de fato uma das fontes de conflitos na convivência, como o grupo vem apontando em suas falas, que essa indiferença e passividade das famílias em relação ao trabalho

docente é uma das questões que mais impedem a implementação de metodologias inovadoras e sensíveis, como a sociopoética, no dia a dia da sala de aula.

Complementando as linhas do pensamento do grupo-pesquisador, surgiu então o confeto **Família-medianamente-presente-na-escola**, é a família que, geralmente, não motiva, vem às reuniões, mas não faz com que a criança e o/a adolescente vá além, e não diz assim: “- Você tem que fazer isso não é pela nota, não é pela pontuação para atingir um resultado final, mas pela necessidade de descobrir algo, de fazer algo, de estar aberto ao conhecimento, de ter práticas”. E assim fazer com que a criança e o/a adolescente comece a pensar no coletivo, discutindo com os/as colegas para chegar a um consenso. Então tem essa perspectiva, dessa família mediana, mas que não motiva os alunos, pois ela acha que cumpre com seu papel.

Como podemos observar no confeto **Família-medianamente-presente-na-escola**, os/as educadores/as destacam que os conflitos na vida escolar são causados principalmente pela família, mas que obviamente, existem exceções; porém, a grande maioria dos pais só vai à escola quando é solicitado, ou para resolver conflitos graves de indisciplina. Algumas famílias nunca sequer participam das reuniões. Enfatizaram, em vários momentos, a importância do amor da família na educação dos filhos, apontando que o amor é necessário e indispensável em todas as relações. No entanto, do ponto de vista educacional, isso não é suficiente. Crianças e adolescentes aprendem com a experiência, sendo conveniente e necessário que as famílias entendam que devem evitar comportamentos negativos, pois eles interferem e estimulam seus/suas filhos/as à reprodução de violências. Em suma, ser pai e mãe é uma espécie de "artesanato", que devemos aprender e melhorar ao longo de nossas vidas, entendendo que o ofício de artesão melhora com a prática, o tempo e a repetição, e que da mesma forma deve ser o acompanhamento escolar durante toda a vida dos/as discentes. A convivência feliz requer muito trabalho e amor, por isso precisamos de famílias de corpo inteiro na formação e inspiração de seus/suas filhos e filhas dentro e fora da escola.

Existe, portanto, esse desencontro entre as famílias e a escola, que tem ligação com a consideração do trabalho docente, profissionais que são pouco valorizados/as e acabam ficando desmotivados/as. Nos relatos, o grupo-pesquisador aponta ainda a necessidade de romper com a cultura de acusações e críticas e fomentar a corresponsabilidade na educação dos/as estudantes, que é o que destacaram lá atrás, na **Formação em Sociopoética-Cabaça-Determinação-Comunidade-Pequena**. De acordo com o grupo, existem problemas para implementar novas formas de ensinar, como a sociopoética, devido à falta de aceitação das famílias que, na sua maioria, não conduzem seus/suas filhos/as, deixando de colaborar com a escola. A seguir compartilho a visão do grupo-pesquisador, que destaca:

É com a família que a criança tem o primeiro contato com a educação, pois algumas crianças quando chegam na escola elas já sabem usar algumas “palavras mágicas”, como a gente costuma falar. Então, a gente vê a família como a base. Se a gente não tiver a família como aliado, o sucesso da muito mais trabalho, principalmente as crianças quando vem de fora e tem um evento aqui ficam vários professores atrás porque a família manda a criança da educação infantil sozinha, coloca no carro e simplesmente manda. E como você sabe que a responsabilidade é sua, quando a criança chega aqui a gente tem que se desdobrar para ficar correndo atrás. (GRUPO-PESQUISADOR, 2020).

Penso, então que os pais devem acompanhar o desenvolvimento escolar de suas crianças e adolescentes, participando de suas vidas e provocando os/as filhos/as a pensarem, a dialogarem sobre seus desejos, angústias, sonhos; a terem responsabilidade e respeito para com o outro, sempre demonstrando interesse pela escola, questionando: Você tem dever de casa filho/a? Precisa de ajuda com suas atividades? Como foi seu dia na escola? O que fizeram de interessante? É necessário dar importância à escola, para que não continuemos a produzir discursos vazios, pois não são apenas os/as professores/as os/as responsáveis por educar; todas as pessoas que trabalham na escola e/ou que convivem com as crianças e os/as adolescentes possuem e realizam ações educativas.

A seguir, enfatizo essa ideia a partir de um trecho do diário de itinerância do grupo-pesquisador, sobre a importância dessa união entre família e escola, motivando e incentivando os/as discentes para o envolvimento nas atividades da sala de aula, para a criação das condições necessárias para o ensino-aprendizagem na escola, sendo todos/as responsáveis pelas aprendizagens dos/as alunos/as face aos problemas de ensino, pois todos/as são fundamentais para a construção da cidadania. Isso é significativo de ser destacado, já que se percebe que, muitas vezes, a referência principal da criança é o porteiro da escola, ou a merendeira, por isso precisamos valorizar a responsabilidade e o compromisso de todos/as. Ressaltamos que não estamos falando de um processo de vigilância, mas sim de participação e interação, que levam ao conhecimento, como descrevem:

Diário Grupo-pesquisador, Povoado Buriti do Castelo, 8 de novembro de 2020

“O momento vivido foi muito marcante para todos nós, pois nos unimos para construir a mandala ‘Circopoética’. Essa é uma mandala muito colorida, repleta de vários sentimentos, e representa alguns elementos necessários para nossa convivência na escola. Dentro da mandala há uma árvore chamada de “árvore do amor”; essa criação faz referência a união entre família e escola, já que essa parceria é primordial para que os nossos alunos consigam se desenvolver de forma saudável. Momentos como esse de formação em sociopoética nos mostram e ensinam que é possível aprender de várias formas e com a ajuda de vários sujeitos da escola, sendo assim a afetividade pode e deve ser trabalhada em todas as disciplinas e em todos os espaços da escola, trocando aprendizagens desde o porteiro até a direção. Um outro fator muito importante foi a socialização

de informações, onde cada docente presente relatou as suas experiências em sala de aula apresentando também os desafios enfrentados no exercício da docência.”

Em síntese a tudo o que já foi expresso até aqui sobre a participação das famílias nos processos educativos, compreendemos que os/as docentes não pretendem igualar os papéis para a condução da escola, mas assinalar a união dos diferentes papéis através do amor para que esse espaço de aprendizagem funcione bem. Complementando essa problemática, destacaram que educar também significa dizer não e saber colocar limites, cumprir compromissos, principalmente diante das atividades escolares; o afeto precisa caminhar junto com a responsabilidade. Desse modo, o grupo-pesquisador salienta que desvalorizar o trabalho docente frente a crianças e adolescentes é um erro das famílias, que depreciam as metodologias inovadoras, considerando-as perda de tempo na aprendizagem. Complementam que precisam do apoio dos pais, que devem interessar-se pelas experiências inovadoras e sensíveis de docentes, incentivando a utilização de novas metodologias para que haja a promoção efetiva de outras aprendizagens e, conseqüentemente, outras formas de convivência em comunidade, que melhorem a qualidade do processo educacional. Sobre isso evidenciaram:

A família acha que o correto é o professor chegar e ir lá para a frente dos alunos, próximo a lousa, explicar o conteúdo até o final da aula. Se o professor leva os alunos para fazer uma viagem, ali não é aula. Se o professor tenta fazer uma sessão de cinema, mas sempre contextualizando ao conteúdo que está sendo trabalhado, aquilo...ali é perda de tempo, como muitos dizem. Se o professor junto com os demais prepara uma apresentação, uma Feira de ciências, ali é perda de tempo. Então o professor sempre tem esse medo. Medo de inovar e de não ter essa aceitação. Mas como disse é preciso realmente tentar mudar essa realidade, por mais que tenhamos medo nós não podemos ficar estagnados. Deixar a situação se perpetuar, temos que tentar realmente mudar nossa realidade. (GRUPO-PESQUISADOR, 2020).

Acentua-se no relato que a convivência entre os sujeitos da escola e os familiares dos discentes é permeada por conflitos de diferentes ordens, em que há distintos interesses e visões de mundo que, frequentemente, percorrem direções opostas. Verifica-se, em algumas situações, que não são evidentes as atribuições e os limites de cada instituição. Conseqüentemente, para que ambas possam colaborar na superação dessas contradições e de suas implicações na convivência escolar, faz-se necessário, portanto, investir numa relação de confiança mútua, com parcerias que realmente preocupem-se com o bem-estar na escola, através de vivências que tragam aprendizagens significativas para a vida e que sejam reconhecidas e valorizadas, e não mais menosprezadas pelas famílias, por não serem atividades apenas de reprodução de conteúdos. Esse esforço é importante para a interação entre família, escola e comunidade, como afirma o grupo-pesquisador:

Para conviver é essencial se todos andassem juntos, o aluno, a professora e a comunidade escolar. Seria melhor transformar o conhecimento, seria melhor se todo mundo aceitasse isso, a convivência seria bem melhor, se todo mundo entendesse uns aos outros, se eles aceitassem logo. Evidente que a gente sempre tem que persistir para eles aceitarem assim, quando é uma atividade nova. (GRUPO-PESQUISADOR, 2020).

Há consenso entre os/as docentes desta pesquisa de que a participação da família nos processos educacionais é relevante para o uso de novas formas de educar, notando-se a necessidade de uma maior participação e envolvimento das famílias nas vivências e atividades escolares. Um dos mais recorrentes problemas destacados nos relatos na relação entre família e escola é a ausência dos pais na educação de seus/suas filhos/as, faltando-lhes acompanhar o desenvolvimento ao longo do ano letivo, dialogando com a escola para o êxito da convivência.

Portanto, escola e família têm que atuar em conjunto para ressignificar as violências, eliminando-as do cenário educativo através da promoção da convivência amorosa e afetiva. No entanto, o grupo-pesquisador ressalta que existe um descompasso nas relações entre essas duas instituições, pois reclamam da ausência das famílias nas reuniões e em outras atividades pedagógicas em que seria necessária sua participação; e do outro lado, em seus relatos os pais reclamam das práticas dos/as docentes, as quais acreditam ser insuficientes para o sucesso dos filhos, quando se afastam do ensino tradicional.

Com efeito, o grupo-pesquisador menciona que é preciso ter prazer no trabalho e querer bem aos educandos, superando esses vazios deixados pela ausência das famílias e pela consequente não aceitação do novo através de atividades que chamem a atenção das famílias para viverem o espaço da escola, junto com suas crianças e adolescentes, insistindo nessa participação efetiva. Realçaram que precisam acolher os/as estudantes com amor, apesar dos problemas, mas não um amor ingênuo, que permite atitudes erradas, mas sim, um amor dedicado a promover experiências, incentivando o aprendizado, possibilitando aos/às alunos/as descobrirem os conhecimentos e serem felizes na escola. Sobre isso o grupo-pesquisador nos fala que:

Eu acredito que esses problemas eles podem ser encontrados nesses espaços vazios. E o que são os vazios? Nós podemos relacionar com a ausência da família na escola, porque nós sabemos que grande parte das famílias elas são ausentes e não participam desse processo de ensino e aprendizagem. Muitos pais se querem vem uma vez na escola ao ano para saber como seu filho está, se ele está se desenvolvendo. Então, eu acredito que é isso que podemos relacionar: esses espaços vazios com a ausência dos pais e a família na escola. Porque nós sabemos que a família é a base né, então a gente percebe que quando a criança ou o adolescente percebe que os pais não têm esse acompanhamento, de certa forma, a criança vai se sentir assim jogada... alheia! E essa falta também é muito triste, pois quando tem evento na escola

e a criança vê ali os coleguinhas com a família e ele percebe que a sua não está, isso provoca um dano muito profundo no seu emocional, então eu acredito que esses espaços vazios podem ser representados pela ausência da família. (GRUPO-PESQUISADOR, 2020).

Educar para transformar a escola é, portanto, a partir das falas do grupo-pesquisador, viver a dinâmica escolar com amor, alegria, diálogo e luta a favor de uma educação democrática e participativa, que se faça com a ação de todos e que comece pelo incentivo das famílias. Essas características são muito relevantes para nossos/as educadores/as, que estão comprometidos/as em pensar a educação de forma crítica. Assim sendo, amar a educação é comprometer-se com a mudança social por meio de nossa intervenção pedagógica e assumir a causa dos/as discentes na educação como uma prioridade, ou seja, compreender que todos/as precisam ser livres para se expressarem na escola, contribuindo para um fazer educativo interativo, sensível e inovador, ligado à realidade contemporânea.

Paulo Freire, em sua obra “Educação como Prática da Liberdade” (1976, p. 97), revela que “a educação é um ato de amor, por isso, um ato de coragem. Não pode temer o debate. A análise da realidade. Não pode fugir à discussão criadora, sob pena de ser uma farsa”. Averigüei, através dos/as docentes desta pesquisa, que realmente o amor deve ser o princípio do processo de ensino, principalmente quando envolve as relações interativas. Numa sociedade marcada por uma educação como mercadoria, dentro de um pensamento conservador e centrada na estrutura da escola tradicional, ousar amar é, com certeza, um movimento corajoso, porque subverte essa estrutura. Falar de amorosidade na educação também é requisito importante apontado por Maturana (2002, p. 67), que diz: “[...] o amor é um fenômeno biológico tão básico e cotidiano no humano, que frequentemente o negamos culturalmente criando limites na legitimidade da convivência, em função de outras emoções”. Seguindo essa linha, o grupo-pesquisador destaca também que educar realmente exige amor, como uma forma de zelo e reciprocidade, como podemos observar na sua autoanálise, a seguir:

Por que as vezes a gente se pergunta assim: “- Meu Deus, é isso que eu quero?” Mas aí chega o seu aluno lhe abraça, lhe beija e diz que lhe ama, aí você tem certeza de que realmente é aquilo que você quer, que você está no lugar certo e que você nasceu realmente para tentar transformar a vida de pessoas. Isso tudo é muito gratificante, isso te dá forças e energias só pelo fato de você pensar que dentro da escola tem pessoas que realmente se importam com você. Muitas vezes dentro da sua casa você tem pessoas que gostam de você tanto quanto na escola, aqui realmente a gente cria um vínculo de amor e afetividade e é isso que faz com que a gente siga firme e forte nessa jornada. (GRUPO-PESQUISADOR, 2020).

Afirmei muitas vezes, nesses escritos, a relevância da criação de conceitos, destacando os da educação. Como sistema educacional, a educação constitui um mundo, e os estudantes vão construindo na escola, ao longo de suas vidas, o mundo em que desejam viver. Por sua vez, os/as docentes apresentam um papel essencial na criação de mundos, muitas vezes elaborando ações a partir do que já vivenciaram ao terem sido educados/as, pois fica enraizado em seus corpos. No fim das contas, a educação é um processo contínuo, que dura a vida inteira, e como vivemos em uma sociedade fechada em modelos cartesianos, nossa principal referência sobre educar é conservadora. No entanto, as escolas não funcionam isoladas do mundo exterior, por isso mudar suas ações é um caminho complexo, que tem efeitos de longa duração (MATURANA, 2002).

Isto é, educadores/as ressaltaram em seus relatos que é preciso quebrar com o tradicional, desconstruindo a imagem do professor como o único responsável pela rotina da sala de aula, passando a dividir a tarefa de educar com todos/as de forma democrática, sendo a família o berço dessa transformação. Partilho do pensamento de Hooks (2017, p. 21): “O prazer de ensinar é um ato de resistência que se contrapõe ao tédio, ao desinteresse e à apatia onipresentes que tanto caracterizam o modo como professores e alunos se sentem diante do aprender e do ensinar, diante da experiência da sala de aula”. Nessa perspectiva, o grupo-pesquisador ressaltou a potência do amor pela educação como sendo um lugar de possibilidades, capaz de renovar e dar voz às nossas práticas de ensino, ultrapassando as fronteiras através da criação de novas visões para uma educação como prática da liberdade, mesmo diante da não aceitação, conforme descrito a seguir:

A potência é o amor, eu sempre costumo dizer que o amor é o mais belo dos sentimentos, então quando há amor, a união acontece de forma espontânea, é o amor que nos move e nos faz tentar ser um ser humano melhor, ter vontade de ajudar o próximo e até mesmo de viver, por que muitas vezes você fica tão desanimado com a realidade que você diz: “- Meu Deus, qual o meu objetivo de vida?” Tento ser um ser humano melhor, mas muitas vezes as pessoas não me deixam ser um ser humano melhor. Então eu acredito que o amor ele é capaz de solucionar todos os problemas, onde há amor, há esperança, alegria e tudo que é necessário para a gente seguir firmes e fortes. (GRUPO-PESQUISADOR, 2020).

Como resultado, encontramos possibilidades de saída por meio da reflexão sobre nossas práticas educativas, como foi expresso pelo grupo-pesquisador: amar a educação é comprometer-se com a mudança social por meio de nossa intervenção pedagógica e assumir os problemas na educação como uma responsabilidade coletiva para efetivação da prática educativa. Frisaram que hoje educar tornou-se um trabalho ainda mais complexo,

principalmente nesta época tão estranha de coronavírus, desse modo pandêmico tão inesperado, que de fato educar com amor tornou-se na verdade resistência. Isso significa ser protagonistas de uma nova abordagem. Isto é, rejeitar as opressões nas escolas e em outros ambientes educacionais. Assim, precisamos reconhecer a importância da formação em sociopoética frente à complexidade, usando das palavras de Mosé (2014, p. 72), que afirma: “Educar é um processo que somente pode ser pensado como um conjunto complexo de relações, uma rede de fatores, gestos, ações, conceitos, valores. As pessoas são complexas, a vida é complexa, o raciocínio não pode ser linear, opondo certo e errado, bonito e feio”.

A meu ver, não podemos nos segurar a utopias para alcançar um melhor nível de escolaridade, é preciso nos superarmos, nos provocarmos e nos inserirmos nas diferentes realidades sociais para que possamos encontrar caminhos para a superação dos problemas sociais contemporâneos, utilizando discursos de difusão do conhecimento emancipatório, através de uma consciência democrática. Além disso, que desenvolva a autonomia política e social, entendendo que os/as alunos/as podem aprender a partir das modificações dos conhecimentos já engessados, entendendo, é claro, ser um processo coletivo, que se faz junto, pois aprender é um fazer do ponto de vista de pensar sobre liberdade e esperança, com respeito às diferenças, como uma forma de superar os problemas, porém, não acontece sem paixão, ou melhor, sem amor. Com outras palavras, é como destacaram os/as educadores/as:

Assim, os problemas devem ser encarados como uma consequência do trabalho, mas eles vão sempre existir, não se pode pensar que todo trabalho vai ser perfeito a ponto de não ter um erro, pois ele vai ter um problema e a gente vai tentar amenizar esse problema. (GRUPO-PESQUISADOR, 2020).

Nesse sentido, educar com amor é ser resistência, principalmente em tempos pandêmicos, em que o espaço da escola passou a confundir-se com o de nossas casas, e hoje mais do que nunca a educação necessita da participação das famílias, que se tornaram peças ainda mais fundamentais, devido ao isolamento social e à necessidade de um ensino remoto. Dentro desse novo cenário de incertezas, educar com metodologias sensíveis e inovadoras faz parte da construção necessária de novas formas de ser educador/a, abandonando formas de opressão muitas vezes manifestadas nas escolas e em outros espaços educativos que geram violências, preconceitos e discriminações. Por fim, ao olhar hoje para as escolas, as famílias, os/as estudantes, os/as docentes, tenho plena certeza que educar é realmente um ato de amor e, por isso, um ato de coragem, que precisa da colaboração de todos, como equipe onde não se pode faltar a alegria pois,

[...] Rir é um ato de resistência. A gente agora está precisando dessa máscara chata para proteger o rosto desse vírus, e, infelizmente, essa máscara esconde algo muito precioso para nós brasileiros: o sorriso. [...] Enquanto essa vacinação esperada não chega para todo mundo, é bom lembrar que, contra o preconceito, a intolerância, a mentira, a tristeza, já existe vacina: é o afeto, é o amor. Então, diga o quanto você ama a quem você ama. Mas, não fique só na declaração, ame na prática, na ação. Amar é ação. Amar é arte. Muito amor, gente. (GUSTAVO, 2021)

Paulo Gustavo, ator que morreu vítima da COVID-19 em nosso país, em maio de 2021, descreve muito bem, acima, esse sentimento!

10 FORMAÇÃO EM SOCIOPOÉTICA NA RELAÇÃO COM A CONVIVÊNCIA NA ESCOLA EXIGE ACEITAÇÃO DO NOVO PARA DESCOLONIZAR A EDUCAÇÃO

Figura 70 - Ser sociopoeta: é um ato de amor e de coragem



Fonte: Acervo da pesquisadora (2020).

“Estar no mundo sem fazer história, sem por ela ser feito, sem fazer cultura, sem tratar sua própria presença no mundo, sem sonhar, sem cantar, sem musicar, sem pintar, sem cuidar da terra, das águas, sem usar as mãos, sem esculpir, sem filosofar, sem pontos de vista sobre o mundo, sem fazer ciência, ou teologia, sem assombro em face do mistério, sem aprender, sem ensinar, sem ideias de formação, sem politizar, não é possível”.

(Paulo Freire)

E assim, vamos para o último problema apontado pelo grupo-pesquisador dentro da formação em sociopoética, que se refere, de um lado, ao trabalho com as diversidades e diferenças de estudantes, e do outro lado, à burocracia dos currículos da escola que busca homogeneizar alunos/as através do controle de suas ações em meio a práticas pedagógicas voltadas para a reprodução de conteúdos fragmentados, muitas vezes discriminatórios, que não se conectam à vida. Essa discussão está presente na fala do grupo-filósofo em torno das diversidades, que aparece de forma contraditória, podendo ser problema e solução ao mesmo tempo, para uma prática educativa criativa, aberta às experiências do dia a dia. Vejamos:

O entrelace das linhas significa a força, se tiver união a gente consegue enfrentar todos os problemas. Os problemas da mandala eu diria que tem a ver com a diversidade, no sentido de agregar a ela cada aluno que pensa diferente, que age diferente e aqui a gente tem que lidar com essas situações que aparecem, de ajudar o aluno nas suas dificuldades, e lidar com os problemas de convivência no grupo, eu escolheria a diversidade como o problema, e uma solução ao mesmo tempo, sei lá. Tem relação com os comportamentos diferentes, ideias, que cada ser tem um jeito de lidar com as coisas, um aprende mais que o outro, outro tem mais dificuldade, e tudo isso é uma diversidade que acaba se tornando um desafio pois tem que saber lidar com tantos problemas diferentes ao mesmo tempo. (GRUPO-PESQUISADOR, 2020).

Em tempos pandêmicos de tantas incertezas, quando a própria ciência tenta remodelar-se diante da diversidade e dos múltiplos problemas da vida contemporânea, a Sociopoética lançasse como uma forma de despertar estranheza e curiosidade, descolonizando o pensamento Ocidental, possibilitando-nos desconstruir, recriar nossas ideias em relação ao outro, ao diferente. Assim, essa abordagem, tenta produzir a descolonização do saber instituído e normatizado pelo modelo de ciência, cujo viés tornou-se eurocêntrico.

Além disso, o conhecimento é precisamente significativo quando abre margem para a flexibilidade na reflexão sobre a ação, que começa na prática para desencadear um pensamento sério sobre questões educacionais, da rotina à tecnologia, à teoria e aos valores das diversidades. A formação docente em sociopoética requer uma investigação eterna. Nela os/as professores/as podem compreender criticamente a interação com situações reais, “escovando” conceitos e questionando suas crenças e hábitos cristalizados, propondo um método como a **Formação em Sociopoética-limpeza** que, como vimos, pode produzir uma experiência alternativa, reestruturando a realidade da escola, abrindo oportunidades de visões de mundo, permitindo a reorganização da escola e seus sujeitos, como afirma Hopenhayn:

Se na história contemporânea a luta pelo respeito ao outro-distinto constitui uma conquista nunca de todo conseguida, hoje o desafio inclui e ultrapassa

essa aceitação do diverso. Já não é só a tolerância do outro-distinto o que está em jogo, mas a opção da autorrecriação própria na interação com este outro. Passamos do velho tema do respeito para a aventura de olharmos com os olhos do outro. Entrar nesse olhar do outro me faz a mim ser outro em relação a mim mesmo. (HOPENHAYN, 2011, p. 261).

A luta por uma educação melhor, pelo respeito às diferenças, como podemos perceber, é um desafio que precisa ultrapassar a aceitação do novo, pois no sentido dessa vontade de poder, entender o outro mudará minha visão. O pluralismo de ideias na escola torna-se uma espécie de remodelagem e recriação da forma como olhamos as diferenças. Esse olhar para si e para os outros precisa habitar outros corpos através das experiências para que seja capaz de um respeito multicultural.

Observamos que os elementos simbólicos de discriminação são constituídos da marca social, cultural e da política daqueles que os exteriorizam. Dessa forma, caracterizam e delimitam a dominação, os vestígios de uma educação Ocidental, que impõe padrões distantes de nossas realidades, sendo necessário um processo de descolonização das palavras, pensamentos e ações dentro do processo de formação docente e discente nas instituições de ensino. Constata-se, dessa forma, que o problema da educação na contemporaneidade não é mais apenas trabalhar o cognitivo, produzido de forma excludente historicamente, mas na verdade, nossas experiências educativas precisam formar rachaduras nos antigos hábitos Ocidentais, permitindo que os conhecimentos possam ser experimentados em todos os seus sentidos, aprendendo incessantemente e impedindo hábitos cristalizados por epistemologias do Norte. Pois para muitas pessoas em partes do mundo,

[...] o conhecimento só é considerado válido e relevante quando definido basicamente como científico. Na maioria dos casos, critérios baseados na cultura ocidental são utilizados para fazer tal julgamento. No entanto, é necessariamente crucial lembrar que o conhecimento é o efeito da aprendizagem que é determinada sócio-culturalmente e validada coletivamente. Cada grupo humano produz, estabelece, valida e mantém o conhecimento! (BOAKARI, 2010, p. 2).

Assim sendo, a ideia fundamental desses escritos é a compreensão da educação para além da escola, ampliando nosso olhar, inventando e produzindo conhecimentos a partir das epistemologias que foram colonizadas num movimento de negação, ainda vivo, de parte da humanidade pela Europa conquistadora, causadas pelos genocídios e epistemicídios, que ainda hoje tentam a todo instante inculcar e disseminar valores preconceituosos, reproduzindo um espaço escolar destinado ao silenciamento dos invisibilizados, com o total desprezo de seus modos de pensar e criar novos conhecimentos. E a tão sonhada mudança só acontecerá quando

houver o deslocamento das abordagens tradicionais para o choque com as experimentações das culturas africanas e indígenas, até então subalternizadas no nosso país, desenvolvendo experiências concretas, que dialoguem com as especificidades de culturas diversas e pouco conhecidas, um trabalho avesso ao imaginário Ocidental e europeu. Descolonizar significa que pretendemos levar uma formação às escolas, baseada no diálogo crítico com os fazeres instituídos e suas teorizações e, aos poucos, colocar em xeque esses procedimentos, afirmando intercâmbios de convivência que enriqueçam o ensino de forma global.

Percebe-se, dessa forma, que a falta de diálogo entre as instituições com faces europeias como a escola, a família e a comunidade, importadas de um sistema Ocidental de opressão e conservadorismo, negam os ensinamentos próprios dos excluídos sociais, fortalecendo a dominação consciente e inconsciente dos valores e práticas eurodescendentes, com a desvalorização ou negação dos valores e práticas das populações marginalizadas. Nesse contexto, observa-se a dificuldade de contracolônizar a educação e as pesquisas acadêmicas, conseqüentemente, nossa saída é dar abertura, voz e reconhecimento às comunidades de resistência, injetando, problematizando e potencializando suas perspectivas instituintes nos devires educacionais e de investigação, resistindo e desenvolvendo novas metodologias sensíveis e inovadoras, como a sociopoética.

Nessa acepção, Perrenoud (2001) complementa essa discussão quando aborda as complexidades da escola, trazendo à tona uma série de questões necessárias para retratar corretamente o fenômeno educacional atual. Argumenta que falar sobre complexidade significa enfrentar a realidade e falar sobre si mesmo e os outros. Isso significa questionar nossa representação e controle sobre o mundo, especialmente o mundo social, significa também verificar nossa compreensão, expectativas e ferramentas de ação. O autor afirma que a comunicação é motor, ferramenta e mecanismo em várias situações da vida. Seja na escola ou em outros contextos, as habilidades de comunicação precisam ser melhor desenvolvidas para que haja o acolhimento às diversidades.

O que podemos refletir no confeto **Convivência-Botõezinhos** é a convivência em que a união de botõezinhos faz a força. Destacando o problema da cor preta que é pensada para coisas ruins como o medo ou outra coisa assim. Diz-se: quando é coisa preta, já se pensa coisa ruim. Por que não coloca outra cor para essas coisas ruins? É preciso se ter outro pensamento e se falar: “Não bota preto, não! Eu gosto de preto, é minha cor preferida!”

Observamos, através do confeto **Convivência-Botõezinhos**, que precisamos descolonizar a escola, a partir do seu interior, pois a falta de dialogicidade é que mantêm vivos os preconceitos, através da disseminação de valores e práticas eurodescendentes, que negam e

desvalorizam saberes e práticas pertencentes aos descendentes de colonizados. Esse processo de descolonização precisa ter início pela quebra com os currículos tradicionais, o que é um desafio da educação escolar. Deve ir contra a permanência dos preconceitos e a necessidade de condenarmos a rigidez das matrizes curriculares, a pobreza das características do conteúdo curricular abordados na escola, abrindo-se a necessidade de diálogo entre as escolas, o currículo e a realidade social, abarcando novas histórias de vida e outras versões sobre os conhecimentos cristalizados, formando então professores/as reflexivos/as e inventivos/as, que respeitem as culturas rejeitadas e silenciadas nos currículos, priorizando suas forças culturais e aumentando sua participação nos conhecimentos transmitidos pela instituição escolar.

O que foi destacado em um momento de autoanálise, no qual os/as educadores/as trazem uma questão diferente, apontada no confeto **Convivência-Botõezinhos**, enfatizando a importância de uma formação descolonizadora nas instituições educativas, que converse com os pensamentos coletivos, com o intuito de formular novas formas de conhecer, que vão contra as manifestações de violências e discriminações sociais, econômicas e culturais, que envolvem relações étnico-raciais, de gênero e sexualidade, deficiências, entre outras.

Ah, não sei [...] você fala para os alunos: “Vamos fazer o Dia das Bruxas”. Quem for vestido de preto, sabe que é uma coisa ruim. Eu fico assim triste toda vez, né, a gente bota o Dia das Bruxas, e não pensa essas coisas. Todo mundo quando vai fazer relação com preto só é coisa ruim com essa cor. Porque lá na casa deles, eles também ver muito desenho, sempre o preto quando é o desenho, representa essas pessoas más. Como a bruxa, sempre quem é do mal usa capa preta e os meninos sempre retém isso na mente. Aí é preciso muito conhecimento para a gente repassar para eles dizendo que não pode ser assim. Mas isso é... eu não sei muito. Eu só sei que tem que ter muito conhecimento e muita conversa, muito diálogo. Tem que fazer alguma ideia para tirar mais esse preconceito do preto. (GRUPO-PESQUISADOR, 2020).

Portanto, é preciso também atentar, no ambiente escolar, para o significado das linguagens, que podem estar sendo usadas para tentar disfarçar situações de violências ligadas ao racismo, que desestabilizam o emocional das vítimas. Podemos iniciar as ações analisando expressões que vamos tornando costumeiras desde a infância, como nas cantigas como Boi da cara preta: “Boi, boi, boi, boi da cara preta, pega esta criança que tem medo de careta. Nesse caso, a “canção” causa medo, disseminando também a discriminação, o que é proibido pela Constituição Federal (BRASIL, 1988), e viola os princípios do Estatuto da Criança e do Adolescente (BRASIL, 1990).

Vários desenhos animados e produções cinematográficas foram sendo reproduzidos com esse teor racista ao longo do tempo, como sinalizado pelo grupo-pesquisador, além da incorporação de festividades como o Dia das Bruxas, também foi descrito como mais um

espaço de legitimação dos preconceitos, quando relaciona o preto a algo ruim. O próprio clássico do Sítio do Pica-pau amarelo, de Monteiro Lobato, é outro exemplo ligado à literatura brasileira, que é trabalhado nas escolas desde a educação infantil, reafirmando estereótipos racistas, o mesmo vem sendo adaptado para filmes, séries televisivas e desenhos animados desde 1950, o que nos faz refletir sobre a fala do grupo-pesquisador:

Na escola tem diversos problemas e a gente tem que ao menos amenizar alguns, pois os problemas fazem parte da vida da gente. Um problema pode ser várias coisas, uma pessoa gostar de uma cor e a outra não, pode ser um problema. Na vida as vezes a gente tem que ajudar a solucionar ou amenizar um problema e explicar que isso faz parte da vida, e que cada um pode escolher uma cor, e ninguém vai dizer se é bonito ou é feio, pois cada um tem que respeitar um ao outro. (GRUPO-PESQUISADOR, 2020).

Em observância a isso, perceber os estigmas internalizados e mantidos pela sociedade traz a importância da inversão de valores construídos a partir da escrita de uma nova história e práticas educativas que levem em consideração nossa tradição oral, tão menosprezada, para que possamos perceber que a própria escrita da história foi imposta seguindo apenas a visão Ocidentalizada, que acarreta estereótipos irreais, carregados de preconceitos, vinculando tudo que é preto a sinônimos de inferioridade, sendo vistos como marginais, perigosos, sujos, desonestos, preguiçosos, ruins. Como descrevem Coelho e Boakari:

[...] Quando adolescente e se “torna rebelde”, ganha logo o nome de “ovelha negra”. “Negra” significando aqui quem causa problema num grupo social. Para classificar caráter ou conduta, situações ruins, são utilizados termos simbólicos relativos às nomenclaturas atribuídas aos afrodescendentes: se se encontra um gato “preto”, já o azar lhe cruzou o destino; se o dia apresentar sofrimento: “dia negro”; se alguém “sujar” a imagem de outro com atributos negativos, pronto! denegriu a sua imagem, ou seja, deixou-a “negra”, “suja”; e se morre alguém, é vestir “preto” para demonstrar a tristeza. (COELHO; BOAKARI, 2013, p. 7-8).

A naturalização das práticas racistas alimenta um sistema de opressão que fere os direitos, muitas vezes paralisando-nos diante das situações de indiferença, devido ao medo instalado. No entanto, não podemos mais nos silenciar frente aos preconceitos arraigados sobre o outro, sendo urgente, segundo Almeida (2019), não só o repúdio ao racismo, mas a adoção de práticas e ações antirracistas.

Por isso, é importante a reflexão sobre a produção dos conhecimentos através da descolonização intelectual, pois possibilita a superação da mentalidade e cultura em uma visão única Ocidental e abre espaço para uma visão da realidade mais inclusiva. Essa ampliação de visões de mundo abre novas perspectivas que só podem ser modificadas através da educação.

De acordo com Boakari:

O conhecimento e a compreensão da educação para a paz eram necessários; mas o que era muito mais necessário era praticar para adquirir um conhecimento mais crítico dos outros, a fim de usá-lo para uma melhor apreciação das suas visões de mundo, valores e práticas. (BOAKARI, 2010, p. 12).

Nesse sentido, a escola precisa contribuir para repensar a construção dos conhecimentos científicos e perceber que eles são estabelecidos de formas e contextos diversos, respeitando as diferentes experiências. Dessa forma, vamos dando contornos a conhecimentos, saberes populares, superstições, senso comum, tradições, culturas, ampliando as possibilidades e escapando do pensamento do erroneamente rotulado homem branco, dominante e excludente. Nas palavras de Boakari (2013, p. 196): “o mundo contemporâneo é desafiador, mas repleto de oportunidades para aprender individual e coletivamente do presente, passado e futuro como realidades diversas e interconectadas, complexas e explicáveis”.

E tudo isso que foi descrito afeta os currículos, destacando a necessidade de passarem por um processo de renovação. A atualização não se limita mais à teoria, mas a uma atualização que requer uma conexão real entre teoria e prática. E o mais importante: a renovação do imaginário educacional e a renovação da relação entre as disciplinas educacionais. Nesse sentido, as mudanças estruturais propostas pelas legislações, como por exemplo a Lei de Diretrizes e Bases da Educação – LDB, lei nº 9.394 (BRASIL, 1996), o Estatuto da Criança e do Adolescente – ECA (BRASIL, 1990) e a Lei nº 10.639 (BRASIL, 2003) vem abrindo caminhos para a construção de uma educação dentro dos princípios da isonomia e equidade social, que garante políticas públicas contra os preconceitos, discriminações; buscando disseminar uma educação e linguagem antirracista, o que vem ocasionando, mesmo que de forma tímida, uma ruptura epistemológica e curricular, na medida em que discute questões que até 30 anos atrás, eram totalmente negadas.

As mudanças curriculares baseadas em um diálogo transcultural vêm causando a libertação na escola, ou seja, a existência e a percepção de “outros” e o considerando parte do processo de aprendizagem, dando abertura e o direito para que todos/as se expressem livremente, dando suas opiniões sobre o que consideram ser mais importante para ser discutido, ensinado e aprendido na escola. Isso está relacionado ao reconhecimento de nossa igualdade como ser humano e sujeitos de direitos, bem como de nossas diferenças como sujeito único em diversos aspectos, tais como gênero, raça, idade e nível socioeconômico, entre outros. Também se refere ao conflito, passando de geração em geração, e a compreensão

das situações extremas vividas pelos/as nossos/as alunos/as, principalmente da nossa população periférica. Como destaca Gomes:

Numa perspectiva de descolonização dos currículos e na compreensão das rupturas epistemológicas e culturais trazidas pela questão racial na educação brasileira, concordo com o fato de que esse olhar é um alerta importante. A compreensão das formas por meio das quais a cultura negra, as questões de gênero, a juventude, as lutas dos movimentos sociais e dos grupos populares são marginalizadas, tratadas de maneira desconectada com a vida social mais ampla e até mesmo discriminadas no cotidiano da escola e nos currículos pode ser considerado um avanço e uma ruptura epistemológica no campo educacional. No entanto, devemos ir mais além. (GOMES, 2012, p. 104).

Destarte, a descolonização do currículo sugere conflito, enfrentamento, negociações e aceitação do novo. Portanto, superando a perspectiva eurocêntrica de conhecimento e de mundo, desafiando a escola, os educadores/as, os currículos e a formação docente a compreenderem e implementarem a naturalização das diferenças culturais nos conhecimentos escolares. Conforme Gauthier (2012), sobre o direito do mais fraco, trata da criação de novas epistemologias, adequadas para dialogar sobre contextos de desigualdade e de opressão que envolveram a história, ligadas às formas de dominação, de colonização e de resistências, que são destacadas pelo autor, ressaltadas em um princípio importante da sociopoética, que é pesquisar com as culturas de resistência, das categorias e dos conceitos que produzem. Esse princípio permite quebrar com os silenciamentos e saberes dominantes preconceituosos que foram naturalizados ao longo da nossa história. Para Adad (2014, p. 47): “Trata-se de desorientar o intelecto, de caotizar a percepção e categorização do mundo, e de descobrir outros significados humanos para os dados de pesquisa produzidos – tarefa descolonizadora e produtora de potência!”

Nesse sentido, compreendemos a escola como uma imensa Babel, com sujeitos plurais, que precisam de espaço para vibrar suas línguas diversas, frente à necessidade de expressão das variadas formas de ser. A linguagem babélica no espaço escolar pode aqui ser interpretada como uma linguagem que busca novos rumos, permeados de filosofia e de poesia, para a expressão ou para compreender os problemas, aqui referentes à convivência escolar (LARROSA; SKLIAR, 2011). Educar seria, assim, uma atividade dialógica em que as experiências até hoje invisibilizadas, não reconhecidas e violentadas, passassem a ser incorporadas no cotidiano escolar, desfazendo hierarquias entre quem educa e quem é educado, num modelo de educação relacional, no qual possamos desconstruir as desigualdades e injustiças (MISKOLCI, 2012). Necessitamos, portanto, experimentar no presente algo que escape para línguas fronteiriças, transportando-nos para a pluralidade de

diálogos e idiomas inesgotáveis, que se expressam na escola, celebrando as diferenças e promovendo a invenção de si e do mundo. A existência de diversidade epistêmica garante o potencial para os esforços de,

[...] decolonização e de “despatrialização” que não mais estão centrados nas epistemologias e visões de mundo eurocêntricas. Para nos movermos além da Modernidade eurocêntrica, Dussel propõe um projeto de decolonização que utiliza continuamente o pensamento crítico das tradições epistêmicas do Sul. É a partir dessas tradições diversas que podemos construir processos que vão trazer ideias diferentes e instituições apropriadas pela Modernidade eurocêntrica para decolonizá-las, em diferentes direções. (GROSFUGUEL, 2016, p. 20).

Como exemplo, o grupo-pesquisador considera importante a visibilidade das diferenças como fator positivo de construção da educação potencializada no confeto **Convivência na escola-Veja**, é a convivência que vê o que está na frente, o que está ao lado e além do que se pode ver. A convivência que precisa ter harmonia, na qual os alunos não precisam ter que aceitar sempre a mesma forma, pertencer a mesma cultura, a mesma religião e aos mesmos hábitos, mas que cada um tem que ver o outro e entender as diferenças. Então, é VEJA o outro, respeite o outro. A potência disso é com certeza tornar o ambiente escolar melhor para os/as professores/as, os/as alunos/as e a família. Quando todos entenderem suas diferenças uns dos outros e forem além, e deixarem para lá aquela visão de dois a três séculos atrás, compreendendo o papel da escola. Então tudo é uma questão de aceitar, entender, tudo é uma questão de ver.

O confeto **Convivência na escola-Veja** faz-se, portanto, primordial para a promoção de uma educação como aprendizado pelas diferenças, que talvez seja o grande desafio da escola, em particular, que dissemina o ideal hegemônico da sociedade através de mecanismos normalizadores que são confundidos com educativos, desconhecendo as múltiplas expressões humanas, educando de maneira autoritária e normativa para homogeneizar. É preciso resistir aos discursos e expressões dominantes, bem como criar maneiras de oposição a aspectos cognitivos e culturais engessados. É preciso encarar e ver, das mais diversas formas, o outro como alguém importante para o meu aprendizado, respeitando e internalizando outras formas de olhar e ler o mundo. Obviamente, uma resistência solitária não terá a mesma eficiência quanto a mobilizada por meio de práticas educativas coletivas e politizadas contra os problemas das diferenças. Como expresso pelo grupo-pesquisador:

Eu vejo os problemas como as lacunas, as diferenças... porque apesar de ser uma escola pequena é uma escola diversa, a gente atende crianças diferentes, com histórias de vida diferentes, condições sociais diferentes, temos gêneros

diferentes. Então vejo os problemas nesses espaços e na diversidade. (GRUPO-PESQUISADOR, 2020).

Para refletirmos sobre a necessidade de enxergarmos os outros e respeitar as variadas histórias de vida, sinalizado no confeto **Convivência na escola-Veja**, abro um parêntese para abordar um exemplo a partir de um trecho da fala de Chimamanda Adichie denominada "O Perigo de Uma Única História", título de sua palestra proferida na Conferência anual – TED GLOBAL 2009, de 21 a 24 de julho, em OXFORD, REINO UNIDO, com o tema: “A Essência das Coisas Não Visíveis”, na qual podemos observar o quanto somos alienados em relação aos conhecimentos de outras culturas, submetidos a um eurocentrismo exacerbado e violento imposto como legítimo desde o início dos tempos, o que nos leva a negar os problemas das diversidades, pois ainda mantemos os olhos fechados, como podemos refletir através do relato, a seguir:

[...] Minha colega de quarto americana ficou chocada comigo. Ela perguntou onde eu tinha aprendido a falar inglês tão bem e ficou confusa quando eu disse que, por acaso, a Nigéria tinha o inglês como sua língua oficial. Ela perguntou se podia ouvir o que ela chamou de minha “música tribal” e, conseqüentemente, ficou muito desapontada quando eu toquei minha fita da Mariah Carey. Ela presumiu que eu não sabia como usar um fogão. O que me impressionou foi que: ela sentiu pena de mim antes mesmo de ter me visto. Sua posição padrão para comigo, como uma africana, era um tipo de arrogância bem-intencionada, piedade. Minha colega de quarto tinha uma única história sobre a África. Uma única história de catástrofe. Nessa única história não havia possibilidade de os africanos serem iguais a ela, de jeito nenhum. Nenhuma possibilidade de sentimentos mais complexos do que piedade. Nenhuma possibilidade de uma conexão como humanos iguais [...]. (ADICHIE, 2012).

Observando o depoimento de Adichie (2012) podemos compreender como os preconceitos advindos de uma cultura Ocidentalizada foram assimilados durante séculos, impulsionando os racismos, através da não aceitação do outro, consagrada em estratégias de branqueamento, que tentam eliminar a ancestralidade, desconstruindo e criando estereótipos negativos em torno das diferenças. Nomenclaturas ligadas à ideia de raça, cor, etnia e gênero surgem de um universo racista e sexista, com significados pejorativos de ódio e exclusão, que ao longo da nossa história têm causado os genocídios e epistemicídios de diversos grupos sociais. Segundo Quijano (2005, p. 2): "Os povos conquistados e dominados foram postos numa situação natural de inferioridade, e conseqüentemente também seus traços fenotípicos, bem como suas descobertas mentais e culturais".

Deste modo, retornando ao confeto **Convivência na escola-Veja**, percebemos que é através das experiências que as continuidades podem ser quebradas, com a adoção de

identidades plurais, que rompem com modelos antigos de dominação, deixando o caminho aberto para a experimentação, com novas vias de como fazer educação a partir de novas metodologias, que olhem para as diversidades de uma forma positiva. Segundo Santos (2018, p. 275): “O conhecimento não é possível sem experiência, e a experiência sem os sentidos e os sentimentos que acordam em nós. É através da experiência que nos abrimos ao mundo, uma ‘abertura’ que é concedida apenas pelos sentidos”.

Essa noção do confeto **Convivência na escola-Veja** dentro do processo de formação em sociopoética como metodologia sensível e inovadora para a convivência escolar é um exemplo de experiência pós-abissal, que surge como bifurcações, divergências, trazendo a produção de sentidos sensíveis, que nos possibilitam a percepção e compreensão de ver e ser visto, ouvir e ser ouvido, cheirar, saborear o mundo, tocar, bem como pensar e refletir as relações em uma reciprocidade do ensino e aprendizagem que possam enraizar outras formas de ser e existir.

Vivenciar conhecimentos invisíveis e utilizá-los é uma forma de fugir do “perigo de uma única história” obtendo outras interpretações. Porém, para modificar o que está historicamente arraigado e infiltrado nas instituições de ensino, esses novos conhecimentos precisam vir à tona, sendo compreendidos como importantes. Por isso, os/as professores/as precisam ser maleáveis, aceitando o desafio da atualização do pensamento, sendo capazes de transformar suas práticas pedagógicas, a partir do envolvimento e valorização das histórias de vida de estudantes. De modo a potencializar sua competência de viver a educação de forma profunda. Vejamos:

Porque dentro da escola tudo tem que ser maleável, nada pode ser forçado. Se você encontra um aluno com opinião diferente, você sendo professor e tendo as suas convicções, princípios e valores você tem que respeitar e se adequar a situação, então acho que a postura do docente hoje é uma postura maleável, alguém que se coloque com empatia no lugar do outro, pois por mais que seja alguém que tem a mesma base, vai sempre ter opinião diferente, até por que na sociedade a gente não segue o mesmo padrão, não é o mesmo estereótipo. É justamente isso que me venho a memória durante os trabalhos que a gente produziu. (GRUPO-PESQUISADOR, 2020).

Pois bem, os olhares, escuta, falas na escola, sejam curriculares, pedagógicos, didáticos, estão historicamente determinados por relações de saber-poder e implicados em políticas identitárias e de representações culturais assumidas nos currículos. O trabalho de educação voltado para as diferenças é muito mais do que um diálogo com aqueles que costumam ser desqualificados para a educação e para outras experiências de vida na sociedade, esse diálogo na verdade pode tornar-se a própria educação e mudar o papel da escola. Isso não é pouca coisa,

é realmente audacioso e é um desafio a ser enfrentado e seguido em todas as áreas de esperanças e de incertezas (MISKOLCI, 2012). Sobre isso, o grupo-pesquisador explica que na convivência na escola,

Por mais que tudo tenha a mesma base ou comece no mesmo local, sempre vão ter opiniões diferentes. Sempre vai ter alguém que vai desafiar a capacidade do professor de se reinventar e se adequar a novas situações também, e acho que isso é o que importa dentro do ambiente escolar. (GRUPO-PESQUISADOR, 2020).

Como professores/as que estão na linha de frente do enfrentamento das diferenças e violências na escola, não podemos mais reproduzir um ensino e aprendizagem nos currículos da escola ou em seus espaços de socialização, seguindo um perfil imposto pela história da colonização em nosso país, com formas instituídas de práticas educativas desiguais, inculcando currículos e valores preconceituosos no processo educativo. Queremos descolonizar a escola a partir de uma abordagem contracolonial de ensino. Contracolônizar é radicalizar a atitude epistêmica decolonial: significa que partimos diretamente das tradições para práticas de pesquisa e ensino (GAUTHIER; ADAD, 2020).

Para avançarmos em direção ao pensamento pós-abissal, através da sociopoética, faz-se necessário que se reconheça a persistência do pensamento abissal e pense-se em sua transição, mostrando o quanto podemos aprender com uma "Epistemologia do Sul". É necessário o abandono de uma concepção linear da História, bem como a superação da exclusão, do preconceito e da intolerância. Construindo um novo modo de compreender a dimensão histórica, reconhecendo a diversidade epistemológica do mundo, o pensamento pós-abissal tornar-se-á presente na construção de saberes multifacetados, renunciando a toda e a qualquer epistemologia geral, única e hegemônica.

Há, portanto, uma necessidade crescente de descolonizar o pensamento de professores/as para uma visão integradora. Essa mudança de paradigmas é crucial para enfrentarmos os desafios atuais da educação. Discussões e debates relacionados a abordagens críticas do conhecimento chamarão mais atenção quando percebermos que os conteúdos são predominantemente de origem eurocêntrica. Os valores e perspectivas Ocidentais continuam predominando. O julgamento do que é racional, legítimo e valioso baseia-se unicamente numa visão de mundo Ocidental, dominante e excludente, que busca a uniformização dos sujeitos e dos pensamentos, que manipulam as relações humanas.

Dessa forma, a descolonização do pensamento nos leva a repensar o engessamento dos currículos escolares e Universitários, e a falta de diálogo com aspectos de culturas

marginalizadas, e uma prática educativa longe das relações com a vida leva-nos a uma luta constante para descolonizar nossos saberes, nossa formação docente e discente e, principalmente, nossas pesquisas e sua transmissão. Precisamos de práticas educativas descolonizadoras dentro das escolas, nas ruas, comunidades, famílias, Universidades e principalmente nas pesquisas, dialogando no ensino a produção de subjetividades capazes de quebrar com essa linha tênue que nos separa e, de certa forma, contracolonizar os conhecimentos através de saberes sensíveis sobre nossa ancestralidade e não mais uma cópia Ocidental de educação que nos fragiliza por suas marcas de violências estabelecidas em nossas instituições sociais.

Concebemos, assim, que as escolas brasileiras montam um cenário baseado em um ser ideal e uma evolução cognitiva homogênea. Esse ideal de pessoa é que cria o delinquente, o desviado, o anormal, o indisciplinado, entre outros (VEIGA-NETO, 2011). Como consequência temos a dificuldade teórica e prática de lidar com as diversidades e diferenças entre educadores/as e educandos/as, pois os currículos precisam passar pelo conhecimento das identidades plurais, já que “pensamos apenas em conhecimento, esquecendo-nos de que o conhecimento que constitui o currículo está inextricavelmente, centralmente, vitalmente, envolvido naquilo que somos, naquilo que nos tornamos: na nossa identidade, na nossa subjetividade.” (SILVA, 2015, p. 15). Diante do exposto, o grupo-pesquisador alerta-nos sobre a necessidade de compreendermos que pertencemos a uma cultura escolar e a um tempo que precisa adaptar-se às circunstâncias plurais da vida, promovendo mudanças possíveis de abarcar o máximo de indivíduos, se não todos. Como expressaram no relato:

Sabemos também que temos que tentar fazer, e tentar mudar o pensamento de muitas pessoas e mostrar que é possível aprender de diversas formas e que nós aprendemos de maneiras diferentes, assim como tem alguém que aprende com a explicação do professor, tem o aluno que não consegue aprender daquela forma, e por exemplo, ao assistir um vídeo ou um filme ele consegue captar mais informações. Tem alunos que conseguem aprender só com a leitura de conteúdo, e tem outros que não. Então nós temos que trazer metodologias diferentes para atender todas essas necessidades. (GRUPO-PESQUISADOR, 2020).

Mas a verdade é que ainda vivemos na escola com currículos estanques, em disciplinas longe das realidades, que dificultam a compreensão dos conhecimentos pelos discentes e até mesmo a criação de novos conhecimentos. Para Morin (2001, p. 12): “[...] nosso sistema educacional nos torna incapazes de conceber a complexidade, isto é, as inúmeras ligações entre diferentes aspectos dos conhecimentos”. As práticas educativas dos/as professores/as ainda seguem uma tendência tradicional e conservadora, de ênfase e base teórica e reprodutivista.

Sendo, portanto, urgente reformar o ensino e os conhecimentos. Para descrever esse processo, o grupo-pesquisador criou o confeto **Convivência na escola-Muquirama**, é uma convivência-panela que é a parte da escola que tem o dever de educar e fornecer valores. Ela é composta pelo **cabide-sustentação** do corpo escolar, que é o preparo adequado para suscitar o interesse de estar aprendendo mais, agregando novos conhecimentos. Vamos imaginar que alguém conduz o nosso corpo escolar, mas não é receptivo aos novos conhecimentos ou estar pronto para saber administrar uma nova situação, então esse **cabide-sustentação** é você estar aberto para aprimorar sua formação, que tanto vale para o/a gestor/a, como vale para o/a professor/a, vale para todo mundo.

Além disso, na **Convivência na escola-Muquirama** muitas vezes é difícil fazer educação e pesquisa decoloniais, a menos que trabalhemos diretamente com as comunidades e injetemos suas visões organizacionais nos estereótipos de educação e pesquisa, abrindo espaço aos devires, pois “O *devir* é uma fuga fora dos engessamentos instituídos, no sentido de criar elos instituintes, muitas vezes inesperados e ‘impensáveis’, constituindo assim novas formas de desejar, se alegrar, se expressar, em dispositivos compostos por dimensões heterogêneas”. (GAUTHIER; ADAD, 2020, p. 265).

Por fim, o sensível e inovador, que proporcionamos nessa investigação, pode ser bem definido nas palavras de Kastrup:

O melhor aprendiz não é aquele que aborda o mundo por meio de hábitos cristalizados, mas o que consegue permanecer sempre em processo de aprendizagem. O processo de aprendizagem permanente pode, então, igualmente, ser dito de desaprendizagem permanente. (KASTRUP, 2007, p. 174).

Reflete-se, dessa forma, o fenômeno do educar para a sensibilidade e os sentidos como fonte de conhecimento através da possibilidade do desaprender. Compreendendo a sensibilidade como uma encruzilhada que possibilita a abertura para percursos improváveis e indetermináveis, caminhando para veredas do desconhecido, do não saber, das incertezas, do novo, do diferente. Uma educação sensível possibilita a criação e recriação em uma metamorfose que descortina outras visões educativas que mobilizam a imaginação, a intuição e as afecções. Essa busca inspira-se hoje na capacidade de “*corazonar*” que,

[...] é um sentir pensar que junta tudo aquilo que as dicotomias separam. Visa ser instrumentalmente útil sem deixar de ser expressivo e performático. É o acto de construir pontes entre emoções/afectos, por um lado, e conhecimentos/razões, por outro. [...] o *corazonar* é um agir criativo que visa a resolução de problemas. (SANTOS, 2018, p. 179-180).

Revela-se que a **Convivência na escola-Muquirama**, somada a essa dimensão do *corazonar*, precisa ser trabalhada nas escolas, pois o que percebemos é que os docentes podem ter conhecimentos sobre uma infinidade de coisas úteis para sua prática cotidiana, no entanto, deter-se sobre uma boa relação professor-estudante é imprescindível para o êxito da prática educativa. Os saberes docentes são desenvolvidos ao longo de sua trajetória de vida. As experiências são absorvidas e selecionadas pelo viés do docente, suas crenças, suas práticas políticas e culturais. O/A docente, na maioria das vezes, durante sua ação pedagógica, convive com problemas/dilemas dos/as discentes, que prefere pensar que não é sua responsabilidade contribuir para a solução. Aqui, destacamos que não queremos jamais culpabilizar os/as professores/as pela não resolução dos problemas, mas apontar margens para a mudança dessas situações a partir de sua mobilização em uma evolução do *corazonar*, que seria usado, a exemplo da abordagem sociopoética, como ferramenta nas práticas educativas, ou seja, como um modo de descolonização do pensamento cartesiano. Assim, essa abordagem,

como um estilhaçamento do próprio espelho, produz a descolonização do saber instituído e normatizado pelo modelo de ciência, cujo viés tornou-se eurocêntrico. [...] a Sociopoética cria possibilidades, principalmente para aqueles que foram invisibilizados pelo paradigma de ciência dominante. Assim, quebra com o modelo que esqueceu dos sentidos da vida, frio na sua capacidade de escutar, tocar, sentir, cheirar, enfim, “*corozonar*” (sentir-pensar), como destaca Santos (2018, 2010), quando se refere a “violência epistemológica” produzida pelo eurocentrismo científico que reduz outras culturas a objeto de exploração, com a destruição de outros conhecimentos, submetendo relações e regiões do mundo à lógica de capitalismo global, produzindo uma ciência arrogante que só valida conhecimentos alternativos na medida em que pode canibalizar o outro, o diferente. (SILVA; ADAD, 2020, p. 2)

Conclui-se que a formação em sociopoética deseja criar na escola um lugar de experiências com a vida cotidiana, que garanta que as crianças e os/as adolescentes vivam de acordo com todos os princípios de respeito às diversidades e diferenças, sendo uma condição de diálogo, escuta sensível, de assistência e proteção às fragilidades de condições as quais estão expostas dentro e fora do ambiente escolar. Defendendo que a educação a partir da Formação em Sociopoética como metodologia sensível e inovadora para a convivência escolar seja uma espécie de invenção, em um “laboratório de criação” de práticas educativas subversivas, ou seja, de práticas educativas capazes de resistir às regras que controlam as instituições educativas, criando novas formas de educar no contemporâneo.

Evidencia-se que a experiência do Pcurso mostrou que a sociopoética é uma abordagem filosófica capaz de transversalizar conceitos e confetos gerados pelo grupo-

pesquisador, provocando outras formas de educar, pensar nossas relações nas instituições educativas dentro de espaços-tempos diversos, afetando os modos de nos relacionar, conviver, partilhar afetos, inventar e criar saberes tecendo territórios sensíveis capazes de conversar com teóricos consagrados, transformando seus conhecimentos em referências essenciais para a formação docente e suas práticas educativas.

Nesse sentido, mudar a maneira de aprender e ensinar, abrir caminho para a fala de quem vive de perto as realidades escolares e que se mostra como um professor/a-pesquisador/a, colaborar com a produção de outros saberes e pensar o contexto e agir sobre ele através de uma ciência feita por muitas mãos, que descolonizam saberes arraigados. Observando tudo o que foi construído, direciono-me ao conceito de mapa, objeto responsável por traçar as linhas e guiar na busca de caminhos, para adaptá-lo e relacioná-lo ao espaço da escola, pois acredito que esse espaço “[...] é aberto, é conectável em todas as suas dimensões, desmontável, reversível, suscetível de receber modificações constantes. Ele pode ser rasgado, revertido, adaptar-se a montagens de qualquer natureza, ser preparado por um indivíduo, um grupo ou uma formação social.” (DELEUZE; GUATTARI, 1995, p. 22).

Por existirem linhas nos aprendizados de uma sociedade, a sociopoética, enquanto abordagem de pesquisar, de ensinar e aprender produz mapas, cartografias que nos permitem deslocar pelas experiências de aprendizado, sendo criadas permitem atravessar os muros, ultrapassar os limites, numa encruzilhada capaz de auxiliar-nos a romper com os preconceitos herdados de uma educação cartesiana, passando a aprender e ensinar através da potência da arte em oficinas, que nos permitem o falar solto, vibrar a escuta e o olhar sem pré-julgamentos, descolonizando pensamentos pela liberdade de movimentar o corpo todo na busca por mudanças.

Com essa pesquisa, tive então que desaprender, transversalizando os conhecimentos, por trajetos ainda desconhecidos, saindo dos campos arraigados para o campo das subjetividades criadoras, algo desafiador, já que a aceitação do novo é algo tão marginalizado dentro do processo educativo. Assim, sinto que a abordagem sociopoética cumpriu o seu papel no trajeto dessa pesquisa, descolonizando os saberes cartesianos através de uma prática interventiva de ensino, envolvendo a formação de multiplicadores do método através das ideias de circularidade presentes na mandala Circopoética e de alacridade adivinhadas dos elementos afrorreferenciados vivenciados nas oficinas.

Desse modo, acredito que o grupo-pesquisador aprendeu com a Sociopoética que educar é extremamente desafiador durante a nossa formação, pois é preciso transformar para conhecer; é preciso perder-se para ver, sentir e tocar e ser tocado; é preciso estranhar o mundo para gritar

e agir por mudanças. Destaco um dos diários do grupo-pesquisador, que revela os sentimentos e aprendizados ao final do “Pescurso” (Pesquisa+Curso), que por acaso precisa ser visto apenas como o caminho do meio, para que não nos falte vontade de continuar aprendendo e inspirando outros, como destacaram:

Diário Grupo-pesquisador, Povoado Buriti do Castelo, 8 de novembro de 2020

“Neste último dia de formação pude compreender o que é a Sociopoética e como posso aplicar esta nova metodologia em minha prática. No início achei muito estranho por não conhecer, por não saber nada a respeito da sociopoética, às vezes, em alguns momentos da formação me senti perdida, mas no decorrer das atividades desenvolvidas pude perceber o potencial que cada um, ser humano, possui dentro de si, pude perceber o quanto cada um de nós podemos aprender utilizando nosso corpo, a energia do nosso corpo, assim como a energia dos objetos e os ambientes podem oferecer. Nesta formação, compreendi, que existe diversas formas de ensinar e de aprender e precisamos abrir nossa mente para novos conhecimentos, para experimentar coisas novas. Descobri o verdadeiro sentido da sociopoética como metodologia inovadora: aprender a valorizar o outro, o que o outro tem a lhe oferecer e a partir desta troca, da elaboração, da parceria com o grupo, construir saberes que serão extremamente importantes para nossa vida.”

Nesse sentido, essa formação em sociopoética vem afirmar-se como uma abordagem metodológica para a convivência escolar, que nos possibilita transver o mundo por meio da utilização de seus 5 princípios no cotidiano da escola, que nesse caso foram reescritos pelo grupo-pesquisador para atender às principais necessidades levantadas pelos mesmos, ficando assim: 1. Valorizar o conhecimento produzido a partir das experiências vividas em contato com outros corpos, 2. Considerar que a coletividade é o elemento que fomenta o contato entre os corpos e desenvolve o saber, 3. Trabalhar as culturas oprimidas, 4. Agregar saberes por meio da arte e 5. Romper com os estereótipos preestabelecidos.

Por fim, evidencio, a partir de Guathier (2021, p. 70), a importância do grupo-pesquisador nesses escritos, pois eles estiveram, “[...] fluindo na compaixão coletiva, de coração aberto para com outros corações, mesmo que se apresentem como muito diferentes do nosso, ou melhor: ‘sobretudo, quando se apresentam como muito diferentes’[...]”. Nesse caso, o mais importante que podemos deixar como semente para a educação escolar, a partir dessa formação e das falas, conceitos e confetos produzidos, não é apenas a necessidade do trabalho em equipe, mas sim, de um trabalho de coração aberto para o que é estranho ou diferente de nós. Trata-se, portanto, de deixar de ser um educador/a isolado/a, para ampliar seus conhecimentos a partir do encontro com pessoas diferentes e plurais, contribuindo para as experiências com entre as pessoas, ampliando os sentidos da sensibilidade na escola.

INCONCLUSÕES: DEIXANDO A CIRANDA ABERTA PARA NOVAS INVENÇÕES

A Escola

*Escola é... o lugar que se faz amigos.
Não se trata só de prédios, salas, quadros,
Programas, horários, conceitos...
Escola é sobretudo, gente
Gente que trabalha, que estuda
Que alegre, se conhece, se estima.*

*O Diretor é gente,
O coordenador é gente,
O professor é gente,
O aluno é gente,
Cada funcionário é gente.*

*E a escola será cada vez melhor
Na medida em que cada um se comporte
Como colega, amigo, irmão.
Nada de “ilha cercada de gente por todos os lados”
Nada de conviver com as pessoas e depois,
Descobrir que não tem amizade a ninguém.
Nada de ser como tijolo que forma a parede, indiferente, frio, só.
Importante na escola não é só estudar, não é só trabalhar,
É também criar laços de amizade, É criar ambiente de camaradagem,
É conviver, é se “amarrar nela”!
Ora é lógico...*

*Numa escola assim vai ser fácil!
Estudar, trabalhar, crescer,
Fazer amigos, educar-se, ser feliz.
É por aqui que podemos começar a melhorar o mundo.*

(Paulo Freire).

A escola é lugar de gente, e como destacado no poema acima, por nosso grandioso mestre Paulo Freire¹³: “Importante na escola não é só estudar, não é só trabalhar. É também criar laços de amizade, é criar ambiente de camaradagem. É conviver, é se ‘amarrar nela!’” Assim, com poesia inicio descrevendo meu desejo de construir uma escola humana, que possa compreender os desafios de sua época e lutar por uma vida melhor, que reconheça os fatos, os gestos, a solidariedade, os conhecimentos plurais, as memórias das histórias de vida de todos os seus sujeitos. Uma escola dedicada e comprometida com as gerações futuras.

¹³ Poesia do educador Paulo Freire, disponível no site do Instituto Paulo Freire (www.paulofreire.org).

Durante o trajeto dessa pesquisa verifiquei que precisamos de uma educação que trabalhe o que se sabe e nos ajude a aprender o que ainda não se sabe, pois aprendi com Manoel de Barros que “Tudo o que não invento é falso!”, e pensando nessa frase, retomei meus escritos da Tese, nesse momento de *Inconclusões: deixando a ciranda aberta para novas invenções*, e assim o denominei por tratar-se de uma pesquisa provisória, deixando-a como a ciranda, em aberto, por acreditar que por ser uma invenção é preciso permitir novas possibilidades de criação e recriação, ou seja, entendendo esse processo como algo que não tem começo, meio e fim claramente definidos, pois na verdade possui faces, efeitos e causas, que não são estanques e nem podem correr para uma única direção. Desse modo, fui reinventando-me a partir da escrita como pesquisadora, e percebi que como na introdução, permaneço no caminho do meio, entre os limiares, treinando as habilidades dos encontros e acontecimentos provocados pela Sociopoética, que dá ênfase aos processos de criação através da multiplicação de devires. Nesse trajeto para tal pesquisa,

[...] tudo é considerado Acontecimento puro, isto é, potencialidade inexistente, fora de suas atualizações e, todavia, delas transbordante. Incorporal sem ser vago, coletivo e particular, perceptível e microscópico, o Acontecimento é modo de individuação, ligação a um clima, a um clarão, a um silêncio, e a outros acontecimentos. (CORAZZA, 2013, p. 37).

Foi buscando os acontecimentos que me tornei sociopoeta, e essa estrada tem sido assim, um desabrochar para o mundo, causando fissuras nos caminhos por onde andei, e que fui semeando suas invenções ao longo de encruzilhadas, o que me fez ver brotar outros vários caminhos, trazendo assim a certeza de que se trata de uma ciência que não pode ter fim, pois está sempre provocando erupções, mesmo em diferentes chãos, podendo ser férteis, áridos, alagados, enfim, está sempre renascendo devido à sua multiplicidade.

No entanto, antes de prosseguirmos nos caminhos que percorri nessa pesquisa Sociopoética, gostaria primeiramente de convidá-los a debruçar-se sobre o universo da escola, trazendo como fundamento principal a convivência. Dito isso, eu sei que para a conclusão de uma pesquisa, a academia exige um certo rigor metodológico, mas tenho que lhes pedir licença para, antes de espalhar as linhas com os resultados desses escritos, abrir um espaço para contar um pouco da minha história, enquanto professora. Prometo ser breve, trazendo apenas um episódio, para depois atender aos seus pedidos.

Há muitos anos, venho impressionando-me com o poder das crianças em nos ensinar coisas inusitadas, pois das aprendizagens que hoje carrego comigo, mais da metade aprendi com elas. Aqui vou resumir, contando-lhes sobre a primeira vez que entendi que as coisas que

havia me ensinado na academia eram apenas técnicas que de nada serviriam, caso eu não as reinventasse a partir da prática educativa no próprio ambiente da escola.

Trabalhei durante muito tempo com crianças pequenas da educação infantil, aquelas que todo mundo acredita que vai à escola só para brincar e passar o tempo, pois bem, foi com esse público que me tornei educadora; mas ao contrário do que pensam, é nessa época da vida que mais se ensina e se aprende. E algo muito comum nas crianças é o sentimento de empatia, mesmo muitas passando pela fase do egocentrismo, com uma certa dificuldade para dividir os objetos e a atenção dos adultos, mas de uma coisa eu tenho certeza que você nunca poderá falar de uma criança, é que ela possui preconceitos arraigados sobre o outro, o diferente.

No entanto, estou trazendo essa fala por um outro motivo. Algo que percebi ao analisar os dados dessa pesquisa é que precisamos urgentemente parar de silenciar as crianças e adolescentes na escola, e, por sinal, para que aconteçam mudanças efetivas, precisamos torná-los/as protagonistas. E trago agora o motivo. Estava eu em mais um dia de aula, rodeada por meus/minhas pequenos/as aprendizes, todos/as sentados/as no chão, em uma grande roda, pois a escola da infância precisa ser chão para que os movimentos sejam livres, leves e soltos; e não aquelas carteiras enfileiradas, que logo ao chegar no ensino fundamental irão lhe ser impostas como uma forma de disciplinar seus corpos. Mas aqui estou falando de crianças de apenas 2 a 3 anos de idade, nessa fase a escola até parece caminhar para dar certo.

Pois bem, nessa grande roda, como em todas as tardes, dançamos, cantamos, contamos histórias, ouvimos, e logo era chegado o momento de explicar a atividade do dia. Montei todo o material na roda e expliquei como seria a brincadeira educativa. Tratava-se de um jogo no qual deveriam sequenciar blocos de madeira da mesma cor, de forma que ficassem em uma sequência do menor para o maior. Feito isso e tendo realizado o exemplo, logo ouvi uma voz chamar-me e dizer: - “Tia Nessa”, posso dar uma ideia? Naquele momento, minha reação foi sorrir e passar-lhe a palavra, no entanto, em minha mente estava pensando tratar-se de apenas uma frase pronta, que ele havia aprendido assistindo a desenhos na televisão. Já que se tratava de uma criança tão pequena, que tipo de ideia poderia trazer? Mesmo assim, resolvi ouvi-lo, e acabei ficando admirada quando ele conseguiu falar, ao seu modo, que seria melhor a gente olhar para aqueles blocos como um elefante que de tanto beber água foi crescendo, crescendo, até ficar gigante. Lembro-me de tê-lo aplaudido e ao mesmo tempo ter me emocionado em perceber que quando temos a imaginação livre somos capazes de criar coisas surpreendentes.

Assim, descrevi esse episódio para provocá-los a perceberem a potência da invenção e reinvenção, que juntas são capazes de provocar experiências de aprendizado que são mais significativas do que a simples reprodução. Dessa forma, este estudo visou compreender as

contribuições da Formação docente em sociopoética enquanto metodologia sensível e inovadora para a problematização e potencialização de outros modos de convivência na escola no contemporâneo, tornando o fazer docente uma tarefa afetiva do aprender e ensinar. Aqui direciono essa questão para entendermos que como aprendi com as crianças sobre a potência da imaginação, do mesmo modo tem sido com meus trabalhos com a sociopoética.

Defendo, nessa pesquisa, o uso de uma formação inventiva através da abordagem sociopoética, por ter se mostrado capaz de ultrapassar as barreiras das violências, exclusões, diferenças e silenciamentos da escola, pois capacitando educadores/as nessa pesquisa através do Percorso (Pesquisa + curso), observei o quanto esse método de ensino demonstra-se potente, por ajudar-nos a pensar o saber, o fazer e o ser docente a partir da convivência na escola com todos os sujeitos que dela fazem parte ou que pelo menos deveriam, tais como a família, a comunidade, os/as estudantes, a gestão e os/as demais funcionários/as.

E aqui posso afirmar que os objetivos da experiência dessa Tese foram validados e atendidos a partir da criação de conceitos e confetos heterogêneos, desterritorializados, metafóricos, polissêmicos, polifônicos e inusitados, que conseguiram abordar as 4 (quatro dimensões do pensamento do grupo-pesquisador sobre o tema gerador Formação Docente em Sociopoética na relação com a convivência na escola, sendo elas: Formação em Sociopoética na relação com a Convivência na escola exige sensibilidade para a aceitação do novo; Formação em Sociopoética na relação com a Convivência na escola exige parcerias para transcriar a escola; Formação em Sociopoética na relação com a convivência na escola exige a aceitação do novo a partir da família; e Formação em Sociopoética na relação com a Convivência na escola exige aceitação do novo para descolonizar a educação, que apresentam as ideias e os pensamentos do grupo-pesquisador, que se transversalizaram em conceitos e confetos, destacando a questão da aceitação do novo como fator importante para a educação, pois não existe formação sem os lugares da prática e a criação de novas metodologias de ensino para a convivência na escola. Assim, essas dimensões evidenciaram os problemas e potencialidades que envolvem a formação docente, favorecendo novos modos de pensar suas capacidades criativas, sensibilizando e afetando educadores/as na busca de soluções aos problemas presentes na convivência na escola no contemporâneo.

Ressalto que posso, às vezes, ter passado a impressão ou até mesmo ter sido bastante repetitiva no discurso sobre a importância da convivência escolar, mas é porque realmente tem sido fundamental enfatizar uma necessidade que não tem sido valorizada ao longo do tempo, principalmente atualmente, em meio à pandemia da COVID-19, isso ainda se tornou mais alarmante, ao perceber que milhões de crianças e adolescentes em todo o mundo estão

crescendo sem poder vivenciar uma prática tão essencial à vida, que é tocar, sentir, olhar, conversar, sorrir, abraçar, enfim, conviver com os outros.

Portanto, a abordagem sociopoética auxiliou-me a pensar nas estratégias para alcançar e responder a minha questão inicial, orientando, teórica e metodologicamente, o planejamento das oficinas de negociação e produção de dados por meio de técnicas artísticas e análise dos dados. Essa cartografia atentou para fazer-me habitar o território da pesquisa e abraçar um grupo-pesquisador de educadores/as em meio às suas narrativas e diários de itinerância, como uma forma e posicionamento diante do mundo e de si próprios, capazes de expressarem suas experiências como aquilo que os move, transformando seus pensamentos em outros modos de fazer e pensar a educação, criados pelo estranhamento por meio das vivências de técnicas durante as oficinas, que os levaram a ter um novo olhar não só sobre o mundo, mas para se conhecer e viver nesse lugar de uma forma mais criativa. Por isso, o uso da arte como dispositivo é uma necessidade da sociopoética, pois os/as professores/as, ao problematizarem suas experiências de formação e convivência na escola, as quais os mobilizam, passaram pela produção dos estranhamentos que os proporcionaram a invenção de novas potências criativas.

Percebi, dessa forma, que as técnicas produziram dados potentes, conseguindo catalisar e multiplicar as possibilidades do pensamento do grupo-pesquisador ao gerar dados complementares, ambíguos, opostos, heterogêneos e inesperados, os quais trouxeram mais questionamentos. Nesse caso, é importante ressaltar que o uso das técnicas artísticas por meio das oficinas permitiu a libertação das falas que muitas vezes esses/as docentes deixavam presas e/ou mudas, o que os/as ajudou a pensarem e dialogarem abertamente sobre a educação e os problemas que os incomodam na dinâmica da convivência escolar, de modo que apontaram outras maneiras de pensar suas ações e reinventá-las pela arte, proporcionadas nesse encontro. Desse modo, as técnicas escolhidas, os materiais artísticos, o local e as próprias pessoas do grupo-pesquisador tornaram-se dispositivos importantes para o afloramento das vozes capazes de produzir os dados, devido ao uso das emoções, de cirandas, de movimentos corporais, dos sentidos, dos relaxamentos. Tais ferramentas foram acionadas tornando visível o que estava escondido.

Portanto, essa capacitação em sociopoética surgiu então como uma finalidade de nutrir educadores/as de novos conhecimentos, como no confeto **Formação em Sociopoética-Cabaça-Desafio-Mistura** e **Formação em sociopoética-cabaça-coragem**, que nos permite entender a necessidade de novas experiências para o desenvolvimento dos conhecimentos, mas que para conseguir alcançar é preciso determinação e coragem para vencer os desafios. Entendendo que essas formações são importantes para uma **Convivência na escola-palco da**

imaginação-espaço-livre, que permita aos/às alunos/as serem livres e ativos/as na assessoria, na escolha de conteúdos, procedimentos de ensino e avaliação, que favoreçam a aprendizagem significativa, ligada a sua realidade e a suas culturas plurais, abrindo a escola para uma maior valorização na construção da autonomia docente e discente na tomada de decisões diante das intensidades, diversidades, diferenças de informações presentes na vida dentro e fora da escola, decorrentes do vertiginoso avanço social. Verificou-se que nem tudo que é ensinado é aprendido por alunos/as, pelo simples fato de não se sentirem pertencentes à escola. O que podemos destacar pois: A aprendizagem é um processo sobre o qual,

[...] não se pode exercer absoluto controle. Podemos planejar, podemos executar tudo de acordo com o planejado, tomando todos os cuidados imagináveis; mas sempre algo poderá fugir do controle, escapar por entre as bordas, trazendo à luz um resultado insuspeitado, inimaginável. Aí se encontra, em minha maneira de ver, a beleza do processo educativo: agimos, sem nunca saber qual será o resultado de nossas ações. Uma aula pode “funcionar” muito bem em nossas cabeças, mas produzir situações e resultados completamente distintos nos alunos. (GALLO, 2003, p. 103).

Nesse caso, as experiências do pesquisar com a sociopoética permitiram-me olhar e ver a escola fora de suas naturalizações e verdades absolutas, entendendo que apesar da elaboração do planejamento ser algo essencial e obrigatório ao fazer educativo, não consegue dar conta das subjetividades de um espaço escolar que é fluido, tem movimento e que por isso é composto por desencontros, descontinuidades, existindo a necessidade de planejamentos com espaços vazios para serem preenchidos ao longo do tempo. Como constatado através do confeto **Formação em sociopoética-círculo-que-sempre-vai-faltar-uma-parte**, os espaços vazios são potentes e não devem ser encarados como algo que deverá ser sempre totalmente preenchido, até porque nossas vivências são fragmentadas e precisam ser fabricadas a partir dos desafios docentes gerados no dia a dia. Esse confeto destaca a necessidade de existir espaços vazios nas rotinas da escola, nos quais sejam possíveis outras discussões e debates, que não necessariamente os dos conteúdos curriculares obrigatórios, por isso foi levantada a questão de que é preciso transversalizar os programas escolares com a participação de toda a comunidade escolar, promovendo espaços de fala e escuta nas decisões. É indispensável não só ensinar as crianças e os/as adolescentes, mas sim, envolver a comunidade em geral, criando lugares de fala com liberdade de expressão, onde todos possam dizer suas opiniões, convicções, certezas, sem medo da não aceitação.

Assim, destaco também, nesse meu trajeto, duas outras formações criadas pelo grupo pesquisador, que gostaria de chamar a atenção, presentes nos confetos **Formação em sociopoética-escova-renascimento** e **Formação em Sociopoética-limpeza**, que nos explicam

sobre a falta de conscientização e a necessidade de uma formação em sociopoética como escova, podendo ser capaz de limpar práticas educativas arraigadas, que não agregam desenvolvimento para a sala de aula. Como expresso pelos educadores/as, muitos dos métodos de ensino aprendidos na academia servem apenas para reproduzir pensamentos estanques e conservadores, ligados a um formato de educação cartesiana que não dá conta das diversidades e diferenças presentes em nossa rotina, o que foi complementado no confeto **Convivência na escola-escova**, que é um dispositivo fundamental para reinventar a escola a partir de culturas diferentes, ideologias diferentes, fazendo essa limpeza do pensamento, que pode quebrar com as práticas hegemônicas de discriminação e preconceitos na escola, ligadas a um modelo único de educação.

Pesquisar a formação em sociopoética na relação com a convivência na escola, pelo viés de professores/as de crianças e adolescentes no ambiente da educação básica foi, portanto, um caminho tortuoso e desafiador, pelos deslocamentos e descolonizações epistemológicos que essa investigação exigiu. Necessitando reaprender, pela união de ideias e conceitos criados pelo grupo-pesquisador, a pensar uma aprendizagem sem limites, capaz de ultrapassar fronteiras, instaurando diversas possibilidades que não deixem ninguém de fora.

Todavia, é um fato que na escola, em muitos casos e neste estudo, os/as educadores/as internalizam um conceito de dar aula como um processo mecânico de cumprimento de programas preestabelecidos, que mesmo sem concordar, sentem-se presos, devido até mesmo à falta de apoio da gestão e à falta de aceitação das famílias, que constroem e vigiam quem tenta fazer uma aula diferente, com metodologias sensíveis e inovadoras, sendo mais uma violência, pois ao usar o momento da aula para outros tipos de atividade, isso é considerado um não fazer, uma perda de tempo, o que acaba desmotivando os/as professores/as, que deixam de levar outras dinâmicas para a rotina escolar, pela falta de apoio; adaptando, conseqüentemente, seu ensino e seu papel político-social ao modelo considerado ideal, já que vivemos uma educação em instituições capitalistas e de ciência cartesianas, que ainda hoje instrumentalizam suas práticas dentro de uma epistemologia abissal e de interesses ocidentalizados.

Dessa forma, no processo de descolonização de saberes docentes, percebi que novas exigências precisariam ser internalizadas para quebrar com as representações e estigmas de uma educação tradicional, criando com essa pesquisa condições para um plano coletivo de escola, capaz de potencializar, educar e aprender para a convivência na escola. Assim, com a sociopoética foi possível criar outros modos de fazer, pesquisar, questionar-se, educar e aprender, que potencializaram o estudo sobre o cotidiano escolar, estimulando novas ações a partir do grupo-pesquisador, que podem inspirar tanto os cursos de formação inicial de

professores/as quanto na formação contínua desses, uma vez que facilitaram a identificação de crenças, lacunas, estereótipos, valores, concepções, características da instituição escolar em que atuam e as possibilidades que sua profissão oferece. Fazendo uso dessa abordagem filosófica, produziram experiências coletivas com o corpo todo, acionando saberes capazes de atravessar as ciências cartesianas, corroborando com outros modos de educar, dentro da valorização das culturas de resistência, com o uso da arte e da espiritualidade em vivências grupais dentro de uma estética da existência, ética e política que cria novos conhecimentos.

Como podemos observar nas falas do grupo-pesquisador, o estudo do cotidiano escolar pode, sem dúvida, estimular novas ações para uma **Convivência na escola-VEJA**, que nos ensinam a enxergar, a partir dos ensinamentos das gerações atuais, a lidar com os problemas, criando alternativas para a libertação, em um processo de formação em sociopoética, que facilita na percepção e na identificação das diversidades, que precisam de intervenção para libertar discentes e docentes das sujeições de uma sociedade do controle, que manipula nossos interesses e pensamentos. Entretanto, a **Formação em Sociopoética mandala-soluções-problemas-diversos** surge como ferramenta para dar espaço aos fatos do cotidiano na escola, atingindo o que há de mais importante para ser investigado para amenizar as diferenças através da união, da força e do amor para resolver os problemas da vida escolar.

Essas experiências com os/as professores/as de uma formação em sociopoética como metodologia sensível e inovadora não trouxe apenas respostas, mas principalmente questões para continuar tentando, em que muitas vezes se perguntavam: Mas como vou desenvolver a sociopoética na escola sem a aceitação das famílias e gestores? O que podemos fazer enquanto educadores/as para continuar acreditando que é possível transformar a escola? Foi preciso demonstrar e vivenciar nas oficinas que não existem modelos e/ou receitas prontas de educação nessa perspectiva, que pensem outros modos de educar a convivência na escola, pois ela precisa ser inventada, criada diariamente na imanência dos desafios e dos protagonismos dos próprios educadores e educandos, percebendo que é preciso uma formação permanente de todos dentro e fora da escola, pois as parcerias são os dispositivos essenciais para melhorar a qualidade do ensino e, conseqüentemente, as relações, diminuindo até mesmo as reprovações e a evasão escolar, com a diminuição da pressão por boas notas e uma boa classificação e o aumento da autonomia, e, conseqüentemente, dos aprendizados; reconhecendo a potência inventiva da própria vida em comunidade, tornando-se capazes de pensar suas próprias alternativas, a partir de suas singularidades, instaurando um processo transparente de decisões, diminuindo a rigidez do sistema.

Como pesquisadora, observo que ainda estamos muito ancorados/as a uma ideia de

competência técnica para ensinar, que adia o uso de experiências inovadoras e sensíveis na escola, pela ausência do diálogo, que acaba apenas culpabilizando professores/as pelos insucessos da escola, pois ainda existe essa carência de debate sobre as decisões pedagógicas, deixando tudo a cargo dos/as educadores/as, que acabam também criando um fazer isolado, no qual eles/elas camuflam dizendo que é autonomia, mas que na verdade, causa uma falta de articulação interdisciplinar e transdisciplinar que poderia favorecer decisões justas e adequadas ao contexto histórico e social dos/as alunos/as, como foi destacado no confeto **Convivência na escola-CD-árvore-do-amor**, um educar capaz de iluminar as ideias dos/as discentes, contribuindo para a formação de indivíduos com amor, que aqui esse sentimento foi muitas vezes apontado como resistência ao controle.

Evidentemente, temos muitas barreiras e fronteiras como educadores/as, e estamos exaustos/as pela falta de valorização financeira, afetiva e profissional, sobretudo com a não aceitação das famílias a novas metodologias, que frustram nossas intenções de mudanças, o que respinga e repercute na qualidade da educação. E algo muito interessante do nosso Lugar, o Povoado Buriti do Castelo, no Município de São Félix do Piauí-Piauí/BR, que é o que também chama a atenção dos docentes, é que vivemos em uma comunidade pequena, o que foi destacado no confeto **Formação em Sociopoética-determinação-comunidade-pequena**; e por esse motivo, por ser um local onde todo mundo se conhece, esperava-se mais envolvimento, no entanto, foi levantado o confeto **Família-mediamente-presente-na-escola**, no qual se descreve que até existem famílias que vão à escola, mas só mediamente, quando há um problema sério ou quando são ameaçadas em perder políticas públicas como o Bolsa Família, caso não acompanhem as crianças e os/as adolescentes, fator que destacaram ter ficado ainda mais alarmante em meio à pandemia do coronavírus, pois mesmo participando dos grupos da escola de forma *on-line*, os pais ainda não incentivam seus/suas filhos e filhas, preocupando-se apenas em pressionar os/as professores/as, ao final do ano letivo, em função das notas das avaliações, para que os discentes sejam aprovados.

Por fim, pude observar que a situação da escola hoje exige mudanças significativas ligadas às vivências, à utilização de outros recursos, à invasão a outros espaços, ao incentivo ao diálogo, seguido da escuta sensível e dos afetos. Além de, no caso dos/as professores/as, da necessidade de uma formação continuada ligada mesmo ao esforço de atualização, construindo uma capacidade de renovação das práticas educativas. É de fato acreditar nas dimensões professor-aluno, professor-família, professor-gestão, professor-comunidade, como algo possível de ser vivenciado e praticado para a produção da transformação social, pela união dessas que são instituições educativas importantes. É como destaca Rocha (2014, p. 268):

“Hoje, por exemplo, temos uma série de indicadores que a gente quer medir, não medir competência, é medir harmonia, a criatividade, a estética, a felicidade”. Ou seja, é preocupar-se em medir o grau de felicidade das pessoas na escola como uma das coisas mais fundamentais para que ocorram mudanças, sendo preciso disseminar o amor, através da coragem para chegarmos em uma prática da liberdade, para sermos verdadeiramente livres e felizes.

Essa experiência trouxe-me como ápice do pensamento aquela frase de Paulo Freire (1996, p. 22-23), já tão debatida, mas nunca desatualizada: “[...] ensinar não é transferir conhecimento, mas criar possibilidades para a sua produção ou sua construção. [...] quem forma se forma e re-forma ao formar e quem é formado forma-se e forma ao ser formado”. Precisamos, dessa maneira, descolonizar a escola, sair da forma e reformar-se, possibilitando pensar a educação e as aprendizagens de forma plural, sem um único modelo, ou forma, como espaço de criação enquanto potência, onde a matéria principal seja as diversidades, saindo das mesmices, das repetições, para coisas novas, arejando os pensamentos, de forma que o que tenha destaque na escola seja vê-la de forma prazerosa e transparente, e não mais um reflexo das mazelas e violências sociais, pois o importante mesmo na escola é estudar, conviver e ser feliz.

Nesse sentido, a abordagem sociopoética deseja cumprir aqui o seu papel de incentivar vivências radicais rumo à construção de conhecimentos inovadores, deixando que a questão da libertação seja algo pessoal, de cada um. Possibilitando aprendizagens, num currículo com a quebra da lógica cartesiana, optando por uma educação como algo plural, na qual se aprenda através do incentivo à imaginação, como no exemplo do relato que iniciei esses escritos, entendendo que podemos experimentar e exercitar formas lúdicas entre crianças e adolescentes, percebendo que não existe tempo para o brincar, pois pode-se aprender brincado o tempo todo, pelas vivências, com o incentivo à solidariedade e à convivência com/entre as pessoas, e não só de um grupo, mas de grupos distintos, através de momentos de alegria, prazer, de bem-estar, que elevem a autoestima. É de fato o que venho insistindo durante todo o texto: pensar a escola como um “laboratório de criação”, que não deixe nossa criatividade morrer, sendo como cura, limpeza para salvar nossos estudantes, principalmente hoje, em tempos pandêmicos tão difíceis.

No entanto, apenas pude lançar as sementes de uma educação que pode ser feita além dos muros escolares, derrubando as paredes e fazendo-se possível embaixo dos umbuzeiros, nos açudes, em cima das mangueiras, mas que tenha como caminho a convivência positiva entre as pessoas. Como nos diz Gauthier (2021), apenas proporcionei as vivências, com uma liberdade de pensamento, que pode ou não fazer parte das ações dos/as copesquisadores/as dessa pesquisa, que se constituíram como grupo-pesquisador, pois esse contrato cognitivo que

fizemos é temporário, e é preciso respeitar seus termos, entendendo que os participantes podem escolher ser disseminadores ou não dessa abordagem. Enquanto pesquisadora, desejo que pelo menos alguns/algumas dos/as participantes possam assumir essa causa como sua, somando visões inimagináveis para a educação, através dessa ciência que se liga à arte, à filosofia e aos afetos, trazendo ao coletivo, à comunidade, aos movimentos sociais e, em especial, à escola, novas maneiras de ver o mundo, novas práticas.

Desejo, portanto, uma escola com um compromisso de ser aldeia, onde todos/as se responsabilizem e cuidem uns/umas dos/as outros/as. Empoderando toda a comunidade sobre a importância social do educar, onde todos/as se comprometam de forma igualitária por uma educação inclusiva, que pense as diversidades e diferenças como parte importante do aprender, fugindo ao perigo de uma única história, procurando outras formas de celebrar a aprendizagem, a partir das leituras de mundo, decifrando novos conceitos e incorporando novas ideias diariamente, entendo que educação é ação-reflexão-ação todos os dias.

Portanto, esse projeto de formação segue aberto. Tocamos suas primeiras notas e ouvimos o som de seus clamores antigos, porém, musicalizar a vida tem dessas coisas, a possibilidade de ligar outras notas, de criar outros refrões, cantar e contar novas histórias. Este estudo deseja expandir o que foi produzido por esses/essas docentes copesquisadores/as da Escola Pública Municipal Presidente Castelo Branco, no Povoado Buriti do Castelo, Município de São Félix do Piauí-PI/BR, por meio de um Projeto de Extensão com Rodas de Cultura Sociopoéticas, em parceria com o Observatório de Juventudes, Cultura de Paz e Violências na Escola (OBJUVE) e do Núcleo de Estudo e Pesquisa em Educação Gênero e Cidadania (NEPEGECI), do qual faço parte. Construindo nesse lugar, que também é meu lugar, um espaço pioneiro, que assim como no exemplo da escola da Ponte em Portugal, precisa de tempo, coragem e determinação para que floresça e gere frutos.

Expandir o projeto para todas as escolas do Município de São Félix do Piauí-PI/BR será uma oportunidade de socializar esses achados junto aos/às escolares, aos/às educadores/as, às crianças e aos/às adolescentes, às famílias e à comunidade em geral, possibilitando trocas de conhecimentos e a aproximação atuante de todos/as nas discussões e na criação de alternativas sensíveis e inovadoras para as problemáticas que os/as envolvem. Essa expansão às escolas é uma forma de retribuição e de ampliação dos conhecimentos.

Além disso, espero possibilitar aos/às docentes e a toda comunidade, a apropriação da prática da Sociopoética – abordagem filosófica que trabalha com o corpo todo, utilizando a arte. Assim, os sujeitos participantes das Rodas de Cultura Sociopoéticas poderão tornar-se multiplicadores da Sociopoética e dos saberes produzidos, de modo a possibilitar outros modos

de existência mais favoráveis à vida, utilizando, sempre que se fizer necessário, o conhecimento, a escuta sensível e o diálogo como potência do corpo para os enfrentamentos dos desafios cotidianos.

Por fim, ao apontar outras possibilidades de práticas educativas através da formação em sociopoética na relação com a convivência na escola, enfatizei as motivações, aprendizagens e práticas capazes de transformar os espaços educativos em um lugar agradável, coletivo e prazeroso de experiências para a vida. Vou deixando a ciranda aberta e minhas mãos estendidas para acolher e ser acolhida por outros/as pesquisadores/as, que por acaso afetem-se por esta proposta de pesquisa, sintam-se à vontade para fazer a roda girar, provocando novas questões, que aqui não foram suscitadas por terem chegado a um limite, mas que não impede que novas cirandas sejam criadas, de modo que o tempo de trajeto, no qual, como andarilha provocou-me a invenção, multiplique-se em outras propostas de investigação.

Nesse sentido, espero que essa pesquisa possa divulgar o conhecimento da abordagem sociopoética para a educação, saindo da academia e avançando pelos espaços de aprendizagens infinitas que é a vida das pessoas, contribuindo significativamente para as mudanças, invenções, criações, novas ações e outros estudos como esse, que se apoiem na discussão e elaboração de propostas diferenciadas nas salas de aula, servindo realmente como aplicabilidade nas práticas educativas de professores/as no contemporâneo. Além de ensinar novas pesquisas, cursos de extensão, palestras, encontros, artigos e formações, fica a vontade de amenizar as dificuldades, as desigualdades, os preconceitos, os quais foram destacados ao longo das falas como obstáculos para a implementação de uma educação que seja não só rachadura, mas que realmente ultrapasse os muros e, como em uma ciranda onde sempre cabe mais um, possibilite a esperança, na luta por uma escola capaz de transformar a si e ao mundo.

REFERÊNCIAS

ABRAMOVAY, M.; CASTRO, M. G. **Caleidoscópio das violências nas escolas**. Brasília: Mania de Educação-Missão Criança, 2006.

ABRAMOVAY, M.; RUA, M. G. **Violência nas escolas**. Brasília: UNESCO, 2002.

ABRAMOVAY, M. (Coord.). **Guia para diretores e professores: reflexões e práticas sobre violência e convivência escolar: faça você mesmo**. Rio de Janeiro: FLACSO – Brasil, BID, 2018.

ABRAMOVAY, M. (Coord.). **Guia para estudantes: reflexões e práticas sobre violência e convivência escolar: faça você mesmo**. Rio de Janeiro: FLACSO – Brasil, BID, 2018.

ADAD, S. J. H. C. Pesquisar com o corpo: princípio Sociopoético. *In*: VASCONCELOS, J. G.; MAGALHÃES JÚNIOR, G. **Corporeidade: ensaios que envolvem o corpo**. Fortaleza: editora UFC, 2004. (Coleção Diálogos Intempestivos).

ADAD, S. J. H. C. **Corpos de rua: cartografia dos saberes juvenis e o sociopoetizar dos desejos dos educadores**. Fortaleza: Edições UFC, 2011.

ADAD, S. J. H. C.; BARROS JUNIOR, F. O. (Org.). **Corpografia: multiplicidades em fusão**. Fortaleza: UFC, 2012.

ADAD, S. J. H. C.; SILVA, P. das G. R. da. Como se aprende com o corpo em movimento: narrativas de futuros pedagogos em formação na temática das juventudes. **Linguagens, Educação e Sociedade: Revista do Programa de Pós-Graduação em Educação da UFPI/Universidade Federal do Piauí**. Centro de Ciências da Educação, ano 18, Edição Especial Dossiê Educação e Juventudes. Teresina: EDUFPI, 2013. p. 19-50

ADAD, S. J. H. C. *et al.* (Org.). **Tudo que não inventamos é falso: Dispositivos artísticos para pesquisa, ensinar e aprender com a sociopoética**. Fortaleza- CE: EdUECE, 2014. (Coleção Práticas Educativas, n. 6).

ADAD, S. J. H. C. A sociopoética e os cinco princípios: a Filosofia dos corpos misturados na pesquisa em educação. *In*: ADAD, S. J. H. C. *et al.* (Org.). **Tudo que não inventamos é falso: Dispositivos artísticos para pesquisa, ensinar e aprender com a sociopoética**. Fortaleza- CE: EdUECE, 2014. (Coleção Práticas Educativas, n. 6). p. 41-60

ADAD, S. J. H. C. Entre lembrar e esquecer: confetos sobre o corpo e violências, produzidos por jovens em pesquisas Sociopoéticas. *In*: Entrelugares: revista de Sociopoética e abordagens afins. v. 4. n. 1, fev. 2012. Disponível em: http://www.entrelugares.ufc.br/index.php?option=com_phocadownload&view=file&id=227:entre-lembrar-e-esquecer-confetos-sobre-o-corpo-e-violencias-produzidos-por-jovens-em-pesquisas-sociopoeticas&Itemid=12. Acesso em: 16 jan. 2014.

ADAD, S. J. H. C.; COSTA, H. M. e S. (Orgs.) **Entrelugares: tecidos sociopoéticos em revista**. Fortaleza: EdUECE, 2018.

ADAD, S. J. H. C. Entre Lembrar e Esquecer: confetos sobre o corpo e violências, produzidos por jovens em pesquisas sociopoéticas. *In*: ADAD, S. J. H. C.; COSTA, H. M. e S. (Orgs.) **Entrelugares: tecidos sociopoéticos em revista**. Fortaleza: EdUECE, 2018. p. 175-195.

ADAD, S. J. H. C.; SANTOS, T. T. M. dos; SILVA, M. do S. B. da. Afrodescendência e metodologias inventivas para implementação da lei nº 10.639/03 na escola: a criação de jovens da pedagogia. **Revista Ibero-Americana de Estudos em Educação**, Araraquara, v. 16, n. 2, p. 682-702, 2021. DOI: 10.21723/riaee.v16i2.14663. Disponível em: <https://periodicos.fclar.unesp.br/iberoamericana/article/view/14663>. Acesso em: 10 abr. 2021.

ADICHIE, C. **Os perigos de uma história única**. LEGENDADO. Vídeo publicado em 19 de maio de 2012. Categoria: Educação. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=ZUtLR1ZWtEY&spfreload=10>. Acesso em: 30 abr. 2019.

ALARCÃO, I. **Professores reflexivos em uma escola reflexiva**. São Paulo: Cortez, 2003.

ALMEIDA, S. L. de. **Racismo estrutural**. São Paulo: Sueli Carneiro; Pólen, 2019. 264 p. (Feminismos Plurais / coordenação de Djamila Ribeiro).

ALVES, R. **Ao professor, com o meu carinho**. [Organização Raíssa Castro Oliveira]. Campinas, SP: Verus Editora, 2004.

ALVES, R. **A escola com que sempre sonhei sem imaginar que pudesse existir**. 13. ed. Campinas: Papirus, 2012.

ARAÚJO, M. A. L. de. **Os sentidos da sensibilidade: sua fruição no fenômeno do educar**. Salvador: EDUFBA, 2008.

BARBIER, R. **A pesquisa-ação**. Brasília: Liber Livro Editora, 2007.

BARROS, M. de. **Memórias inventadas: as infâncias de Manoel de Barros, Iluminuras de Martha de Barros**. São Paulo: Planeta, 2010.

BARROS, M. de. **Livro sobre nada**. 11. ed. Rio de Janeiro: Record, 2004.

BARROS, M. de. **Meu quintal é maior que o mundo**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2015.

BEHRENS, M. A. Projetos de aprendizagem colaborativa num paradigma emergente. *In*: MORAN, J. M.; MASETTO, M. T.; BEHRENS, M. A. (Orgs.) **Novas tecnologias e mediação pedagógica**. Campinas, SP: Papirus, 2000.

BENASSULY, J. S. **A formação do professor reflexivo e inventivo**. *In*: LINHARES, C.; LEAL, M. C. (Org.). **Formação de professores uma crítica à razão e às políticas hegemônicas**. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.

BEHRENS, M. A. **O paradigma emergente e a prática pedagógica**. Petrópolis-RJ: Vozes, 2005.

BERGER, P. L.; LUCKMANN, T. **A construção social da realidade: tratado de sociologia**

do conhecimento. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 2004.

BOAL, A. **O arco-íris do desejo: Método Boal de teatro e terapia.** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1996.

BOAL, A. **Jogos para atores e não atores.** 13. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2009.

BOAKARI, F. M. Eurocentric rationality: a model deservingly crying for burial? **Entrelugares: Revista de sociopoética e abordagens afins.** UFC, v. 3, n. 1, set. 2010/fev. 2011. Disponível em: <http://www.entrelugares.ufc.br/artigo/numero5/artigos/boakari.pdf> Acesso em: 2 jun. 2013.

BOAKARI, F. M. **Mundo contemporâneo complexo exige conhecimentos dinâmicos e interdependentes.** Resenha. ASSIS, C. L.; NASCIMENTO, R.; FECHINE, I. Tecendo os fios de saberes convergentes: escrita, educação e memória. Campina Grande: EDUEPB, 2013. (Veja Formare, v.1, n.1, jul/dez, 2013, p. 192-196. – www.ojs.ufpi.br/index.php/parfor/index) Disponível em: <http://www.revistas.ufpi.br/index.php/parfor/article/view/1522/1110>. Acesso em: 30 maio 2019.

BOAKARI, F. M. Mulheres afrodescendentes de sucesso: confrontando as discriminações brasileiras. **Fazendo Gênero**, n. 9: diásporas, diversidades, deslocamentos. Santa Catarina: 2010.

BOAKARI, F. M. Aprendiz de *Ubuntu*. **Revista Revestrês.** Entrevista - Samária Andrade, André Gonçalves, Wellington Soares, Ana Carolina Magalhães Fortes, Maurício Pokemon. Nov./dez. 2018, p. 8-18. Disponível em: <http://revistarevestres.com.br/entrevista/aprendiz-de-ubuntu/> Acesso em: 10 maio 2019.

BOMFIM, M. do C. A.; MATOS, K. S. L. (Orgs.). **Juventudes, Cultura de Paz e Violências na Escola.** Fortaleza: Editora UFC, 2006.

BOMFIM, M. do C. A.; ADAD, S. J. H. C.; NASCIMENTO, A. L. do. (Orgs.). **Juventudes, Cultura de Paz e Subjetividades.** Teresina: EDUFPI, 2014.

BOURDIEU, P. **O poder simbólico.** Tradução de Fernando Tomaz. 2. ed. Rio de Janeiro: Editora Bertrand Brasil, 1989.

BOURDIEU, P.; PASSERON J. C. **A Reprodução.** Elementos para uma teoria do sistema de ensino. 3. ed. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves Editora S.A., 1992.

BOURDIEU, P. **Méditations pascaliennes.** Paris: Seuil, 2003.

BRANDÃO, C. R. **O que é Educação.** São Paulo: Brasiliense, 2007.

BRANDÃO, C. R. **História do menino que lia o mundo.** São Paulo: Expressão Popular, 2014.

BRASIL. **Atlas da violência 2019.** Organizadores: Instituto de Pesquisa Econômica

Aplicada; Fórum Brasileiro de Segurança Pública. Brasília: Rio de Janeiro: São Paulo: Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada; Fórum Brasileiro de Segurança Pública. 2019. Disponível em: http://www.ipea.gov.br/portal/images/stories/PDFs/relatorio_institucional/190605_atlas_da_violencia_2019.pdf Acesso em: 5 jul. 2019.

BRASIL. **Atlas da violência 2020**. Organizadores: Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada; Fórum Brasileiro de Segurança Pública. Brasília: Rio de Janeiro: São Paulo: Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada; Fórum Brasileiro de Segurança Pública. 2020. Disponível em: <https://www.ipea.gov.br/atlasviolencia>. Acesso em: 11 set. 2020.

BRASIL. Ministério de Educação e Cultura. **Lei nº 9.394/96, de 20 de dezembro de 1996**. Estabelece as Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Brasília: MEC, 1996. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/L9394.htm. Acesso em: 10 maio 2020.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais**: apresentação dos temas transversais, ética. Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 1997. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/livro081.pdf> Acesso em: 23 ago. 2020.

BRASIL. **Lei nº 8.069, de 13 de julho de 1990**. Dispõe sobre o **Estatuto da Criança e do Adolescente** e dá outras providências. Diário Oficial da República Federativa do Brasil. Brasília, DF, 16 jul. 1990. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil/LEIS/L8069.htm>. Acesso em: 10 maio 2020.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica; Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização, Diversidade e Inclusão; Secretaria de Educação Profissional e Tecnológica. Conselho Nacional de Educação; Câmara de Educação Básica. **Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Básica**. Brasília: MEC; SEB; DICEI, 2013. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=13448-diretrizes-curriculares-nacionais-2013-pdf&Itemid=30192 Acesso em: 6 out. 2020.

BRASIL. Ministério de Educação e Cultura. **Base Nacional Comum Curricular**, 2017. Disponível em: http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518_versaofinal_site.pdf. Acesso em: 10 maio 2020.

BRASIL. **Lei nº 10.639/2003, de 9 de janeiro de 2003**. Inclui a obrigatoriedade da temática História e Cultura Afro-Brasileira no currículo oficial da rede de ensino. Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Brasília, DF, 10 jan.2003. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/110.639.htm. Acesso em: 8 abri. 2020.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização, Diversidade e Inclusão. Conselho Nacional da Educação. **Diretrizes Curriculares Nacionais Gerais da Educação Básica**. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. Diretoria de Currículos e Educação Integral. Brasília: MEC, SEB, DICEI, 2013.

CANDAU, V. M.; LUCINDA, M. da C.; NASCIMENTO, M. das G. **Escola e Violência**. Rio

de Janeiro: DP&A, 1999.

CANDAU, V. M. Multiculturalismo e Educação: desafios para a prática pedagógica. *In*: MOREIRA, A. F.; CANDAU, V. M. (Org.). **Multiculturalismo**: diferenças culturais e práticas pedagógicas. 2. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

CANDAU, V. M. (Org.). **Didática**: questões contemporâneas. Rio de Janeiro: Forma & Ação, 2009.

CARDOSO, S. de F. (Guajajara). O maracá na escola: pensamento mágico, instrumento percussivo e ritualístico. **Revista Moitará**, Edição 1, v. 1. Fev. 2016. Disponível em: <https://issuu.com/fundacaoarapora/docs/revista-moitarra-edicao-0>. Acesso em: 5 out. 2020.

CARRANO, P. C. R. Jovens, escolas e cidade: Desafios à autonomia e à convivência. **Revista Teias**. v. 12, n. 26, p. 7-22, set./dez. 2011 (Jovens, territórios e práticas educativas). Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/revistateias/article/view/24209/17188>. Acesso em: 12 ago. 2020.

CECCIM, R. B. (1997). Criança hospitalizada: a atenção integral como uma escuta à vida. *In*: CECCIM, R. B.; CARVALHO, P. R. A. (Orgs.). **Criança hospitalizada**: atenção integral como escuta à vida. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 1997. p. 27-41.

CHARLOT, B. A violência na escola: como os sociólogos franceses abordam essa questão. *In*: **Sociologias**. Porto Alegre, ano 4, n. 8, jul./dez., 2002. p. 432-443. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/soc/n8/n8a16.pdf> Acesso em: 20 set. 2020.

CHARLOT, B. **Da relação com o saber às práticas educativas**. São Paulo: Cortez, 2013.

CHIZZOTTI, A. **Pesquisa em Ciências Humanas e Sociais**. São Paulo: Cortez, 1998.

CLASTRES, P. **A sociedade contra o Estado**: Pesquisas de Antropologia Política. São Paulo: Editora Cosac & Naify, 2003.

COELHO, R. F. G.; BOAKARI, F. M. Por que afrodescendente? E não negro, pardo ou preto? *In*: Congresso sobre gênero, educação e afrodescendência: conquistas, experiências e desafios. Teresina, UFPI. **Anais**. Teresina: EDUFPI, 2013. p. 1-19

CONTRERAS, J. **Autonomia de professores**. Trad. Sandra Trabucco Valenzuela; Revisão Técnica, apresentação e notas à edição brasileira Selma Garrido Pimenta. São Paulo: Cortez, 2002.

CORAZZA, S. M. **O que quer o currículo?** pesquisas pós-críticas em Educação. Petrópolis, RJ: Vozes, 2001.

CORAZZA, S. M. **História da infância sem fim**. 2. ed. Ijuí: ed. Unijuí, 2004. (Coleção fronteiras da educação).

CORAZZA, S. M. **Caminhos investigativos I**: novos olhares na pesquisa em Educação. *In*: COSTA, M. V. C. (Org.). 3. ed. Rio de Janeiro: Lamparina editora, 2007.

CORAZZA, S. M. **O que se transcria em Educação?** Porto Alegre: RS: UFRGS; Doisa, 2013.

DAYRELL, J. A escola como espaço sócio-cultural. *In*: DAYRELL, J. (Org.). **Múltiplos olhares sob educação e cultura**. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2001. (2ª reimpressão).

DAYRELL, J. A Escola faz as juventudes? Reflexões em torno da socialização juvenil. **Revista Educação e Sociedade**, Campinas, v. 28, n. 100, p. 1105-1128, 2007. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/es/v28n100/a2228100> Acesso em: 8 out. 2020.

DELEUZE, G.; GUATTARI, F. **Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia**. v. 1. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1995. p. 11-38.

DELEUZE, G. **Conversações**. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1992.

DELEUZE, G.; GUATTARI, F. **O que é a filosofia?** Tradução de Bento Prado Jr. e Alberto Alonso Muñoz. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1992.

DELEUZE, G.; GUATTARI, F. Percepto, afecto e conceito. *In*: DELEUZE, G.; GUATTARI, F. **O que é a filosofia?** Tradução de Bento Prado Jr. e Alberto Alonso Muñoz. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1992.

DELEUZE, G.; PARNET, C. **Diálogos**. Tradução de Eloisa Araújo Ribeiro. São Paulo: Escuta, 1998.

DELEUZE, G.; GUATTARI, F. **Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia**. v. 5. Trad. Piter Pal Pelbart e Janice gaiafa. São Paulo: Ed. 34, 1995.

DELORS, J. **Educação: um tesouro a descobrir**. 2. ed. São Paulo: Cortez; Brasília, DF: MEC: UNESCO, 1999.

DIAS, R. de O. (Org.). **Formação inventiva de professores**. Rio de Janeiro: Lamparina, 2012.

DIÓGENES, G. **Cartografias da cultura e da violência: gangues, galeras e movimento Hip Hop**. São Paulo: Annablume; Fortaleza: secretaria da Cultura e Desporto, 1998.

DUSSEL, I. **A invenção da sala de aula: uma genealogia das formas de ensinar**. São Paulo: Moderna, 2003.

FORMOSINHO, J. **Formação de professores: aprendizagem profissional e acção docente**. Porto – Portugal: Porto Editora, 2009.

FOULCAULT, M. **Vigiar e Punir: nascimento da prisão**. Tradução de Raquel Ramalhete. 42. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014. (7ª Reimpressão).

FOULCAULT, M. **Arqueologia do Saber**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995.

FOULCAULT, M. **Microfísica do Poder**. Rio de Janeiro: Ed. Graal, 1993.

FOUCAULT, M. **A ordem do discurso**: aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970. Tradução de Laura Fraga de Almeida Sampaio. 3. ed. São Paulo: Edições Loyola, 1996.

FRANCO, M. A. do R. S. **Pedagogia e prática docente**. 1. ed. São Paulo: Cortez, 2012. (Coleção Docência em Formação: Saberes Pedagógicos/Coordenação Selma Garrido Pimenta).

FRANCO, M. A. do R. S. Prática pedagógica e docência: um olhar a partir da epistemologia do conceito. **Rev. Bras. Estud. Pedagog.** (on-line), Brasília, v. 97, n. 247, p. 534-551, set./dez. 2016. Disponível em: <http://rbep.inep.gov.br/index.php/rbep/article/view/2882/pdf> Acesso em: 27 jun. 2019.

FRANCO, M. A. do R. S. **Pedagogia e prática docente**. São Paulo: Cortez, 2012 (Coleção Docência em Formação: Saberes Pedagógicos/ Coord. Selma Garrido Pimenta).

FREIRE, P. **Educação como prática da liberdade**. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1976.

FREIRE, P. **Pedagogia da Autonomia**: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996. (Coleção Leitura)

FREIRE, P. **Pedagogia do Oprimido**. 60. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2016.

FREIRE, P. **Pedagogia da Esperança**: um reencontro com a pedagogia do oprimido. 2. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2014.

FREIRE, M. Madalena Freire: a educação como diálogo entre diferentes saberes. Entrevista concedida a Viviane Mosé. *In*: MOSÉ, V. (Org.). **A Escola e os desafios contemporâneos**. 3. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2014. (p. 235-255).

GALLO, S. **Deleuze & a Educação**. Belo Horizonte: Autêntica, 2003. (Pensadores & Educação, 3).

GALLO, S. Em Torno de uma Educação Menor. **Educação & Realidade. Revista da Faculdade de Educação FCED da Universidade Federal do Rio Grande do Sul**. v. 27, n. 2, p. 169-178, jul./dez. 2002. ISSN 0100-3143 (impresso) e 2175-6236 (on-line). Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/educacaoerealidade/article/view/25926/15194> Acesso em: 28 abr. 2021.

GAUTHIER, J. *et al.* A Sociopoética: uma filosofia diferente e prazerosa. *In*: GAUTHIER, J. *et al.* **Pesquisa em Enfermagem novas metodologias aplicadas**. São Paulo: Editora Guanabara Koogan, 1998.

GAUTHIER, J. **Sociopoética**: encontro entre a arte, ciência e democracia na pesquisa em ciências humanas e sociais enfermagem e educação. Rio de Janeiro: Editora Escola Anna Nery/UFRJ, 1999.

GAUTHIER, J. Trilhando a vertente filosófica da montanha: Sociopoética – a criação coletiva de confetos. *In*: SANTOS, I. dos; GAUTHIER, J.; PETIT, S. H. (Org.). **Prática da Pesquisa nas ciências humanas e sociais**: abordagem Sociopoética. São Paulo: Atheneu, 2005. p. 257-

286.

GAUTHIER, J. **Sociopoética: o livro do iniciante e do orientador**. Mimeografado, 2010.

GAUTHIER, J. **O oco do vento: metodologias da pesquisa sociopoética e estudos transculturais**. Curitiba, PR: CRV, 2012.

GAUTHIER, J.; ADAD, S. J. H. C. A sociopoética como abordagem de pesquisa e ensino descolonial, contracolonial e libertadora. **Educazione aperta**, 7/2020). Disponível em: <http://doi.org/10.5281/zenodo.3995860> Acesso em: 20 nov. 2020

GAUTHIER, J. Corpo e Criatividade crítica na Sociopoética. *In*: TAVARES, C. M. M.; PASTOR JUNIOR; A. A. P.; CARVALHO, J. C. (Orgs). **Pesquisando com métodos e técnicas criativas de produção de dados**. (Orgs). Macaé: Editora NUPEM, 2021.

GIESTA, N. C. **Cotidiano escolar e formação reflexiva do professor: moda ou valorização do saber docente?** Araraquara: JM Editora, 2001.

GIROUX, H. A. Professores como Intelectuais Transformadores. *In*: GIROUX, H. A. **Os professores como intelectuais: rumo a uma pedagogia crítica da aprendizagem**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997, p. 157-164.

GLEIZER, M. A. **Espinosa e a afetividade humana**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2005.

GORCZEWSKI, D. (Org.). **Arte de inventar afetos**. Fortaleza: Imprensa Universitária, 2017.

GOMES, N. L. A questão racial na escola: desafios colocados pela implementação da Lei 10.639/03. *In*: MOREIRA, A. F. B.; CANDAU, V. M. (Orgs.). **Multiculturalismo: diferenças culturais e práticas pedagógicas**. 10. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.

GOMES, N. L. Relações étnico-raciais, educação e descolonização dos currículos. **Currículo sem Fronteiras**, v. 12, n. 1, p. 98-109, jan./abr. 2012. Disponível em: http://www.apeoesp.org.br/sistema/ck/files/5_Gomes_N%20L_Rel_etnico_raciais_educ%20e%20descolonizacao%20do%20curriculo.pdf Acesso em: 20 mar. 2021.

GUATTARI, F. **Psicanálise e transversalidade: ensaios de análises institucional**. Tradução Adail Ubirajara Sobral; Maria Stela Gonçalves. Aparecida, SP: Idéias e Letras, 2004.

GUIMARÃES, M. R. Em torno do conceito da Paz. *In*: BALESTRERI, R. B. (Org.). **Na inquietude da paz**. Passo Fundo, RS: Edições CAPEC, 2003. p. 33-59.

GROSGOUEL, R. A estrutura do conhecimento nas universidades ocidentalizadas: racismo/sexismo epistémico e os quatro genocídios/epistemicídios do longo século XVI. **Revista Sociedade e Estado**, v. 31, n. 1, jan./abr. 2016, p. 25-49.

HOOKS, B. **Ensinando a Transgredir: a educação como prática da liberdade**. Trad: Marcelo Brandão Cipolla. 2. ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2017.

HOPENHAYN, M. Estilhaços de utopia. Vontade de poder, vibração transcultural e eterno retorno. *In*: LARROSA, J.; SKLIAR, C. (Org.). **Habitantes de Babel: políticas e poéticas da**

diferença. Tradução de Semíramis Gorini da Veiga. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2011.

IMBERNÓN, F. **Formação continuada de professores**. Porto Alegre: Artmed, 2010.

IMBERNÓN, F. **Formação docente e profissional: formar-se para a mudança e incertezas**, São Paulo: Cortez, 2010.

JARES, X. R. **Pedagogia da Convivência**. Tradução: Elisabete de Moraes Santana. São Paulo: Palas Athena, 2008.

KASTRUP, V. **A invenção de si e do Mundo: uma introdução do tempo e do coletivo no estudo da cognição**. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.

KASTRUP, V. A aprendizagem da Atenção na Cognição Inventiva. *In*: KASTRUP, V.; TEDESCO, S.; PASSOS, E. **Políticas da cognição**. Porto Alegre: Sulina, 2008. p. 156-176

KASTRUP, V. Conversando sobre políticas cognitivas e formação inventiva. *In*: DIAS, R. de O. (Org.). **Formação inventiva de professores**. Rio de Janeiro: Lamparina, 2012.

LAKATOS, E. M.; MARCONI, M. de A. **Fundamentos de metodologia científica**. São Paulo: Atlas, 1991.

LARROSA, J. **Tremores: escritos sobre experiência**. Belo Horizonte: Autêntica, 2016. (Coleção Educação: Experiência e Sentido).

LARROSA, J. **Pedagogia Profana: danças, piruetas e mascaradas**. Tradução de Alfredo Veiga-Neto, 5. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.

LARROSA, J. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. **Revista Brasileira de Educação**, São Paulo, n. 19, p. 20-28, jan./fev./mar./abr. 2002.

LARROSA, J. (Org.). **Elogio da Escola**. Trad: Fernando Coelho. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2017. (Coleção Educação: Experiência e Sentido).

LARROSA, J.; SKLIAR, C. (Org.). **Habitantes de Babel: políticas e poéticas da diferença**. Tradução de Semíramis Gorini da Veiga. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2011.

LIBÂNEO, J. C.; OLIVEIRA, J. F. de; TOSCHI, M. S. **Educação Escolar: Políticas, Estrutura e Organização**. 10. ed. São Paulo: Cortez, 2012.

LIMA, E. de S. **Formação continuada de educadores/as: as possibilidades de reorientação do currículo**. Curitiba, PR: CRV, 2015.

MACÊDO, R. M. de A.; BOMFIM, M. do C. Alves do. **Um olhar sobre Juventudes, Escola e Violências**. Teresina-PI: Expansão, 2007.

MAFESSOLI, M. **Dinâmica da Violência**. São Paulo: Ed. Vértice, 1987.

MATOS, K. S. L. de.; ADAD, S. J. H. C.; FERREIRA, M. D. M. (Orgs.). **Jovens e Crianças:**

outras imagens. Fortaleza: Edições UFC, 2006. (Coleção Diálogos Intempestivos, 37).

MATURANA, H. **Emoções e linguagem na educação e na política**. 3. Reimp. Tradução de José Fernando Campos Fortes. Belo Horizonte: UFMG, 2002.

MATURANA, H.; VERDEN-ZÖLLER, G. **Amar e brincar: fundamentos esquecidos do humano**. São Paulo: Palas Athena, 2004.

MANTOAN, M. T. E. (Org.). **O desafio das diferenças nas escolas**. 4. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.

MBEMBE, A. **Necropolítica: Biopoder, soberania, estado de exceção, política da morte**. 4. ed. São Paulo: n-1 edições, 2019.

MINAYO, M. C. de S. (Org.). **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. Petrópolis: Vozes, 2014.

MIRANDA, J. da C. B. de.; SILVA, R. C. da. (Orgs). **Entre Derreter e o Enferrujar: os desafios da educação e da formação profissional**. Fortaleza: EdUECE, 2015.

MISKOLCI, R. **Teoria Queer: um aprendizado pelas diferenças**. Belo Horizonte: Autêntica Editora: UFOP – Universidade Federal de Ouro Preto, 2012. (Série Cadernos da Diversidade; 6).

MOSÉ, V. (Org.). **A Escola e os desafios contemporâneos**. 3. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2014.

MORIN, E. **Os sete saberes necessários à educação do futuro**. Trad. Catarina Eleonora F. da Silva e Jeanne Sawaya; Revisão Técnica de Edgard de Assis Carvalho. 8. ed. São Paulo: Cortez, Brasília, DF: UNESCO, 2003.

MORIN, E. **Educar na era planetária: o pensamento complexo como método de aprendizagem no erro e na incerteza humana**. Elaborado para a UNESCO por Edgar Morin, Emílio Roger Ciurana Raúl Domingo Motta; Trad. Sandra Trabucco Valenzuela, Revisão técnica Edgard de Assis Carvalho. São Paulo: Cortez, Brasília, DF: UNESCO, 2003.

MOREIRA, A. F.; CANDAU, V. M. Educação escolar e culturas: construindo caminhos. **Revista Brasileira de Educação**, n. 23, maio/ago. 2003.

MOREIRA, A. F.; CANDAU, V. M. (Org.). **Multiculturalismo: diferenças culturais e práticas pedagógicas**. 2. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

NASCIMENTO, W. F. do. **Esboço de crítica à escola disciplinar**. São Paulo: Edições Loyola, 2004. (Coleção Pensar Rumos).

NOGUEIRA, M. A. **Bourdieu & a Educação**. In: NOGUEIRA, M. A. C. 3. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2009. (Pensadores & Educação, v. 4).

NÓVOA, A. Firmar a posição como professor, afirmar a profissão docente. **Cadernos de Pesquisa**, v. 47, n. 166, p. 1106-1133, out./dez. 2017. Disponível em:

<https://www.scielo.br/pdf/cp/v47n166/1980-5314-cp-47-166-1106.pdf> Acesso em: 20 out. 2020.

NÓVOA, A. *et al.* **Os professores e a sua formação**. Lisboa: Publicações Dom Quixote. Instituto de Inovação Educacional, 1992.

NÓVOA, A. A formação continuada entre a pessoa-professor e a organização-escola. **Inovação**, v. 4, n. 1, p. 63-76, 1991.

OLIVEIRA, M. D. R. de. **O que transcria na formação em pedagogia com alegria**: lugares, experiências e saberes de jovens. Dissertação (Mestrado em Educação). 141 f. Programa de Pós-Graduação em Educação, Centro de Ciências da Educação, Universidade Federal do Piauí, 2019.

PACHECO, J. A.; FLORES, M. A. **Formação e Avaliação de professores**. Portugal: Porto Editora, 1999.

PERRENOUD, P. **Ensinar**: agir na urgência, decidir na incerteza. 2. ed. Porto Alegre: Arimed, 2001.

PESSOA, Fernando. **Poesias**. Organização Sueli Tomazini Cassal. Porto Alegre: L&PM, 1996.

PETIT, S. H. Sociopoética: potencializando a dimensão poética da pesquisa. *In*: MATOS, K. S. L. de; VASCONCELOS, J. G. **Registros de Pesquisas na Educação**. Fortaleza: LCR, 2002. (Coleção Diálogos Intempestivos). p. 34-48.

PETIT, S. H. O Diferencial da Pesquisa Sociopoética: Encontros e bifurcações face aos grupos rogerianos e as respectivas abordagens de pesquisa lewiniana, existencial e participante. *In*: **Linguagens, Educação e Sociedade: Revista do Programa de Pós-graduação em Educação da UFPI/CCE**, ano 16, n. 25, 2011. Teresina: EDUFPI, 2011.

PETIT, S. H. Sociopoética: potencializando a dimensão poética da pesquisa. *In*: ADAD, S. J. H. C.; PETIT, S. H.; SANTOS, I. dos; GAUTHIER, J. (Org.). **Tudo que não inventamos é falso**: dispositivos para pesquisar, ensinar e aprender com a sociopoética. Fortaleza: Eduece, 2014. p. 19-40.

PIMENTA, S. (Org.). **Saberes Pedagógicos e atividade docente**. 8. ed. São Paulo: Cortez, 2012.

PRADI, R. **Mitologias dos Orixás**. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

QUIJANO, A. Colonialidade do poder, Eurocentrismo e América Latina. *In*: LANDER, E. (Org.). A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais. **Perspectivas latino-americanas**. Buenos Aires: Clacso, 2005. p. 227-277. Disponível em: http://biblioteca.clacso.edu.ar/clacso/sur-sur/20100624103322/12_Quijano.pdf Acesso em: 6 jul. 2019.

RIBEIRO, D. **Lugar de Fala**. São Paulo: Sueli Carneiro; Pólen, 2019.

ROCHA, T. Tião Rocha e a experiência de Araçuaí: aprender fazendo biscoitos. Entrevista concedida a Viviane Mosé. *In*: MOSÉ, V. (Org.). **A Escola e os desafios contemporâneos**. 3. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2014. (p. 235-255).

ROCHA, M. L. da; AGUIAR, K. F. Pesquisa-intervenção e a produção de análises. *In*: **Revista Psicologia: Ciência e Profissão**. v. 23, n. 4, p. 64-73, 2003. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/pcp/v23n4/v23n4a10.pdf>. Acesso em: 25 ago. 2020.

RODRIGUES JÚNIOR, L. R. Pedagogias das Encruzilhadas. **revista Periferia**, v. 10, n. 1, jan./jun. 2018 (Afrodiáspora e terreiros).

RONILK, S. **Cartografia sentimental**: transformações contemporâneas do desejo. Porto Alegre: Sulina; Editora da UFRGS, 2007.

SANTOS, B. de S. **O fim do Império Cognitivo**: a afirmação das Epistemologias do Sul. São Paulo: ALMEDINA: 2018.

SANTOS, B. de S. (Org.). Ciência, colonialismo e colonialidade: a produção de (des)conhecimento(s). *In*: **Semear outras soluções**: os caminhos da biodiversidade e dos conhecimentos rivais. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005, p. 26-35.

SANTOS, B. de S.; MENESES, M. P. (Orgs.). **Epistemologias do sul**. São Paulo: Cortez, 2010.

SANTOS, V. N. dos. **Sociopoetizando a Filosofia de jovens sobre as violências e a relação com a convivência na escola, em Teresina-PI**. 2014. 211 f. Dissertação (Mestrado em Educação). Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Piauí, 2014.

SANTOS, V. N. dos. **Sociopoetizando a Filosofia de jovens sobre as violências e a relação com a convivência na escola, em Teresina-PI**. Fortaleza: EdUECE, 2018. (Série Sociopoética).

SANTOS, M. D. A. V. dos. **Jovens Circenses na corda bamba**: confetos sobre o riso e corpo na educação em movimento. Fortaleza: EdUECE, 2018. (Série Sociopoética).

SERRANO, G. P. **Educação em Valores**: como educar para a democracia. 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 2002.

SILVA, C. O. *et al.* 'Eu te benzo, te curo...' a rezadeira e a educação quilombola: Mandalas dos Objetos Geradores na Serra do Juá. *In*: ADAD, S. J. H. C. *et al.* (Org.). **Tudo que não inventamos é falso**: dispositivos artísticos para pesquisa, ensinar e aprender com a sociopoética. Fortaleza- CE: EdUECE, 2014. (Coleção Práticas Educativas, n. 6). p. 103-123.

SILVA, T. T. da. **Documentos de Identidade**: uma introdução às teorias do currículo. 3. ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2015.

SILVA, T. T. da. (Org.). **Identidade e diferença**: a perspectiva dos estudos culturais. Stuart Hall, Kathryn Woodward. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.

SILVA, M. do S. B. da. **Educar em Direitos Humanos de “Mãos Dadas”**: filosofia do chão, experiências e criações de professoras entre crianças e adolescentes. Tese (Doutorado em Educação). 318 f. Programa de Pós-Graduação em Educação, Centro de Ciências da Educação, Universidade Federal do Piauí, 2017.

SILVA, M. do S. B. da. Entre as linhas abissais do pensamento e da formação, pensando práticas de educar em direitos humanos que atravesse o muro das violências e das exclusões. **Linguagens, Educação e Sociedade**, Teresina, Ano 22, n. 36, jan./jul. 2017 Revista do Programa de Pós-Graduação em Educação da UFPI | ISSN 1518-0743. Disponível em: <https://revistas.ufpi.br/index.php/lingedusoc/article/view/7532> Acesso em: 5 abr. 2021.

SILVA, M. do S. B. da; ADAD, S. J. H. C. Decolonialidade, Democracia e Arte da Pesquisa Sociopoética na Educação em Direitos Humanos. Programa de Pós-Graduação em Educação Universidade do Estado do Pará Belém-Pará- Brasil. **Revista Cocar**. v. 14, n. 30, set./dez. 2020 p. 1-18 ISSN: 2237-0315 Disponível em: <https://periodicos.uepa.br/index.php/cocar/article/view/3611>. Acesso em: 3 dez. 2020.

SILVA, M. do S. B. da; ADAD, S. J. H. C. Educar em Direitos Humanos com a Sociopoética: Potência coletiva, artística e descolonizadora de “Gerar filho pelas costas”. **SCIAS. Direitos Humanos E Educação**, v. 2, n. 1, p. 60-75, 2019. Disponível em: <https://revista.uemg.br/index.php/sciasdireitoshumanoseduacao/article/view/3688>. Acesso em: 10 jan. 2020.

SOBRINHO, J. A. de C. (Org.). **Formação Docente: desafios e possibilidades**. São Paulo: Editora Garcia Edizioni, 2019.

SOUZA, J. F. de. **Prática Pedagógica e formação de professores**. 2. ed. Recife: Ed. Universitária da UFPE, 2012.

SCHÖPKE, R. **Por uma filosofia da diferença: Gilles Deleuze, o pensador nômade**. Rio de Janeiro: Contraponto; São Paulo: Edusp, 2004.

SCHÖN, D. **Educando o Profissional reflexivo: um novo design para o ensino e a aprendizagem**. Porto Alegre: Artes Médicas, 2000.

SPOSITO, M. P. Uma perspectiva não-escolar no estudo sociológico da escola. **Revista USP**, n. 57, mar./maio, p. 210-226.

TARDIF, M. **Saberes Docentes e Formação profissional**. 17. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

TARDIF, M.; LESSARD, C. **O trabalho docente: elementos para uma teoria da docência como profissão de interações humanas**. Trad: João Batista Kreuch. 9. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

UNICEF. A Educação que protege contra a violência. Disponível em: <https://www.unicef.org/brazil/relatorios/educacao-que-protege-contra-violencia> Acesso em: 12 set. 2020.

VEIGA-NETO, A. **Foucault & a Educação**. 3. ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2011.

(Pensadores & Educação, n. 5).

VEIGA-NETO, A. Incluir para excluir. *In*: LARROSA, J.; SKLIAR, C. (Org.). **Habitantes de Babel**: políticas e poéticas da diferença; Tradução de Semíramis Gorini da Veiga. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2011.

WALSH, C. **Interculturalidade, estado, sociedad**. Luchas (de) coloniales de nuestra época. Quito: Universidad Andina Simón Bolívar e Abya-Yala, 2009.

ZABALA, A. **A prática educativa**: como ensinar. Trad. Ernani F. da F. Rosa. Porto Alegre: Artmed, 1998.

ZEICHNER, K. Novos Caminhos para o *practicum*: uma perspectiva para os anos 90. *In*: NÓVOA, A. (Coord.). **Os professores e a sua formação**. Publicações Dom Quixote. Instituto de Inovação Educacional. Lisboa, 1992.

APÊNDICES

APÊNDICE A – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE)



**MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ
COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA HUMANA
TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO.**



TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

ESCLARECIMENTOS SOBRE A PESQUISA:

Título do Projeto: FORMAÇÃO DOCENTE EM SOCIOPOÉTICA COMO METODOLOGIA SENSÍVEL E INOVADORA NA CONVIVÊNCIA ESCOLAR.

Pesquisadora Responsável: Vanessa Nunes dos Santos

Pesquisadora assistente: Shara Jane Holanda Costa Adad

Instituição/Departamento: Universidade Federal do Piauí – UFPI/Centro de Ciências da Educação – CCE/Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGE/UFPI).

Telefone para contato: (86) 99978-7414

E-mail: vanessandsantos@outlook.com

Prezado(a) Senhor (a)

Você está sendo convidado(a) para participar, como voluntário(a), em uma pesquisa denominada, **Formação docente em sociopoética como metodologia sensível e inovadora na convivência escolar**. Por favor, não se apresse em tomar a decisão. Leia cuidadosamente o que se segue e pergunte ao responsável pelo estudo sobre qualquer dúvida que tiver. Esta pesquisa está sob a responsabilidade das pesquisadoras Vanessa Nunes dos Santos e Shara Jane Holanda Costa Adad e tem como objetivo geral analisar as contribuições do curso de formação docente em Sociopoética, enquanto metodologia sensível e inovadora, para a problematização e potencialização de outros modos de convivência nas escolas no contemporâneo de professores(as) de crianças e adolescentes da Rede Pública Municipal de São Félix do Piauí - PI /BR e como objetivos específicos: (1) Desenvolver curso de formação docente em sociopoética enquanto metodologia sensível e inovadora com os(as) professores(as) de crianças e adolescentes da Rede Pública Municipal de São Félix do Piauí - PI /BR no sentido de sensibiliza-los a pensar, problematizar e potencializar outros modos de convivência na escola no contemporâneo. (2) Perceber como os professores(as) de

crianças e adolescentes da Rede Pública Municipal de São Félix do Piauí - PI /BR se sensibilizam ou se deixam afetar pelos problemas que envolvem a convivência na escola no contemporâneo no contexto do curso de formação em sociopoética; (3) Identificar os conceitos mobilizados pelos afetos (confetos) e pelas experiências educativas de professores(as) de crianças e adolescentes da Rede Pública Municipal de São Félix do Piauí - PI /BR acerca de problemas que envolvem a convivência na escola no contemporâneo; (4) Identificar que outros modos de pensar a convivência na escola são potencializados pelos conceitos mobilizados pelos afetos e pelas experiências educativas criadas pelos(as) professores(as) no contexto do curso de formação em Sociopoética; (5) Proporcionar no curso de formação em Sociopoética a autoanálise dos (as) professores (as) de crianças e adolescentes da Rede Pública Municipal de São Félix do Piauí - PI/BR sobre suas práticas e experiências educativas acerca da convivência escolar no contemporâneo; (6) Fomentar a elaboração de projetos interdisciplinares com a abordagem metodológica da sociopoética enquanto outros modos de pensar a convivência escolar no contemporâneo.

Esta pesquisa tem por finalidade a possibilidade dos envolvidos no curso de formação em Sociopoética se apropriarem como multiplicadores do método na escola para produzir metodologias sensíveis e inovadoras, transformando o processo de ensino e aprendizagem na educação básica, favorecendo o debate interdisciplinar e transversal das diversas temáticas no contexto da escola, especialmente aquelas que envolvem as convivências. Assim, os/as educadores que participarem da pesquisa poderão tornar-se multiplicadores da Sociopoética, utilizando-a na produção de conhecimento na sala de aula, a partir dos problemas cotidianos, além de serem novos/as semeadores/as dessa abordagem no universo da educação.

Neste sentido, solicitamos sua colaboração mediante a assinatura desse termo. Este documento, chamado Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), visa assegurar seus direitos como participante. Após seu consentimento, assine todas as páginas e ao final desse documento que está em duas vias. O mesmo, também será assinado pela pesquisadora em todas as páginas, ficando uma via com você participante da pesquisa e outra com a pesquisadora. Por favor, leia com atenção e calma, aproveite para esclarecer todas as suas dúvidas. Se houver perguntas antes ou mesmo depois de indicar sua concordância, você poderá esclarecê-las com Vanessa Nunes dos Santos a pesquisadora responsável pela pesquisa através dos seguintes telefones (86- 99978-7414 - mensagem de texto via aplicativo ou chamada de voz). Se mesmo assim, as dúvidas ainda persistirem você pode entrar em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa da - UFPI, que acompanha e analisa as pesquisas científicas que envolvem seres humanos, no Campus Universitário Ministro Petrônio Portella, Bairro Ininga, Teresina –

PI, telefone (86) 3237-2332, e-mail: cep.ufpi@ufpi.br; no horário de atendimento ao público, segunda a sexta, manhã: 08h00 às 12h00 e a tarde: 14h00 às 18h00. Se preferir, pode levar este Termo para casa e consultar seus familiares ou outras pessoas antes de decidir participar. Esclarecemos mais uma vez que sua participação é voluntária, caso decida não participar ou retirar seu consentimento a qualquer momento da pesquisa, não haverá nenhum tipo de penalização ou prejuízo e o (os) pesquisador estará a sua disposição para qualquer esclarecimento.

A pesquisa justifica-se pela importância da formação docente no método da sociopoética porque as práticas educativas inventivas e inovadoras são pautadas nos princípios de pesquisar, ensinar e aprender coletivamente, com o corpo todo, com a valorização das culturas de grupos silenciados e de resistências, com o uso de dispositivos artísticos, com responsabilidade ética, política, noética e espiritual. Este método de pesquisa e de ensino-aprendizagem estabelece ainda uma diferença primordial nos processos educativos ao descondicionar a percepção e construir modos de pensar longe dos habituais modos de existir naturalizados e reproduzidos em nosso fazer pedagógico, especialmente os (pre)conceitos arraigados sobre o outro, o diferente. Para a realização da pesquisa serão utilizados os seguintes procedimentos para a coleta de dados: formulário eletrônico para a construção do perfil dos(as) professores(as) participantes da pesquisa, o Diário de Campo, oficinas sociopoéticas de produção de dados (relatos orais e imagens) a respeito do tema gerador convivência escolar. Curso de Extensão em Sociopoética.

Esclareço que esta pesquisa acarreta e oferece mínimo risco de danos. Nesse caso, os procedimentos realizados para a produção de dados poderão trazer risco de desconforto mínimo. Caso o participe, por ventura, sinta-se desconfortável no decorrer das oficinas de produção de dados, por revelar as experiências pessoais ou comprometedoras de sua prática docente ou processo formativo, estará livre para questionar, pausar ou até mesmo desistir quanto ao desejo de prosseguir como sujeito da investigação. Como forma de contornar o possível risco de desconforto, as pesquisadoras comprometem-se a manter o mais completo sigilo quanto à identidade dos sujeitos da pesquisa. Comprometem-se, ainda, a realizar a coleta de dados em ambiente reservado e sem a presença de pessoas não relacionadas à pesquisa.

Os resultados obtidos nesta pesquisa serão utilizados para fins acadêmico-científicos (divulgação em forma de livro, capítulos de livro, revistas e em eventos científicos) e os pesquisadores se comprometem a manter o sigilo e identidade anônima, como estabelecem as Resoluções do Conselho Nacional de Saúde nº. 466/2012 e 510/2016 e a Norma Operacional 01 de 2013 do Conselho Nacional de Saúde, que tratam de normas regulamentadoras de

pesquisas que envolvem seres humanos. E você terá livre acesso as todas as informações e esclarecimentos adicionais sobre o estudo, bem como lhe é garantido acesso a seus resultados.

Esclareço ainda que você não terá nenhum custo com a pesquisa, e caso haja por qualquer motivo, asseguramos que você será devidamente ressarcido. Não haverá nenhum tipo de pagamento por sua participação, ela é voluntária. Caso ocorra algum dano comprovadamente decorrente de sua participação neste estudo você poderá ser indenizado conforme determina a Resolução 466/12 do Conselho Nacional de Saúde, bem como lhe será garantido a assistência integral.

Após os devidos esclarecimentos e estando ciente de acordo com os que me foi exposto,
Eu _____ -

declaro que aceito participar desta pesquisa, dando pleno consentimento para uso das informações por mim prestadas. Para tanto, assino este consentimento em duas vias, rubrico todas as páginas e fico com a posse de uma delas.

Preencher quando necessário

- () Autorizo a captação de imagem e voz por meio de gravação, filmagem e/ou fotos;
- () Não autorizo a captação de imagem e voz por meio de gravação e/ou filmagem.
- () Autorizo apenas a captação de voz por meio da gravação;

Local e data: _____

Assinatura do Participante

Assinatura do Pesquisador Responsável

Assinatura do Pesquisador Responsável

APÊNDICE B - Formulário de inscrição no Pescurso (pesquisa + curso)

11/11/2020

Formulários de Inscrição no Pescurso (Pesquisa + Curso) "Formação docente em sociopoética como metodologia sensível e inovadora...

Formulários de Inscrição no Pescurso (Pesquisa + Curso) "Formação docente em sociopoética como metodologia sensível e inovadora na convivência escolar e formação de multiplicadores do método na escola"

Durante a realização desse curso de extensão, será realizada a produção de dados da pesquisa de doutorado intitulada "Formação docente em sociopoética como metodologia sensível e inovadora na convivência escolar", orientada pela Prof^a. Dr^a. Shara Jane Holanda Costa Adad, tendo como Pesquisadora Responsável a Prof^a. Ms. Vanessa Nunes dos Santos, discente do Curso de Doutorado do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Piauí – UFPI.

IDENTIFICAÇÃO
DO(A)
DOCENTE

(Esse formulário deverá ser preenchido identificação do nome e/ou pseudônimo dos participantes. Portanto, os dados produzidos serão utilizados exclusivamente para os fins da pesquisa, com a garantia de anonimato a cada partícipe).

1. Professor(a) de qual(quais) disciplinas?

2. Sexo:

Marcar apenas uma oval.

MASCULINO

FEMININO

Outro: _____

3. IDADE

4. RAÇA:

Seguindo os critérios de classificação do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE.

Marcar apenas uma oval.

I. Branca;

II. Preta;

III. Parda;

IV. Amarela;

V. Indígena.

5. Série na qual atua:

Marque todas que se aplicam.

I. 6º ano do Ensino Fundamental;

II. 7º ano do Ensino Fundamental;

III. 8º ano do Ensino Fundamental;

IV. 9º ano do Ensino Fundamental.

11/11/2020

Formulários de Inscrição no Curso de Extensão "Formação docente em sociopoética como metodologia sensível e inovadora na conviv...

6. TURNO:

Marcar apenas uma oval.

- MANHÃ
- TARDE
- INTEGRAL
- Outro: _____

DADOS DE ESCOLARIZAÇÃO

7. Nível de Ensino:

Marcar apenas uma oval.

- a) Ensino Médio Completo;
- b) Superior completo;
- c) Superior incompleto;
- d) Ensino Básico Técnico e Tecnológico.

8. Nome do Curso de Graduação:

9. Nome da Instituição:

10. Instituição:

Marcar apenas uma oval.

Pública

Privada

11. Ano de Conclusão do curso de Graduação:

12. Possui Pós-Graduação? Qual tipo?

Marcar apenas uma oval.

Especialização;

Mestrado;

Doutorado.

13. Nome do curso:

11/11/2020

Formulários de Inscrição no Curso de Extensão "Formação docente em sociopoética como metodologia sensível e inovadora na conviv...

14. Nome da Instituição:

15. Tipo de Instituição:

Marcar apenas uma oval.

Pública

Privada

DADOS SOBRE A EXPERIÊNCIA DOCENTE

16. Tempo de Experiência Docente:

Marcar apenas uma oval.

1 a 3 anos;

4 a 6 anos;

7 a 9 anos;

10 a mais anos.

17. Quantos anos exatos de experiência docente?

18. Experiências relevantes em outras áreas? Em caso afirmativo comente.

19. Por que escolheu ser professor(a)?

20. Você já presenciou alguma manifestação de violências ocorridas na Escola?

Marcar apenas uma oval.

- Sim
- Não
- Talvez

21. Em caso afirmativo, cite pelo menos um exemplo:

11/11/2020

Formulários de Inscrição no Curso de Extensão "Formação docente em sociopoética como metodologia sensível e inovadora na conviv...

22. Como a sua formação acadêmica lhe habilita para a convivência escolar?

23. Qual(is) o(os) motivo(s) que levou ou levaram você a se inscrever nesse curso de extensão "Formação docente em sociopoética como metodologia sensível e inovadora na convivência escolar e formação de multiplicadores do método na escola"?

24. O que você espera aprender em um curso de formação em sociopoética?

25. Você aceita participar desse Percurso (Pesquisa + Curso)?

Marcar apenas uma oval.

Sim

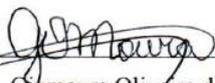
Não

Este conteúdo não foi criado nem aprovado pelo Google.

Google Formulários

ANEXOS

ANEXO A – AUTORIZAÇÃO INSTITUCIONAL

 <div style="text-align: center;"> <p>ESTADO DO PIAUÍ PREFEITURA MUNICIPAL DE SÃO FÉLIX DO PIAUÍ SECRETARIA MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO E CULTURA CNPJ – 30.130.393/0001-19</p> </div> 
<p>AUTORIZAÇÃO INSTITUCIONAL</p> <p>A Secretaria Municipal de Educação e Cultura do Município de São Félix do Piauí – PI, autoriza a pesquisadora Vanessa Nunes dos Santos a desenvolver o projeto de pesquisa intitulado “Formação docente em sociopoética como metodologia sensível e inovadora na convivência escolar”, que está sob a orientação da Prof.ª. Dr.ª. Shara Jane Holanda Costa Adad, cujo o objetivo é analisar as contribuições do curso de formação docente em Sociopoética, enquanto metodologia sensível e inovadora, para a problematização e potencialização de outros modos de convivência nas escolas no contemporâneo de professores(as) de crianças e adolescentes da Rede Pública Municipal de São Félix do Piauí - PI /BR.</p> <p>A aceitação está condicionada ao cumprimento da pesquisadora aos requisitos da resolução Nº 466/12 e suas complementares, comprometendo-se a utilizar os dados e materiais coletados, exclusivamente para os fins da pesquisa. Autorizo a pesquisadora acesso para o desenvolvimento da pesquisa na Escola Pública Municipal Presidente Castelo Branco, localizada na Rua Luís Mora, S/N, no Povoado Buriti do Castelo, Escola da Rede Municipal de Ensino de São Félix do Piauí-PI/BR para realizar a pesquisa com os(as) professores(as) do 6º ao 9º ano do Ensino Fundamental.</p> <p style="text-align: center;">São Félix do Piauí-PI, 10 de março de 2020</p> <p style="text-align: center;">Atenciosamente,</p> <div style="text-align: center; margin-top: 20px;">  <hr style="width: 80%; margin: 0 auto;"/> <p>Gláucia Oliveira de Moura SECRETARIA MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO E CULTURA MUNICÍPIO DE SÃO FÉLIX DO PIAUÍ - PI <small>CNPJ 30.130.393/0001-19</small></p> </div>
<p>Rua José Campelo Sobrinho, nº 220, Santo Antônio – São Félix do Piauí – CEP – 64.375-000 Fone (86) 3295-1222 Fax (86) 3295-1204</p>

ANEXO B – TERMO DE AQUIESCÊNCIA



ESTADO DO PIAUÍ
PREFEITURA MUNICIPAL DE
SÃO FÉLIX DO PIAUÍ
SECRETARIA MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO E
CULTURA
CNPJ – 30.130.393/0001-19



TERMO DE AQUIESCÊNCIA

A Direção da Escola Pública Municipal Presidente Castelo Branco, localizada na Rua Luís Mora, S/N, no Povoado Buriti do Castelo, Escola da Rede Municipal de Ensino de São Félix do Piauí-PI/BR, consente com a realização do Projeto de Pesquisa “**FORMAÇÃO DOCENTE EM SOCIOPOÉTICA COMO METODOLOGIA SENSÍVEL E INOVADORA NA CONVIVÊNCIA ESCOLAR**”, de autoria de **Vanessa Nunes dos Santos**, CPF 019.183.773-32, RG 2364381 SSP-PI, aluna do Doutorado em Educação, sob o número de matrícula **20191001340**, no Programa de Pós-Graduação em Educação, vinculada à Universidade Federal do Piauí, sob orientação da Prof.^a Dr.^a Shara Jane Holanda Costa Adad.

Ressalta-se ainda, que todos os procedimentos éticos e legais deverão ser rigorosamente respeitados.

São Félix do Piauí-PI, 16 de março de 2020

Atenciosamente,

Alda Maria Soares de Moura

Alda Maria Soares de Moura

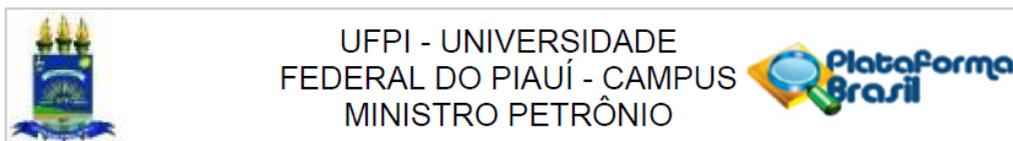
Portaria 057/2020

CPF: 872.398.683-20

Diretora da Escola Pública Municipal Presidente Castelo Branco

Rua José Campelo Sobrinho, nº 220, Santo Antônio – São Félix do Piauí – CEP – 64.375-000
 Fone (86) 3295-1222 Fax (86) 3295-1204

ANEXO C – COMPROVANTE DE ENVIO DO PROJETO



COMPROVANTE DE ENVIO DO PROJETO

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: FORMAÇÃO DOCENTE EM SOCIOPOÉTICA COMO METODOLOGIA SENSÍVEL E INOVADORA NA CONVIVÊNCIA ESCOLAR

Pesquisador: Vanessa Nunes dos Santos

Versão: 1

CAAE: 39665720.0.0000.5214

Instituição Proponente: FUNDAÇÃO UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUI

DADOS DO COMPROVANTE

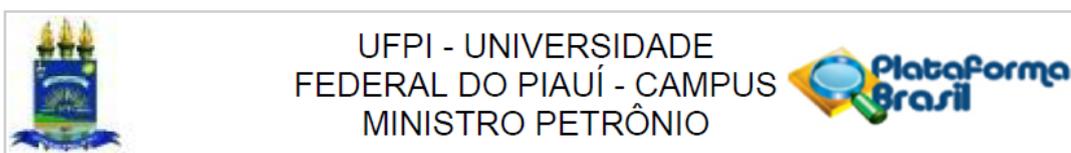
Número do Comprovante: 125079/2020

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

Informamos que o projeto FORMAÇÃO DOCENTE EM SOCIOPOÉTICA COMO METODOLOGIA SENSÍVEL E INOVADORA NA CONVIVÊNCIA ESCOLAR que tem como pesquisador responsável Vanessa Nunes dos Santos, foi recebido para análise ética no CEP UFPI - Universidade Federal do Piauí - Campus Ministro Petrônio Portela em 29/10/2020 às 16:45.

Endereço: Campus Universitário Ministro Petrônio Portela.
Bairro: Ininga **CEP:** 64.049-550
UF: PI **Município:** TERESINA
Telefone: (86)3237-2332 **Fax:** (86)3237-2332 **E-mail:** cep.ufpi@ufpi.edu.br

ANEXO D – PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: FORMAÇÃO DOCENTE EM SOCIOPOÉTICA COMO METODOLOGIA SENSÍVEL E INOVADORA NA CONVIVÊNCIA ESCOLAR

Pesquisador: Vanessa Nunes dos Santos

Área Temática:

Versão: 1

CAAE: 39665720.0.0000.5214

Instituição Proponente: FUNDACAO UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUI

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 4.380.300

Apresentação do Projeto:

As informações apresentadas nos itens: apresentação do projeto, objetivos da pesquisa, análise de riscos e benefícios foram retiradas dos seguintes documentos (PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_1653199.pdf, postado na plataforma no dia 29/10/2020; PROJETO DEDOUTORADOPARACADASTRARNAPLATAFORMABRASIL.pdf, postado no dia 26/10/2020 e TERMODECONSENTIMENTOLIVREEESCLARECIDO.pdf, do dia 23/10/2020).

Desenho:

A pesquisa trata de como a formação docente em Sociopoética, como abordagem sensível e inovadora, pode afetar os(as) professores(as) da Rede Pública Municipal de São Félix do Piauí - PI /BR a pensar, problematizar e potencializar outros modos de convivência nas escolas tendo em vista as microviolências presentes neste espaço educativo. Esta formação se justifica especialmente porque a sociopoética com as práticas educativas pautadas nos princípios de pesquisar, ensinar e aprender coletivamente, com o corpo todo, com a valorização das culturas de grupos silenciados e de resistências, com o uso de dispositivos artísticos, com responsabilidade ética, política, noética e espiritual estabelece uma diferença primordial nos processos educativos, pois descondiciona a percepção arraigada e constrói modos de pensar longe dos habituais modos de existir naturalizados e reproduzidos em nosso fazer pedagógico, especialmente os (pre)conceitos arraigados sobre o outro, o diferente. O trabalho objetiva analisar as contribuições do

Endereço: Campus Universitário Ministro Petrônio Portella.
Bairro: Ininga **CEP:** 64.049-550
UF: PI **Município:** TERESINA
Telefone: (86)3237-2332 **Fax:** (86)3237-2332 **E-mail:** cep.ufpi@ufpi.edu.br



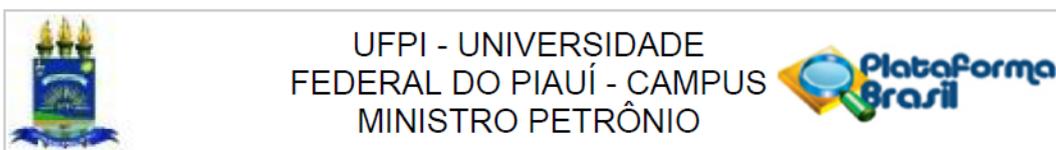
Continuação do Parecer: 4.380.300

curso de formação docente em Sociopoética, enquanto metodologia sensível e inovadora, para a problematização e potencialização de outros modos de convivência nas escolas no contemporâneo de professores(as) de crianças e adolescentes da Rede Pública Municipal de São Félix do Piauí - PI /BR. Sendo uma pesquisa-intervenção, faz uso da abordagem “Sociopoética”, utilizada para criação de problemas, conflitos e devires do Percorso (pesquisa + curso) com dispositivos filosóficos e artísticos, para a formação docente em sociopoética de modo a problematizar e potencializar outros modos de convivência nas escolas no contemporâneo. Esta pesquisa constitui-se de significativa relevância, pois analisará as contribuições do curso de formação docente em Sociopoética, enquanto metodologia sensível e inovadora, para a problematização e potencialização de outros modos de convivência nas escolas no contemporâneo de até 15 professores(as) de crianças e adolescentes do 6º ao 9º ano do Ensino Fundamental, da Escola Pública Municipal Presidente Castelo Branco, localizada na Rua Luís Mora, S/N, no Povoado Buriti do Castelo, Escola da Rede Municipal de Ensino de São Félix do Piauí-PI/BR.

Resumo:

O presente trabalho trata de como a formação docente em Sociopoética, como abordagem sensível e inovadora, pode afetar os(as) professores(as) da Rede Pública Municipal de São Félix do Piauí - PI /BR a pensar, problematizar e potencializar outros modos de convivência nas escolas tendo em vista as microviolências presentes neste espaço educativo. Esta formação se justifica especialmente porque a sociopoética com as práticas educativas pautadas nos princípios de pesquisar, ensinar e aprender coletivamente, com o corpo todo, com a valorização das culturas de grupos silenciados e de resistências, com o uso de dispositivos artísticos, com responsabilidade ética, política, noética e espiritual estabelece uma diferença primordial nos processos educativos, pois descondiciona a percepção arraigada e constrói modos de pensar longe dos habituais modos de existir naturalizados e reproduzidos em nosso fazer pedagógico, especialmente os (pre)conceitos arraigados sobre o outro, o diferente. O objetivo geral é analisar as contribuições do curso de formação docente em Sociopoética, enquanto metodologia sensível e inovadora, para a problematização e potencialização de outros modos de convivência nas escolas no contemporâneo de professores(as) de crianças e adolescentes da Rede Pública Municipal de São Félix do Piauí - PI /BR. Especificamente, busca (1) desenvolver curso de formação docente em sociopoética enquanto metodologia sensível e inovadora com os(as) professores(as) de crianças e adolescentes da Rede Pública Municipal de São Félix do Piauí - PI /BR no sentido de sensibiliza-los a pensar, problematizar e potencializar outros modos de convivência na escola no contemporâneo. (2)

Endereço: Campus Universitário Ministro Petrônio Portella.
Bairro: Ininga **CEP:** 64.049-550
UF: PI **Município:** TERESINA
Telefone: (86)3237-2332 **Fax:** (86)3237-2332 **E-mail:** cep.ufpi@ufpi.edu.br



Continuação do Parecer: 4.380.300

Perceber como os professores(as) de crianças e adolescentes da Rede Pública Municipal de São Félix do Piauí - PI /BR se sensibilizam ou se deixam afetar pelos problemas que envolvem a convivência na escola no contemporâneo no contexto do curso de formação em sociopoética; (3) identificar os conceitos mobilizados pelos afetos (confetos) e pelas experiências educativas de professores(as) de crianças e adolescentes da Rede Pública Municipal de São Félix do Piauí - PI /BR acerca de problemas que envolvem a convivência na escola no contemporâneo; (4) Identificar que outros modos de pensar a convivência na escola são potencializados pelos conceitos mobilizados pelos afetos e pelas experiências educativas criadas pelos(as) professores(as) no contexto do curso de formação em Sociopoética; (5) Proporcionar no curso de formação em Sociopoética a autoanálise dos (as) professores (as) de crianças e adolescentes da Rede Pública Municipal de São Félix do Piauí - PI/BR sobre suas práticas e experiências educativas acerca da convivência escolar no contemporâneo; (6) Fomentar a elaboração de projetos interdisciplinares com a abordagem metodológica da sociopoética enquanto outros modos de pensar a convivência escolar no contemporâneo. Sendo uma pesquisa-intervenção, faz uso da abordagem "Sociopoética", utilizada para criação de problemas, confetos e devires do Percurso (pesquisa + curso) com dispositivos filosóficos e artísticos, para a formação docente em sociopoética de modo a problematizar e potencializar outros modos de convivência nas escolas no contemporâneo. Foram referências para a construção desta pesquisa: Foucault (2014); Deleuze e Guattari (2010); Gauthier (1999, 2010, 2012); Larrosa (2010, 2016); Barbier (2007); Abramovay (2006, 2018), Freire (1996, 2014, 2016), Santos (2010); Franco (2012); Charlot (2013), dentre outros. Assim, este projeto de doutorado corrobora na perspectiva da descolonização do pensamento, da democratização e da inovação ao dar passagem a criação de conhecimentos coletivos, que perpassam as experiências e problematizações educativas mobilizadas com professores(as) de crianças e adolescentes no contemporâneo.

Metodologia Proposta:

Na abordagem da pesquisa optamos por perambular pelos tipos de pesquisa inventivas. Dessa maneira essa pesquisa trata-se, de um estudo exploratório e descritivo de base qualitativa, pois acredito que o mesmo nos possibilita a compreensão mais detalhada dos significados, bem como, das características essenciais dos locais e/ou sujeitos pesquisados, possibilitando uma riqueza de dados sobre o universo escolar. A pesquisa qualitativa, segundo Minayo (2014, p.21-22) [...] ela trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não

Endereço: Campus Universitário Ministro Petrônio Portella.
Bairro: Ininga **CEP:** 64.049-550
UF: PI **Município:** TERESINA
Telefone: (86)3237-2332 **Fax:** (86)3237-2332 **E-mail:** cep.ufpi@ufpi.edu.br



UFPI - UNIVERSIDADE
FEDERAL DO PIAUÍ - CAMPUS
MINISTRO PETRÔNIO



Continuação do Parecer: 4.380.300

podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis. Na definição de Chizzotti (1998), a pesquisa qualitativa admite “uma relação dinâmica entre o mundo real e o sujeito, uma interdependência viva indissociável entre o mundo objetivo e a subjetividade do sujeito”. Nesse sentido, “o conhecimento não se reduz a um rol de dados isolados, conectados por uma teoria explicativa; o sujeito observador é parte integrante do processo de conhecimento e interpreta os fenômenos atribuindo-lhes um significado” Chizzotti (1998, p. 83). A metodologia dessa pesquisa, foi construída pensando em modalidades que tornassem esse processo viável e eficiente no sentido de construir estratégias para alcançar seus objetivos. Precisei então reunir uma colcha de retalhos metodológicos que se complementam para permitir desencadear os processos de problematização e potencialização do cotidiano escolar, com a criação de uma formação docente para o desenvolvimento de metodologias sensíveis e inovadoras, através da construção de projetos de intervenção para a convivência nas escolas. Observando os aspectos elencados até aqui, o tipo de pesquisa-intervenção se fez necessária por se tratar de uma abordagem qualitativa que nos leva a tomada de consciência dos problemas sociais, provocando mudanças em grupos junto as análises sociológicas, psicológicas e educacionais, necessárias a transformações sociais. Segundo (ROCHA e AGUIAR, 2003, p. 67) O processo de formulação da pesquisa-intervenção aprofunda a ruptura com os enfoques tradicionais de pesquisa e amplia as bases teórico-metodológicas das pesquisas participativas, enquanto proposta de atuação transformadora da realidade sócio-política, já que propõe uma intervenção de ordem micropolítica na experiência social. A pesquisa intervenção é também fundamental para trabalhar com instituições que desenvolvem experiências com crianças e adolescentes, já que essa abordagem tenta superar a desigualdade e invisibilidade desses sujeitos construída em relação aos demais membros da escola. “[...] A pesquisa-intervenção consiste em uma tendência das pesquisas participativas que busca investigar a vida de coletividades na sua diversidade qualitativa, assumindo uma intervenção de caráter sócio-analítico.” (ROCHA e AGUIAR, 2003, 66). Desse modo, a perspectiva da pesquisa-intervenção, destaca os trabalhos em grupo que vão além da simples representação como um conjunto de indivíduos, mas destaca os processos criativos e relações entre eles, buscando sentidos plurais que se conectem, construindo significados para suas experiências e por fim, sua existência.

Critério de Inclusão:

Os copesquisadores (partícipes) envolverão até 15 (quinze) professores Licenciados nas diversas áreas de ensino, que ministram aulas em turmas do Ensino Fundamental do 6º ao 9º ano na Instituição de Ensino supracitada, que pertençam ao quadro de servidores e que estejam em

Endereço: Campus Universitário Ministro Petrônio Portella.
Bairro: Ininga **CEP:** 64.049-550
UF: PI **Município:** TERESINA
Telefone: (86)3237-2332 **Fax:** (86)3237-2332 **E-mail:** cep.ufpi@ufpi.edu.br



Continuação do Parecer: 4.380.300

exercício há, pelo menos, um ano. Estes são, portanto, os critérios de inclusão.

Critério de Exclusão:

Os docentes que não atendam a pelo menos um dos critérios de inclusão, não estarão no rol de partícipes da investigação.

Objetivo da Pesquisa:

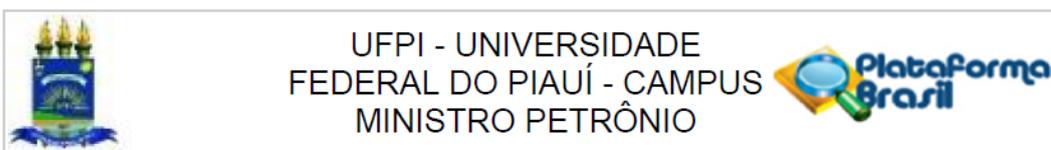
Objetivo Primário:

Analisar as contribuições do curso de formação docente em Sociopoética, enquanto metodologia sensível e inovadora, para a problematização e potencialização de outros modos de convivência nas escolas no contemporâneo de professores(as) de crianças e adolescentes da Rede Pública Municipal de São Félix do Piauí - PI /BR.

Objetivo Secundário:

- Desenvolver curso de formação docente em sociopoética enquanto metodologia sensível e inovadora com os(as) professores(as) de crianças e adolescentes da Rede Pública Municipal de São Félix do Piauí - PI /BR no sentido de sensibiliza-los a pensar, problematizar e potencializar outros modos de convivência na escola no contemporâneo;
- Perceber como os professores(as) de crianças e adolescentes da Rede Pública Municipal de São Félix do Piauí - PI /BR se sensibilizam ou se deixam afetar pelos problemas que envolvem a convivência na escola no contemporâneo no contexto do curso de formação em sociopoética;
- Identificar os conceitos mobilizados pelos afetos (confetos) e pelas experiências educativas de professores(as) de crianças e adolescentes da Rede Pública Municipal de São Félix do Piauí - PI /BR acerca de problemas que envolvem a convivência na escola no contemporâneo;
- Identificar que outros modos de pensar a convivência na escola são potencializados pelos conceitos mobilizados pelos afetos e pelas experiências educativas criadas pelos(as) professores(as) no contexto do curso de formação em Sociopoética;
- Proporcionar no curso de formação em Sociopoética a autoanálise dos (as) professores (as) de

Endereço: Campus Universitário Ministro Petrônio Portella.
Bairro: Ininga **CEP:** 64.049-550
UF: PI **Município:** TERESINA
Telefone: (86)3237-2332 **Fax:** (86)3237-2332 **E-mail:** cep.ufpi@ufpi.edu.br



Continuação do Parecer: 4.380.300

crianças e adolescentes da Rede Pública Municipal de São Félix do Piauí - PI/BR sobre suas práticas e experiências educativas acerca da convivência escolar no contemporâneo;

- Fomentar a elaboração de projetos interdisciplinares com a abordagem metodológica da sociopoética enquanto outros modos de pensar a convivência escolar no contemporâneo.

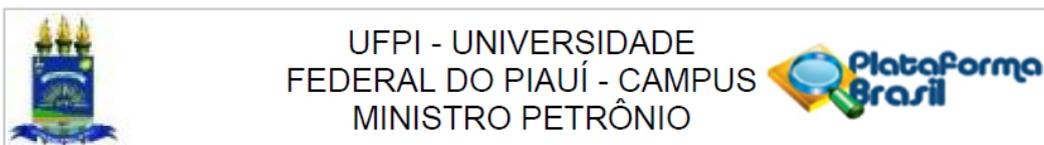
Avaliação dos Riscos e Benefícios:

Riscos e benefícios Retirados das informações Básicas;

Riscos:

A pesquisa oferece mínimo risco de danos. Nesse caso, os procedimentos realizados para a produção de dados poderão trazer risco de desconforto mínimo. Contudo, se por ventura o participante se sentir desconfortável no decorrer das oficinas de produção de dados, seja por revelar as experiências pessoais ou comprometedoras de seu desenvolvimento profissional, trajetória formativa ou de sua prática docente, podemos com muito cuidado, prevenir ou trabalhar tais emoções direcionando para uma conversa aberta e amigável. O participante estará livre para questionar, pausar ou até mesmo desistir quanto ao desejo de prosseguir como sujeito da investigação. Após realizada a pesquisa, as transcrições serão entregues aos participantes para qualquer alteração ou confirmação de seu teor. O participante poderá ter acesso às informações em todas as etapas da pesquisa e terá a liberdade de desistir, a qualquer tempo. Ainda em relação ao possível desconforto com a pesquisa está assegurado a confidencialidade das informações manifestadas através da assinatura de Termo de Confidencialidade (Anexo B) assinado pela pesquisadora oficial, dando ao participante da pesquisa a total liberdade de expressar apenas aquilo que for confortável ao mesmo. Além disso, durante a transcrição dos dados, os participantes serão identificados com pseudônimos para garantir total anonimato durante a organização e análise dos dados. Iremos propiciar encontros com ações planejadas com antecedência junto com os copesquisadores (sujeitos da pesquisa) entre pesquisadora oficial. Desenvolvendo uma metodologia sensível e inovadora que estimule os(as) professores(as) a manterem sua permanência no processo, já que a própria natureza da pesquisa os torna protagonistas. Assim, deve-se investir em encontros criativos e acolhedores, com linguagens lúdicas e experiências estéticas, como prevê a Sociopoética, articuladas às leituras para garantir o desejo de produzir com/entre todos os sujeitos envolvidos, sem esquecer de manter medidas para a convivência ética.

Endereço: Campus Universitário Ministro Petrônio Portella.
Bairro: Ininga **CEP:** 64.049-550
UF: PI **Município:** TERESINA
Telefone: (86)3237-2332 **Fax:** (86)3237-2332 **E-mail:** cep.ufpi@ufpi.edu.br



Continuação do Parecer: 4.380.300

Benefícios:

Os benefícios estão na importância da formação docente em sociopoética especialmente porque com as práticas educativas pautadas nos princípios de pesquisar, ensinar e aprender coletivamente, com o corpo todo, com a valorização das culturas de grupos silenciados e de resistências, com o uso de dispositivos artísticos, com responsabilidade ética, política, noética e espiritual estabelecendo uma diferença primordial nos processos educativos, pois descondiciona a percepção arraigada e constrói modos de pensar longe dos habituais modos de existir naturalizados e reproduzidos em nosso fazer pedagógico, especialmente os (pre)conceitos arraigados sobre o outro, o diferente. Além de Formar os docentes através da abordagem sociopoética, teremos ainda como benefícios a oportunidade de produzir novos conhecimentos sobre metodologias sensíveis e inovadoras, formação e práticas educativas para a convivência escolar, propondo significativa contribuição ao aprendizado dos(as) professores(as) e transformação para a educação básica, além de constituir uma possibilidade pioneira no Município de São Félix do Piauí-PI.

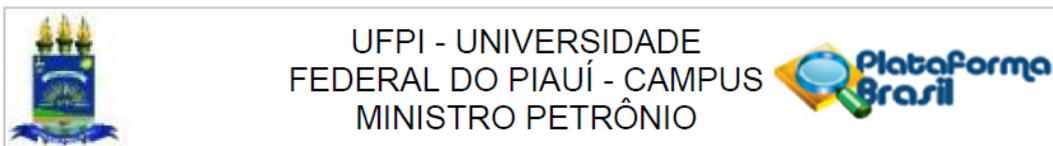
Riscos e benefícios Retirados do TCLE;

Riscos: Esclareço que esta pesquisa acarreta e oferece mínimo risco de danos. Nesse caso, os procedimentos realizados para a produção de dados poderão trazer risco de desconforto mínimo. Caso o participe, por ventura, sinta-se desconfortável no decorrer das oficinas de produção de dados, por revelar as experiências pessoais ou comprometedoras de sua prática docente ou processo formativo, estará livre para questionar, pausar ou até mesmo desistir quanto ao desejo de prosseguir como sujeito da investigação. Como forma de contornar o possível risco de desconforto, as pesquisadoras comprometem-se a manter o mais completo sigilo quanto à identidade dos sujeitos da pesquisa. Comprometem-se, ainda, a realizar a coleta de dados em ambiente reservado e sem a presença de pessoas não relacionadas à pesquisa.

Benefícios:

Esta pesquisa tem por finalidade a possibilidade dos envolvidos no curso de formação em Sociopoética se apropriarem como multiplicadores do método na escola para produzir metodologias sensíveis e inovadoras, transformando o processo de ensino e aprendizagem na educação básica, favorecendo o debate interdisciplinar e transversal das diversas temáticas no

Endereço: Campus Universitário Ministro Petrônio Portella.
Bairro: Ininga **CEP:** 64.049-550
UF: PI **Município:** TERESINA
Telefone: (86)3237-2332 **Fax:** (86)3237-2332 **E-mail:** cep.ufpi@ufpi.edu.br



Continuação do Parecer: 4.380.300

contexto da escola, especialmente aquelas que envolvem as convivências. Assim, os/as educadores que participarem da pesquisa poderão tornar-se multiplicadores da Sociopoética, utilizando-a na produção de conhecimento na sala de aula, a partir dos problemas cotidianos, além de serem novos/as semeadores/as dessa abordagem no universo da educação

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

Pesquisa relevante para área de estudo.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

todos os termos de apresentação obrigatória foram anexados.

Recomendações:

Sem recomendações.

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

Após análise ética do protocolo de pesquisa, com base na legislação pertinente, não foram encontrado óbices éticos, portanto, o protocolo está apto a ser desenvolvido.

Situação: Aprovado.

Considerações Finais a critério do CEP:

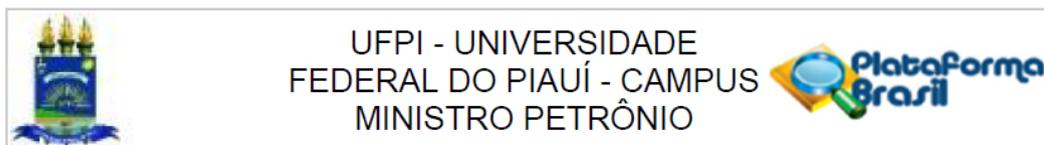
Diante do exposto, a Comitê de Ética em Pesquisa – CEP, de acordo com as atribuições definidas na Resolução CNS nº 466 de 2012 e na Norma Operacional nº 001 de 2013 do CNS, manifesta-se pela aprovação protocolo de pesquisa.

Solicita-se que seja enviado ao CEP/UFPI/CMPP o relatório parcial e o relatório final desta pesquisa. Os modelos encontram-se disponíveis no site: <http://ufpi.br/cep>

1* Em atendimento as Resoluções CNS nº 466/2012 e 510/2016, cabe ao pesquisador responsável pelo presente estudo elaborar e apresentar ao CEP RELATÓRIOS PARCIAIS (semestrais) e FINAL. O relatório deve ser enviado pela Plataforma Brasil em forma de “notificação”;

2* Qualquer necessidade de modificação no curso do projeto deverá ser submetida à apreciação do CEP, como EMENDA. Deve-se aguardar parecer favorável do CEP antes de efetuar a/s modificação/ões.

Endereço: Campus Universitário Ministro Petrônio Portella.
Bairro: Ininga **CEP:** 64.049-550
UF: PI **Município:** TERESINA
Telefone: (86)3237-2332 **Fax:** (86)3237-2332 **E-mail:** cep.ufpi@ufpi.edu.br



Continuação do Parecer: 4.380.300

3* Justificar fundamentadamente, caso haja necessidade de interrupção do projeto ou a não publicação dos resultados.

4* O Comitê de Ética em Pesquisa não analisa aspectos referentes a direitos de propriedade intelectual e ao uso de criações protegidas por esses direitos. Recomenda-se que qualquer consulta que envolva matéria de propriedade intelectual seja encaminhada diretamente pelo pesquisador ao Núcleo de Inovação Tecnológica da Unidade.

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_1653199.pdf	29/10/2020 13:56:07		Aceito
Outros	DOCUMENTODEVIDOAPANDEMIA.pdf	26/10/2020 18:13:11	Vanessa Nunes dos Santos	Aceito
Cronograma	CRONOGRAMA.pdf	26/10/2020 18:08:19	Vanessa Nunes dos Santos	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	PROJETODEDOUTORADOPARACADASTRARNAPLATAFORMABRASIL.pdf	26/10/2020 18:07:34	Vanessa Nunes dos Santos	Aceito
Outros	CurriculoSharaJaneHolandaCostaAdad.pdf	23/10/2020 17:19:26	Vanessa Nunes dos Santos	Aceito
Outros	CurriculoVanessaNunesdosSantos.pdf	23/10/2020 17:18:28	Vanessa Nunes dos Santos	Aceito
Outros	CartadeEncaminhamentodoProjetodePesquisaaaoCEP.pdf	23/10/2020 17:17:50	Vanessa Nunes dos Santos	Aceito
Outros	TERMODECONFIDENCIALIDADE.pdf	23/10/2020 17:14:30	Vanessa Nunes dos Santos	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TERMODECONSENTIMENTOLIVREEESCLARECIDO.pdf	23/10/2020 17:14:00	Vanessa Nunes dos Santos	Aceito
Declaração de Instituição e Infraestrutura	AUTORIZACAOINSTITUCIONAL.pdf	23/10/2020 17:11:50	Vanessa Nunes dos Santos	Aceito
Orçamento	ORCAMENTO.pdf	23/10/2020 17:11:29	Vanessa Nunes dos Santos	Aceito
Declaração de Pesquisadores	DECLARACAODOSPESQUISADORES.pdf	23/10/2020 17:10:02	Vanessa Nunes dos Santos	Aceito
Folha de Rosto	FOLHADEROSTO.pdf	23/10/2020 17:02:24	Vanessa Nunes dos Santos	Aceito

Endereço: Campus Universitário Ministro Petrônio Portella.
Bairro: Ininga **CEP:** 64.049-550
UF: PI **Município:** TERESINA
Telefone: (86)3237-2332 **Fax:** (86)3237-2332 **E-mail:** cep.ufpi@ufpi.edu.br



Continuação do Parecer: 4.380.300

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

TERESINA, 04 de Novembro de 2020

Assinado por:

Raimundo Nonato Ferreira do Nascimento
(Coordenador(a))

Endereço: Campus Universitário Ministro Petrônio Portella.

Bairro: Ininga

CEP: 64.049-550

UF: PI

Município: TERESINA

Telefone: (86)3237-2332

Fax: (86)3237-2332

E-mail: cep.ufpi@ufpi.edu.br